Frontispicio.

VIDA
DE
D. JOÃO DE CASTRO,
QUARTO VISO-REY DA INDIA.

ESCRITA

POR

JACINTO FREYRE DE ANDRADA.

NOVA EDIÇÃO EMENDADA,

E

ACCRESCENTADA DA VIDA DO AUTOR.

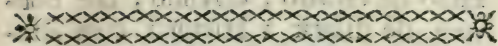
LISBOA. M. DCC. XCVIII.

NA OFF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

Vende-se na loja de Pedro José Rey, Mercador de Livros ao Xiado na esquina da Rua Nova de S. Francisco.

Taixão este livro em papel na quantia de trezentos e sessenta réis. Lisboa 27 de Setembro de 1798.

Com tres Rubrícas.

AOS QUE LEREM.

SÃo os Prologos hum anticipado remedio aos achaques dos livros, porque andão sempre de companhia os erros, e as desculpas. Eu por hora me desvio do caminho trilhado, não quero pedir perdão de nada: quem achar que dizer, não me perdoe, (nem será necessario encomenda-lo.) Se me notarem o livro de roim, não negarão que he breve, e escrito em lingua Portugueza, que tantos engenhos modernos ou temem, ou desprezão, como filhos ingratos ao primeiro leite, servindo-se de vozes estrangeiras, por onde passarão como hospedes, sem respeito áquellas veneraveis cans, e ancianidade madura de nossa linguagem antiga. Escrevi esta Historia com verdade de memorias fiéis, sem que a penna, ou o affecto alterasse o menor accidente. Antes que este papel sahisse dos borroens, sey que muitos o ta-

xarão de escasso, dizendo, que houvera de dilatar a Historia com allusoens, e passos da Escritura, que fizessem mais crecido volume: estes comprão os livros pelo pezo, não pelo feitio: de mais que não permittem tão licenciosa penna as leys da Historia. Outros querião que me valesse do estrepito de vozes novas, a que chamão Cultura, deixando a estrada limpa por caminhos fragosos, e trocando com estimação pueril, o que he melhor, pelo que mais se usa. Mas como não determiney lisongear a gostos estragados, quiz antes com a singeleza da verdade servir ao applauso dos melhores, que á fama popular, e errada.

VI-

VIDA DO AUTOR.

Tirada da Bibliotheca Lusitana.

JACINTO FREIRE DE ANDRADA naceo em a Cidade de Béja da Provincia Transtagana, onde teve por progenitores a Bernardim Freire de Andrada, e D. Luiza de Faria, de igual nobreza á de seu consorte, por se derivar do Castello de Faria, na Provincia de Entre Douro, e Minho, solar de huma das mais antigas Familias deste Reyno. O sublime genio, que logo descobrio nos primeiros annos para as letras, moveo a seu Pai para que frequentasse a aula de Minerva, e não a palestra de Marte, em que elle em obsequio desta Monarchia tinha obrado acçoens de eterna memoria. Instruido nos preceitos da lingua Latina, Poetica, e Oratoria, passou á Universidade de Coimbra, onde fez celebre o seu nome, pelos acelerados voos com que se remontou o seu penetrante engenho com enveja de seus condiscipulos,

e

e dos Mestres á investigar os arcanos da Theologia, e as difficuldades de huma, e outra Jurisprudencia, que todos se faziáo patentes á sua profunda comprehensáo. Resoluto á seguir a Vida Ecclesiastica recebeo o gráo de Bacharel na Faculdade dos Sagrados Canones a 18 de Maio de 1618, como propria do Estado que elegera, e passando á Corte de Madrid mereceo distintas estimaçoens das principaes Pessoas da Jerarquia Ecclesiastica, e Secular, que sendo devidas á nobreza do seu nacimento se fazia dellas maior acredor pela sublimidade do talento. Não contava muitos dias de assistencia naquella Corte; quando foy provido na Abbadia de Nossa Senhora da Assumpçáo de Sáobade em o termo da Villa da Alfandega da Fé em a Provincia Transmontana, que era do Padroado Real; e posto, que era muito rendosa, passou por nova nomeaçáo para a Abbadia de Santa Maria das Chás do mesmo Padroado, situada em o Conselho de Tavares do Bispado de Viseu, hum dos mais opulentos Beneficios deste Reino. Conhecendo o primeiro Ministro de Castella a profundidade de seu juizo, lhe participou alguns negocios graves, que felismente se concluiráo pela madura direcçáo da sua prudencia. Ao tempo, que imagina-

nava ser generosamente premiado pelos serviços que fizera em obsequio da Coroa Castelhana, experimentou huma fatal tormenta ocasionada da fiel liberdade com que vocalmente, e por escrito, defendeo o direito da Serenissima Caza de Bragança ao Trono de Portugal violentamente usurpado pela ambiçáo de Filippe Prudente. Para evadir a prizáo á que estava condenado sahio ocultamente de Madrid; e vencidos varios perigos buscou, para azilo da adversidade que o ameaçava, a sua Igreja das Chás, onde assistio largo tempo; e posto que a lembrança da Corte lhe fazia mais intoleraveis a aspereza do Clima, e o horror da Solidáo, temperava estas molestias com a liçáo dos livros em que consumia a maior parte do tempo. Aclamado no anno de 1640, legitimo Successor da Coroa Portugueza o Serenissimo Rey D. Joáo o IV. passou a Lisboa, onde foy recebido deste Monarca com agrado, da Nobreza com affecto, e do povo com veneraçáo. Por morte do Principe D Theodosio, á quem foy summamente aceito, o elegeo ElRey D. Joáo para Mestre do Principe D. Affonso, cujo lugar ainda que honorifico resolutamente regeitou, prevendo que os seus documentos haviáo de ser inuteis para quem a natureza incapacitara para á

dis-

disciplina. Determinado ElRey de ocupar o seu talento em alguma das Cortes da Europa, e não executando este intento, lhe offereceo o Bispado de Viseu, á cuja offerta respondeo com discreta galantaria *que não queria gozar de huma dignidade em leite, pois não podia ser em carne*, alludindo á repugnancia com que os Pontifices, naquelle tempo mais attentos á politica de Castella, que ao pasto das Igrejas de Portugal, lhe negavão a confirmação dos Bispados. Deste apothegma jocoso, que os seus Emulos interpretarão por liberdade indecorosa ao Principe, se seguio ser julgado por incapaz de ministerio quem era tão resoluto nas acçoens, e claro nas palavras. Conhecendo que sómente as lisonjas erão premiadas na Corte, se retirou para a sua Igreja, onde dominava a sinceridade, da qual o obrigou á ausentar-se a assistencia de sua irmã D. Maria Coutinho, que morava em Lisboa, com a qual viveo alguns tempos occupado na cultura dos livros, em que achava a maior deleitação, até que mais cheio de merecimentos que de annos, pois não excedião de 60, espirou placidamente á 13 de Mayo de 1657, em as cazas proprias, situadas ás Portas de Santo Antão. Jaz sepultado na Parochial Igreja de Santa Justa, em humilde jazi-

go,

go, digno certamente que fosse deposito das suas cinzas o mais sumptuozo Mausoleo. Teve a estatura mais que ordinaria, o aspecto melancolico, e grave, de tal sorte, que olhado infundia respeito; a conversação agradavel com apothegmas igualmente galantes que agudos; o trato com as pessoas tão moderado, que nem era arguido de severo, nem accuzado de facil. Como inimigo jurado da adulação, fallou sempre com liberdade, estranhando aos fautores de acçoens criminosas, e proferindo o seu voto com mayor attenção á conciencia, do que ao respeito de quem o consultava. Foy com os pobres liberalmente charitativo; com os humildes summamente humano; e com os Fidalgos parcamente comunicavel. Teve natural afluencia, e elegancia para a Poezia vulgar, alcançando a palma entre os mais suaves Cisnes do Parnazo Portuguez, sendo os seus Versos serios ou jocosos, claros indices da sua fecunda, e discreta Musa. Maior espirito mostrou na composição da Historia, onde o seu judicioso talento dilatou mais vastamente a delicadeza dos seus pensamentos. Persuadido das repetidas instancias do Bispo Inquizidor Geral D. Francisco de Castro, neto do clarissimo Varão D. João de Castro, quarto Vice-Rey da India, escreveo

a vida deste Heroe, com tão elegante frase, que deixou duvidosa á posteridade se fora mais feliz D. João de Castro pelo que obrou com a espada no Oriente, se pela penna com que descreveo Jacinto Freyre as suas gloriosas e immortaes acçoens em todo o mundo. Nesta primorosa obra excedeo a magestoza pompa dos Livios, Curcios, e Thucydides, venerados Oraculos da Historia Romana, e Grega, uzando de estilo altiloquo, e corrente, palavras naturaes, e elegantes, pensamentos agudos, e claros. Cada clausula he filha da eloquencia mais sublime, e cada periodo parto da locução mais discreta. Persuade com eficacia, discorre com juizo, reprehende com moderação, e louva sem lizonja. Igual methodo se admirou nas suas cartas, não se distinguindo o estilo familiar com que tratava aos seus amigos, daquelle á que o respeito das pessoas fazia ser mais severo. *Vir ingenio selectissimo* o intitula Joan. Soar. de Brito, *Theat. Lusit. Liter.* lit. H. n. 36. Cardoso *Agiolog. Lusit.* tom. 2. pag. 100. no Coment. de 11. de Março letr. C. *O Abbade Jacinto Freyre de Andrada na celeberrima Vida de D. João de Castro.* Souza. *Apparat. a Hist. Gen. da Caz. Real.* pag. 105. §. 113.: *Do seu admiravel talento, e discrição, nos deixou ir-*

irrefragavel testemunho naquella inimitavel obra da Vida de D. João de Castro quarto Viso-Rey da India, em que a eloquencia, e pureza da nossa lingua se admira em hum estylo tam sublime, que he huma das obras mais singulares que se tem escrito, e por isso igualmente estimada não só dos nossos, mas dos Estrangeiros. Teixeira *Vid. de Gom. Freire de Andrada* Part. 1. liv. 2. §. 75. *a Corte o venerava Demosthenes Lusitano, e o Reyno Cicero Portuguez.* Franckenau *Bib. Hisp. Gen. Herald.* pag. 198. Diogo Gouvea Barradas *Antig. de Béja.* liv. 3. cap. 27. Jacinto Cordeiro *Elog. dos Poet. Lusit.* Estanc. 34.

Jacinto Freire gloria de Helicóna
De Andrada lustre de seu nombre gloria
Si flor de jacta, y piedra perficiona
La gala deste nombre amable historia;
Merece con justicia la corona
Que le escrive el ingenio en la memoria
Del Templo de la fama, á que le llama
Tan immortal con el será la Fama.

COMPOZ.

Vida de D. João de Castro quarto Viso-Rey da India. Lisboa na Officina Crasbeekiana. 1651. fol. & ibi, por João da Costa. 1671. fol., & ibi, pelos herdeiros de Miguel Manescal. 1703. fol. & ibi na Offi-

ci-

cina da Musica, 1722. 8. & ibi por Antonio Isidoro da Fonceca 1736. 4. Sahio traduzida na lingua Ingleza por Peter Wichek com este titulo: *The life of Dom John de Castro, the foureh Vice-Rey of India.* London, por Henry Herringman. 1664. fol.; e ultimamente na lingua Latina pelo Padre Francisco Maria del Rosso da Companhia de JEZUS. Romæ ex Typographia Rochi Barnabó. 1727. 4. O juizo, que o tradutor faz do Autor da obra, he o seguinte: *Scriptor, quem interpretandum suscepi, ut magni est apud Lusitanos nominis, ita nationibus cæteris non improbabitur; habet enim in narrando non mediocrem jucunditatem, et illaboratum candorem; pressus est, et velox ut historicum decet, quin tamen obscurus sit, vel supinus; elegantiam sectatur, sed non jejunam, acumen, sed minime illiberale.* Nesta edição sahio com o Retrato de D. João de Castro primorosamente aberto, e na parte inferior animado com o seguinte dystycho:

Qualis, quantus erat pietate insignis, & armis,
Spirat adhuc pictâ Castrius in Tabulâ.

Portugal Restaurado. He tradução da obra intituladá *Lusitania Liberata* que com-

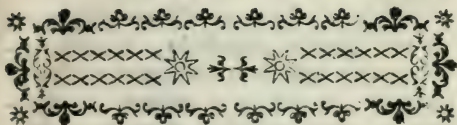
compoz o Illustrissimo Capellão mór D. Manoel da Cunha, que sahio sem o seu nome. Foy dedicada a tradução impressa sem anno, nem lugar, em 24, á Serenissima Rainha de Portugal D. Luiza Francisca de Gusmão, fechando o tradutor a Dedicatoria feita á 20 de Março de 1645, com estas discretas palavras: *Aqui não ha cousa minha, senão os erros da Versão; porque traduzir não he mais que levar hum recado alheo, que eu aceitei para com elle me pôr de joelhos aos pés de V. Magestade.*

Origen, y progresso de la Caza, y Familia de Castro, y de los grandes hombres que ha havido en ella, desde su principio hasta nuestros tiempos, sacado de Chronicas, Historias, y otros Autores dignos de todo credito fol. M. S. Esta obra foy composta em obzequio do Bispo Inquizidor Geral D. Francisco de Castro, a qual deixou sua sobrinha D. Mariana de Noronha, e Castro aos Padres Theatinos desta Corte sua magnifica Bemfeitora, e se conserva na selectissima Livraria desta douta Communidade.

Dos seus Versos se poderão formar volumes, dos quaes a maior parte pereceo no fatal incendio, que devastou as cazas em que morava ás portas de Santo Antão desta Cidade; e unicamente se

fi-

fizerão públicos no Tom. 3. da *Féniz renacida; ou Obras Poeticas dos melhores engenhos Portuguezes*. Lisboa por Joseph Lopes Ferreira. 1718. 8. desde pag. 316. até 384. Diversos *Sonetos*, *Romances*, *Sylvas*, *Cançoens*, *Endechas*: *Fabula de Narciso*, consta de 54 outavas; *Fabula de Polifemo, e Galatea*, consta de 61 outavas. A estas duas Fabulas celebra o Padre Antonio dos Rèys no *Enthus. Poet.* n. 70. como a seu elegante, e discreto Author com estas metricas vozes:

Crinibus Andradii posuit Narcissus odorum
Ex semet sertum; nec non Polyphemus, amusus
Sit licet, Idæâ prædit ab arbore ramum,
Et male contextum, (nam dextra est inscia cultùs
Barbara) donavit.....

VIDA
DE
D. JOÃO DE CASTRO,
QUARTO VISO-REY DA INDIA.

LIVRO I.

SCREVEREY a vida de Dom João de Castro, varão ainda mayor que seu nome, mayor que suas victorias; cujas noticias são hoje no Oriente, de pays á filhos, hum livro successivo; conservando-se a fama de suas obras sempre viva; e nós ajudaremos o pregão universal de sua gloria com este pequeno brado: porque durão as memorias menos nas tradiçoens, que nos escritos.

Foy

Primeiros estudos de D. João de Castro.

Foy D. João de Castro, entre os de tão grande appellido, illustre descendente; mas primeiro relataremos as virtudes, e depois a origem, por serem as obras proprias, pays melhores, que os que da natureza se recebem. Passou os primeiros annos, cultivado nas letras, e virtudes que sofre aquella idade, sendo tão facil o natural á disciplina, que não havia mister torcido, senão encaminhado. Como não era D. João herdeiro da casa de seus pays, dispunhão elles inclina-lo á estudos mayores: porque nas casas grandes forão sempre neste Reyno as letras o segundo morgado Obedeceo D. João em quanto não tinha liberdade para engeitar, nem escolha para tomar outro exercicio.

Applica-se ás Mathematicas em companhia do Infante D. Luiz.

Aprendeo as Mathematicas com Pedro Nunes, o mayor homem, que desta profissão conheceo Portugal; fazendo-se tão singular nesta Sciencia, como se a houvera de ensinar. Nesta escola acompanhou o Infante D. Luiz, a quem se fez familiar, ou pela qualidade, ou pelo engenho; porem como D. João amava as letras por obediencia, e as armas por destino, despresou, como pequena, a gloria das escolas, achando para seguir a guerra,

em

em si inclinação, em seus avós exemplo.

Era naquelle tempo clara a fama de D. Duarte de Menezes, Governador de Tanger; cujo nome os Africanos ouvião com temor, e nós com reverencia. Considerava D. João melhor suas victorias, que as figuras, e circulos de Euclides, amando as artes em quanto podião servir ao valor.

Passa a Tanger.

Chegado aos dezoito annos, vendo-se mais crecido no brio, que na idade, fugindo se embarcou para Tanger; onde contra o estylo d'aquellas praças, assistio nove annos, como quem queria fazer vida do que era só caminho. Em todas as occasions d'aquella guerra se portou com esforço igual ao sangue, e maior que os annos, merecendo congratulaçoens dos parentes, invejas dos soldados.

D. Duarte de Menezes o arma Cavalleiro.

D. Duarte de Menezes o respeitava, como se houvera lido nesta Historia as victorias da Asia, que estamos escrevendo. Por suas mãos lhe quiz dar, e receber a honra de o armar Cavalleiro, gloriando-se tão anticipadamente no filho da sua disciplina. E vendo que tão grandes espiritos merecião ser ajudados dos favores Reaes, desejando que respondessem os premios ao valor; zelando igualmente a

E informa a ElRey de seu merecimento.

causa do Rey; e do Vassallo, escreveo a ElRey Dom João o Terceiro, que Dom João de Castro havia servido de maneira, que nenhum posto, ou mercê já lhe seria grande: que Sua Alteza o devia honrar, porque as lembranças dos Reys faziáo soldados, e era justo, que aos olhos de táo grande Principe náo ficassem sem premio as virtudes.

ElRey o chama, honra, e premea.

ElRey mandou logo chamar a D. João por huma carta, táo honrada, como se lhe náo quizera fazer outra mercê; com a qual D. Jeáo se veyo á Corte, onde foy táo envejado pelas feridas, como pelos favores. ElRey lhe fez mercê da commenda de Salvaterra, acordando aos homens de novo seu merecimento a estimaçáo com que os tratava.

Seu procedimento na Corte.

Cursou Dom João algum tempo a Corte, sem que a nenhum desar da mocidade o arrastassem os annos, ou os exemplos, parecendo verdadeiramente varáo em toda a idade; porém com tal medida, que nem a madureza o fazia pesado, nem a urbanidade facil. Soube philosophar entre as diversões da Corte, evitando naquelle genero de vida a parte que tinha de ociosa, mas náo a de discreta.

Mu-

Mudou de estado, casando com Dona Leonor Coutinho, sua prima segunda, filha de Leonel Coutinho, fidalgo da illustrissima casa de Marialva, nobreza tão conhecida, e tão antiga, que d'ella, e do Reyno temos igual noticia. Não lhe derão outro dote que as qualidades, e virtudes da esposa; porém sem os arrimos da fazenda, conservou o respeito de maneira, que era tratado de todos com veneração de rico, e lástima de pobre.

Casou com Dona Leonor Coutinho.

Offereceo-se neste tempo a jornada da de Tunez, facção mais celebre pola victoria, que pola utilidade; de que não coube a Dom João de Castro pequena parte na honra, e no perigo. Daremos do successo relação menos abbreviada, por haver ElRey Dom João empenhado na facção o poder; o Infante Dom Luiz a pessoa. Havia aquelle famoso Cossario Barba-Roxa infestado todo o Mediterraneo com poder, e atrevimento mayor que de Pirata, achando á fortuna tão prompta a seus insultos, que entre os triunfos de Carlos, era só Barba-Roxa o escandalo de suas victorias. Vendo-se cada dia mais crecido em opinião, e forças, se passou ao serviço do Turco,

Jornada de Tunez.

Occasião que para ella houve.

com quem já a fama de nossas injurias o tinha acreditado, e comprandolhe a graça com o mais precioso de seus roubos, alcançou ser General do mar; e baixando diversas vezes com grosso numero de galés, fez grandes danos nos portos de Napoles, e Sicilia, sem que bastasse a defendelos o valor de seus naturaes, nem a tutela do Imperio a que servião. Cativou infinitas almas, perdendo muitas a Fé pola liberdade; assolou povos, e abrasou navios, dando lhe as miserias dos Christãos, entre os Barbaros, huma gloriosa fama, até que esquecido de seus principios, lhe fizerão as prosperidades lugar á ambição de reynar, usurpando o Reino de Tunes com varios artificios, cuja relação não serve á nossa Historia. Vendo pois Carlos este tyranno já com forças proprias, fomentadas de outro poder mayor; e que pela vizinhança de seus Reynos não convinha que creasse raizes ás portas de sua mesma casa; e que os Mouros, a quem não faltava valor, mas disciplina, industriados de soldado tão pratico, virião a cenhecer suas forças, em dano de seus Reynos; resolve buscalo com huma poderosa armada, e tirar-lhe o abrigo de Tu-

Tunes, pára que quando melhor livrasse, se tornasse ao már, donde como Pirata, só poderia offender com forças vagas, as quaes mais facilmente poderião acabar os tempos, e os successos. Tirou os soldados velhos dos presidios de Italia, que suprio com bisonhos; fez grandes levas na Alemanha alta, e paizes de Flandres; alistou Italianos, e Hespanhóes, além dos senhores, e nobreza, que servia sem soldo; e como empresa tão util, e justificada, e onde o Emperador empenhava a pessoa, acudião muitos aventureiros a acompanhar tão pias, e valerosas armas. Em Sardenha tomou o Emperador mostra da gente que levava, e achou vinte e cinco mil infantes de lista, que recebêrão soldo, fóra outra muita gente que servia sem elle, que era huma grande parte do exercito, e cada dia recebia differentes soccorros, que engrossavão o campo.

Acompanha nella o Infante D. Luiz.

O Infante Dom Luiz, Principe digno de empresas iguaes a seu valor, se resolveo achar nesta jornada com o Emperador seu cunhado; e ainda que d'ElRey Dom João foy muy dissuadido com razoens differentes; humas que topavão no amor do sangue, e ou-

outras no respeito da pessoa; com tudo o Infante interpretando a vontade d'ElRey, mais em favor de brio, que da obediencia; partio secretamente com alguns fidalgos; o que entendido por ElRey, lhe mandou a Barcellona, onde o Emperador estava, largos creditos, e aprestar vinte e cinco caravellas, e alguns navios redondos; entre elles hum galeão, que jugava duzentas peças de bronze, o mayor que até aquelles tempos surcárão nossos mares, á ordem de Antonio de Saldanha, para que servissem na jornada; e por reverencia do Infante se encomendarão as vasilhas da armada a fidalgos de grande conta, sendo hum delles Dom João de Castro, que nesta occasião igualmente despresou o perigo, e a cobiça, como logo mostrará a Historia.

Fidalgos que forão nesta jornada.

Os fidalgos que se embarcárão nesta armada, de que alcancey noticia, forão, de mais de Dom João de Castro, Dom Affonso de Portugal filho herdeiro do Conde de Vimioso, Dom Affonso de Vasconcellos filho do Conde de Penella, Luiz Alvarez de Tavora senhor do Mogadouro, com Ruy Lourenço de Tavora seu irmão, que depois foi Viso-Rey da India, Dom

João

João de Almeida filho do Conde de Abrantes, Dom Pedro Mascarenhas, que tambem foy Viso-Rey da India, Dom Diogo de Castro Alcaide mór de Evora, Dom Fernando de Noronha, Dom Francisco de Faro, Dom Francisco Pereira Embaixador que foy d'ElRey Dom Sebastião em Castella, Dom Affonso de Castelbranco Meirinho mór, Pedro Lopez de Sousa, João Gomez da Sylva Pagem da lança, e D. Luiz de Attayde, que depois foy Conde d'Attouguia, e morreo na India, sendo segunda vez Viso-Rey d'aquelle Estado. Todos estes fidalgos forão servir á sua custa, levando criados, e soldados, sem receberem soldo, com galas, e librés demonstradoras do gosto com que seguião a guerra. Tomou a armada o porto de Barcellona, e salvando a Capitania Imperial, deu de si huma mostra bellicosa, e alegre. O Emperador se veyo ás casas do Embaixador de Portugal Alvaro Mendez de Vasconcellos, que por estarem sobre o már, erão mais aptas para honrar, e festejar a entrada.

Os Duques de Alva, e Cardona, com outros muitos Senhores, vierão á praya buscar o General, e fidalgos de sua companhia, que forão beijar a

mão

mão ao Emperador, o qual os recebeo com todas as honras, e agasalhos, que a authoridade sofre, alegrandose de se acompanhar de nossa milicia pratica, e valerosa, a quem não pareceriáo estranhas as Luas, e lanças Africanas. Todas as resoluçoens grandes communicava o Emperador ao Infante Dom Luiz, não só pela grandesa da pessoa, mas pela do juizo, táo pratico na Corte, como no Estado, de quem referirey hum lanço de urbanidade, pela estimação que d'elle fizerão os Castelhanos. Recolhião-se huma noite o Emperador, e o Infante, e ao entrar de huma porta, sobre qual havia de passar diante, pleitearáo ambos a cortesia, querendo hum, que precedesse a Hospede, outro a Magestade. O Emperador, travando-lhe do braço, quasi por força o fez passar primeiro. Não querendo o Infante aceitar esta honra, nem podendo engeitala lançou mão a huma tocha, que hum pagem levava. Assi soube o Infante fazer-se tão senhor da vontade do Emperador, que teve resoluto dar-lhe o Estado de Milão, achando nelle qualidades para o merecer, e para o defender, valor; mas as pertenções de França fizerao o dominio d'este Estado

Cortezia entre o Emperador, e o Infante.

tam

tam contingente, que ficou o senhorio d'elle muitos annos debaixo do juizo das armas.

O Emperador quer armar Cavalleiro a Dom João, que não aceita Nem a merce do dinheiro.

Não relatarey os successos d'esta guerra, por ser historia alhea; bem que nella D. João de Castro se portou de maneira, que o Emperador o quiz armar Cavalleiro; honra de que elle se escusou com a verdade, de o haver ja sido por outras mãos, que o que lhe faltavão de Reaes, tinhão de valerosas. Mandou o Emperador dar dous mil cruzados a cada hum dos Capitães da armada, que Dom João singularmente não quiz aceitar, porque servia com mayor ambição do nome que do premio.

Concluida esta jornada, se recolhe a Cintra.

Triunfante Carlos, como outro Scipião da guerra de Africa, se veyo descançar entre applausos, e acclamaçoens de Europa, podendo-se chamar antes fundador, que herdeiro de seu Imperio. Voltou tambem a nossa armada ao porto de Lisboa, onde Dom João achou, nos braços do Rey, e saudações do povo, mayor premio, do que engeitára do Cesar, e como varão que tão bem sabia despresar sua mesma fama, se retirou á sua quinta de Cintra, desejando viver para si mesmo, havendo se no serviço da pa-

tria

tria de maneira, que nem o desemparava como inutil, nem o buscava como ambicioso. Aqui se recreava com huma estranha, e nova agricultura, cortando as arvores, que produzião fruto, e plantando em seu lugar arvoredos sylvestres, e estereis; quiçá mostrando, que servia tão desinteressado, que nem da terra, que agricultava, esperava paga do beneficio: mas que muito, fizesse pouco caso do que podião produzir os penedos de Cintra, quem soube pisar com despreso os rubís, e diamantes do Oriente!

Passa a primeira vez á India.

Achava-se D. João no melhor de seus annos, estimulado a servir com os exemplos de sua mesma casa; e como a guerra de Africa com a nova conquista do Oriente, ou se dessimulava; ou se esquecia, havendo o mundo por mais gloriosa a fama, que vinha de mais longe, resolveo D. João passar á India, cuja conquista enchia o Reyno de fama, e de victorias, embarcandose sem pedir posto, ou mercê alguma, havendo por mais sua, a honra que se vay a ganhar, que a que se leva.

Faz-lhe ElRey merce, e como a aceita.

Passou naquella occasião a governar a India D. Garcia de Noronha seu cunhado, que estimou levar a Dom João de Castro com meritos de suc-

ces-

cessor, e praça de soldado. ElRey, logo que entendeo a resolução de Dom João, lhe mandou dar mil cruzados cada anno o tempo que servisse na India, e portaria da fortaleza de Ormuz, que elle (não sey se com mayor ambição, ou com mayor temperança) não aceitou, por ser mais rara a memoria das mercês, que se engeitão, que das que se recebem: acção mais facil de louvar, que de imitar.

Leva seu filho D. Alvaro.

Embarcou-se Dom João de Castro com seu filho D. Alvaro de treze annos, dando-lhe por entretenimentos d'aquella idade os perigos, e tormentas de tão prolixos mares. Chegou a armada de Dom Garcia á India com prospera viagem, onde achou ao Governador Nuno da Cunha com armada prompta para soccerrer a Dio, e peleijar com as galés do Turco, que o tinhão sitiado naquelle illustre cerco, que defendeo Antonio da Sylveira. Tomou Dom Garcia, com a posse do governo, a obrigação de soccorrer a praça, para o que se lhe offereceo Dom João de Castro, que como soldado de fortuna alvoroçado se embarcou no primeiro navio, parece que já presago dos futuros triunfos, a que o chamava Dio. Porém a retirada dos

Embarca-se no socorro de Dio.

Tur-

Turcos privou a D. Garcia da victoria, ou lha quiz dar sem sangue, se menos gloriosa, mais segura.

Faleceo brevemente D. Garcia, a quem succedeo D. Estevão da Gama, que na India teve os brios dos de seu appellido, e parece que tivera a fortuna, se não fora tam breve o seu governo. Emprendeo huma facção, no perigo, e na gloria, grande; qual foy embocar o Estreito do mar Roxo, e queimar as galés dos Turcos, que no porto de Suez se fabricavão com voz de lançar os Portuguezes da India; empresa que o Turco reputava por digna de seu poder.

Vai ao mar roxo com D. Estevão da Gama.

Posta de verga d'alto toda a armada, não houve soldado de valor a quem não alvoroçasse o risco de tam nova jornada, na qual tanta fama merecia a victoria, como o atrevimento. Partio D. Estevão da Gama com doze navios de alto bordo, e sessenta embarcaçoens de remo o primeiro de Janeiro de mil, e quinhentos, e quarenta, e hum. Aqui foy Dom João de Castro Capitão de hum galeão, e seguindo sua viagem com Levantes, avistárão a costa de Arabia, posto que derramados. O Governador D. Estevão da Gama a vio em mon-

te

te Feliz, e surto na boca do Estreito esperou os navios de sua conserva. Aqui foy certificado, que as galés inimigas estaváo varadas em terra, porém tam vigiadas, que se náo podiáo queimar senáo com força descuberta; o qual seria impossivel aos navios redondos, em razáo dos baixos, e restingas d'aquelle porto: com tudo Dom Esteváo da Gama, desprezando o aviso, e o perigo, passou avante com algumas fustas, huma das quaes levou Dom Joáo de Castro, deixando o seu navio. Passaráo pelas primeiras ilhas, situadas em doze graos, e meyo, e pela enseada velha em treze escassos, tomáráo a da Fortuna, que está na mesma altura. Em todas estas angras, e enseadas da boca do Estreito até Suez, foy Dom Joáo de Castro, tomando o Sol, e fazendo roteiro, formando juizo, já de Philosopho natural, e já de marinheiro, mostrando como caminha cega a experiencia rude dos Pilotos sem os preceitos da arte. Aqui tam judicioso, como soldado, discursou doutamente sobre as causas, porque ao már Roxo foy imposto este nome; e tambem dos impulsos, e movimentos naturaes das crescentes do Nilo

Nesta viagem faz hum roteiro.

lo nas monçoens do Estio; materia que desveiou muitos engenhos, a quem a natureza tantos annos escondeo estes secretos. Assi contaremos deste varão como parte menor da sua grandesa, o que os Romanos com tam soberba eloquencia escrevem de seu Cesar, que com tanto juizo tomava a penna, como com valor a espada. Este tratado, e outro de que daremos mais inteira noticia, escritos entre as ondas do mar, e o açoute dos ventos, dedicou ao Infante Dom Luiz, offerecendo-lhe o fruto das letras, que juntos aprendêrão.

D. Estevão arma cavalleiro a D. Alvaro.

Nesta paragem virão o monte Sinai onde com fabrica de Anjos forão as reliquias de S. Catherina collocadas em illustre deposito; a cuja vista Dom Estevão da Gama armou Cavalleiro a D. Alvaro de Castro, o qual em memoria de tam celebre sanctuario tomou por timbre de suas armas a roda de navalhas, com que religiosamente as illustrão ainda hoje seus descendentes. Do effeito d'esta jornada não daremos particular noticia, porque a vigilancia dos Turcos nos frustrou o effeito.

Torna D. João ao Reyno.

Tornando Dom João ao Reyno, como querendo deixar crescer as palmas

mas do Oriente, que haviáo de coroar suas victorias, náo desembarcou outras riquezas, mais que a fama de suas obras; e estando com os vestidos do már ainda mal enxutos, o nomeou ElRey por General das armadas da costa, dando-lhe novas occasióes de servir em premio do que tinha servido. Sahio logo Dom Joáo no anno de 543, a comboyar as náos, que de viagem se esperaváo da India, e pairando na altura de seu regimento, houve vista de hum Cossario Francez, que com sete navios infestava todos aquelles mares, e havia feito algumas prezas em navios de nossas conquistas, que o tinháo atrevido, e rico. Logo que Dom Joáo avistou, se fez naquella volta com os navios arrasados em popa, e atracando a Capitania do inimigo, a abordou, e rendeo depois de porfiada resistencia; meteo dous navios no fundo, e outros se salváráo com o favor da noite. Os casos particulares d'esta briga náo pude achar escritos, assi ficará nosso silencio desculpado com o descuido alheyo.

He General da armada da Costa.

Desbarata sete naos de Cossarios.

Houve Dom Joáo vista das náos dentro em poucos dias, que com reciprocas salvas lhe ajudáráo a festejar

Recolhe as da India.

a

a rota do Cossario; entrou com ellas pela barra de Lisboa, sendo tão geral o applauso com que foy recebido, que parecia haver passado já os perigos do odio, e da enveja; felicidade, ou miseria, que só na sepultura alcanção, ou evitão, os varões excellentes. Porém d'estes successos conseguio Dom João sómente o premio na victoria: porque quando as dividas são grandes, os Reys por não ficarem escassos, arriscão se antes a parecer ingratos; mais faceis a confessar os vicios na pessoa, que na Magestade.

Pouco tempo deixárão a D. João de Castro descansar no gosto da victoria, porque logo para negocio de mayor cuidado, tornou a vestir as armas, como referirey mais largamente, ainda que contra meu costume: por não truncar a Historia, buscarei principios afastados. Vio-se aquelle famoso Cossario Haradin Barba-Roxa quasi desbaratado com a perda de Tunez, e Goleta, e muito mais com a das galés, perdendo na terra a authoridade de Tyranno, e no már as forças de Pirata. Porém não ficou este inimigo de todo tão quebrantado, que deixasse de gemer ainda Italia muitos annos debaixo de seu açoute,

Ti-

Tinha depositado em differentes partes o melhor de seus roubos, como segunda taboa em que salvar-se; fez d'elles hum presente a Solimão senhor dos Turcos, de tanta estimação, que pode fazer esquecer, ou disculpar a desgraça da armada, e fugida de Tunes, de que Solimão ainda tinha a dor, e a memoria fresca. Representou-lhe o muito que podia obrar em dano dos Christãos, pois começando a tentar o már com duas galeotas mal armadas, o valor, e os successos o fizerão temido, e poderoso, e fazendo-lhe cruel guerra com seus proprios despojos; que não cabião já os cativos nas masmorras de Africa; que no Reyno de Napoles, em toda a Apulha, e terra de Lavor, fizera taes estragos, que ainda agora, nem o sangue, nem as lagrimas estavão enxutos; que as galés de Sicilia, temerosas apodrecião ancoradas no porto; que aquelle André Doria, tão buscado dos Principes da Europa, diria quantas vezes, por se desviar de Barba-Roxa, tinha forçado o remo; que seguramente daria por testemunhas de suas obras seus proprios inimigos; que o Emperador Carlos, irritado de tantos danos, vendo que

só Barba-Roxa fazia a suas victorias sombra, mais impaciente que soldado, juntára para o destruir todas as forças de Alemanha, Italia, Espanha, e Flandres, expondo temerario o melhor de seus Reynos, ao caso de huma ruina, ou de huma victoria, e ainda que o não desacompanhou sua antiga fortuna, só tirou da jornada fama sem fruto, restituindo a Tunez hum inimigo por desapossar outro, que se não recolhêra tão inteiro, que lhe não custasse a victoria navios, e soldados; e que com as despesas de tão numeroso poder, esgotára os thesouros de Espanha; que agora era o tempo opportuno para arruinar a Christandade, enfraquecida com huma larga guerra, descuidada com huma apparente victoria; que no estreito de Gibraltar estava a celebre Cidade de Ceita, porta por onde já os Africanos entrárão com victoriosas armas a dominar Espanha; que os Portuguezes a tinhão com fracos muros, e hum debil presidio, mais attentos a inquietar os vizinhos, que a acautelar-se d'elles, porque altivos com as prosperidades do Oriente, despresavão sua propria morada, á maneira de rios, que quanto mais distão do berço em que nacé-

cérão, são mayores; que se a Magestade do grão Senhor se inclinasse a senhorear esta parte tão principal da Europa, elle se offerecia cóm hum justo numero de galés, a entregar-lhe Ceita, para que as nações do ultimo Occidente vivessem na reverencia de seu Imperio. Assi descorreo o Cossario, tentando restaurar com forças alheas o credito, e estado de que havia caído. E como nas Cortes dos Principes, as cousas grandes são melhor ouvidas que as possiveis, e em Barba-Roxa a experiencia, e o valor tinhão tantos abonos, Solimão altivo, e bellicoso, começou a dar ouvidos á empresa de tantas consequencias, que parecia opportuna pela paz, e prosperidade, que gozava seu Imperio. Ouvio diversas vezes a Barba-Roxa, que lhe persuadio serem os uteis desta facção mayores que as difficuldades. Inflamavão mais a indignação do Turco os Mouros Africanos, queixosos de que não podião respirar, senão debaixo da paz de nossas armas, chorando huns a liberdade, outros a injuria de seu Propheta nas postradas Mesquitas. No remedio d'estes danos empenhavão o Turco por zelo, e por grandesa, porque huns tocavão á Religião, ou-

 tros

tros á Magestade; motivos que cobrião a ambição, e justificavão a jornada.

Avisos do Emperador a ElRey.

O Emperador Carlos, que da negociação de Barba-Roxa em Constantinopla andava cuidadoso, entendendo que aquelle tronco, de quem cortára as ramas, não ficára tão secco, que com calor alheyo não pudesse brotar novo veneno, teve industria para saber a resolução do Turco acerca da invasão de Espanha; e ainda que o primeiro golpe ameaçava a Ceita, como nunca a corrente da victoria pára onde começa, não querendo cair tambem sobre nossas ruinas, mandou armar navios, alistar gente, e dobrar os presidios nos portos do Estreito, escrevendo a ElRey Dom João seu cunhado os avisos que tinha, para que juntos disposessem a resistencia do commum inimigo.

E lhe pede ajuda para resistir aos Turcos.

Chegada a Portugal esta nova, tratou logo ElRey de fortificar Ceita, que não tinha outra defensa, que a que ensinava a desciplina d'aquelles tempos; e como nós em Africa eramos conquistadores, defendiamos nossas praças com o temor alheyo. Governava n'aquelle tempo Ceita D. Afonso de Noronha, a quem ElRey en-

com-

commendou a fortificação, e a defensa, mandando-lhe gente, materiaes, e engenheiros. Pedia o Emperador a ElRey, que mandasse sair a armada, para que unida com a que tinha em Cadiz, á ordem de D. Alvaro Bação, esperassem o inimigo na boca do Estreito, onde em qualquer successo terião no abrigo de seus pórtos segura a retirada. Posto o negocio em conselho, pareceo que as armadas se juntassem, porque não ficasse sobre nossas forças todo o peso da guerra.

Nomea ElRey á Dom João por General.

Entrou ElRey em consideração de buscar quem governasse a armada, e dado que no Reyno havia muitos homens, a quem as experiencias, e perigos de nossas Conquistas tinhão feito soldados, o nome de D. João de Castro se fazia lugar entre os mayores; fez brio de não pedir, nem engeitar o serviço da patria. Sabemos que ElRey D. João, ainda que o amava por valeroso, lhe era pouco affecto por altivo; de sorte que o que grangeava por huma virtude, vinha a perder por outra; assi não vimos que na casa Real tivesse officio, ou valimento; porque varão tão livre podião-no sofrer como vassallo, mas não como criado. Estava já com velas metidas toda a arma-

da, e embarcada muita parte da nobreza do Reyno, e os soldados na expectação de quem havia de governar facção tão importante; quando de repente se divulgou a nomeação em D. João de Castro, feita com geral satisfação, ainda dos mesmos pertendentes.

Confiança que mostra ter de D. João.

Mandou ElRey chamar a D. João, a quem communicou os avisos do Emperador, e designios do Turco, significando-lhe a enveja com que o mandava a tão honrada empresa, mas que pois era huma prisão Real das Magestades, poder dar honras sem poder merecelas, lhe entregava aquella armada, esperando que havia de ajuntar ás Ruelas dos Castros as bandeiras que aos Turcos ganhasse, para que a seus descendentes as deixasse ainda mais honradas do que lhas entregárão. D. João beijou a mão a ElRey, agradecido; entendendo que dos Principes era melhor ser bem avaliado, que bem visto.

Ajunta-se com o General do Emperador.

Aos doze dias de Agosto de 1543, se fez á vela toda armada, e em poucos dias com ventos de servir, surgio á vista de Gibraltar, onde achou sobre ferro a armada Imperial, que recebeo a nossa com toda a cortezia naval, alegrando, ou assombrando o lugar

gar com repetidas salvas. Veyo logo Dom Alvaro Baçáo com os principaes Cabos da armada visitar a D. Joáo de Castro ao mar, onde depois de saudaçoens corteses, lhe deu conta das noticias que tinha do inimigo, que segundo os avisos, a primeira invazáo seria sobre Ceita. Alli se discorreo, como unidas as armádas de dous táo grandes Principes, convinha á reputaçáo de humas, e outras armas, peleijar com o inimigo; que dado que viesse com mayores forças, peleijavamos nos nossos mares á vista de nossos portos; que no conflito nos podiáo soccorrer com gente descansada; e os navios destroçados teriáo o abrigo vesinho; e que quando bem a victoria se inclinasse aos Turcos, ficariáo táo quebrados, que náo podessem intentar facçáo nas praças do Estreito, as quaes sempre remiriáo peleijando em ambos os successos; mayormente, que as ordens, que traziáo cerradas de buscar o inimigo náo sofriáo outra interpretaçáo com que se salvasse a honra, e a obediencia. Tomada esta resoluçáo, ainda que precisa, briosa, ficaráo os soldados alvoroçados, e os Cabos solicitos nas ordens, e disposiçáo de táo grande negocio; quando de repente che-

Discorrem sobre a jornada.

Resolvem peleijar.

chegaráo appressados avisos, que Barba-Roxa com toda a armada junta demandava o Estreito. Mandou logo D. João de Castro recolher alguma gente que andava em terra, dar ordens aos Capitaens, empavesar navios, e avisar a D. Alvaro de como se levava. O qual com a imaginada vista do inimigo, resfriando d'aquelle ardor primeiro, escreveo a Dom João de Castro, que novos casos necessitaváo de novos conselhos; e que pelas noticias das espias, sabia que Barba-Roxa trazia dobrado numero de baxeis do que as armadas tinhão; que náo era intençáo, nem serviço de seus Principes, perderem-se com risco táo sabido; que estando aquellas armadas inteiras náo podia o inimigo intentar cousa grande; e se acaso na peleija ficassem destroçadas, ficariáo as praças do Estreito por premio da victoria; que elle em deixar de peleijar se violentava muito, mas que primeiro estava o serviço do Cesar, que o brio dos particulares; que lhe pedia recolhesse naquelle porto a armada, e que da resoluçáo dos Turcos tomariáo mais seguro conselho. Dom João de Castro respondeo ao General Castelhano, que elle náo mudava de opiniáo á vista do ini-

Muda o General Castelhano de parecer.

E trata de reduzir a D. João.

O qual permanece em peleijar com os Turcos.

inimigo ; que bastava para animar os Turcos o verem-se temidos ; que pois elles pertendiáo pisar terra de Espanha, as armadas se deviáo arriscar pela reputaçáo, quanto mais pela injuria ; que juizo havia de fazer o mundo das forças de dous táo grandes Principes, quando se colligaváo para fazer á Barba-Raxa a guerra defensiva ? deixando senhorear a bandeira do Turco nossos mares á vista das Aguias do Imperio, e Quinas de Portugal ; que elle se resolvia em esperar o inimigo, seguro de lhe imputarem culpa em hum e outro acontecimento, porque no máo successo, os perdidos náo daváo conta de nada, e aos victoriosos de nada se pedia.

E os espera no estreito tres dias

Mas nem esta resoluçáo bastou para o General Castelhano Dom Alvaro Baçáo mudar de conselho ; náo sabemos se o tomou por melhor, se por mais seguro. D. Joáo de Castro se poz na boca do Estreito, aonde esteve surto tres dias ; aqui teve aviso, que se fizera em outra volta a armada do inimigo, por dissensoens que houvera entre os Cabos mayores ; ou como em outras memorias achamos, por haver recebido Barba-Roxa novas ordens do Turco, que recolhesse a armada : porem

rém a gentileza com que D. João de Castro a esperou no Estreito, mereceo dos presentes enveja, e dos futuros gloria; pois para conseguir huma illustre victoria, não faltou o valor, faltou o conflicto; bem que desta tão generosa resolução, se fizerão em Hespanha juizos differentes, pondo-lhe nota aquelles, que a todas as acçoens não vulgares, chamão temeridades; porém eu creyo, que ainda os que mais condenarão esta acção, tomarão ser os authores d'ella.

Vendo pois D. João, que com a retirada do inimigo ficara assegurado o receyo d'aquellas praças, se foy a Ceita a communicar algumas cousas de sua instrucção com D. Affonso de Noronha; o qual recebeo a D. João com tantas salvas de artelharia, que os Castelhanos em Gibraltar se persuadirão, que peleijava a armada; mas nem assi quizerão desaferrar do porto, faceis em alterar o primeiro conselho, tenazes no segundo. Aqui teve D João de Castro aviso que os Mouros tinhão Alcacer Ceguer em apertado cerco; praça, que os nossos sustentavão em Africa com despesa, e perigo inutil, de que era Capitão hum Fidalgo do appellido de Freitas. Despachou logo a seu

Manda seu filho com soccorro a Alcacer Ceguer.

seu filho D. Alvaro com hum troço da armada, e ordem que metesse o soccorro na villa, e que até se levantar o inimigo estivesse no porto; o que executou promptamente, bastecendo, e municionando a praça; e como o exercito dos Mouros se compunha de gente tumultuaria, faltando-lhes o calor da primeira invasão, levantou o sitio, e D. Alvaro se tornou a aggregar á armada, que depois de assegurar Ceita, e livrala do receyo dos Turcos, se recolheo ao porto de Lisboa; aonde já havia chegado a fama de hum, e outro successo, que como cairão sobre valor tambem reputado, parecerão mayores: mas D. João, que nenhuma cousa tinha por grande, querendo tratar com desprezo suas mesmas obras, fugio das honras populares ao retiro de Cintra, ou tão modesto, ou tão altivo, que não avaliava suas acçoens por dignas de si mesmo.

Volta a Lisboa, e recolhe-se a Cintra.

Entrou ElRey D. João em consideração de buscar quem governasse o Estado da India, porque Martim Affonso de Sousa tinha acabado o tempo, e pedia successor com repetidas instancias, porque as cousas do Oriente estavão por varios accidentes hum pouco declinadas, e não queria que a guer-

ra com algum desar lhe desluzisse a gloria de seus feitos, como quem sabia, que dá a ignorancia do povo poder a huma desgraça, para desauthorisar muitas victorias. Para negocio tão grande se representarão a ElRey sujeitos differentes; huns que pela antiguidade do sangue costumavão a ser, senão benemeritos, herdeiros dos lugares mayores (segunda tyrannia de reynar, que inventou a nobreza); outros humildes por nacimento, e illustres por si mesmos, que o que se lhes devia por seus merecimentos, perdião por falta dos alheyos; assi que para posto de tanta authoridade, nem bastava valor plebèo, nem qualidade inutil.

He proposto pelo Infante para o governo da India.

Com estas consideraçoens ElRey irresoluto na escolha de varão, de quem podesse fiar o peso de tão grande governo, perguntou ao Infante D. Luiz, quem no estado presente fizera Governador da India. O qual lhe significou o conceito que tinha dos espiritos de D. João de Castro; porque ainda que na occasião do Estreito a muitos havia parecido que se houvera com animo sobejo, he certo, que não haveria soldado que não estimasse ser réo de tão honrada culpa; e que dado que seus emulos o arguião de altivo, e re-

retirado, por não pedir mercês, nem cortejar ministros, erão estes defeitos de tão boa qualidade, que vinhão a ser melhores os vicios de D. João, que as virtudes de outros; que não via quem podesse conservar a disciplina da primitiva India, se não Dom João de Castro, o qual servia tão alheyo de todos os interesses, que parecia desprezar os premios da terra, como se S. Alteza não fora Rey dos homens, se não Deos dos vassallos; que era affeiçoado a D. João de Castro por suas qualidades, porém tão livremente, que seus merecimentos ainda separados do sujeito, amara em qualquer outro.

ElRey o elege, e lhe falla.

ElRey com quem a opinião do Infante tinha credito grande, vendo que avaliava as cousas de Dom João com zelo de Principe, e noticias de amigo, approvou a inculca feita pelo Infante, cuja authoridade qualificou o conceito de todos, e mandando chamar a D. João de Castro à Evora, onde tinha sua Corte, lhe disse em sala pública: ,, Andey estes dias cui-,, dadoso em buscar varão que gover-,, nasse o Estado da India, e não du-,, vidava podelo achar na familia dos ,, Castros, de cujo tronco os senhores ,, Re-

„ Reys meus antecessores tiraráo sempre Generaes para os Exercitos, Regentes para os povos; assi me prometto, que de táo valorosa raiz não póde degenerar o fruto; mormente se medir as futuras acçoens pelas passadas, as quaes vos tem dado justo nome na opiniáo do Reyno, e estimação na minha; pelo que confiadamente vos encommendo o governo da India, aonde espero procedais de maneira, que possa dar vossas acçoens por Regimento aos que vos succederem. „ D. Joáo beijou a máo a ElRey, mais agradecido á honra, que ao officio, estimando só de táo grande cargo o náo o haver buscado. Na Corte houve sobre esta eleiçáo diversos sentimentos; alguns a notaráo por inveja, e outros por costume; tanto, que nas virtudes em que lhe náo podiáo achar faltas, lhe arguiáo excessos; foy porém táo bem avaliada dos mais, e dos melhores, que ElRey se alegrava de haver achado hum homem feito á vontade de todos.

Approváo todos esta eleição.

Corre com o apresto das náos.

ElRey lhe mandou logo despachos para aprestar a armada sem correr o meneyo d'ella por outras máos, como erradamente anda escrito, affirmando hum Author, que D. Joáo passara á In-

India descontente, por ser mal respondido em seus particulares; cousa táo encontrada com as noticias que temos, e com a pouca ambiçáo d'este fidalgo, que mais se desvelava no que havia de engeitar, que no que havia de pedir, como se náo tivera Rey a quem rogar; se náo a quem servir.

Determinou levar comsigo a seus filhos D. Fernando; e D. Alvaro, que era o mais velho; o qual mandou cortar algumas galas, das que pediáo a profissáo, e os annos; e passando D. Joáo a caso pela Jubiteria, vendo estar penduradas humas calças de obra muito curiosa, parando o cavallo, perguntou de quem eráo; e tornando-lhe o official, que as mandara fazer D. Alvaro filho do Governador da India, pedio D. Joáo de Castro huma tisoura, com que as cortou todas, dizendo para o mestre: Dizey a esse rapaz, que compre armas. Náo lemos que fosse mais exemplar, ou austera a disciplina dos antigos Romanos.

Reprova as galas de seu filho.

Aprestou D. Joáo a armada brevemente; sem violencia, nem queixa dos pequenos; porque ainda entáo as extorsoens com que os ministros mayores armáo á graça dos Principes, se náo usaváo, ou se náo conheciáo. Era

Náos, e Capitaens dellas.

o corpo da armada de seis náos grandes, em que se embarcaráo dous mil homens de soldo. A Capitania S. Thomé, em que o Governador hia; que lhe deu este nome, que depois appellidou nas batalhas, invocando já como de justiça ao Apostolo da India por patráo de huma, e outra conquista. Os outros Capitaens de sua conserva eráo D. Jeronymo de Menezes, filho, e herdeiro de D. Henrique, irmáo do Marquez de Villa Real, Jorge Cabral, D. Manoel da Sylveira, Simáo de Andrade, e Diogo Rebello.

Partem, e em que tempo.

Aos dezasete de Março de 1545, desaferrou do porto toda a armada, e a poucos dias de viagem foy avisado o Governador, que na sua náo hiáo quasi duzentas pessoas que recebiáo raçáo sem assentarem praça; huns que por inuteis náo foráo recebidos, e outros que por delictos se embarcaráo escondidos. Instaváo os ministros da náo com o Governador que os embarcasse na caravella de refresco para desempachar a nao, e levarem mantimentos sobrados para os acasos de táo larga viagem; porém o Governador mais compassivo que acautelado, fazendo huma mesma a causa dos mi-

se-

seraveis, e a sua, seguio sua derrota. Passados alguns dias começou-se a conhecer a falta dos mantimentos, com o que os marinheiros, e soldados esforçárão a queixa contra o Governador, que com tão arriscada piedade queria pôr em contingencia pelo remedio de poucos a salvação de todos. Os mais erão de parecer, que se lançasse esta gente nas Ilhas de Cabo Verde, onde os criminosos, e os pobres ficavão assegurados, estes da fome, aquelles da justiça. Porém o Governador considerando, que os ares, e o terreno das Ilhas, buscados fóra de monção, erão conhecidamente nocivos, resolveo amparar os miseraveis no seu mesmo navio, crendo se salvaria com elles, e por elles, dizendo, que era deshumanidade lançar do mar a quem fugia da terra. Assi forão navegando com tempos escassos, até que lhe entrarão os geraes na costa de Guiné, onde a não do Governador tocando, esteve soçobrada, sendo, na opinião dos mareantes, aquelles mares limpos, e aonde a carta não sinalava baixos. Foy a confusão como de quem se via bebêr a morte inopinadamente; as horas, e o temor fazião mayor o perigo, até que a não estando atravessada, e sem

Campaixão do Governador.

Perigo da sua não.

governo, começou a sordir sobre a vaga; seria caso, mas pareceo milagre. O Governador mandou tirar tres peças, para que as náos que vinháo por sua esteira dessem resguardo ao baixo; as quaes náo entendendo o sinal, arribaráo sobre elle, e com melhor fortuna, que conselho, sendo do mesmo porte que a Capitània, salvaráo o baixo, achando sobre as mesmas aguas differente successo, cuja causa náo souberáo ajuizar os mareantes.

Chega a Moçambique.

Seguindo o Governador sua viagem com toda a armada junta, surgio em Moçambique, onde o seu primeiro cuidado foy a desembarcação, e commodidade dos enfermos, ajudado de seus filhos D. Alvaro, e D. Fernando, parecendo então herdeiros de sua piedade, depois de seu valor. Os dias que o Governador esteve em Moçambique notou que a fortaleza, que alli tem o Estado, era obra mal entendida, por estar em distancia da praya, difficil aos provimentos, e soccorros de nossas armadas, situada em lugar baixo, aonde podia ser batida de muitas eminencias que a senhoreaváo, impedindo-lhe juntamente a pureza dos ares em dano da saude. Communicou este negocio com as pessoas

Muda a Fortaleza para melhor sitio

que

que d'esta arte tinháo alguma luz por uso, ou disciplina, e a todos parecêrão os erros da fortificaçáo notados com juizo. Succedeo logo a execuçáo ao conselho, e escolhido sitio conveniente, determinou materiaes, e mestres para a nova defesa; e como isto se obrava aos olhos do Governador, os fidalgos á volta dos pioens acarretaváo as pedras: humas que serviáo à lisonja, outras ao edificio.

Parte para Goa.

Posta já em defensa a fortaleza, e reparada a saude dos enfermos com os ares, e refrescos da terra, deu o Governador á vela, e navegando sempre com ventos de servir, ferrou a dez de Setembro a barra de Goa, onde por hum navio que se adiantou, soube Martim Affonso de Sousa que tinha o successor vezinho, dispondo-se a recebelo com festas que mostrassem o gosto com que agasalhava o hospede, e deixava o governo. Foy logo buscalo ao mar em hum bargantim esquipado, donde o trouxe á quinta de Antonio Correa, em quanto se dispunha a solemnidade de seu recebimento. Alli banqueteou ao Governador, e aos fidalgos, e Capitaens da frota, com tanto primor no serviço, e abastança táo grande nas viandas,

que parecia solemnizar as ultimas honras do cargo que espirava. Houve aquella noite bailes, e folias; festins que a singeleza do Portugal antigo levou ao Oriente. Aqui esteve o Governador dous dias; assistido de todos os fidalgos, desemparando a Martim Affonso de Sousa, até aquelles, que como creaturas suas, tinha feito de nada, aprendendo a ingratidão Oriental dos Indios, que apedrejão o Sol quando se põem, e o adorão quando nasce.

Chega, e como he recebido.

Chegado o termo da entrada, se meterão os dous Governador em huma falua com os remos dourados, e o toldo de sedas differentes. As torres, e os navios os festejarão com horror de repetidas salvas; e os vivas, e expectações da plebe lisongeavão sem artificio ao novo governo. Assi chegarão a desembarcar em hum grande theatro, onde os aguardava a Camera da Cidade em corpo de Cabido. E assentados com as ceremonias, que a vaidade inventou em semelhantes actos, fez hum dos Vereadores sua estudada arenga, em que promettia ao Estado prosperidades grandes com o novo ministro. Depois de ouvir o Governador as lisonjas publicas, ouvio tambem as

às secretas de muitos, que com ellas abrião a porta a seus particulares interesses.

Acabada a solemnidade d'aquelle acto, e entregue D. João do governo da India, se partio Martim Affonso para Cochim a tratar de seu apresto para o Reyno. Entrou logo o novo Governador em cuidados molestos de aquietar o povo alterado pela mudança da moeda; que os ministros Reaes havião sobido com dano dos vassallos, e escandalo do Gentio vezinho. Direi de seus principios o caso.

Estado em que achou o Governo.

Correo na India huma moeda de baixa ley, que chamão Bazarucos a qual entre Christãos, Mouros, e Gentios conservou sempre a mesma estimação vulgar. Esta como se lavra de cobre (material que naquelle tempo passava de Portugal por droga) pareceo aos ministros que lhe devia sobir o preço em beneficio da fazenda Real. Publicou-se solemnemente a alteração da moeda, começando a correr com nova estimação; porém como aquelle valor legal não era intrinseco, pois tinha só o que recebia da ley, e não do peso, o Gentio, que não estava sojeito a leys alheas, faltava com a ordinaria provisão de mantimentos, e os po-

Com a alteração dos Bazarucos.

povos padecião, como por decreto de seu mesmo governo. Os ministros mayores defendião, como Real, a causa, zelando a utilidade do Rey na perdição do povo, o corpo da Cidade clamava, que os Reys de Portugal nunca fizerão de suas miserias thesouro, nem costumavão beber as lagrimas de seus vassallos em baixelas douradas; que os Gentios, e Mouros se gloriavão de que não podendo destruir os Portuguezes com o ferro, os acabavão com suas mesmas leys, armando contra elles a ambição de seus Governadores. Crecia a fome, e a liberdade dos queixosos, que fazia mayor a justiça da causa, e a conformidade do aggravo commum. Com estas queixas forão os Vereadores da Cidade, entre pobres, mulheres, e mininos, huns com razoens, e outros com lastimas demandar ao Governador; o qual mandando quietar a plebe, ouvio a huns como juiz, a outros como pay; e porque o mal da fome não se cura com remedios tardos, lhes remetteo a conclusão para o seguinte dia; assi os despedio confiados, crendo alguns, pelo costume da India, que como obra de seu antecessor lhe parecesse injusta. Logo naquella mesma tar-

Ouve a Cidade, e povo.

Resolução que toma.

tarde chamou os ministros da fazenda Real, e ouvidos os fundamentos, que tiverão, deu parte da materia aos homens mais scientes nas leys, e na politica d'aquelle Estado, os quaes, sem discrepancia, resolverão ser cruel o decreto, e repugnante á piedosa intenção de nossos Principes. E este parecer se corroborou com os foros, e privilegios populares, e outras legalidades, que deixamos por não fazer prolixa nossa Historia. Revogada esta ley pelo Governador, começarão a correr os mantimentos do Sertão, e os povos lhe vierão offerecer as vidas, que lhes havia remido com a nova indulgencia do tributo.

Primeira Embaixada do Hidalcão.

Concluido este negocio com tanto credito da clemencia Real, vierão Embaixadores do Hidalcão, que depois de lhe darem as saudaçoens ordinarias, e congratulaçoens do cargo, lhe pedião entregasse certo prisioneiro na forma que com seu antecessor estava concertado. E porque este negocio chegou a alterar o Estado com guerra descuberta, não deixaremos em silencio a origem que teve.

Sobre a causa de Meale.

Morto Bazarb Principe do Balagate, no tempo que foy Governador Nuno da Cunha, ficou Meale ainda

no berço de sua infancia, havido por indubitavel successor da Coroa. Era o Hidalcão neste tempo a segunda pessoa do Reyno em authoridade, a primeira em valor, porque nas guerras dos Principes vesinhos, tinha dado de suas obras hum testemunho grande. E como estes barbaros mais reynão por occasião, que por justiça, o Hidalcão vendo que suas forças, e a impossibilidade do herdeiro lhe abrião larga porta á ambição da Coroa, começou a solicitar os corações dos Grandes, com os quaes artificiosamente se lastimava da miseria do Reyno com successor minino, com quem havião de servir, ou sofrer como a Rey todos os seus validos; que os Principes com quem trazião guerra, não perderião a occasião de os acabar, vendo no berço quem os havia de defender; que buscassem hum varão onde havia tantos para salvar a patria, que elle seria o primeiro, que lhe obedecesse; porque o governo do Reyno não podia esperar os tardos movimentos com que a natureza havia de dar a hum minino primeiro forças, depois entendimento; que quando com inutil obediencia, abraçado aos peitos das amas adorassem Meale, não duvidava, que

por

por conservarem o Rey perderiáo o Reyno. Mostrou-se logo affabel com os povos, com os soldados liberal, como quem não queria imperar para si, senão para elles, valendo-se ambiciosamente de todas as virtudes, não como necessarias para viver, senão para reynar. Chegarão em fim os principaes a offerecer-lhe a Coroa, crendo, que sempre se acordasse que fora creatura de seus mesmos vassallos, ao qual sempre seria grata a memoria de tão grande beneficio.

Era o Hidalcão liberal, e valeroso; e sem duvida fora hum grande Principe, se conservara o Reyno com as mesmas virtudes com que soube acquirilo; porém logo que se vio obedecido, cessarão aquellas artes fingidas, como não tinhão movimento natural, e rebentarão a ambição, e soberba, como vicios de casa. Não tratou logo de matar a Meale, ou por clemencia fingida, ou por crueldade nova, querendo quiçá, que o pobre Principe com obediencia servil lhe authorizasse o cetro que lhe tyrannizava. Os Satrapas do Reyno vendo-se fora de tempo arrependidos, e que já não podião ser traidores, nem leaes sem perigo, andavão consultando meyos de

as

assegurar Meale da tyrannia do Hidalcão, como se tivera o desgraçado Principe mais justiça para viver, do que para reynar. Nestes discursos passarão alguns annos; nos quaes Meale chegou á idade que podia conhecer seu perigo, e considerando que sua presença arguia a consciencia culpada do tyranno, o qual maquinava com seu sangue apagar a memoria da intrusão da Coroa, aconselhado dos mesmos que lhe tirarão o Reyno, se passou a Cambaya, onde foy bem recebido, mostrando o Rey, e o povo que se compadecião de miserias Reaes; porém como aquelles favores tinhão mais de ambição que de piedade, chegarão a durar pouco, porque só os primeiros dias lhe fizerão tratamento como a Rey, os outros como a perseguido. Com tudo Meale se deixou ficar em Cambaya, havendo por mais toleraveis os desfavores do hospede, que as injurias do tyranno.

Entre tanto o mayor cuidado do Hidalcão era destruir aquelles que lhe derão a Coroa, que ainda que como complices da traição, lhe puderão ser gratos, os aborrecia, ou porque lhe acordavão a obrigação, ou o delicto. E como já vivia temeroso de suas mes-

mas

mas obras, entendeo que mais o podia assegurar a crueldade, que a clemencia; assi o fazião duas vezes cruel, o vicio, e a necessidade. Aos mayores foy usurpando as fazendas para os igualar com a plebe, com pretexto de castigar delictos impostos, ou esquecidos, cubrindo a tyrannia com sombras de justiça; crendo que com abaixar os poderosos, se faria aceito aos pequenos, aos quaes sempre he grata a ruina dos Grandes por odio natural de sua fortuna. Porém elles vendo, que não bastava o sofrimento, consultarão meyos de restituir Meale, huns por vingança, e outros por remedio. Fizerão suas juntas secretas, onde tomarão differentes acordos, os quaes lhes fazia variar cada dia o temor, e a difficuldade do negocio, mais arduo na execução, que no conselho. Acabarão em fim de apurar a obediencia forçada com os aggravos novos; tentarão pois com a morte do Hidalcão remir a culpa, e cobrir a infamia da traição passada; não sendo d'este voto os atrevidos, senão os desesperados, porque já o Hidalcão neste tempo vivia com forças de Rey, e cautelas de tyranno. Era assistido do povo, que aborrecendo o Rey, ama-

va as crueldades executadas contra a nobreza, infesta pela desigualdade de huma, e outra fortuna. Os conjurados temerosos de si mesmos, e sabendo que com a dilação se fazião os odios mais remissos; e a paciencia servil se fazia costume, vendo que para tão grande empresa não tinhão forças proprias, buscarão as alheas. Acordarão communicar o negocio com Martim Affonso de Sousa, Governador que então era do Estado da India, pedindo, lhe mandasse vir Meale de Cambaya, e o tivesse em Goa. E quando engeitasse a gloria de o restituir, teria sempre ao Hidalcão temeroso, e propicio para todas as occurrencias do Estado.

Persuadido Martim Affonso, que este fogo de discordias, que começava a arder entre o Hidalcão, e os seus, convinha mais sopralo, que extinguilo, e que seria util ao Estado enfraquecer hum vezinho soldado, e poderoso; cobrindo estas conveniencias com causas mais honestas, quaes erão, pôr á sombra de nossas armas hum Principe desapossado, e perseguido; facção para os de fora gloriosa, e para os nossos útil; resolveo mandar buscar Meale a Cambaya, significandolhe a disposição de seus vassallos acer-

ca

ea da restituição do Reyno, cujos animos se esforçarião vendo que lhe amparava o Estado, a causa, e a pessoa. Recebida do Mouro tão inopinada mensagem, havendo por desacostumada a piedade de homens por religião não só differentes, mas contrarios, se encommendou á fé, e clemencia do Estado; e embarcando-se com sua pobre familia, aportou a Goa, onde foy recebido do Governador com grandes honras, mais merecidas de seu sangue, que de sua fortuna, se bem forão de alguns interpretadas, antes em injuria do vezinho, que em favor do hospede. Derramada por toda aquella costa a vinda de Meale, que já começava a reynar nos animos de muitos, tomou o seu partido mayores forças entre os conjurados, vendo que já a sombra de nossas armas amparava sua causa, e que começava a soar bem seu nome nos ouvidos do povo.

Considerando o Hidalcão, que o Estado não chamara Meale só para segurar a pessoa, mas para defender a causa, cujas armas, como victoriosas, e vezinhas lhe erão mais formidaveis, mandou a Martim Affonso de Sousa huma embaixada, significando-lhe co-

mo tinha sabido, que estava em seu poder Meale, a quem parecia, que a fortúna andava guardando para perturbar a paz do Oriente; que sabia cómo fora chamado de alguns sediciosos, que cansados de obedecer, queriáo crear senhores novos a quem poder mandar; que elle Hidalcão não referia as razoens que tivera para tomar a Coroa; porque se os Principes houvessem de dar razão de seu direito, não haveria differença entre os Reys, e plebeos; que a justiça dos Principes havia de ser julgada de Deos, e não dos homens; que o mundo tinha ja recebido, que em materia de reynar não havia differença de causa a causa, mas de pessoa a pessoa; que não negava que Meale apoucado, e covarde era de geração Real, mas que o erro, que fizera a natureza, emendara a fortuna, dando-lhe o Reyno a elle ousado, e valeroso; quanto mais que a natureza só aos leoens dera com o nascimento a coroa, aos homens deixara que a ganhassem; que muitas cousas parecião ao mundo, por menos costumadas, injustas; que tomar para si o Reyno quem era digno d'elle, os primeiros o recebião como escandalo, os outros como ley; que Meale fora o

ho-

homem mais vil, que nascera em seu Reyno, e elle o mais felice; e que naturalmente os homens aborrecião os monstros da natureza, e amavão os da fortuna; que nos perguntassemos a nós, com que acçoens senhoreavamos a Asia; que parentesco tinhamos com o Sabayo para nos deixar Goa, em que grão estavamos com Soltão Badur para lhe herdarmos Dio, se o Achem nos deixara Malaca em testamento, e tantas praças, quantas por todo o Oriente nos pagavão tributos; que nos rogava não infamassemos nelle os mesmos titulos com que nos faziamos do mundo absolutos Senhores; que não tirassemos a Deos o cuidado de governar o mundo, pois nascendo no ultimo occidente, queriamos emendar as desordens da Asia; que nos fazia a saber que nos seus Reynos havia minas de metaes differentes; que de humas tirava para os amigos ouro, e de outras para os inimigos ferro; que ultimamente pedia a elle Governador lhe entregasse Meale, porque na clemencia que com elle usasse, se visse que era digno de reynar quem assi tratava seu mayor inimigo; que seus Embaixadores levavão ordem para assentar todas as conveniencias do Estado.

Recebida por Martim Affonso a carta, e ouvidos os Embaixadores do Hidalcão, entendeo delles, que pela pessoa de Meale offerecião cento e cincoenta mil pardaos, e as terras firmes de Bardez, e Salsete, importantes ao Estado pelos rendimentos, e vezinhança de Goa. Pareceo a Martim Affonso que o negocio era de muito peso, e que de ambas as faces mostrava utilidades grandes; porque restituir a hum Principe, e abaixar hum tyranno, era empresa digna de armas Christãas, da qual receberia não vulgar reputação o Estado, mostrando ao mundo, que não passarão nossas bandeiras á Asia a usurpar Reynos, nem acquirir riquezas, pois só tratavão de que os Pagãos, e Mouros do Oriente guardassem a Deos fidelidade, e justiça enrre si. Por outra parte discorria, que Meale quando chegasse a reynar depois de larga guerra, não podia dar ao Estado mais, que o que o Hidalcão sem ella offerecia; e que como estes Mouros por odio, e por religião erão sempre inimigos, rir-se-hia o mundo se visse que com nosso sangue destruiamos hum infiel, e creavamos outro, quando da ruina de ambos pendia nossa prosperidade; mormente, que não passarão a India

dia

dia nossas armas a defender os inimigos da Fé, senão destruilos. Que se Meale não achára amparo em ElRey de Cambaya, de quem era parente; porque o havia de esperar dos Portuguezes, de quem era inimigo? Que quando se visse restituido, e poderoso, a primeira lança que se arrojasse contra o Estado havia de ser sua, porque lhe seria sospeitosa a vizinhança de homens tam valerosos, que o fizerão Rey; e que para nos aborrecer, bastava a memoria de tam grande beneficio.

Resoluto em fim Martim Affonso a entregar Meale por fundamentos menos considerados, despedio os Embaixadores, e com elles a Galvão Viegas, hum Cavalleiro honrado, com largos poderes para assentar o contrato na fórma referida, mandando logo tomar posse das terras firmes, em virtude da offerta do Hidalcão, com beneplacito de seus Embaixadores.

Reposta do Governador.

Neste estado achou D. João de Castro as cousas de Meale, pedido agora pelo Hidalcão com nova embaixada, em fé do capitulado com seu antecessor; porém D. João com differente acordo respondeo ao Hidal-

cáo, que os Portuguezes eráo fieis aos amigos, quanto mais aos hospedes; que as propostas de seu antecessor mais foráo para conhecer a causa, que para resolvela; que as terras firmes perteciáo ao Estado por doaçoens mais antigas, e que dos rendimentos era justo alimentar Meale por gratidáo dos Reys seus antecessores, que as vincularáo ao Estado; que o deixasse lograr quieto esta pequena memoria de seu direito, e que o amparar o Estado sua pessoa atégora não era protecçáo, senáo piedade; que náo alterasse a paz com impacientes armas, porque entáo viria a fazer certo o que temia, irritando o Estado para que se fizesse author de huma, e outra vingança. E porque seus Embaixadores apontaváo, que com a negaçáo de Meale seria forçoso o rompimento; lhe lembrava, que as mais das fortalezas, que fizemos na India, tinháo os alicesses sobre cinzas de Reynos abrazados; que os Portuguezes tinháo a condiçáo do mar, que com as tormentas se levanta, e crece; que elle assi como náo buscava a guerra, táo pouco a sabia engeitar.

Com esta reposta despedio o Governador os Embaixadores, que na

cons-

constancia com que lhes respondeo, entenderão que o não dobraria a entregar Meale temor, ou beneficio. Apercebeo-se logo para fazer, e esperar a guerra, que como era de Principe vezinho, primeiro poderiamos sentir o golpe, que ver a espada. Mandou logo alistar a gente de cavallo, que serião duzentos homens, e servião debaixo de huma só bandeira, milicia mais valerosa que ordenada. Encarregou a guarda da Cidade a gente da ordenança, e os soldados pagos teve promptos para qualquer invasão subita do inimigo. Tratou logo de aprestar a armada, que achou desbaratada pelas viagens, e guerras de seu antecessor, e pobreza do Estado, e como as forças navaes são as mais importantes, aqui se empregou todo. Reparou as embarcações que estavão no rio, fez tres gales, e seis navios redondos com estranha brevidade, não faltando aos officiaes com a paga, e o agrado, com que a obra medrava, vencendo a diligencia o tempo. D'estas galés, e navios nomeou Capitães, que assistião ás obras como a cousa propria; expediente que foy assás importante para a brevidade do apresto, bondade, e abundancia das mu-

Apercebimentos que faz.

muniçoens, e mantimentos; com que a armada se pôz de verga d'alto em tempo opportuno, e breve, e com ella pôz freyo aos Principes vezinhos para se colligarem com o Hidalcão, que já os solicitava a sacudir o jugo, como em beneficio da commum liberdade.

Primeiros movimentos do Hidalcão.

Entendida pelo Hidalcão a resolução do Governador, recorreo á justiça das armas, querendo lançar fora de casa a guerra, antes que com a presença de Meale tumultuassem os vassallos, a quem farião fieis os postos, e os premios da milicia, defendendo como commum a causa. Vedou logo com rigorosas leys aos vivandeiros trazer a Goa a ordinaria provisão de mantimentos, qué como os recebia do Sertão, não estava bastecida para aturar tão repentina guerra. Traz isto mandou a Acedecão, hum valeroso Turco, com dez mil homens a senhorear as terras firmes, que estavão á nossa obediencia.

Acode o Governador pessoalmente.

Mas Dom João de Castro entendendo que a guerra recebe opinião dos primeiros successos, sahio com dous mil infantes, e a cavallaria da terra a fazer rosto ao inimigo, e sendo de muitos fidalgos persuadido que

não

não empenhasse sua pessoa com partido tam desigual, que não era authoridade do Governador da India cingir a espada contra hum Capitão do Hidalcão, nem dar a entender ao mundo que fazia tanto caso desta guerra, mormente quando tinha fidalgos benemeritos da honra, e do perigo d'esta empresa, não foy possivel dissuadilo da primeira resolução, dizendo com mayor confiança do que permittião as forças de seu campo, que sahia a castigar, e não a vencer. E marchando duas legoas de Goa, avistou ao inimigo, que alojado ao pé de huma serra, tendo na frente hum rio, que lhe servia de cava, e de trincheira, com as ventagens do numero, e do sitio, esperou aos nossos, que ainda que cansados da marcha, cobrando novo alento, ou com a presença do Governador, ou com a vista do inimigo, começarão a passar o rio com mais resolução que disciplina. Não foy possivel aos Cabos detelos, ou ordenalos, porque os mais temerarios se lançarão ao rio, e nos sizudos a desconfiança fez necessidade, nos mais, para seguir aos companheiros, o exemplo pareceo disciplina.

O

Peleija, e desbarata o inimigo.

O Governador com singular acordo, mandou aos que ficaváo que passassem o rio entendendo que o que no principio fora erro, agora era remedio; e porque este dia náo teve lugar de dispor como Capitáo, peleijou como soldado. Envestiráo logo os nossos aos Mouros tam impetuosamente, que assombrados d'aquella primeira invasáo, foráo largando o campo, turbadas as fileiras, e por si mesmas rotas, foráo desordenadas, e vencidas; vendo os nossos (o que raras vezes succede) hum exercito sem perda, e mais desbaratado. Receberáo os Mouros grande dano na fugida, nenhum na resistencia. Foráo os nossos duas legoas executando as licenças, e crueldades da victoria, recolhendo as armas que os miseraveis largaváo como carga, e náo como defensa. Durou em fim o alcance o que durou o dia, sendo aos inimigos o horror da noite remedio contra o da victoria. Recolhidos os soldados, cheyos de sangue, de gloria, e de despojos, se deixou o Governador ficar no campo ao seguinte dia, sem arguir aos soldados a desordem, que lhe deu a victoria; seguindo a condiçáo dos juizos humanos, que nunca deu lou-

louvor ás desgraças; nem ás victorias culpa.

Entrando o Governador em Goa, foy recebido com singular applauso daquelle povo tam costumado a ver, e despresar victorias. E porque nesta, e nas mais batalhas que D. João venceo, appellidou o nome de S. Thomé Apostolo da India, cremos que forão havidas com o auspicio de hum Patrão tão grande; o qual por gratificar a piedade, e honrar a memoria de D. João de Castro, se servio de descobrir nos dias de seu governo aquella maravilhosa Cruz, achada em Meliapor na costa de Choromandel, quasi cubertos de huma mesma terra a milagrosa Cruz, e o corpo santo. E como D. João de Castro venerava este sinal de nossa redempção com devido, mas peregrino obsequio; pois sempre que topava Cruz, se apeava do palanquim, ou cavallo, pondo-se de joelhos; não parecerá casual a maravilha d'este descobrimento, pois as misericordias do Ceo não vem por accidente. Daremos a relação d'este misterio por involver hum milagre successivo, testimunho da fé Oriental, cultivada naquellas Regioens com o sangue, e doutrina de nossos Portuguezes.

Recolhe-se a Goa.

Veneração que fazia á Cruz.

De-

Invenção da Cruz de S. Thomé.

Depois da maravilhosa invenção do corpo deste sagrado Apostolo na Cidade, ou ruinas de Meliapor, que então se chamava Calamina, os Reys D. Manoel, e D. João ardiáo em piedoso zelo de soprar aquellas cinzas mortas, que da primeira Christandade do Apostolo alli ficarão, ainda que corruptas já com a doutrina de sacerdotes Armenios, e Caldeos, que separados da Igreja Catholica Romana, davão a beber áquelles innocentes Christáos, perniciosos dogmas: os quaes purgados em parte com o trabalho de nossos Missionarios, tratarão de levantar huma Igreja no lugar aonde fora achado o precioso corpo do Apostolo; e abrindo os alicesses para a fabrica, acharão huma Cruz lavrada em hum pedestal de marmore de quatro palmos de alto, e tres de largo, borrifada de gottas de sangue ao parecer fresco. Tinha esta Cruz a forma das que usão os Cavalleiros de Aviz; nos baixos da pedra estavão algumas Cruzes mais pequenas com a mesma figura que a mayor, salpicadas com as mesmas nodoas de sangue. Estava a Cruz grande assombrada pelo alto de huma pomba pendente; tinha em torno humas le-

tras

tras antigas , cujo significado ignoravão os naturaes da terra, por não estarem em lingua conhecida, nem se formarem com clausulas atadas. Forão buscados velhos , e antiquarios scientes em differentes linguas , sem que nenhum pudesse rastrear a letra , nem o sentido da escritura , até que d'ahi a alguns tempos foy trazido hum Bramene de Narzinga , que nos deu a exposição d'ella em sentido corrente , e dizia assim :

„ Depois que appareceo a ley dos
„ Christãos no mundo , d'alli a trin-
„ ta annos , a vinte hum de Dezem-
„ bro, morreo o Apostolo S. Thomé
„ em Meliapor , onde houve conhe-
„ cimento de Deos , e mudança de
„ ley, e destruição do Demonio. Es-
„ te Deos ensinou a doze Apostolos ,
„ e hum delles veyo a Meliapor com
„ hum bordão na mão, onde fez hum
„ Templo ; e ElRey do Malabar,
„ Choromandel , e Pandi , e outros de
„ diversas naçoens , e seitas , se su-
„ geitárão voluntariamente á ley de
„ S. Thomé. Veyo tempo em que o
„ Santo foy morto por mão de hum
„ Bramene , e com seu sangue fez es-
„ ta Cruz.

E como esta traducção era de inter-

terprete assalariado, não lhe derão os nossos inteira fé em negocio tam grave; assi chamárão outro Gentio douto no conhecimento de todas as linguas Orientaes, o qual sem ter noticia da exposição primeira, declarou as lettas na mesma forma, sem discrepancia alguma. A ElRey D. Sebastião foy trazida a copia da estampa no anno de mil quinhentos sessenta e dous, como aqui parece.

Continuárão os nossos a fabrica da Igreja com mayores despesas pela veneração do lugar, que era deposito dos penhores sagrados, sendo grande a piedade, e concurrencia do povo Malabar á vista de tão illustre testemunho da fé que conservavão. Acabou-se a fabrica do Templo brevemente, servindo no altar mayor de retabolo a Cruz, gravada no marmore que temos referido. Começárão a celebrar-se os officios divinos com a decencia, que permitia hum lugar tam remoto, quando aos dezoito de Dezembro, dia da Expectação da Senhora, estando-se officiando a Missa á vista de muito povo, começando o sacerdote o Evangelho, começou tambem a Cruz sagrada a cobrir-se de hum suor copioso, destillando sobre o al-

Milagre notavel da mesma Cruz.

Pag. 60.

altar náo meudas gottas : e porque ficassem mayores sinaes d'aquella maravilha, parou no sacrificio o Sacerdote, limpando com os corporaes a humidade que a Cruz evaporava, os quaes subitamente se banharão em sangue á vista do numeroso povo que assistia. Foy logo a sagrada Cruz mudando a côr alabastrina em pallida, e d'esta passou a hum negro escuro, que tornou a mudar em azul, com hum resplandor maravilhoso, que durou em quanto o sacrificio da Missa; e depois de acabada, tomou a côr natural em que foy descuberta.

Successivamente se vio o mesmo milagre muitos annos naquelle mesmo dia, e ainda agora sabemos por Autores, e relaçoens fieis succede algumas vezes; com que aquella Christandade recebe os preceitos de nossa Ley com fé já mais robusta. Este milagre se calificou ante o Bispo de Cochim em contraditorio juizo, cujos autos vierão a este Reyno em tempo do Cardeal Rey Dom Henrique, que com authoridade do Papa Gregorio XIII. authenticou o milagre, já divulgado em nossas Chronicas, e Authores estranhos. As novas d'este milagre recebeo D. João de Castro

Affecto com que o Governador recebe esta nova.

tro com não vulgares mostras de piedade, amparando aquella Christandade de S. Thomé opprimida da servidão dos Principes Gentios, que lhe havião revogado certos donativos, e graças, que por intervenção do Santo Apostolo lhe forão concedidas dos Reys antecessores, das quaes hoje pelo odio dos infieis, e corrupção dos tempos, só guardavão as memorias.

Não cessava o Hidalcão de inquietar os nossos com ordinarias correrias nas terras firmes, que bastavão a nos ter em continua vigia, e impedir a cultura aos lavradores; a cuja causa se resolveo o Governador a dar-lhe o golpe onde mais o sentisse. Mandou logo embarcar a seu filho D. Alvaro na armada que aprestara, com ordem, que nos portos do Hidalcão fizesse todo o dano possivel, offerecendo aos soldados escala franca, para com as esperanças do saco, os fazer dissimular alguns soldos vencidos, que lhes devia o Estado, e desviar a outros dos tratos mercantis; corrupção que hia lavrando em muitos, e ja com feyo exemplo dos mayores.

Manda contra o Hidalcão seu filho D. Alvaro.

Sahe com seis navios.

Sahio Dom Alvaro com novecentos Portuguezes, e quatrocentos Indios em seus navios, e alguns baxeis de

de remo; e a poucos dias de viagem houve vista de quatro náos do Hidalcáo, que com roupas, e outras drogas de terra navegaváo a Cambaya. Mandou logo Dom Alvaro aos Capitaens, que lhe puzessem a proa, e aos navios de remo, que se fossem cozendo com a terra, por se acaso o inimigo tentasse de encalhar desesperado. Eráo as náos de mercadores, com pouca guarnição de soldados; e vendo, que nem podiáo fugir, nem defender-se, mandaráo á Capitania Mouros mercadores, que entre razoens, e lagrimas se mostraváo innocentes nas discordias do Hidalcáo com o Estado, offerecendo para os gastos da armada hum justo donativo; porém nem a cobiça dos soldados, nem a razáo da guerra sofria que os ouvissem; assi foráo as náos entradas, e mandadas a Goa, para que conforme o bando do Governador se repartisse a presa. Chegadas estas náos ao porto de Goa, foy estranho o alvoroço do povo, vendo que huma a outra se alcançaváo as victorias, louvando na primeira o esforço do pay, na segunda a fortuna do filho.

Preza que faz.

Vendo Dom Alvaro que as occasioens, e o tempo peleijaváo por elle, e

Prosegue D. Alvaro a en-

trada de Cambre. e que tinha os soldados contentes, por terem já em seguro o fruito da jornada, mandou ao seu Piloto, que governasse ao porto de Cambre, onde o Hidalcão tinha dobrado as guarniçoens depois do rompimento. Havia duas fortalezas na entrada da barra com artelharia grossa; e pela estreiteza do canal não podião nossas nãos passar, nem surgir sem perigo evidente. Consultou o General Dom Alvaro com os Capitãns da armadã as difficuldades, que se representavão, e a todos parecêrão dignas de reparar, dizendo, que empresas voluntarias nam se accommetitão com risco tão sabido; que mayor guerra fazião ao Hidalcão senhoreando-lhe seus máres, fazendo presas, e tolhendo o commercio á vista de seus olhos; que nas facçoens de terra era mayor o risco que o proveito; que o canal vião estava tam cingido d'aquellas fortalezas, que os nossos navios havião de passar quasi roçando sua artelharia; que o primeiro navio que desaparelhassem impediria a passagem dos outros. E como D. Alvaro instasse, que era preciso executar as ordens que levava, que erão saltar em terra, e abrazar os portos do inimigo, lhe replicarão no Conse-

Resolve envesti-la.

lho,

lho, propondo que se ficasse elle General no már mandando, e que os Capitaens dos mais navios commetteriáo a barra, porque se ao General d'aquella armada, filho herdeiro do Governador da India, lhe acontecesse algum desastre, que maior dano poderia receber o Estado, que o empenho em que ficava na necessidade de táo justa vingança: do que D. Alvaro indignado, atalhou a pratica, dizendo, que elle náo queria victorias, onde o seu perigo náo fosse igual ao do menor soldado, porque só para a obediencia era seu General, e para o risco era seu companheiro; que a instrucçáo que trazia do Governador, era arriscar sua pessoa facilmente, a seus soldados com grande necessidade, que os riscos que lhe representaváo, ainda lhe pareciáo mais pequenos que os que vinháo a buscar, porque a honra náo se ganhava sem perigo; que de Portugal viera a buscar este dia, que esperava fosse muito fermoso para todos, e que nesta resolução náo queria conselho, só na fórma de accommetter lhes pedia consultassem o modo. A temeridede do General desculpáráo entáo o brio, e a mocidade, e depois o successo. Assentou-se que a gen-

Salta em terra.

gente passasse aos bateis, e que no quarto d'Alva pojasse em terra, ainda mal declarada a luz do dia, para que as peças do inimigo não podessem fazer certa a pontaria. Aquella noite se aperceberão todos, vendo já no semblante do General huns longes da victoria. Deixada guarnição necessaria nos navios, saltou o General em terra com oitocentos homens escolhidos, e com tão declarada fortuna, que dando nos bateis muitas ballas, não houve alguma que matasse, ou ferisse soldado, sendo este accidente para a victoria disposição, ou principio.

Grandesa, e forças da Praça.

Era a Cidade de cinco mil vezinhos, derramada por huma estendida planice. As casas entre si desunidas, e independentes humas de outras, sem mais policia, união, ou medida que a que ensinava o gosto, ou poder dos moradores. Com tudo os pateos, e eirados de cada casa representavão juntos huma magestade barbara, como de homens, que edificavão com mayor ambição, que architectura. Tinhão ao Norte huma pequena serra, donde descião alguns rios sem nome: que assi servião ao deleite, como á fertilidade da campanha.

Fo-

Fora a Cidade antigamente habitada de Bramenes, e agora de Mouros mercadores; lugar entre os Orientaes sempre famoso, então pela superstição, hoje pela riqueza. Não tinha o lugar defensa de muros, ou trincheiras, assegurados seus habitadores ou na grandesa de seu Senhor, ou na paz dos Principes vezinhos; porém ao presente, como a guerra que faziamos ao Hidalcão, começou por victorias, virão os Mouros seu perigo em seus mesmos exemplos; assi trouxerão para defender a Cidade dous mil soldados pagos, que com a milicia da terra fizerão numero bastante a defendelos, conforme a seu discurso.

Resistencia do inimigo.

Estes vierão debaixo de suas bandeiras impedir a desembarcação aos nossos com tanta ousadia, que nos embaraçarão espaço grande, peleijando a pé firme, e tão travados, que não podião os nossos soldados ajudarse da espingardaria, da qual só receberão a primeira carga com notavel constancia. Aqui deu D. Alvaro mostras de seu valor, e acordo, inflamando os seus na peleja, já com palavras, já com o exemplo de suas obras. Virãose em fim tam apertados os nossos, que mais peleijavão pola vida do que

pela victoria; por espaço de huma hora esteve duvidoso o successo, até que hum grande troço dos moradores, cortados do temor, e do ferro, desampararão o campo, mostrando no primeiro conflicto valor mais que de homens, no segundo menos que de mulheres; cousa muito ordinaria nos bisonhos, succeder o mayor temor á mayor ousadia. Com o exemplo d'estes se forão os outros retirando timidos, e desordenados. Nesta volta recebêrão os Mouros grande dano, porque quasi sem resistencia perecião, sendo os que cahião tantos, que estorvavão a fogida aos outros.

Entrão os nossos.

Entrárão os nossos de envolta com os Mouros a Cidade, onde os miseraveis se detinhão presos do amor, e lagrimas das mulheres, e filhos, que acompanhavão já com piedade inutil, mais como testemunhas de seu sangue, que defensores d'elle; taes houve, que abraçadas com os maridos se deixavão trespassar de nossas lanças, inventando os miseraveis nova dôr, como remedio novo; dos nossos soldados, huns as roubavão, outros as defendião; quaes seguião os affectos do tempo, quaes os da natureza. Algumas d'estas mulheres com desesperado amor

se

se metião por entre as esquadras armadas a buscar os seus mortos, mostrando animo para perder as vidas; lastimosas nas feridas alheas, sem lastima nas suas. Ganhámos em fim a Cidade com menos dano que perigo, porque na resolução da entrada por baixo da artelharia do inimigo, mais arrastou a D. Alvaro o valor, que a disciplina. Dos Mouros pereceo a mayor parte, huns no conflicto, os mais na retirada. Mayor animo mostrárão as mulheres, que os maridos; elles perderão as vidas, que não souberão defender; ellas podendo-as salvar, as despresarão. Dos nossos morrêrão vinte e dous; forão mais os feridos, em que entrou o General de huma setta. Foy necessario acabar hum estrago, para começar outro. Cessou a ira, começou a cobiça. Mandou D. Alvaro dar a Cidade a saco, onde o despojo igualou a victoria; porque não tinhão os Mouros posto em salvo cousa alguma ou fosse confiança, ou descuido; e até a gente inutil para a defensa guardarão na Cidade, ou por desprezo de nossas armas, ou por não mostrar sombra de temor aos defensores, forão em fim as fazendas tantas, que se não puderão recolher aos na-

E ganhão a Cidade.

Destruição e saco della.

navios; os soldados recolhião as mais preciosas, e deixavão as outras, como para alimento do fogo, com que se havia de abrazar a Cidade, a qual D. Alvaro deixou entregue a hum lastimoso incendio, que fez não pequeno horror nas povoaçoens vizinhas, por ser este lugar de toda a costa o mais rico, e defensavel, que quasi servia aos outros de muro, agora de miseravel exemplo.

Volta D. Alvaro a Goa.

Levou-se o General com toda a armada, e se fez na volta de Goa, a descarregar os navios, que com o muito peso hião empachados, determinando deixar ahi os feridos, e alguns enfermos, para tornar a continuar a guerra, a qual desejavão os soldados, contentes da liberalidade, e fortuna do novo General. Chegou primeiro a nova, que os navios a Goa, e o Governador fez grande estimação da victoria, a plebe dos despojos. Logo se teve aviso, que os que escapárão da rota forão representar ao Hidalcão o miseravel destroço da Cidade, e entre a primeira dôr dos filhos, e parentes, contavão o segundo estrago das fazendas, e edificios, onde a voracidade do fogo deixara tam confusas humas, e outras

cin-

cinzas, que não podião chorar os seus mortos com lagrimas distinctas. Dizião ao Hidalcão, que se com tal gente determinava continuar a guerra, irião habitar os desertos onde não verião estas feras do Occidente, nascidas para escandalo, e ruina da Azia. Assi contavão, e mal dizião nossas victorias huma a huma, mais engrandecidas em seu temor, que em nossas escrituras.

Commette o Hidalcão paz.

O Hidalcão, vendo a fortuna de nossas armas, as queixas e o estrago dos vezinhos, e muitas vontades alheas de seu serviço; que a guerra, e os successos fazião mais atrevidas, inclinou o animo á paz para remediar as discordias, e sediçoens de casa, que podião tomar mayores forças com as liberdades de gente armada; e pondo em conselho o estado das cousas presentes, a todos pareceo devião cobrir seus aggravos com huma paz fingida, esperando que o tempo lhes mostrasse monção mais opportuna, para com as forças de alguns Reys offendidos commetter o Estado juntamente: e como estes Mouros mais guerreão pola conveniencia, que pola injuria, mandou o Hidalcão Embaixadores ao Governador, disculpando a

guer-

guerra que fizera com frivolas escusas, e acordando os beneficios que de sua amisade recebêra o Estado.

O Governador a acceita.

O Governador ouvio os Embaixadores em sala pública com grande authoridade, respondendo-lhe que assí como náo buscava a guerra, táo pouco a sabia engeitar; que a prosperidade do Estado consistia em ter mais inimigos, porque com despojos, e victorias se engrandecera sempre; mas que tambem nunca negara a paz a quem com obras, e amisade fiel a merecia; que elle queria privar a seus soldados das commodidades que d'esta guerra se promettiáo; mas que soubesse, que o primeiro dia que tinha de Rey, éra este em que capitulava paz com os Portuguezes. Assi despedio os Embaixadores assombrados de animo tam altivo; e com este mesmo desprezo tratou sempre as guerras do Oriente, nas quaes mostrou valor igual á sua fortuna.

Trata das cousas do Estado.

Voltou logo o animo ao expediente dos negocios particulares; premiando aos soldados que haviáo servido, aos quaes deixava táo satisfeitos do despacho, como do agrado. Deu Capitaens ás fortalezas vagas, em quanto os providos por El-Rey nam entra-

travão; fazendo do merecimento dos homens estimação tão justa, que nem á conveniencia, nem ao Estado ficava devedor: virtude nos Principes dificultosa, e nos ministros rara.

Não ardia menos no zelo da honra de Deos, que na do Estado, porque entre a confusão da guerra, e estrondo das armas, acodia aos negocios da Religião, como se só para os zelar fora enviado; e porque El-Rey D. João assi conhecia seu valor, como sua piedade, lhe encomendava a dilatação da Fé, e culto divino; e de huma carta que sobre esta materia lhe escreveo, se colhe bem, quão inflammados andavão na causa de Deos o Rey, e o Ministro; de que daremos a copia, para que veja o Mundo, que nossas armas no Oriente trouxerão mais filhos á Igreja, que vassallos ao Estado.

Carta d'El-Rey a D. João de Castro.

,, GOvernador amigo. O muito que
,, importa olharem os Principes Chris-
,, tãos polas cousas da Fé, e na con-
,, servação d'ella empregar suas forças
,, me obriga avisarvos do grande sen-

,, ti-

,, timento que tenho, de quê não só
,, por muitas partes da India a Nós
,, sujeitas, mas ainda dentro da nossa
,, Cidade de Goa, sejão os Idolos ve-
,, nerados; lugares em que mais fo-
,, ra razão que a Fé florecera; e por-
,, que tambem somos informados da
,, muita liberdade com que celebrão
,, festas gentilicas, vos mandamos,
,, que descubrindo todos os Idolos
,, por ministros diligentes, os extin-
,, guais, e façais em pedaços, em
,, qualquer lugar onde forem achados,
,, publicando rigorosas penas contra
,, quaesquer pessoas que se atreverem
,, a lavrar, fundir, esculpir, debuxar
,, pintar, ou tirar á luz qualquer fi-
,, gura de Idolo em metal, bronze,
,, madeira, barro, ou outra qualquer
,, materia, ou trazelos de outras par-
,, tes; e contra os que celebrarem pu-
,, blica, ou privadamente alguns jo-
,, gos, que tenhão qualquer cheiro
,, gentilico, ou ajudarem, e occulta-
,, rem os Bramenes, pestilenciaes ini-
,, migos do nome Christão. A qual-
,, quer de todos os sobreditos, que
,, encorrerem em semelhantes crimes,
,, he nossa vontade que os castigueis
,, com a severidade que dispuser a pre-
,, matica, ou bando, sem admittir ap-
,, pel-

,, pellaçam , nem dispensar em cousa
,, alguma ; e porque os Gentios se
,, sugeitem ao jugo Evangelico , náo
,, só convencidos com a pureza da
,, Fé , e alentados com a esperança da
,, vida eterna , senáo tambem ajudados
,, com alguns favores temporaes , que
,, amansáo muito os coraçoens dos sub-
,, ditos ; procurareis com muitas ve-
,, ras , que os novos Christáos d'aqui
,, a diante consigáo , e gozem todas as
,, exempçoens , e liberdades dos tri-
,, butos , gozando dos privilegios , e
,, officios honrados , que até aqui cos-
,, tumaváo gozar os Gentios. Have-
,, mos tambem sido informados , que
,, em nossas armadas váo muitos In-
,, dios forçados , fazendo para isso des-
,, pesas involuntarias ; e desejando Nós
,, o remedio de tam grande excesso ,
,, vos mandamos , que d'esta violen-
,, cia sejáo os Christáos isentos ; e
,, sendo a necessidade muy urgente ,
,, provereis , como , em caso que váo ,
,, se lhes dê satisfaçáo cada dia de
,, seu trabalho , com a fidelidade que
,, de vosso cuidado , e diligencia espe-
,, ramos. Havendo tambem sabido de
,, pessoas graves , e fide dignas (com
,, particular sentimento nosso) que
,, alguns Portuguezes compráo escra-

,, vos

,, vos por pouco preço para os ven-
,, der aos Mouros, e outros mercado-
,, res barbaros, por interessar alguma
,, cousa nelles, com notavel detrimen-
,, to de suas almas, pois poderião fa-
,, cilmente ser convertidos á Fé; vos
,, mandamos empregueis todas vossas
,, forças em atalhar tamanho mal, im-
,, pedindo semelhantes vendas, pelo
,, grande serviço que nisso se faz a
,, Deos, e nos fareis, se com o ri-
,, gor que o caso pede, remediais
,, huma cousa que tão mal nos pare-
,, ce. Procurareis, que se refree a ex-
,, cessiva licença de muitos usurarios,
,, que havemos sabido andão, sem em-
,, bargo de huma ley das antigas de
,, Goa, a qual desde logo revogamos,
,, e vós revogareis, tirando-a do cor-
,, po das demais, como contraria á
,, Religião Christãa. Em Baçaim dareis
,, ordem, como se levante logo hum
,, Templo com a invocação de Sam
,, Joseph, sinalando-lhe por nossa con-
,, ta renda para hum Reitor, e al-
,, guns Beneficiados, e Capellaens,
,, que nelle sirvão. E porque os Prega-
,, dores, e Ministros da Fé padecem
,, algumas necessidades por tratarem da
,, conversão dos Gentios, queremos,
,, e he nossa vontade, que se lhes
,, dem

„ dem algumas ajudas de custo, e só
„ para isto lançareis de tributo cada
„ anno, tres mil pardáos ás Mesqui-
„ tas, que tem os Mouros em nossos
„ senhorios. Tambem por conta de
„ nossas alfandegas, e direitos, dareis
„ trezentas fanegas de arroz perpe-
„ tuas, para alimentos d'aquelles, que
„ nas terras de Chaul ha convertido,
„ e converter o Vigario Miguel Vaz;
„ à qual quantidade mandamos entre-
„ gar ao Bispo, para que elle a repar-
„ ta, conforme vir a necessidade. Ha-
„ vemos tambem sabido, que nas ter-
„ ras de Cochim são defraudados os
„ pesos, e medidas dos Christáos de
„ S. Thomé pelos nossos mercadores,
„ que alli vendem pimenta, e que
„ lhes tirão as crescenças que com jus-
„ to peso, e medida se davão de so-
„ bejo, conforme o antigo costume,
„ aos quaes por muitos respeitos forá
„ melhor favorecer, que aggravar;
„ pelo que dareis ordem, que se lhes
„ guardem seus antigos costumes. As-
„ si mesmo tratareis com ElRey de
„ Cochim, que faça tirar certos ri-
„ tos, e superstiçoens Gentilicas,
„ que na venda da pimenta costumão
„ fazer seus agoureiros, pois nisso
„ lhe vay pouco a elle, e he de

„ gran-

,, grande escandalo para os Christãos,
,, que alli contratão. E porque ha chegado á nossa noticia a violencia,
,, que este Rey faz aos Indios, que
,, recebem a Fé, tomando-lhes as fazendas; procurareis com muitas veras, apartar ao dito Rey (a quem
,, sobre o caso escrevemos) de tão
,, barbara crueldade, pois d'ella resulta tanto mal para as almas, e
,, corpos de seus vassallos; o que fará
,, por ser nosso amigo, pondo vós da
,, vossa parte o cuidado que vos encomendamos. E no que por vossas
,, cartas, e informaçoens nos avisastes ácerca de livrar os povos de
,, Socotorá da miseravel servidão em
,, que vivem, nos pareceo remedialo
,, de maneira, que o Turco, cujos
,, vassallos são, não infeste esses mares com suas armadas, o que provereis, como mais convier, com
,, conselho do Vigario Miguel Vaz,
,, cuja experiencia vos ajudará muito, assi neste, como em todos os
,, negocios arduos que se offerecerem.
,, Os da pescaria das Perolas, além
,, de outros males, e aggravos que
,, padecem, sabemos que recebem
,, dano em suas fazendas, constrangendo-os nossos Capitaens com pou-

,, co

,, co temor de Deos, a que só para
,, elles fação a pescaria com condi-
,, çoens intoleraveis. Polo que dese-
,, jando Nós, que nenhum de nossos
,, vassallos padeça aggravo, ou vio-
,, lencia, vos mandamos que aos taes
,, povos se lhes não faça semelhan-
,, te aggravo, nem nossos Capitaens
,, pretendão acquirir tam injusta pos-
,, se. E assi para evitar taes vexaçoens,
,, e forças, vereis se aquellas costas
,, estão sufficientemente guardadas, e
,, se he possivel cobrarem-se nossos
,, direitos, sem que alli haja armadas;
,, e achando que isto pode ser, tira-
,, reis nossos Capitaens, mandando que
,, não se navegue por aquellas cos-
,, tas, porque d'esta maneira possão
,, os naturaes gozar suas fazendas, e
,, se escusem aggravos, e extorçoens.
,, Sobre tudo vos encomendamos,
,, que em tudo o que se offerecer
,, consulteis ao Padre Francisco Xavier,
,, e principalmente sobre se convem ao
,, augmento da Christandade da costa
,, da Pescaria, que os novamente con-
,, vertidos se não occupem nella; ou,
,, quando se lhes permitta, que seja
,, de maneira, que se conheção nel-
,, les, com a nova Religião, novos
,, costumes, limitando-se-lhes a grande

,, sol-

,, soltura com que se hão nella. Ha-
,, vemos tido tambem informação,
,, que os que de novo se convertem
,, da Gentilidade á nossa santa Fé;
,, são maltratados, e desprezados de
,, seus parentes, e amigos, dester-
,, rando-os de suas casas, e despo-
,, jando-os de suas fazendas com tan-
,, ta injuria, e violencia, que lhes
,, he forçoso viver miseravelmente,
,, com grande necessidade, e trabalho;
,, para que cousa semelhante se reme-
,, dee, fareis, com conselho do Vigario
,, Miguel Vaz, sejão soccorridos á
,, nossa custa, entregando o que se
,, lhes houver de dar ao Reitor que
,, d'elles tiver cuidado, para que ca-
,, da anno lho reparta da maneira que
,, mais convier. Juntamente havemos
,, sabido, que de Ceilão se veyo para
,, Goa hum mancebo fugindo á furia,
,, e indignação de seus parentes, e
,, que sendo (como he) de casa Real,
,, lhe pertence a successão do Reyno;
,, sobre o que nos pareceo, que para
,, exemplo dos mais convertidos, e
,, por converter, o accommodeis, já
,, que he Christão, no Collegio de
,, S. Paulo d'essa Cidade, onde á nos-
,, sa custa seja provido de tudo o que
,, lhe for necessario para sua sustenta-
,, ção,

„ çáo, e regalo, e casas onde este-
„ ja, em maneira, que bem se veja
„ nossa grandeza com semelhantes pes-
„ soas; além do que tratareis de ave-
„ riguar o direito que pertende ter
„ ao Reyno, e o que acerca deste pon-
„ to vos constar, nos mandareis au-
„ thentico, para provermos o que
„ mais convier; e entretanto he nos-
„ sa vontade, que com todo o rigor
„ tomeis conta ao Tyranno das cruel-
„ dades que executou nos que á nos-
„ sa santa Fé se converteráo, obri-
„ gando-o que dê satisfaçáo a tam
„ grande insolencia, para que todos
„ os Principes da India vejáo quanto
„ nos apraz a justiça, e como toma-
„ mos á nossa conta o favorecer os
„ que pouco podem. E porque nam
„ he conveniente, que os officiaes
„ Gentios fundáo, pintem, ou la-
„ vrem (como atégora se lhes permit-
„ tio) imagens, e figuras de Chris-
„ to Senhor nosso, nem de seus San-
„ tos para venderem; mandamos que
„ ponhais toda a diligencia em o im-
„ pedir, pondo penas que o que se
„ provar que fez alguma imagem das
„ sobreditas, perca sua fazenda, e
„ lhe dem duzentos açoutes, por-
„ que sem duvida parecerão muito
„ mal

,, mal imagens, que representão mys-
,, terios tam santos, andarem por
,, mãos de idolatras Gentios. Da mes-
,, ma maneira sabemos, que as Igre-
,, jas de Cochim, e Coulão, que
,, de novo se começarão, estão por
,, acabar, descubertas, e expostas a
,, todas as inclemencias do tempo, o
,, que não só parece mal, mas ainda
,, he em prejuizo do edificio; pelo
,, que mandareis que se continuem até
,, se acabar, sem reparar no custo; e
,, isto por mãos, e traça dos melho-
,, res architectos, e officiaes. Em Na-
,, rão mandareis tambem edificar hu-
,, ma Igreja em honra, e com a in-
,, vocação do Apostolo S. Thomé, e
,, acabar em Calapor a que está co-
,, meçada com o nome de Santa
,, Cruz; e na ilha vezinha de Corão
,, levantareis outra da traça, e ma-
,, gestade que vos parecer convenien-
,, te, pois he cousa, que nada mais
,, despertará nos Gentios a devoção
,, ás cousas de nossa santa Fé, que
,, a affeição que de nossa parte virem.
,, Além do que vos encomendo muy
,, apertadamente, que em lugares ac-
,, commodados fundeis estudos, e ca-
,, zas de devoção, às quaes em cer-
,, tos dias acudão aos Sermoens e pra-

,, ti-

,, ticas espirituaes, não só os Chris-
,, tãos, mas tambem os Gentios, pa-
,, ra que por esta via se affeiçoem á
,, nossa santa Fé, e ao conhecimen-
,, to dos erros em que vivem, alumi-
,, ando-lhes as almas com a luz do
,, Evangelho; para o que escolhereis
,, ministros em que haja as partes,
,, que semelhante ministerio requere.
,, E porque sobre tudo grandemente
,, desejamos, que nesse Estado seja o
,, nome do Senhor Deos conhecido, e
,, reverenciado, e sua santa Fé rece-
,, bida, queremos, e he nossa von-
,, tade, que em todas as terras de Sal-
,, sete, e Bardez, sejão de raiz ar-
,, rancados todos os idolos, e o cul-
,, to infernal, que nelles ainda se lhes
,, faz; e para que isto se execute com
,, menos difficuldade, e sem ser para
,, isso necessaria força, ou violencia
,, alguma, ordenamos que os Prégа-
,, dores em seus Sermões, e disputas
,, lavrem com tanta prudencia, e ze-
,, lo os coraçoens dos Gentios, que
,, com o favor de Deos, conheção o
,, o bem que se lhes procura, em os
,, trazer ao conhecimento de seus er-
,, ros, e tirar da miseravel servidão
,, do Diabo em que estão, da qual
,, só se podem livrar, abraçando-se

,, com a santa Fé, que he o caminho
,, unico de conhecer a cegueira em
,, que os traz Satanás, para não ve-
,, rem quanto lhes importa a salvação
,, de suas almas; e polo muito que
,, importa a este negocio, que os mi-
,, nistros d'elle sejão de boa vida, e
,, costumes, e letras sufficientes, os
,, elegereis taes, que se pos a esperar
,, d'elles o effeito que desejamos; en-
,, comendar-lhes-eis o cuidado, e di-
,, ligencia, que importa ponhão da
,, sua parte, e da vossa procuray attra-
,, hir, e favorecer a todos, em parti-
,, cular aos nobres, e principaes (a
,, cujo exemplo os de mais se movem)
,, de maneira, que reduzidos estes á
,, nossa santa Fé, pouca difficuldade
,, haverá em converter a gente com-
,, mum, que logo fará o que vir fa-
,, zer aos seus mayores. Os que se
,, converterem sejão bem tratados, pa-
,, ra que os mais se affeiçoem, favo-
,, recendo-os não só em geral, mas
,, ainda em particular, por pobres, e
,, miseraveis que sejão. De tudo isto
,, nos pareceo dar-vos conta, para que
,, segundo a confiança que de vossa
,, diligencia, e cuidado temos, deis a
,, tudo o remedio, de que resultará a
,, Deos nosso Senhor muita gloria, e
,, Nos

„ Nós vo-lo teremos em particular ser-
„ viço. Dada em Almeirim a oito de
„ Março, anno do Nascimento de nos-
„ so Senhor Jesu Christo de mil qui-
„ nhentos quarenta, e seis.

REY.

D'esta carta deu D. João á execução aquillo que com as armas na mão podia obrar, porque foy o tempo de seu governo huma continuada batalha, e os soldados com as licenças da guerra estavão mais promptos a estragar leys, que a emendar costumes; porem a historia nos mostrará não leves argumentos de seu zelo, gratificado do Ceo com sinaes, e maravilhas, de que referirey huma, que aconteceo nas Malucas, que por ter a direcção de seu governo, substanciarey o caso brevemente, como he meu costume.

Milagroso successo nas Malucas.

Havia naquellas Ilhas resplandecido a luz do Evangelho, porque S. Francisco Xavier, como fiel obreiro da vinha do Senhor, alimpou em grande parte aquella terra das espinhas, e cardos da infidelidade; se bem devemos a primeira cultura ao grande Portuguez Antonio Galvão, valeroso Governador, e Apostolo zeloso d'aquelle paganismo. Ao valor respondeo o zelo com maravilhosa conversão de al-

mas, que recebêrão com o Bautismo o suave jugo de Christo, assi da plebe, como dos Regulos, e Magnates, todos dóceis á obediencia do Evangelho. Sentia o Demonio, que naquellas trévas da Gentilidade apparecesse a luz do Ceo a descobrir-lhe os caminhos da vida: e armou contra a innocente Christandade hum Gentio d'aquellas partes, que havia tyrannizado a Ilha de Moro, e se dizia Tolon; o qual com zelo infernal começou a perseguir os novos convertidos, obrigando-os com inventadas crueldades a ser apostatas da Fé que tinhão professado, pela qual muitos chegarão a derramar o sangue com felice martirio; porém outros com fé menos robusta cedêrão aos tormentos. Crescia o desaforo do Tyranno com injuria de nossas armas, obrigadas ao castigo d'este idolatra em obsequio da Fé, e serviço do Estado. Os perseguidos, e os temerosos acudião com queixas aos Portuguezes, que estavão em Ternate, os quaes resolutos a domar este Barbaro, se dispuserão, com mais zelo, que forças, a busca-lo em sua mesma casa. Não pode ser este movimento tão occulto, que o não entendesse o Tyranno, que se aperce-beo

beo para a defensa, fortificando a entrada da Ilha com trincheiras, e estacadas fortes; e quando os nossos ganhassem estes reparos, tinha cubertos os passos que guiavão á Cidade com estrepes, e puas de ferro, tocados de erva, onde passando os nossos furiosos da colera, e victoria, se perderião sem remedio. Assi foy, que vencida a primeira estacada, que os Barbaros largarão com facil resistencia, quiçá fiados no segundo engano, querendo a nossa gente passár incauta, cevada mais no alcance com a fugida do inimigo, (caso maravilhoso!) cahio do Ceo repentinamente tanta cinza, que fez parar os nossos, até que purificados os ares seguirão a victoria por sima dos estrepes, onde a cinza abrio caminho solido, e seguro; assi o referião depois os mesmos Barbaros admirados, servindo-lhes este milagre de argumento para as verdades da ley que perseguião.

Assi se davão as mãos na Asia a Fé, e o Imperio nos dias de D. João de Castro, trazendo em huma mão a ley, e n'outra a espada, dando que discorrer ao Oriente, sobre huma acção tão grande, como fora soster huma guerra voluntaria pola tutela de

Mea-

Meale, hum Mouro perseguido, a quem os vassallos negarão a fé, e os Principes de seu sangue hum piedoso amparo.

Pouco tempo o deixou reclinar a Asia sobre os triumphos de suas victorias, porque logo o começou a despertar Cambaya com os rumores de outra nova guerra, de que já as intelligencias do Estado ouvião os eccos: a qual referiremos em livro separado, por ser de nossa Historia a porção mais illustre.

LIVRO II.

COm a morte de Soltão Badur Rei de Cambaya, ficou o nome Portuguez mais temido, que amado dos Principes da Asia; porque como suas culpas erão occultas, e o castigo público, tinha Badur em favor de seu sangue os juizos dos homens, ou pola commiseração natural dos que padecem, ou por veneração da Regalia, e odio de nosso imperio, tão aborrecido por estranho, como por poderoso.

Trata ElRey de Cambaya de tomar Dio.

Mahamud Rey de Cambaya, herdeiro da Coroa, e da injuria de Badur, cuja morte, succedida no governo do grande Nuno da Cunha, referem nossas Chronicas, inflammado igualmente da gloria, e da vingança, emprendeo tomar aos Portuguezes Dio, e com liga de outros Principes lança-los da India; negocio (ao parecer dos seus) não muy difficil; porque discorrião, que o Estado era hum corpo monstruoso, pois tendo a cabeça no Occidente, nutria membros distantes de si mesmo por infinito espaço com tantos mares, e terras

ras interpostas; e que era tão grande o poder de Cambaya, que tanto com a ruina, como com a victoria podia opprimir o Estado, enfraquecido então por varios accidentes. Os Grandes, e Satrapas do Reyno se partião em pareceres differentes; huns ajuizavão já por fataes as armas Portuguezas em dano de Cambaya, argumentando com o primeiro cerco, do qual ainda tinhão as feridas, e a memoria fresca; e ainda que os estimulava a morte de Badur, com a paciencia de outros offendidos, desculpavão a sua. Reprendião os primeiros, que assentarão pazes com o Estado, e aos que agora intentavão quebra-las; estes porque não sabião guardar a fé, nem aquelles conhecer a injuria. Outros (como sóe succeder nas cousas incertas) discorrião ao contrario, e achavão tantas razoens para a guerra, como para a victoria.

Persuadido de Coge Çofar.

Entre todos Coge Çofar, o mais poderoso, e aborrecido de Cambaya, e que da privança d'ElRey lograva a melhor parte, persuadia cauteloso a guerra, crendo que com o perigo commum cessarião as envejas de sua fortuna, e as emulaçoens dos Grandes,

COGE ÇOFAR

Pag. 91.

des, como vicios da paz; e que com os postos, e meneyos da guerra, faria homens de novo, que como creaturas suas lhe seriáo fieis. Darey huma breve noticia deste homem, porque diversas vezes nestes escritos se ha de ouvir seu nome.

Quem era Coge Çofar.

Foy Coge Çofar de nação Albanez, filho de pays Catholicos, ainda que da raiz degenerou o fruto. Servio alguns annos nas guerras de Italia, mais conhecido por insolente, que soldado; nos motins, e rebelliões era buscado como peyor que todos; assi passou alguns annos aquella vida livre, sem premio, nem castigo; e como homem inquieto, querendo antes buscar a fortuna, que esperala, mudou de profissão, passando de soldado a mercador, porque era intelligente, e cobiçoso, e para seus intentos era este caminho mais breve, e mais seguro. Começou em pouco tempo a crecer nos tratos, como quem sabia as opportunidades, e monçoens do commercio, sendo em hum mesmo tempo, liberal, e avaro, servindo-se com artificio dos vicios, e virtudes. Veyo em fim a medrar com cabedal, e credito, de sorte, que navegando o Estreito com

tres

tres setías suas, carregadas de differentes drogas, encontrou a Rax Solimão, General do Soldão do Cairo, que o envestio, rendeo, e despojou. Foy a presa mayor que a victoria, e Solimão por credito de sua mesma fama, lhe fez honrado tratamento, apresentando-o ao Soldão, como prisioneiro de mayor porte, fazendo mayor estimação da pessoa, que da presa. Começou Coge Çofar a contentar-se de sua desgraça, como se a buscara; tinha sufficiente pratica da guerra, aprendida nos exercitos de Italia, e Flandres; fallava no poder dos Christãos com odio, e desprezo, como ensinando ao Soldão a conhecer suas mesmas forças. Com estes artificios veyo o Soldão a pôr os olhos no escravo para cousas mayores; começou a ouvi-lo, ao principio por curiosidade, logo por affeição. Approvava-lhe Coge Çofar os erros, e os acertos, com huma lisonja tam encuberta, que parecia liberdade, porque não mostrava que queria agradar, senão servir. Encubria a graça do Soldão, e evitava favores públicos, mais cauto, que modesto. Chegou a ser Thesoureiro do Cairo, officio de grande confiança, que administrou com jui-

zo, e verdade; louvadas pelo Soldão, como virtudes entre barbaros novas. Era o seu voto de mayor peso nos conselhos de guerra, já pola pratica, já pola valia. Nas facçoens contra Christãos, votava com grande bizarria, particularmente nas que se havião de executar por outros; e assi cresceo de maneira, que já não podia com sua mesma fortuna; e não querendo conservar-se com as mesmas artes, com que havia medrado, veyo a descubrir a ambição, e soberba; fez-se senhor dos lugares, buscando com mayor attenção os postos, que os amigos; os quaes já não queria para arrimo, nem para companhia; só do Soldão queria parecer escravo, e dos outros senhor. Empenhava, e destruia os mayores com pretextos públicos, como querendo introduzir Monarchia de dous; até que cansados os Mouros de tão servil paciencia, começarão a publicar queixas com que perturbar o animo do Soldão na graça de Çofar, assi lhe representarão com grande sentimento seus aggravos, dizendo, que já era escusado armar galés contra Christãos, se depois havião de fazer Senhores a seus mesmos escravos, quando os Turcos mais no-

bres

bres recebiáo dos Christáos táo cruel tratamento, que andaváo por Italia, e Hespanha arrastando cadêas; chegando a escrever-lhes no rosto com infames letras os sinaes de cativos; que náo era toleravel, que tantos Baxás Illustres estivessem recebendo leys de hum vil escravo; que ainda que viáo com seus olhos cada dia suas mesmas injurias, já náo podiáo sofrer as do Propheta; náo entrando em suas Mesquitas hum vil Christáo, soberbo, e irreverente, que náo faltava já mais, que nas praças do Cairo, mandar levantar Cruzes, e adora-las.

Foráo estas cousas ditas com tanta liberdade, que mais pareciáo conjuraçáo, que queixa; e como entre os aggravos particulares envolviáo a causa da Religiáo, que costuma levar tras si a justificaçáo, e amor público, foráo bem ouvidas do Soldáo, privando a Çofar dos cargos, e mandandolhe que mudasse de crença: táo caduca he a graça dos Principes, ainda com suas creaturas mesmas.

Vendo-se Çofar cahido, tornou a vestir a primeira humildade, e as artes, que a necessidade do tempo lhe ensinava; e como de Christáo só conservava o nome, e a memoria, foy-

foy-lhe facil trocar polo veneno do Alcoráo a saude Evangelica, mudando o nome imposto no Baptismo, por este de Coge Çofar, que lhe dèmos anticipadamente, por ignorarmos o primeiro que teve. Feito Çofar cultor de Mafamede, começou a grangear mayores confianças com os Mouros, saneando o odio dos emulos com dadivas, e o da plebe com a nova apostasia, com que purgou as sospeitas na fidelidade, obrando com ambiçáo mais cauta, com que se fazia mais affabel aos inimigos, que aos estranhos; mas conhecendo a instabilidade do Soldáo, temeroso de segunda queda, náo tendo por segura huma vontade já reconciliada, matando huma noite á traiçáo a Rax Solimáo seu mortal inimigo, com hum filho que tinha, juntou as joyas, e dinheiro que pode, e se passou secretamente ao serviço d'ElRey de Cambaya, de cuja grandeza, e liberalidade tinha inteiras noticias, e da estimaçáo que fazia de homens estrangeiros, principalmente d'aquelles que tinháo alguma pratica das guerras, e politica de Europa. Respondeo-lhe o successo ao pensamento, porque em breve tempo chegou a gozar a melhor

Como veyo a Cambaya.

par-

parte da graça de Badur, ou já por sua fortuna, ou por sua industria; sendo companheiro de suas victorias, e de suas desgraças, achando-se na ultima de sua morte, como nossas historias referem; porém já tão engrandecido nos favores Reaes, que em poder, e authoridade, era o mayor vassallo; conservando com Mahamud successor da Coroa a mesma estimação; ao qual inflammava na vingança da morte de Badur, pelos fins que temos referido, e por merecer a graça do novo Principe, com o amor, e fidelidade que mostrava ás cinzas do defunto; he fama, que ante o Rey, e Satrapas de Cambaya fallou nesta substancia.

Suas razoens para a empresa de Dio.

,, As mercês que por espaço de dez ,, annos recebi de Soltão Badur, são ,, manifestas a todos; aos de fóra com ,, espanto de sua grandeza, aos de ,, casa com enveja de minha fortu- ,, na; poz-me os olhos, e levantou- ,, me como vapor da terra, antepon- ,, do-me estranho, e peregrino, aos ,, que lhe nascerão em casa; sendo ,, vassallo me tratou como amigo, e ,, me amou como filho. A este cle- ,, mentissimo Principe (cujas cinzas ,, venero como de Senhor, choro co-

mo

,, mo de pay), de baixo do sagrado
,, da paz, tirarão os Portuguezes a
,, vida com escandalo de todos os
,, Reys, e não menor injuria de seus
,, vassallos, indignos de o haver-
,, mos sido de Principe tão grande,
,, pois insensiveis, e ingratos esta-
,, mos alimentando os homicidas de
,, nosso Monarcha em nossa mesma
,, casa, gozando como herança a
,, praça, que asseguraráo com tão
,, atróz delicto; hontem hospedes,
,, e agora senhores. Vós, ó Princi-
,, pe herdeiro, e senhor d'este Impe-
,, rio, vedes vossos vassallos cada
,, dia receber leys d'estes insultuosos;
,, á vós toca determinar a quem ha-
,, vemos de obedecer primeiro, se a
,, nosso Rey, se a nossos inimigos.
,, Crescerá com a nossa paciencia o
,, seu atrevimento. Depois de com-
,, mettido o mayor delicto, qual não
,, terão por leve? Quem duvidará
,, ser offensor onde se não vingão in-
,, jurias? Acabemos pois de desper-
,, tar d'este mortal lethargo; meta-
,, mos até os cotovelos os braços no
,, sangue d'estes crueis tyrannos; nes-
,, te veneno banhemos os alfanges,
,, porque percão com as vidas a glo-
,, ria de tão grandes insultos. Com

,, a

,, o sangue de Badur receberão as armas Portuguezas a mayor fama do mais atroz delicto; e deixámos-lhes na mão a espada, com que nos degolarão o Rey, para que com ella mesma nos usurpem o Reyno; tiremos pois d'entre nós estas viboras nascidas no ultimo Occidente para inficionar a Asia toda, como se verá discorrendo por seus estragos, que elles chamão victorias. E começando naquelle primeiro Gama, a quem os mares, para perturbar a paz do Oriente, derão fatal passagem, o Çamorim de Calecut foy o primeiro a quem cortou seu ferro. As náos de Meca, que no amparo do Propheta, e paz das ondas, navegavão seguras, forão assaltadas, e rendidas d'este feliz Cossario, que tantos annos, como monstro do mar, teve por casa as ondas, e por abrigo os ventos, e as tormentas. Pois aquelle D. Francisco de Almeyda, que em hum só dia, e com o mesmo golpe destroçou as armadas de Egypto, e Cambaya, que na vingança da morte de seu filho, parece que queria beber o sangue do Oriente todo; se hum Albuquerque succes-

,, sor

,, sor de sua crueldade, e seu governo, lhe não viera tirar das mãos a espada. Este nasceo para injuria de todas as Monarchias, porque com senhorear Malaca, poz a todo o Sul freyo; rendeo Ormuz, emporio das riquezas do Mundo; tomou Goa ao Sabayo para cabeça de seu tyrannizado imperio; e sem trazer os exercitos de Xerxes, ou Dario, fez tributarios mais Reynos do que trazia soldados; levantando o pensamento a querer tirar de Meca o corpo do Propheta; poz em conselho mudar ao Nilo as correntes, para alagar o Egypto; emprendendo seu espirito fazer duas tão famosas injurias, huma ao Ceo, outra á natureza. Não poderey referir a ambição de tantos, que com nossas injurias se fizerão illustres, porque temo me não caiba no tempo, ou na memoria; porém lançay pelas mais remotas partes do Oriente a vista, ou o juizo, vereis a mayor parte do Mundo receber leys de poder tão pequeno. Elles navegão d'aquella parte de Africa, que corre do Cabo de Boa Esperança até ás portas do Estreito do mar Roxo, dominando por aquella

,, parte Moçambique, Çofala, Quiloa, e Mombaça; e discorrendo
,, o Cabo de Guardafú, olhando para as gargantas do mar Roxo, Adem,
,, Xael, Herit, Caxem. Temem suas
,, armadas as Cidades de Dofar, e
,, Norbete no Cabo de Fartaque, e
,, logo Curia, Muria, Rozalgate.
,, Aqui fica a Cidade de Ormuz; alli
,, a Ilha de Queixome, Curiate, Calayate, Mascate, Orfacão, e Lima; o Cabo Mocandão, e Jazque,
,, que formão a boca do Estreito,
,, que se estende até o rio Indo; logo o Cabo Guzarate, e Cinde nesta nossa Cambaya, donde até o
,, Cabo de Comori passeão suas armadas á India por espaço de trezentas legoas, e começando d'esta nossa Cidade de Cambaya discorrem por Madigão, Gandar, Baroche, Çurrate, Reyner, Moscarin, Damão, Taraper, Baçaim,
,, Chaul, Bandor, Cifardão, Galanci, Dabul, Cortapor, Carepatão,
,, Tamega, Banda, Chaporá. Senhoreão Goa, assento de seus Governadores, logo o maritimo do Canará, com Onor, Baticalá, Braçalor, Bracanor, e Mangalor; e
,, logo aquella parte principal do Ma-

,, la-

,, labar, que aquentão suas frotas,
,, onde está o Reyno de Cananor,
,, e nelle Catecoulão, Marabia, Tra-
,, mapatão, Maim, Parepatão. Com
,, não menos soberba assombrão o Im-
,, perio de Calecut com seus pór-
,, tos de Pandarane, Coulate, Cha-
,, ré, Capocate, Parangale, Tanor,
,, Panane, Balcançor, e Chatua. Nos
,, Reynos de Cananor, e de Co-
,, chim quasi dominão com absoluto
,, imperio em Porcà, Coulão, Cale-
,, coulão, Dotorá, Birinjão, Travan-
,, cor. Alcança o respeito de suas ar-
,, mas até o famoso Cabo Comori,
,, defronte do qual está a illustre Ilha
,, de Ceilão, onde carregão as nãos
,, de differentes drogas. Não perdoão
,, á enseada de Bengala, ou sêo de
,, Ganges, avistando Tacancuri, Ma-
,, napar, Vaipar, Calegrande, Cher-
,, capale, Tutucuri, Calecare, Bea-
,, dala, Canhamorra. Correm Nega-
,, patão, Nabor, Triminipatão, Tra-
,, gunbar, Colerão, Calapate, Sa-
,, drapatão. Amedrentão com a mul-
,, tidão, e grandesa de seus bai-
,, xeis Bisnaga, e a costa brava de
,, Orixa, e toda aquella distancia,
,, que ha de Segopora até Oristão,
,, e as bocas do Ganges. Atraves-

,, são o cabo de Negraes, Arra-
,, cão, e Pegú com tantas, e tão
,, maravilhosas Ilhas. Passão por Va-
,, gatù, e Martavão, Tagala, e Fa-
,, vay, Tanaçari, Lungur, Tairão,
,, Quedá, Solungor, navegando até
,, sua Malaca, cabeça de todo aquel-
,, le Archipelago. E logo dobrando
,, o cabo de Sincapura, ancórão nos
,, portos dos Reynos de Sião, Cam-
,, baya, Champá, e Cochinchina. E
,, passando aos Reynos da China,
,, se atreverão a olhar aquelle tão re-
,, catado Imperio, que nunca so-
,, freo a communicação de gentes es-
,, trangeiras; alli fundarão a cele-
,, bre Cidade de Macáo, por onde
,, persuadem aos Chins os Misterios
,, de sua ciença fazendo juntamente
,, do commercio á Religião escada.
,, D'aqui se divertem para as innume-
,, raveis Ilhas de Japão, visitando
,, Java, Timor, Borneo, Banda,
,, Maluco, Lequios; de sorte, que as
,, velas Portuguesas com incansavel
,, navegação, rodeão a mor parte do
,, Mundo em distancia de mais de
,, nove mil legoas; que a tão ardua
,, navegação os estimulou sua ambi-
,, ção, guiou sua fortuna. Repeti pro-
,, lixamente todo o maritimo da Asia,
,, on-

„ onde as armas Portuguesas , por
„ imperio , ou commercio se háo fei-
„ to conhecidas , porque de táo der-
„ ramadas Conquistas , faz o Mun-
„ do erradamente o mayor argumen-
„ to de seu poder , e eu de sua fra-
„ queza ; porque sendo Portugal hum
„ abreviado Reyno no ultimo Occi-
„ dente , e com perpetuas guerras na
„ Africa vezinha , onde se consu-
„ mem com os successos prosperos ,
„ e adversos , comendo-lhes sempre
„ gente a guerra nas facçoens , e nas
„ praças que guarnecem , e agora
„ náo podendo caber aonde nasceráo ,
„ como aborrecendo o Ceo , e o cli-
„ ma , que os ha produzido , andáo
„ vagando o Mundo , como se lhes
„ fora usurpado o senhorio dos ho-
„ mens , das terras , e dos ventos.
„ Agora deixo ao mais rasteiro enten-
„ dimento , que julgue o pouco que
„ se podem temer forças táo divi-
„ didas , as quaes na mayor prospe-
„ ridade váo acabando suas mesmas
„ victorias. Que temos que recear des-
„ te imperio de loucos , que com hum
„ braço na Asia , outro no Occidente
„ querem abarcar o Mundo. Na India
„ tem muitos Principes sojeitos , porem
„ nenhum amigo , todos os dominan-
„ tes

,, tes adoráo, e aborrecem, porque
,, com nenhum assentaráo os Portu-
,, guezes paz, se náo depois de vi-
,, ctorias, e estragos; desorte que náo
,, o amor, se náo a injuria os tem
,, feito conformes; e todos estes ser-
,, vem em quanto náo podem offen-
,, der. Mas que será se virem a Sol-
,, táo Mahamud armado na campa-
,, nha? Quem duvida, que todos os
,, offendidos seráo nossos soldados?
,, Fizeráo muitos Reys tributarios á
,, força de armas, e dado, que d'el-
,, las mesmas hoje recebem amparo,
,, mais facilmente esquece hum be-
,, neficio, que huma injuria. Selim
,, Senhor dos Turcos ainda vê aber-
,, tas as feridas dos seus Janizaros re-
,, cebidas em Dio, e quem está táo
,, pouco costumado a receber inju-
,, rias, náo perderá a occasiáo de vin-
,, gar a primeira; ou sendo author da
,, guerra, ou companheiro nella, ambi-
,, cioso tambem de que a melhor par-
,, te do Mundo conheça seu imperio.
,, O Çamorim depois que entraráo os
,, Portuguezes no Oriente, náo tem
,, porto que náo fosse theatro de vi-
,, ctorias suas; e apenas tem vassallo
,, que náo fosse cortado de seu ferro.
,, O Hidalcáo cada dia vê regadas de

,, san-

„ sangue as terras de Bardéz, e Salsete; e depois de o Governador lhe fazer injusta guerra, trouxe Meale a Goa, querendo honestar-lhe sua ruina com a justiça alhêa. Todos os outros Principes se háo de armar contra o commum inimigo, para poderem respirar na antiga liberdade em que viviáo. Polo que a mim toca, os filhos, a fazenda, e a pessoa offereço à esta guerra; se acabar nella, em meu sangue verá Badur minha fidelidade; e em ambos os successos náo terey por menos honrada a morte, que a victoria.

O Soldão os approva, e lhe encarrega a empresa.

As razoens de Coge Çofar foráo bem ouvidas, pelo odio da causa, e authoridade da pessoa. ElRey, depois de lhe engrandecer a fidelidade, lhe commetteo a empresa, como à mayor que todos no zelo, e disciplina. Começou logo a dar calor aos aprestos, com differentes missões aos Reys vezinhos, acordando-lhes suas mesmas injurias, e offerecendo-lhes as armas de seu Principe, como em beneficio dos aggravos de todos. Despachou Embaixadores a Constantinopola convidando o Turco a restaurar o credito de suas armas com a expulsáo dos Portu-

tuguezes da India, negocio tão importante á Religião, como ao estado. Facilitava o soccorro, que lhe pedia, com hum donativo de tanta estima, que era mais apto a despertar a ambição do Turco contra suas riquezas, que a dar-lhe armas auxiliares com que as defendesse.

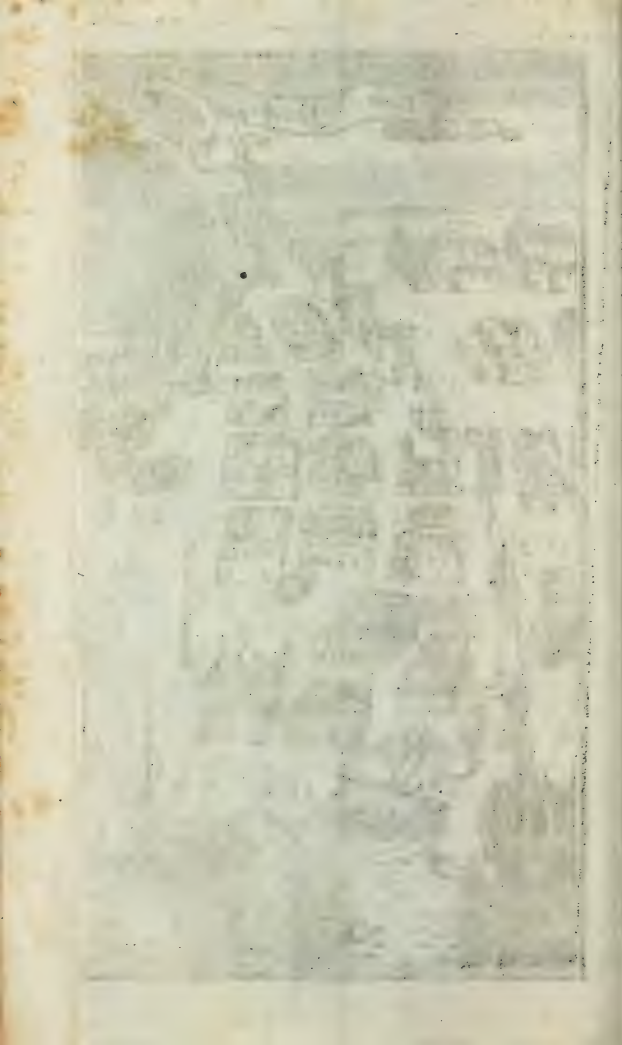
D. João Mascarenhas Capitão de Dio.

Era neste tempo D. João Mascarenhas Capitão mór de Dio, a quem o nascimento fez em Portugal grande, o valor no Oriente; varão tão benemerito de sua fama, como de sua fortuna. Este, sabendo por intelligencias secretas os desenhos de Coge Çofar, e que todos seus apercebimentos ameaçavão aquella fortaleza, escreveo ao Governador Dom João de Castro os avisos que tinha, e como estava falto de gente, muniçoens, e petrechos; descuidos que cobria a paz de tantos annos, ou quiçá assegurados os nossos no respeito da primeira victoria. Accrescentava, que os apresios do Soldão estavão muy avante, o inimigo vizinho, e que os temporaes do inverno não tardarião muito, com que ficarião cerradas as portas ao soccorro.

Avisa o Governador.

Que escreve ao Soldão.

Quando D. João de Castro recebeo este aviso, tinha já mandado duzentos soldados áquella fortaleza, debai-

Pag. 106.

baixo das Capitanias de Dom João, e D. Pedro de Almeyda, filhos de D. Lopo de Almeyda: erão os outros Capitaens Gil Coutinho, e Luiz de Sousa, filho do Chanceller mór do Reyno. E para conhecer o estado em que se achava o inimigo, despachou dous enviados praticos no maritimo, e sertão de Cambaya com cartas a Soltão Mahamud, em que lhe significava as noticias que tinha das conduçoens, e aprestos que fazia, de que lhe devia dar conta, pois como amigo o queria acompanhar na empresa; que na occasião presente lhe seria muy facil, por ter prompta no mar huma poderosa armada; e que tambem na fortaleza de Dio tinha soldados valerosos com muniçoens sobejas, aos quaes seria mais grato enriquecer com despojos da guerra, que com o soldo limitado de huma paz ociosa. E logo encomendou aos enviados, que notassem com sagacidade as forças do inimigo, os soccorros que tinha, o rumor do povo, para por elle penetrar os desenhos da empresa. Mas em quanto os nossos enviados dão á véla, poremos hum pequeno silencio nas cousas de Cambaya, por dar lugar aos successos de Maluco, que tiverão a direcção deste mesmo governo.

Es-

Direito dos Reys de Portugal sobre as Malucas

Estiverão as Malucas muitos annos á obediencia de nossas leys, descubertas, e conquistadas com as armas d'esta Coroa, que forão as primeiras da Europa, que virão aquellas Ilhas. As quaes entravão na nossa demarcação, conforme a repartição que os Papas fizerão entre os Reys de Portugal, e Castella, tendo ElRey D. Manoel em seu favor o direito das armas, e o das leys, nam sendo estas Ilhas de Portugal sómente por conquista, mas tambem por herança; porque no tempo d'ElRey Dom Manoel, o ultimo, e primeiro d'este nome, corrião naquellas Ilhas com igual prosperidade o divino, e humano, resplandecendo por beneficio de seu zelo as luzes do Evangelho nas trevas daquelle Paganismo, recebendo muitos Reynos de tão ditoso Principe Religião, e Imperio. Foy, entre outros ElRey Dom Manoel (que em Goa recebeo o Bautismo) Rey, e Senhor das principaes Ilhas de Maluco, o qual depois de bem instruido nos mysterios de nossa crença, voltando a governar, e doutrinar seus povos, faleceo em Malaca sem descendencia alguma; e por gratidão dos beneficios, que d'esta Coroa havia re-

recebido, deixou a ElRey D. João o Terceiro d'este nome por herdeiro dos Reynos de Maluco, em testamento solemne, outorgado com todas as legalidades civis, para que andasse vinculado successivamente na Coroa Portugueza. Estas Ilhas descubertas com trabalho, defendidas com o sangue, possuidas com justiça, viemos a deixar a Castella contra a opinião dos melhores Juristas, e Geographos.

O Governador as dá a Cachil Aeyro.

Achou o Governador D. João de Castro em Goa a Cachil de Aeyro, pessoa de grande authoridade nas Malucas, benemerito no serviço do Estado, e da linha Real do ultimo Principe Dom Manoel, o mais conjunto em sangue, porém tão pobre por varios accidentes, que passou á India, encõmendando-se á clemencia dos nossos. O Governador, parecendo-lhe suas miserias indignas de seu sangue (crendo que ficava a memoria de nossos Reys mais honrada com dar hum Reyno, do que recebe-lo) lhe deo a Envestidura da Coroa de Maluco, com que ficasse o uso da Regalia dependente do cetro Portuguez, nelle, e seus descendentes; attribuindo os Reys da India tão grande donativo, huns a prodigalidade, outros a despreso;

es-

espantando-se, que fizessemos tanto por acquirir, o que sabiamos largar tão facilmente.

Vão Castelhanos a ella.

Entretanto as cousas de Maluco estavão alteradas com a vinda de tres navios Castelhanos, que derrotados avistarão aquellas Ilhas, desembarcando na de Tidore para reparar-se das fortunas do mar, e levar a seu Principe sinaes mais certos de seu descobrimento. Deixarey de referir a opposição que os nossos lhe fizerão, por cahirem estes successos debaixo de outro governo, e andarem já com melhor penna escritos; tratarey só precisamente do succedido nos dias de D. João de Castro, o qual mandou a Maluco a Fernão de Sousa de Tavora para desalojar os Castelhanos, que convidados da abundancia, e riqueza da terra, querião gozar o fruto dos trabalhos alheyos, perturbando-nos a paz, e commercio d'aquellas Ilhas, de que a conquista, e herança nos fizerão duas vezes senhores.

Quem era Capitão dos Castelhanos

Governava os Castelhanos Ruy Lopez de Villalobos, homem mais cauteloso que valente. Este havia feito ostentação soberba das grandes forças do Emperador Carlos V. seu senhor, e dos grandes uteis, que podião receber

do

de sua amizade aquelles Reys Gentios na guerra, e no commercio, tratando a fama de nossas cousas com grande abatimento; e como na opinião dos homens he mayor o esperado, que o presente, algumas d'aquellas Ilhas tomarão a voz do Castelhano, buscando para isso motivos, ou aggravos, huns levres, e outros esquecidos.

Fernão de Sousa chega a Maluco.

Neste tempo aportou em Maluco Fernão de Sousa, mandado pelo Governador, que informado de Jordão de Freitas Capitão mór da fortaleza, do estado das cousas, entendeo, que o partido dos Castelhanos se engrossava na esperança do soccorro, e riquezas que promettião de Espanha; porém logo que Ruy Lopes teve aviso da vinda de Fernão de Sousa, e do negocio a que era mandado, querendo com arte escusar, ou entreter o rompimento com nosco, até chegar o soccorro de Espanha, que esperava; o mandou visitar, escrevendo-lhe saudaçoens corteses, lembrando-lhe que estavão entre Gentios, desejosos de nossas discordias, para ficarem senhores de si mesmos; que assaz de guerras, e inimigos tinhamos na India; que para povoarmos sós hum Mundo

O Castelhano trata entretê-lo.

tão

tão grande, eramos muito poucos; que nos offerecia suas armas para com ellas termos o Gentio mais obediente, porque como Espanhóes erão bons para soldados, e como Catholicos muy fieis para amigos; que considerasse, que era mais importante a Portugal a paz do Emperador, que o cravo de Maluco, porque estas dissenções entre vassallos podião vir a ter os effeitos das minas, que rebentão muito distantes donde se pega o fogo.

Reposta de Fernão de Sousa.

A esta carta composta de feros, e lisonjas, respondeo Fernão de Sousa, que elle era pequeno de corpo, mas tão abreviado na resolução, como na estatura; que aquellas Ilhas erão d'ElRey de Portugal seu Senhor, que com a mesma espada com que as ganhara podia defende-las; que bem sabia que era Espanhol, e Catholico, porém que isso não lhe dava justiça para tomarlhe a capa; que o Emperador não faria guerra a Portugal, sem ler primeiro nas Chronicas de Castella os successos de seus antecessores; que ou se havia de embarcar para a India, ou meter-se com os seus naquella fortaleza, onde lhe daria embarcação segura para Espanha.

D'esta carta tão dura entendeo o

Cas-

Castelhano, que Fernão de Sousa não queria curar o negocio com remedios largos, porém vendo que não podia resistir, nem lhe convinha obedecer, escreveo segunda vez a Fernão de Sousa, que suspendessem as armas, avisando a seus Principes do estado das cousas, para que elles com pacifico acordo determinassem a causa, porque se antes d'esta diligencia se derramasse sangue, ficaria por conta dos Reys vingar a injuria dos vassallos; que entre Portugal, e Castella havia direito, e aggravos, que a paz cobria; que não quizesse soprar o fogo sepultado nas cinzas de hum largo esquecimento; que se os Castelhanos se retirassem queixosos, facilmente os tornaria a trazer sua mesma offensa; que ainda que desbaratados do mar, e das doenças, se os obrigassem a condiçoens injustas, mayor força lhes faria o brio, que a necessidade em que estavão.

Continua o Castelhano no primeiro intento.

Fernão de Sousa, entendendo dos rodeyos d'esta carta, e de outras noticias, que os Castelhanos se queriáo remir com dilaçoens, respondeo, que deixados argumentos, tratasse de defender com a espada seu direito.

Ruy Lopes de Villalobos, vendo d'es-

Vem-se os dous Capitaens.

d'esta reposta que o entendião, ou que o desprezavão, escolheo deixar-se vencer da razão, primeiro que da força, e logo respondeo a Fernão de Sousa, que se vissem ao outro dia no mar com sós tres companheiros, para assentarem as condiçoens da passagem, e embarcação, que lhe offerecia; o que assi se fez, saindo Fernão de Sousa da fortaleza em huma embarcação lustrosamente toldada, e emproando com a dos Castelhanos, que já o aguardavão, sobre qual dos Capitaens havia de passar á outra, em ceremonias prolixas gastarão largo tempo. Entrou o Castelhano na de Fernão de Sousa, onde entre saudaçoens, e urbanidades, abrio a conversação porta ao negocio.

Acordo que tomão.

Tratou Fernão de Sousa com grande comedimento das razoens de sua causa, reduzidas a escrituras outorgadas entre os Reys de Portugal, e Castella, que Ruy Lopes de Villalobos folgou de ver, como quem de nosso direito havia de formar sua desculpa. Assi ficarão acordados, que dentro de tres dias virião os Castelhanos meter-se dentro na nossa fortaleza de Ternate, onde lhes darião embarcação para a India, levando livremente a roupa, drogas, e armas que tives-

vessem ; e que ElRey de Tidore seu faccionario ficaria em nossa graça. As solemnidades com que rematarão esta concordia, forão hum largo banquete, brindando alegremente ás saudes dos Reys : beneficio, que lhes repetirão muitas vezes. Ao convite accrescentou Fernão de Sousa o seu çaguate, ao uso da India, dando algumas joyas ao Capitão, e companheiros, com que os deixou mais satisfeitos do trato, que do despacho que levavão, porque com o sainete do cravo saboreavão os desabrimentos da terra.

Falta o Castelhano á promessa.

Despedidos os Capitaens se tornou Fernão de Sousa á fortaleza, contente de alhanar hum negocio tão escabroso, por meyos tam commodos á sua honra, como ao Estado. Ao terceiro dia, que era o aprazado para os Castelhanos se virem á nossa fortaleza, se pôz Fernão de Sousa muy galante, para demonstração do gosto com que esperava os hospedes, que foy buscar ao mar. O que sabendo Ruy Lopez despedio huma embarcação da terra, pedindo-lhe suspendesse o negocio para o seguinte dia, porque andava vencendo alguns inconvenientes; de que lhe daria conta. Fernão de Sousa entendendo, que a dilaçam era

E o que nisto faz Fernão de Sousa.

cautela, e que o Castelhano faltava no concertado, como lhe derão o recado no mar, mandou forçar a voga, e com mais paixão, que acordo, se foy meter desacompanhado entre os Castelhanos. O que visto por Ruy Lopez, o veyo esperar á praya com oitenta arcabuzeiros que trazia de guarda, e levando-o a seus oposentos, lhe deu conta da alteraçam, que entre os seus havia; porque D. Alonso Henriquez Capitão de hum navio, cobrindo seu particular interesse com o zelo de servir a seu Principe, não queria estar polo capitulado, e tinha convocados amigos, e homens inquietos, que sustentavão seu partido, persuadindo cousas fantasticas a ElRey de Tidore, e a outros, por engrossar seu bando, chamando, á sua sedição zelo, e á moderação do General fraqueza, pois entregava as armas, e as bandeiras de Espanha, que jurara defender com a vida, e privava o Emperador do Senhorio de tão abundantes Ilhas, e aos pobres soldados do fruto, e premio de navegação tam perigosa; e que os Portuguezes, como nação soberba, e sempre opposta á sua, farião riso, ou gloria de tão vil rendimento. Porém que elle sabia,

bia, que todas estas bizarrias armavão sobre falso, porque os não estimulava o serviço do Cesar, nem o zelo da honra, senão o amor do cravo, de que tinhão recolhido quantidades grandes, e não fiavão de nós, que lhes deixariamos levar a Espanha as novas d'esta droga, cuja valia lhes havia de compensar os perigos, e trabalhos passados. O que entendido por Fernão de Sousa, e os mais, que seguião sua voz, os assegurou nesta parte de todos seus receyos, e como o brio dos Castelhanos servia de cuberta ao interesse, se vierão ao outro dia meter na fortaleza, esquecidos dos brios com que bizarreavão.

Proposta de Çofar ao Capitão de Dio.

Mas já o estrondo das armas de Cambaya não sofre esta pequena digressam de negocios menores. Governava Coge Çofar esta guerra com absoluto imperio, livrando o bom successo d'ella, parte na força, e parte nos enganos. Em quanto pois juntava bagagens, e soccorros, que pela grandeza d'elles necessitavão de espaços differentes, escreveo a D. João Mascarenhas, que desejava tirar qualquer escandalo que perturbasse a paz capitulada entre o Soltão, e o Estado, para que se lograssem com recipro-

co amor os frutos de tam justa concordia; que no ajustamento passado tinhamos dado consentimento a que se fizesse hum muro entre a fortaleza, e a Cidade, o que se não executara por não mostrar desconfianças em tão tenra amisade; porém agora, que a paz de tantos annos tinha purgado qualquer injusto affecto, convinha satisfazer ao povo, que pedia esta separação, como sinal da liberdade em que vivia; que quando por aquella parte desmantelamos a Cidade, fora com a ira, ou licença da victoria, e que não querião os moradores acordar-se cada dia de sua injuria com tão feia memoria; que os sinaes do odio, como não estavão no animo, não era bem que se conservassem nas pedras derribadas; que pois eramos hospedes em Dio, não convinha dar leys como Senhores; e que levarião asperamente os moradores o que lhes ordenavão seus Reys, tolher-lho seus vezinhos, que de vassallos alheyos deviamos querer amizade, e não obediencia; que o Soltão lhe dera aquella Cidade, a qual determinava engrandecer com novos moradores, aos quaes queria mostrar, que aquella fortaleza não estava como freyo senão como am-

amparo de seus habitadores; que aos Portuguezes convinha dar grandes satisfaçoens ao povo, para assegurar huma paz fundada sobre aggravos.

Por esta carta entendeo D. João Mascarenhas, que Çofar buscava causas ao rompimento, havendo, que se lhe concedia o muro, facilitava a empresa; se lho negava, justificava a guerra; e assi lhe respondeo, que em huma paz tam assentada, como Mahamud tinha com o Estado, mais seguro lhe seria derribar paredes, que intentar levantalas; que o muro nem a nós seria de perigo, nem a elles de amparo; que entre a fortaleza, e a Cidade estava outro reparo mayor que a defendia, que era a fidelidade Portugueza; que do novo Senhorio lhe dava o parabem, e que dos Portuguezes, que alli estavão, fizesse a mesma conta que dos outros vassallos; que o negocio, que propunha, tocava ao Governador da India, o qual estava aprestando a armada para vir visitar aquella fortaleza, que chegado elle, lhe communicaria a sua proposta. E logo avisou ao Governador do Estado das cousas, que já pelos enviados, que mandara a Cambaya, tinha do cerco noticia mais inteira,

Reposta do Capitão.

E avisa ao Governador.

re-

recebendo do Soltão huma reposta incerta, sem declarar nem encobrir a jornada, fazendo relação intempestiva de passadas offensas, como quem (sem alterar a paz) queria começar a guerra.

Que soccorre Dio com gente, e municoens.

Porém o Governador, dando-se todo a este negocio, pesando a importancia d'aquella praça, resolveo sobre sua defensa empenhar as forças todas do Estado, sem perdoar a despesa, perigo, ou deligencia. A's Cidades de Baçaim, e Chaul, que erão as mais vezinhas, encomendou affectuosamente os soccorros de Dio, lembrando-lhes a honra, o premio, a obrigação; e logo em Goa mandou aperceber hum caravelão com municoens, e bastimentos, e duzentos e cincoenta soldados, que por acharem já os mares grossos, chegarão a Baçaim com trabalho, e tentando atravessar a Dio, forão os ventos tão ponteiros, e furiosos, que tornarão a arribar destroçados.

Traição intentada por Çofar.

Coge Çofar em quanto nam tinha as forças juntas, nos accommettia com ardís differentes. Com largas dadivas, e promessas mayores comprou a fidelidade de hum soldado nosso, para que no silencio da noite desse fogo á pol-

polvora, ou lançasse peçonha na cisterna, e que não podendo conseguir nenhum d'estes intentos, tentasse dar entrada na fortaleza aos Mouros pelas casas em que vivia, commodas a esta maldade, por estarem vezinhas ao muro. O soldado temeroso, ou irresoluto, deu parte do negocio a hum Mourisco seu familiar amigo; e como nas traiçoens mais seguro he o premio de as descobrir, que de as executar, delatou ao Capitão mór o caso, o qual tendo noticia delle por duas vias mais, e considerando que este delicto era feyo para exemplo, e para castigo pouco averiguado, e que a culpa não merecia perdão, nem o tempo permittia castigo, enviou este soldado a Goa com cartas ao Governador, significando-lhe os indicios da traição imaginada.

Prevençoens de D. Joaõ Mascarenhas.

E como Dom João Mascarenhas tinha a guerra por certa, ordenou que se comprassem os mantimentos que na Cidade havia, em quanto aquella paz fingida fazia sombra ao commercio; diligencia que entreteve, ou remediou a fome muitos dias; porém logo se alterou a segurança do trato, entrando na Cidade hum Capitão com quinhentos Turcos, mais a dis-

por,

por, que a fazer guerra. Este trazia novas cartas de Coge Çofar para o Capitão mór, nas quaes cauteloso, e importuno, instava em levantar o muro; a que D. João Mascarenhas já nam quiz dar reposta, dizendo ao Turco, que os Portuguezes não deferião a petiçoens escritas com o arcabuz no rosto. Não foy este dia o primeiro da guerra, sendo da paz o ultimo; porque ao seguinte entrou Coge Çofar com oito mil soldados para dar principio ao cerco, tolhendo-nos os soccorros da terra, porque os do mar começavão já a impedir os temporaes do inverno, que era o mais duro inimigo que a fortaleza tinha. E como esta praça foy o theatro em que os Portuguezes obrárão maravilhas tam grandes, daremos de seu sitio huma breve noticia.

Chega Çofar com gente de guerra.

Descripção de Dio.

A Ilha de Dio, celebre pela riqueza de seu trato, lastimosa pela ruina de seus habitadores, illustre pela fama de nossas victorias, está situada em huma enseáda, e ponta, que limita o Reino de Cambaya, em altura de vinte dous gráos da banda do Norte. Da antiguidade de sua fundação fabulão os naturaes, dando-lhe principios mais illustres, que averiguados, cuja

ja memoria conservão suas tradiçoens na falta dos escritos. Foy sempre o porto da enseada a principal escala, frequentada das náos, que navegão a Meca, cuja viagem fez aos Mouros grata a Religião, e o commercio. He a Cidade apartada da terra firme por hum estreito, que em torno a vay cingindo; pela qualidade do terreno he forte, e ajudando-se da arte a natureza, a faz mais defensavel. O esteiro, que a rodea, faz duas bocas, huma ao Norte, que por ser aparcelado, e baixo, he ao serviço inutil; outra ao Sul, tambem desacommodada pela aspereza do rochedo, em que bate. Tem outro canal na face da Ilha, aonde podem ancorar navios, e d'este recebe a Cidade mais commoda passagem. Não segui a fórma, em que a descreve João de Barros, por se haver alterado com a differença dos Mouros que a senhoreárão, fortificando-a cada huns d'elles com varia disciplina, conforme o juizo, ou variedade dos tempos lhes ensinava.

Entrado Coge Çofar na Cidade com oito mil soldados, muitos d'elles Turcos, trazidos a seu soldo, sessenta peças grossas, em que entravão dezoito basiliscos, com muniçoens, e

bas-

bastimentos de homem que antevia a duração do sitio. Trazia mil Janizaros no campo com avantajado soldo, os quaes com sua ordinaria soberba desprezavão a empresa, accusando o temor de Çofar, em convocar soccorros, e inquietar as armas do Grão Senhor contra quatro miseraveis Christãos, defendidos de huma fraca parede, com os quaes nem na peleija se ganhava honra, nem na victoria despojo. Coge Çofar nem louvava, nem reprendia o animo dos Turcos, mas da victoria fazia mais incerto juizo, ensinado do temor, ou da experiencia, e no abrir as trincheiras, plantar batarias, formar esquadroens, mostrou que era soldado; e logo que teve posto sitio á fortaleza, fez aos Turcos huma breve pratica, dizendo:

Pratica de Coge Çofar aos seus.

„ Companheiros, e amigos, nam „ vos ensinarey a temer, nem a des„ prezar esses poucos Portuguezes, „ que d'entro d'aquelles muros es„ tais vendo encerrados, porque não „ chegão a ser mais que homens, in„ da que são soldados. Em todo o „ Oriente atégora os acompanhou, ou „ servio a fortuna; e a fama das pri„ meiras victorias lhes facilitou as „ outras. Com hum limitado poder

„ fa-

,, fazem guerra ao mundo, não podendo naturalmente durar hum Imperio sem forças, sustentado na opinião, ou fraqueza dos que lhes são sugeitos. Apenas tem quinhentos homens naquella fortaleza; os mais d'elles soldados de presidio, que sempre costumão ser os pobres, ou os inuteis; por terra não podem ter soccorros; os do már lhes tem cerrado o inverno. Estão faltos de municoens, e mantimentos, assegurados na paz, ou na soberba, com que desprezão tudo. Como são poucos, sempre naquelle muro hão de assistir os mesmos defensores, sem haver soldado reservado para o lugar de outro; falta-lhes peonagem para reparar as ruinas da nossa bataria, e por força os ha de render o trabalho repartido em tão poucos. Estão insolentes com o destroço que fizerão nas galés do Grão Senhor no cerco d'esta mesma fortaleza. A tão honrados Turcos, e valentes Janizaros, como estais presentes, toca acudir pola honra de vossa gente, e de vosso Imperio, como causa mais justa da guerra, que fazemos; que ainda que Cambaya tem exercitos, e solda-

,, dos,

„ dos, não convem á reputação do
„ Gram Senhor vingar suas injurias
„ com as armas alheas. Com este fim
„ vos trouxe a esta empreza, porque
„ vos não furtassem outros a gloria de
„ tam justa vingança. Esta mesma ter-
„ ra, que agora estais pisando, cobre
„ os ossos de vossos companheiros,
„ parentes, e amigos, que a cada hum
„ de nós (me parece) estão chaman-
„ do por seu nome, contando-nos as
„ mortes, e as feridas, que d'estes
„ homicidas recebêrão, esperando por
„ vosso esforço poderem descansar vin-
„ gados. Estes mesmos são os mata-
„ dores de Badur, ingratos aos bene-
„ ficios, atrevidos á Magestade de
„ Principe tam grande, cuja vingan-
„ ça será grata a todos os que se
„ chamão Reys, precisa a todos os
„ que somos vassallos.

Insta de novo ao Capitão de Dio.

Acabada esta pratica, ou querendo justificar mais a guerra, ou ganhar tempo para esperar soccorros, tornou a tentar o animo de D. João Mascarenhas, com condiçoens mais graves, instando na porfia de levantar o muro, e pedindo, que as náos do Soltão, seu senhor, pudessem navegar livres sem cartazes de nossos Generaes; injuria, que o Soltão tolerava co-

como amigo, e não podia sofrer como Monarcha. Pedio mais, que as náos de mercadores nam fossem obrigadas tomar aquelle porto; liberdade que devia outorgar em beneficio do commercio. D. João Mascarenhas lhe respondeo, que entre tambores, e bombardas não se fazião acordos de amizade; que aquella fortaleza estava costumada a dar leys a todos, e nam a recebelas de ninguem; que em breve esperava castigalo, como a quebrantador das pazes, e que então sofreria a seu pesar condiçoens mais duras, escritas com o sangue de seus mesmos Janizaros.

Reposta do Capitão.

Já neste tempo o Governador tinha feito aprestar nove embarcaçoens com estranha brevidade, dizendo aos soldados, que occasião tão honrada só a havia de fiar dos seus mimosos; que elle trocara agora as prisoens de seu cargo, pola liberdade de qualquer soldado; que ainda que estava resoluto em ir descercar Dio, não podia negar as envejas que tinha aos que primeiro que elle havião de vir a braços com os Turcos. E logo chamando a seu filho D. Fernando, lhe disse em sala pública: „ Eu vos mando, „ filho, com este soccorro a Dio, „ que

O Governador manda a Dio a seu filho D. Fernando.

,, que pelos avisos que tenho, hoje
,, estará cercado de multidão de Tur-
,, cos; pelo que toca á vossa pessoa
,, não fico com cuidado, porque por
,, cada pedra d'aquella fortaleza arris-
,, carey hum filho. Encomendo-vos,
,, que tenhais lembrança d'aquelles de
,, quem vindes, que para a linhagem
,, são vossos avós, e para as obras
,, são vossos exemplos; fazey por me-
,, recer o apellido que herdastes, acor-
,, dando-vos que o nascimento em
,, todos he igual, as obras fazem os
,, homens differentes; e lembro-vos,
,, que o que vier mais honrado, esse
,, será meu filho. Esta he a benção
,, que nos deixárão nossos mayores,
,, morrer gloriosamente pola Ley,
,, polo Rey, e pola Patria. Eu vos
,, ponho no caminho da honra, em
,, vós está agora ganha-la. Com isto
lhe lançou a benção, e o enco-
mendou a Diogo de Reynoso hum
dos mais valentes Cavalleiros que
passarão á India. Neste soccorro
foy Sebastião de Sá, filho de João
Rodriguez de Sá, que nesta occa-
sião, e em outras deu de seu valor
hum testimunho illustre. Com elle
passou Dom Francisco de Almeyda,
filho de Dom Lopo, a acompanhar
dous

dous irmãos, que tinha já em Dio. Com o mesmo soccorro forão, Antonio da Cunha, Pero Lopes de Sousa, Diogo da Silva, Jorge Mascarenhas, Antonio de Mello, e outros muitos fidalgos, que naquelle tempo andavão apòs os perigos, como se lhes fugirão.

Escreveo o Governador a D. João Mascarenhas huma carta muy honrada, dizendo-lhe, quanto mayor cousa era nesta occasião ser Capitão de Dio, que Governador da India; que naquelle soccorro lhe mandava seu filho Dom Fernando, para que depois no Reyno, entre às vanglorias da velhice, contasse que fora seu soldado; que estivesse certo, que todas as forças do Estado se havião de empenhar na defensa daquella fortaleza; que naquelles navios hião muitos fidalgos moços, cujo orgulho devia moderar, porque a obrigação dos cercados só era defender-se; que alli lhe mandava munições, que bastavão a esperar segundo soccorro, dous engenheiros, e muitos officiaes mecanicos para reparar as ruinas da bataria, com os instrumentos, e materiaes convenientes; no que Dom João de Castro não só mostrou zelo de ministro, mas prati-

tica de soldado, antevendo as necessidades do sitio, e occorrendo a todas.

Reparte o Capitão de Dio os postos da fortaleza.

Já neste tempo D. João Mascarenhas tinha mandado quebrar a ponte, que dava serventia, por sima da cava do baluarte Sanctiago á outra banda, mandando fazer outra levadiça. A torre de Sanctiago entregou a Alonso de Bonifacio Escrivão da Alfandega; o Baluarte S. Thomé a Luiz de Sousa; o de S. João a Gil Coutinho; o que ficava sobre a porta, a Antonio Freire; e outro baluarte Sanctiago, que descubria o rio, a D. João de Almeyda com seu irmão D. Pedro de Almeyda; o de S. Jorge a Antonio Peçanha; a Couraça pequena a João de Venezianos; a grande a Antonio Rodriguez. Por estes Capitaens repartio cento e setenta soldados, ficando elle de sobre rolda com trinta, para soccorrer as estancias. Com tão pequenas forças esperava D. João tão numeroso poder, como contra si tinha, dispondo com tanta segurança a defensa, que lhe não fazia o perigo temor, ou novidade. Com as muniçoens, e mantimentos mandou ter grande conta, pela contingencia em que estava de poder receber outros com os estorvos do tempo, e do inimigo.

En-

Entre os escravos, e outra gente inutil para tomar as armas, repartio o trabalho de acudirem ao muro com lanças, panelas de polvora, pedras, e mantimento, por desviar aos soldados de outra occupação mais que a da peleija. Neste serviço entreteve os mininos, os velhos, e as mulheres, para que na fortaleza não houvesse pessoa inutil, ou ociosa, pola idade, ou sexo. E logo juntando os soldados no terreiro da fortaleza, lhes disse com alegre semblante.

E falla a seus soldados.

„ Esses Turcos, e Janizaros, que
„ d'este lugar estamos vendo, vem a
„ restaurar com nosco a honra que no
„ primeiro cerco perderão; porém nem
„ elles valem mais que os que en-
„ tão forão vencidos, nem nós va-
„ lemos menos que os vencedores.
„ Eu vos confesso, que me criey sem-
„ pre com a enveja do menor solda-
„ do que defendeo esta praça; pois
„ ainda agora a memoria de seu va-
„ lor honra seus descendentes, que
„ menos conhecemos polo appellido,
„ patria, ou solar, que por filhos,
„ ou netos d'aquelles que tão glo-
„ riosamente acabarão, ou triumpha-
„ rão em Dio. Os mais illustres hon-
„ rarão sua familia; os mais hu-

„ mildes derão a ella principio. Trou„ xenos a fortuna esta empreza áquel„ la nada dessemelhante; não sepulta„ rão consigo aquelles valerosos Portu„ guezes toda a gloria das armas, ain„ da nos deixarão esta, que nos fará „ illustres. Não nos assombre a desi„ gualdade do poder, porque a fama „ não se alcança com perigos vulga„ res. Navegamos cinco mil legoas „ só a buscar este dia, para nelle ga„ nhar a honra, que nos não podem „ dar os Reys, nem as gentes; por„ que os Reys dão premios, não dão „ merecimentos. Não nos faltão muni„ çoens, nem mantimentos para en„ treter o cerco até chegar soccorro; „ e ainda que andão os máres le„ vantados, por serem os tempos ver„ des; temos hum D. João de Cas„ tro, que por debaixo das ondas „ virá com a espada na boca a soc„ corrernos, e tantos outros fidalgos, „ e Cavalleiros, que terão por inju„ ria ganharmos nós sem elles a hon„ ra que se nos offerece, com a qual „ não temos que esperar mais da for„ tuna, pois seremos contados no nu„ mero d'aquelles, que ao Rey, e „ á patria fizerão algum memoravel „ serviço, cuja honra viemos a sus-

„ ten-

,, tentar do ultimo Occidente a tão re-
,, motas partes. E o que mais he que
,, tudo, peleijamos com inimigos de
,, nossa Fé, e não nos pode faltar
,, favor para tão justa causa, pois ser-
,, vimos ao Deos das victorias.

Entrão mais soccorros ao inimigo.

Acabada a pratica, se ouvio logo no campo dos Turcos huma grossa salva, com que Coge Çofar festejava hum soccorro de dous mil infantes, que lhe havião chegado de Cambaya, todos soldados velhos, que fazião o soccorro mayor na qualidade, que no numero. Acompanhavão esta gente, entre outros, dous Capitaens Mogores pessoas entre os seus de grande nome. No mesmo dia entrou grão parte da nobreza da Corte, que se alojou separada do Campo, em muy lustrosas tendas, com tal concerto, que não devião nada á policia de Europa. Os nossos com a desestimação da vida divertião o horror de tantos apparatos, animando-se com discursos conformes ao tempo, tirando da necessidade conselho para as cousas presentes.

Começa a bater a fortaleza.

Ao seguinte dia, que foy Quinta feira mayor deste anno de mil quinhentos quarenta, e seis, amanheceo vezinho á fortaleza hum baluarte entulhado de terra amassada, com

suas bombardeiras, e nellas algumas peças grossas, e por sima do muro quantidade de sacas de algodão, forradas de couros crús para fazerem resistencia ao fogo; maquina que espantou aos nossos, polo silencio, e brevidade com que se havia obrado; mostrando bem, que não era esta fabrica desenho de multidão barbara, e confusa; porque em todo o conflicto mostrarão igual o valor á disciplina. Logo começarão a bater ditosamente a nossa fortaleza, porque nos cegarão quatro peças, das quaes a sua bataria recebia mais dano.

Estratagema do inimigo em huma não.

O bom successo d'este dia lhes deu para os outros conselho, formando em cinco noites cinco fortes em proporcionada distancia, para darem geral assalto por brechas differentes, a que não podião resistir divididos tão poucos defensores. Ao designio pudera responder o successo, se o nosso forte do mar, que estava a cavalleiro dos seus, lhes não fizera tanto dano, que julgarão lhes convinha acudir primeiro ao reparo, que á offensa. Callarão as bombardas dous dias, em quanto para segurança da primeira fabrica, maquinarão segunda. Lançarão ao mar huma não alterosa, chea de polvora, al-

catrão, e outros materiaes dispostos ao fogo; estes dispuserão na primeira coberta, como ardil reservado para segundo intento, por sima d'elles fizerão huma grande esplanada, onde podião peleijar quasi duzentos homens, para com elles intentar a escala; ficava a não senhoreando o forte, donde com a ventagem do número, e lugar da peleija, entendião que serião os nossos entrados facilmente; e quando a resistencia fosse tão porfiada, deixada a não, lhe pegarião fogo, que ateado no forte, o abrazaria, sem dano, nem perigo dos seus; e que logo occupadas as ruinas, que deixasse o fogo, sobre ellas levantarião outro, onde se pudesse bater a nossa fortaleza, ficando os seus baluartes seguros d'este padrasto, com que poderia laborar sem dano a sua artelharia. Estratagema inventado com militar discurso.

Desbaratada pelos nossos.

Da obra, e do invento teve o Capitão mór aviso por espias que trazia no campo, e chamando o Capitão do mar Jacome Leyte, soldado de grande confiança, lhe disse, que lhe não queria roubar a honra que tocava a seu posto; que estimasse, que a primeira facção d'este cerco fosse sua; e

pra-

praticando-lhe tudo o referido, lhe ordenou, que na segunda vigia da noite, tivesse tudo a ponto. Sahio Jacome Leyte na hora determinada, com dous catures, e trinta soldados, remando a vóga surda, e emproando com a náo, a começou a servir de muitas panelas de polvora; virão os Mouros seu perigo com o mesmo fogo, que os estava abrasando, e acudindo ás armas, turbados do temor, e do sono, se defendião com huma resistencia timida, e confusa, impedindo-se huns aos outros com as vozes, e desacordo, causado do subito accommettimento. Alguns se começárão a lançar ao mar: estes fizerão aos outros caminho, e exemplo; em fim entre queixas, e alaridos despejárão a náo, fazendo pôr em arma o campo todo. Teve Jacome Leyte tempo para dar hum cabo á náo, e trazela atoada; a quem o Capitão mór deu muitos abraços, e louvores, estimando este successo por dar á guerra tão ditoso principio. Os Mouros ordenarão que se continuasse a bataria a risco aberto, custando-lhes cada pedra que derribavão da fortaleza, soldados, e artilheiros. Não fazia a sua bataria dano consideravel, só o ba-

He trazida á fortaleza

baluarte Sanctiago, ou por mais fraco, ou por melhor batido, estava por duas partes aberto, e já com roturas capazes de se entrar por assalto, se bem os de dentro se reparavão com alguns travezes, fazendo reparos do entulho que furtavão de noite.

Continuava a bataria não sem effeito, porque já se via o muro por muitas partes aberto, por todas aballado, e não podia polas ameas assomar soldado, que não fosse encravado das setas do inimigo, ou ferido das ballas, que erão tantas, que parecião huma continuada salva: doendo pouco a Coge Çofar despender muniçoens, e arriscar soldados, como quem de tudo estava prevenido, e sobrado. Tambem da fortaleza lhe respondia a meudo a nossa artelharia com mais dano, porque como era tanta a multidão dos Mouros, nenhuma balla se jogava perdida.

Instavão os Turcos, porque se desse o assalto, porque já em muitos lugares polas ruinas da bataria, se podia subir ao muro; porém Coge Çofar os detinha, ou esperando mayor poder, ou querendo, que o trabalho, e feridas quebrantassem o orgulho dos nossos; cuja furia esperava domar com

len-

lentas armas, apurando as forças, as muniçoens, e ainda a paciencia dos cercados; discurso, que não era de todo errado, porque o inverno, que começava furioso, impossibilitava os soccorros necessarios, e forçosos desde o primeiro dia, em razão de que os descuidos da paz, e a subita invasão do inimigo, tinha os nossos menos apercebidos para soster o peso d'esta guerra; sendo nesta parte tão demasiada a nossa confiança, que depois do cerco de Antonio da Sylveira, só com o respeito d'aquella victoria, se defendia a praça; e D. João Mascarenhas se achava só com quarenta barris de polvora de bombarda, e vinte de mosquete; a estreiteza de mantimentos, como de homens, que primeiro virão a guerra, que a esperassem; os defensores erão duzentos, os mais d'elles soldados de guarnição, a quem a gloria d'este cerco deu a primeira fama.

Chega D. Fernando a Diu.

Trazião ao Capitão mór solicito o estado das cousas, e a incerteza dos soccorros, que importava encobrir tão cautamente aos de casa, como aos de fora: e não queria nos principios do cerco taixar os mantimentos, e muniçoens, vendo por huma par-

parte ser danoso, e por outra preciso; quando as vigias lhe vierão dar aviso, que a huma vista parecião nove velas, e que pela feição dos vasos mostravão serem nossas. Chegarão os soldados todos ao muro com o alvoroço d'esta nova, causando variedade nos juizos a distancia da vista, e cerração do tempo; porém dentro de huma hora divisarão as bandeiras de quadra, e logo com as armas Reaes a Capitania, que com os ventos ponteiros, vinha forçando as ondas em demanda da nossa fortaleza. Vinhão todas com flamulas, e galhardetes, empavezadas, e guerreiras. Salvarão logo as torres, donde lhes responderão com a mesma cortesia naval. Os Mouros lhe tirarão muitas peças de terra, em quanto davão fundo. Forão desembarcando as muniçoens, e mantimentos, tras elles os soldados, e o ultimo de todos D. Fernando, ou fosse instrucção do pay, ou brio do filho.

D. João Mascarenhas o recebe.

O Capitão mór depois de receber aquelles fidalgos, como companheiros de sua fortuna, sabendo que vinha alli D. Fernando, o foy buscar ao navio, e o encontrou na escada da fortaleza, por onde já sobia, e levan-

vando-o nos braços, lhe disse palavras accommodadas ao lugar, e tempo, e offerecendo-lhe sua mesma pousada, a não quiz acceitar D. Fernando, pedindo-lhe, que aquella honra lhe poupasse para o tempo da paz, que agora o baluarte mais arriscado havia de ser a sua guardaroupa, porque lhe não prestaria o sono hum passo desviado da muralha. D. João Mascaranhas o tornou a abraçar, espantado de ver espiritos varonís em annos táo verdes.

Vinha nos navios quantidade de polvora, armas, e bastimentos; com que se podia entreter o cerco até outro soccorro; tambem se lembrou o Governador de mandar aos enfermos, e feridos, remedios, e regalos. Mostrou o Capitão mór aos soldados a carta do Governador, em que (como dissemos) o assegurava de sua vinda, para a qual se ficava aprestando com a mayor diligencia, e forças, que sofria o Estado; o que deu coraçoens novos aos cercados, com que já as necessidades, e aprestos da guerra mostraváo outro semblante; a qual se hia continuando, recebendo Coge Çofar cada dia soccorros, e traçando artificios, para que tinha conduzi-

do

do engenheiros de differentes partes que a emulação, e premio incitava a inventar cousas novas, que fazião os nossos mais attentos ao perigo occulto, que ao descuberto.

Publica o Governador guerra contra Cambaya.

Porém o Governador, logo que despedio seu filho D. Fernando, mandou pregoar guerra, a fogo, e sangue contra ElRey de Cambaya, como perjuro, e quebrantador da paz, que tinha com o Estado, e isto com instrumentos militares, e solemnidades legaes, para fazer públicas, e justificadas as causas de huma guerra, que tinha attentos os juizos do Oriente todo. Escreveo aos moradores de Baçaim, lembrando-lhes, que como mais vezinhos lhe tocava a obrigação de soccorrer a Dio; que as outras praças acodião ao perigo do Estado, elles ao seu proprio, pois as bombardas, que batião a Dio, abalavão os edificios de Baçaim; que elle se aprestava para ir descercar a fortaleza, e fazer a Cambaya as hostilidades possiveis, porque o Estado nunca fizera guerra defensiva aos Reys do Oriente; que lhes pedia estivessem promptos para o acompanhar com navios, e gente, como de tão honrados Cidadãos, e leaes Portuguezes se devia

ca-

esperar; que o serviço de cada hum deixava em seu mesmo arbitrio, entendendo, que qualquer d'elles, com a fidelidade, e amor de seu Rey, excederia a possibilidade.

Na mesma forma escreveo a todas as praças, de que podia receber soccorros, achando os animos dispostos a servir, e despender as fazendas; felicidade, que contaremos por singular em seu governo, como em differentes successos mostrará a Historia. Começou a dar grande calor aos aprestos da armada, e achando o Estado pobre para tantas despesas, pedio aos mercadores grandes sommas sobre sua verdade, que era o ouro, e diamantes, que só enthesourara; prenda sobre a qual os homens de negocio lhe offereciáo tudo: e náo sey se entre os poderosos correm hoje fazendas d'esta ley em tanta estima. Mandou fazer oraçoens públicas, e secretas, pedindo a Deos amparasse a causa dos Fieis, pois era sua, fiando mais dos sacrificios, que das armas Discorria de ordinario com os soldados de experiencia sobre as cousas de Dio, náo se inclinando ao voto mais authorisado, se náo ao mais experto.

Emprestimo que pede aos mercadores.

Recorre a Deos com Preces públicas.

Em Dio náo descansaváo as armas.

Foy

Foy o Capitão mór avisado, que no exercito se esperava por huma grande cafila de mantimentos, que se havião de carregar por aquella Costa de Balsar até Damão; o que entendido, despedio o Capitão do mar Jacome Leyte com tres navios, para que a fosse esperar até a Ilha dos Mortos; o qual sahindo de noite pela barra fora correndo a costa, na qual tomou muitas Cotias, que vinhão bastecer o exercito, passou os Mouros á espada, excepto alguns que reservou, para trazer enforcados nas vergas dos navios, quando entrasse a barra; o que assi se fez, dando com elles ao exercito huma lastimosa vista, certificado mais do successo com o fogo em que vio arder as Cotias; os mantimentos se recolherão na fortaleza, que era a droga mais importante para o tempo.

Tinha já Coge Çofar perdido muita gente, sem ver na fortaleza, nem nos animos dos cercados quebra, que lhe desse esperanças de ganhala; os nossos passeavão no muro com galas, e plumagens, que mostravão o gosto, ou desprezo da gũerra que sostinhão. Vendo Coge Çofar que estavamos senhores do mar com tão pequenas for-

çãs,

ças, e que as provisoens, que recebia o exercito, vinhão furtivas, e arriscadas, mandou sahir huma armada da barra de Surrate, a qual encontrou tres embarcaçoens nossas, que de Baçaim, e Chaul vinhão prover a fortaleza; pelejarão os Portuguezes desesperadamente; mas como era tão desigual o poder, os mais ficarão mortos vendendo tão bem as vidas, que não tiverão os Mouros, que festejar na presa, ou na victoria. D. Fernando de Castro pedio ao Capitão mór licença para sair ao inimigo em alguns navios do soccorro, que lhe não deu, por entender seria diligencia perdida, porque o inimigo fez aquella sahida furtada, e se recolheo logo.

O Capitão de Dio avisa por terra a ElRey.

Tratou D. João Mascarenhas de avisar por terra a Sua Alteza do estado das cousas, para o que se lhe offereceo hum Armenio pratico na lingua, e costumes dos Mouros; o qual despachou em hum Catur ligeiro, para que o lançasse na costa de Por; e d'ahi em trajes de Jogue (que entre elles he habito religioso, e pobre) se passasse ao Cinde, e d'ahi a Ormuz, com cartas ao Capitão. Este fez a jornada em companhia de mercadores de Baçorá, que o passarão a Babilonia pelo rio Eufrates, onde ha-

via

via de esperar as cafilas, para atravessar os desertos da Arabia.

Continuava Coge Çofar as obras da fortificação com não menos perigo que trabalho, e com porfia tão barbara, e cruel, que os mesmos corpos dos gastadores, que os nossos matavão, lhe servião ao entulho, usando tão deshumana disciplina, quiçá por encobrir o dano, que começava já a ser conhecido no exercito, se bem se restaurava com quotidianos soccorros, que por horas engrossavão o campo. Mandou Coge Çofar assestar nas estancias sessenta peças grossas, em que entravão Basiliscos, Salvagens, Aguias, e Camelos, sem outra artilharia miuda, de que era mayor o número. Aos cinco baluartes, que havia levantado, assegurou com novos muros, cobrindo os gastadores com paredes torcidas em tantas voltas, que os não podia pescar a nossa artilharia. Com este artificio chegarão os Mouros a senhorear a cava da fortaleza, onde assentarão dezoito Basiliscos, com que tirarão quinze dias continuos, fazendo na fortaleza tal estrago, que os nossos, por ultimo remedio, se reparavão com suas mesmas ruinas, fazendo contramuros, e re-

Senhoreão os inimigos a cava.

reparos das pedras derribadas.

Tinhamos já perdido oitenta homens, e mais de cento feridos; e pela estreiteza, e ruim qualidade dos mantimentos, muitos andavão enfermos. As muniçoens em grande parte gastadas, tinhão reduzidos os nossos a perigoso estado; o que entendido por Coge Çofar de alguns escravos, que fugirão da fortaleza, mandou reforçar as batarias, crendo, que não poderião durar os animos em tão quebradas forças; e logo como homem, que queria partir com seu Rey os mimos de sua fortuna, avisou ao Soltão, que estava em Champanel, que se viesse ao campo para lhe entregar a fortaleza com o primeiro assalto. Na fé d'esta promessa acodio o Soltão com dez mil de cavallo, e grão parte de sua Corte, onde foy recebido com huma salva Real, á volta de muitos instrumentos de guerra, e de alegria; consonancia, que os nossos ouvião, aos animos temerosa, aos ouvidos barbara.

Chega o Soltão com muita gente.

Pareceo aos nossos, que a alegria do campo solemnizada com duplicadas salvas, seria no recebimento dos Turcos, que esperavão. Logo D. João Mascarenhas ordenou a Fernão Carvalho Capitão do forte do már, que

mandàsse huma almadia a tomar lingua, para saber os passos do inimigo, porque as espias que traz a no campo, ou se havião feito dobres, ou erão descubertas; o que se fez na mesma noite, trazendo-nos hum Mouro, que referio a vinda do Soltão, as promessas de Coge Çofar, e confianças da empresa. Mandou o Capitão mór soltar o Mouro, e que dissesse a ElRey de Cambaya, que lhe pedia se detivesse no exercito, porque esperava ir-lhe pagar a visita a seus alojamentos. O Mouro se foy contente com a liberdade, e assombrado com a reposta do Capitão mór. Foy o Mouro levado ante Mahamud; e referindo as palavras do Capitão, lhe disse, que os Portuguezes tinhão a fortaleza derribada, e os animos inteiros.

Coge Çofar mandou continuar a bataria, e dizer a D. João Mascarenhas por Simão Feyo (hum prisioneiro nosso, que contra as leys da guerra havia represado) que se espantava de o ver encurralado, sem sahir a pelejar ao campo, como fazia o bom Cavalleiro Antonio da Sylveira, que mal respondião as obras as palavras; á qual mensagem os soldados com pelouros responderão do muro. Cin-

co horas durou a bataria, fazendo no edificio já aballado, estrago grande. Porém as nossas peças lhe responderáo com mayor dano, e com melhor fortuna, porque dentro na tenda do Soltáo, huma balla perdida matou hum Mouro, com quem o mesmo Soltáo estava praticando; e como estes Mouros Orientaes são credulos em agouros, tomando ElRey o caso, como aviso de algum máo successo, quiçá, cubrindo com a superstição o medo, sahio logo do campo deixando a Juzarcáo, hum Abexim valente, que nas guerras do Mogor tirara soldo contra Soltáo Mahamud, e agora como soldado mercenario, fora chamado com algumas ventagens a servir nesta guerra.

Retira-se, e fica Juzarcão em seu lugar.

Partido ElRey do arrayal, mais bellicoso na paz, que no conflicto, retirando-se na mesma Ilha á quinta de Melique, dava calor aos soccorros, que cada dia reforçaváo o campo; porém Dom João Mascarenhas, que polo aperto do sitio, náo tinha avisos certos dos designios do inimigo, praticou com os Fidalgos, e Cavalleiros quanto importava tomar alguma lingua. Ouvio esta pratica Diogo de Anaya Coutinho, hum Fidalgo que vivia do soldo, porém com espiritos muy

Acção notavel de Diogo de Anaya.

muy dignos de seu sangue; este se offereceo ao Capitão mór, e lançado do muro por huma corda, assegurado do escuro da noite, encaminhou aos quarteis do inimigo, e a poucos passos vio junto a si dous Mouros, que estavão praticando; duvidou de os accommetter, porque trazer dous não era possivel, peleijar com elles não convinha; porém tomando da occasião conselho, derribou com hum bote de lança a hum d'elles, e abraçando-se com o outro, que se defendia bradando, mordendo, e forcejando, o levou até ás portas da fortaleza, onde achou o corpo de guarda, que entre louvores, e envejas o levarão ao Capitão mór com o seu prisioneiro. Referirey agora a circunstancia, por ser mayor que o caso. Levou Diogo de Anaya prestado hum capacete de hum soldado, e vendo-se na fortaleza sem elle, crendo, que com a luta, e bracejar do Mouro o perderia, se tornou pola mesma corda a derribar do muro, e buscando-o á vista de hum exercito já alterado, o recolheo, e trouxe, tam temerario, como ditoso.

Polos avisos do Mouro, soube o Capitão mór, que Coge Çofar, e

Juzarcão, hum valente, e outro desconfiado, fizerão reciprocos juramentos a Mafoma de ganhar Dio, ou acabar na empresa, dizendo, que se nos não podião soportar amigos, mal nos poderião sofrer victoriosos. Com a continuação da bataria, lhe rebentarão muitas peças, em lugar das quaes encavalgarão outras, batendo furiosamente os baluartes S. João, S. Thomé, e Sanctiago, de que erão Capitaens Dom João de Almeyda, Luiz de Sousa, e Gil Coutinho, os quaes sempre com as armas vestidas, sobre ellas mesmas tomavão algum breve repouso, sempre constantes no perigo, e ao trabalho promptos.

O baluarte Sanctiago, como mais fraco, fez mayores ruinas, e já nelle podião os Turcos peleijar quasi iguaes aos nossos; não ficou na fortaleza parapeito, nem amea, que não fosse arrasada; e do baluarte S. João até o de Sanctiago, todo o lanço do muro estava aberto, com que ao trabalho do dia succedia o da noite, sendo impossivel, e forçoso tão poucos defensores, com tão quebradas forças, reparar em poucas horas o estrago de huma fortaleza por tantas partes rota; porém todos conformes se dispunhão

ao

ao trabalho, que não podião vencer, nem escusar.

Valor das mulheres de Dio.

Acudirão as mulheres da fortaleza a acarretar os materiaes para a defensa, sobindo sem temor ao muro; tropeçando em lanças, espadas, e pelouros, vencendo a natureza, e o sexo, como se trouxerão coraçoens varonis em habitos alheyos; taes houve, que vestindo armas, fizerão aos inimigos rosto, correndo da agulha á lança, do estrado á muralha; entre todas mereceo mayor gloria Isabel Fernandes, a quem nossos Escritores em lugar de elogios, que honrassem sua memoria, chamão a Velha de Dio; celebre por este nome nos annaes, ou memorias do Oriente. Despendeo parte de seus bens esta grande matrona em mimos, e regalos, com que no mais vivo do conflicto, alentava aos soldados, exhortando-os á defensa, e á peleija, com razoens mayores, que de hum espirito, e juizo feminil. Em fim a deligencia d'estas matronas servia de alivio no trabalho, nos perigos de exemplo, acodindo a qualquer obra servil, ou arriscada que fosse, promptas, e opportunas.

Vendo Coge Çofar, que tudo quanto suas armas arruinavão de dia, nos-

sa

sa industria reparava de noite, maquinou hum artificio mais sutil pela traça, que útil pelo successo. Defronte do baluarte S. Thomé, que pela materia, e disposição do sitio estava mais aberto, determinou levantar outro, que lhe ficasse igual, ou eminente, para que batido pelo alto derribasse as ameas, tolhendo peleijar aos defensores, e ainda de noite, poder fazer reparos, ficando as peças para aquella parte assestadas de dia, com pontaria certa. Mandou logo trazer montes de terra, e rama para entulhar a cava, fortalecendo a esplanada com troncos de arvores grossas para lhe assegurar o terrapleno. A quantidade dos gastadores, que servião o campo, era outro novo exercito, com que a obra medrava sem tempo, e sem medida. Entretanto a artelharia do nosso baluarte jogava com dano do inimigo, porque como esta peonagem servia amontoada, e descuberta, não se tirava da fortaleza tiro algum perdido.

Reparou Coge Çofar no dano, por ser grande, ordenando, que na obra se trabalhasse de noite, para que tirando os nossos com pontaria incerta, e vaga, fosse menor o effeito, mandan-

dando fazer mayor ruido onde se obrava menos, a fim de que os nossos artilheiros, guiados pelo ouvido, apontassem as peças ao tino do rumor, e dos eccos. O que entendido por Dom João Mascarenhas, mandou cobrir de luminarias a fortaleza, para que os gastadores, que trabalhavão amparados do escuro da noite, ficassem expostos ao mesmo perigo, que de dia. Porém Coge Çofar, que tinha pratica aprendida na milicia de Europa, mandou fazer estradas torcidas, e encubertas, por onde continuaram os Mouros mais seguros a elevação do forte, gastando a nossa artelharia ballas inuteis, e perdidas.

Deu o negocio ao Capitão mór cuidado, porque crescendo aquella maquina, não ficava na fortaleza lugar algum seguro, jogando a artelharia do inimigo a cavalleiro dos nossos baluartes, com que dos cercadores aos cercados, não havia no lugar ventagem, ficando os Mouros com a do número tam desigual aos nossos. Posto o caso em conselho, todos conhecião o perigo, e nenhum o remedio. Alguns com mayor ouzadia, que prudencia, votaram que sahissem os nossos, e lhes estorvassem a obra a

ris-

risco descoberto, sem ver que era mayor o perigo que accommettiáo, que o de que se livraváo. Poucos approváráo este conselho; nenhum sabia dar outro. Fizeráo os nossos algumas sortidas, porém de pouco effeito, porque o inimigo poderoso, e vigilante, tinha com grossa escolta assegurados os postos aos gastadores; mas como nos apertos grandes costuma o perigo ser o melhor conselheiro, lembrouse D. João Mascarenhas, que na fortaleza havia huma eminencia, que sobrelevava o forte S. Thomé, por sima do qual podia jogar a artelharia. Aqui mandou encavalgar algumas peças, as quaes tiraráo com táo ditoso effeito, que em poucos dias derribaráo aquella maquina, levantada, e caida com o sangue dos que a fabricaráo. Porém como esta Hydra tinha tantas cabeças, emprendeo Coge Çofar a cava com as mesmas ruinas; o que lhe era mais facil, por ser obra que náo havia mister medida, disposiçáo, ou engenho.

Começaráo dous mil piaens a cobrir a cava com os materiaes do forte. Entretanto hum grande troço do exercito com dardos, settas, e espingardaria impedia os nossos assomarse ao

mu-

muro. Cresceo a obra, e perigo nos cercados, porque como os altos da fortaleza estavão desmantelados, pouco que subisse o terrapleno, ficava igual ao muro. Desvelava-se o Capitão mór por lhe frustrar o intento, e vacillando nos meyos convenientes, alguns velhos criados na fortaleza, lhe disserão, que no lugar onde estavão, tinha o muro hum postigo, que o discurso dos tempos cubrira com terra movediça, e que por aquella parte sem risco, e com facil trabalho se podia furtar o entulho. Pedia a necessidade execução prompta; mandou cavar o Capitão mór, e achou o postigo accommodado a seu intento. Sahião os nossos de noite, e furtavão o entulho por baixo, deixando a superficie vãa, que cobria os vazios, solidos na apparencia do inimigo; porém como aquella terra estava no ar violentada, trouxea seu mesmo peso ao centro, caindo todo aquelle vulto fantastico á vista do inimigo.

Morre Coge Çofar de huma balla.

Foy logo avisado Coge Çofar da industria, com que lhe frustramos tam custoso trabalho, e acudindo áquella parte, impaciente na contraposição que achava a todos seus desenhos, sahio da fortaleza huma balla perdida,

que

que no meyo de hum esquadráo de Turcos, lhe levou a cabeça. Houve no exercito sentimento público pela falta de tam grande soldado. Viráo os nossos com destemperadas caixas, e arrastadas bandeiras dar sepultura ao corpo com todo o funeral militar, e politico, que ensinou a vaidade da guerra. Jurou logo seu filho Rumecáo sobre o sangue do pay tomar justa vingança: que entre elles a dor, e ira he a ultima piedade, que offerecem em sacrificio a seus defuntos.

Succede-lhe Rumecáo seu filho.

Succedeo Rumecáo ao pay no odio, e cargo, continuando a guerra com a obrigaçáo de General, e sentimento de filho, táo empenhado pela dor, como pelo officio. Mandou continuar por seis partes o entulho da cava, sendo por horas soccorrido o exercito de gastadores, bastimentos, muniçoens, e soldados, crescendo por toda a parte a obra que Rumecáo esforçava, como disposiçáo para nos dar o assalto. Tratou tambem de continuar a maquina, que o pay começara, contrapondo hum artificio a outro; lavrou seis estradas encubertas, que todas hiáo a parar no postigo da fortaleza, por onde os nossos lhe limpaváo o entulho; estas hiáo fechar sobre a

pon-

ponte de madeira, que naquelle lugar tinhamos levantado para o mesmo intento de lhe furtar a terra, sobre que armavão a maquina, que temos referido: e sobre a ponte lançarão pedras, e traves, de tamanha grandeza, que a fizerão encurvar com o peso, e logo vir-se a terra, não sem dano dos servidores, que por debaixo d'ella andavão recolhendo a terra. O que visto pelo Capitão mór, mandou cerrar o postigo, por ficar já esta serventia inutil, e evitar alguma subita invasão do inimigo, o qual sem estorvo continuava a obra, em quanto os nossos vacillavão em descobrir algum engenho, ou força, com que pudessem contrastar fabrica tão danosa, porque os Mouros com festas, e algazarras, mais mostravão gozar já da victoria, que esperala.

A estes cuidados succedião outros não menos pesados, porque já não havia na fortaleza duzentos homens defensores, huns rendidos do trabalho, outros de enfermidades, e feridas; mais necessitados de reparar as forças, que de offerecelas a segundo trabalho. E nos soldados ordinarios já a desconfiança hia abrindo porta ao temor. Faltavão muniçoens, e manti-

ti-

timentos; os mares verdes, o inverno furioso, tiravão toda a esperança de soccorro, pois nem para o pedir, nem para o receber era o tempo opportuno.

O Vigario João Coelho vay ao Governador.

Era Vigario da fortaleza João Coelho, que sobre as virtudes do Sacerdocio, tinha resolução para emprender qualquer justo perigo. Este se offereceo ao Capitão mór (a quem era singularmente aceito) para, a despeito dos temporaes, tentar os mares, e aportando em Baçaim, ou Chaul, significar aos Capitaens, com certeza de vista, o estado das cousas; e d'ahi avisar ao Governador por correyos de terra, prometendo na fé do habito voltar a Dio com a primeira reposta, como fiel companheiro da fortuna de todos. O Capitão lhe mandou logo esquipar hum Catur com doze Marinheiros, onde o deixaremos lutando com as ondas, até darmos razão do successo, que teve viagem tão animosa, e pia.

Os Mouros trabalhavão por força no entulho da cava, mas Rumecão cruel, e imperioso os mandava morrer, ou aturar no trabalho, de que recebião por premio, na mesma obra, miseravel sepulchro. Em fim chegarão a igualar a cava; e pelo baluarte de

Gil

Gil Coutinho, que se não podia entulhar, atravessarão grandes mastros com taboas pregadas, que lhes servião de ponte, para picar o muro, o que se lhes não pode defender com a artelharia, por trabalharem cubertos.

Ordenou logo D. João Mascarenhas humas cadêas grossas, que do muro alcançassem a ponte, das quaes pendião muitas sacas de gunes envoltas em polvora, salitre, e outros materiaes faceis ao fogo, as quaes lançadas, ateárão na ponte com tal braveza, que logo a desfizerão. Acudio Rumecão a sustentar a obra com novo madeiramento, e mayor copia de servidores, e soldados, huns que assistião á defensa, outros ao trabalho, a que os nossos se oppuzerão, dando-lhes miudas cargas de artelharia, e espingardaria, de que o inimigo recebeo grande dano; mas insistia Rumecão na obra tam porfiadamente, que por sima dos mortos fazia sobir outros, que inda que violentados, vencião o perigo com a obediencia. Chegou em fim por meyo de tão custoso trabalho a igualar a cava.

Partidos que aos nossos offerece Rumecão.

Conhecendo pois Rumecão o estado em que nos achavamos polos poucos defensores que occupavão os postos, nos

nos quiz tentar os animos, crendo, que em táo perigoso estado nos ensinaria a razão, e a natureza, a náo engeitar as vidas. Cerrada a noite, ouvirão os do baluarte Sanctiago bradar pela vigia, em lingua Portuguesa, dizendo, que era Simáo Feyo, que queria fallar ao Capitáo mór em negocio importante. Foy logo avisado Dom João Mascarenhas, e pondose com o soldado á falla, elle lhe disse, que era Simáo Feyo, que vinha mandado por Rumecáo, que affeiçoado ao valor de táo grandes soldados, lhes queria poupar as vidas, que agora desesperadamente defendiáo; que bem via a fortaleza arruinada toda; a mayor parte dos defensores enfermos, ou feridos, sem esperança alguma de soccorro, faltos de muniçoens, e mantimentos; que não quizessem perecer obstinados, afeando com a temeridade dos fracos o muito que tinhamos obrado; que nos rendessemos, porque para gloria sua desejava conservar vivos táo valerosos inimigos; que nos faria todos os partidos honrados, deixando-nos com a liberdade as fazendas, e os navios para nossa passagem; o que não aceitando passariamos pelas leys da guerra,

e

e pelas licenças que dava nos estragos a ira, e a victoria. D. João Mascarenhas lhe respondeo, que a fortaleza onde estavão Portuguezes, não havia mister muros, que no campo raso a defenderião ao poder do Mundo; que esta verdade conheceria no primeiro assalto; que tratasse de pedir ao Soltão mais gente, e melhores soldados; que os Portuguezes desprezavão victorias tão pequenas; que as ruinas da fortaleza esperava reparar com cabeças de Turcos; que se lhe faltassem mantimentos, ao seu arrayal os iria buscar como despojos; que em quanto seus soldados tinhão armas, não lhes podia faltar nada entre seus inimigos; que a boa passagem que lhes offerecia, esperava fazer cedo com a espada na mão por meyo de seus esquadroens armados; e a elle Simão Feyo dizia, que ainda que repetia forçado palavras alheas, não tornasse com segunda mensagem, porque o mandaria espingardear do muro.

Reposta do Capitão mór.

Vendo pois Rumecão, que dos perigos, trabalhos, e fomes, nos serviamos como de alimentos, injuriado no desprezo d'esta reposta, determinou dar o primeiro assalto. Amanheceo aos nossos hum temeroso dia, que foy

Assalta o inimigo o baluarte S. João.

foy aos dezanove de Julho d'este anno de mil quinhentos quarenta e seis; em roda da fortaleza appareceo o exercito inimigo. Juzarcão com mil e quinhentos soldados escolhidos accommetteo o baluarte S. João, de que era Capitão Luiz de Sousa, acompanhado de D. Fernando de Castro, Sebastião de Sá, Diogo de Reynoso, Pero Lopez de Sousa, Diogo da Sylva, Antonio da Cunha, e de outros Fidalgos, e soldados, que não passavão de trinta. Estes esperarão o primeiro impeto do inimigo com tanta gentileza, que rebaterão os primeiros oitenta que subirão, mostrando o dano que receberão nas vozes, no sangue, e na caída. Logo lhe succederam outros, fazendo-lhes a subida mais facil os corpos dos que cahirão mortos. Juzarcão os inflammava com a honra, com o premio, com a vingança. Os ares feridos de instrumentos de fogo, e de vozes humanas, fazião nas paredes da fortaleza huma impressão medonha. A bataria continuava nos outros baluartes; em S. João, e S. Thomé o assalto; porque fossem mais faceis de render forças, sobre pequenas, divididas.

E o de S. Thomé.

Rumecão com os Turcos assaltou

o

o baluarte S. Thomé, de que eráo Capitaens Dom Joáo de Almeyda, e Gil Coutinho; e como gente pelo valor escolhida, pela naçáo soberba, arremetêrão tam furiosos, que pelas lanças dos nossos intentaváo subir atravessados, buscando pela morte a victoria. Elles tinháo a vantagem do numero; a do lugar os nossos; e os que tinháo cavalgado o muro, ou haviáo de entrar victoriosos, ou morrer estropeados, porque lhes era mais perigosa a retirada, que a peleija. O inimigo sempre com nova gente reforçava o assalto, os nossos valendo-se de humas mesmas forças, se mostraváo superiores aos primeiros, iguaes aos ultimos. As mulheres acudiáo com armas, e panelas de polvora, vestindo os espiritos do tempo, nam os da natureza. Algumas com regalos, e bebidas alentaváo aos soldados, e náo podendo mostrar esforço proprio, serviáo ao alheyo. Taes houve, que com exhortaçoens os animaváo, merecedoras de forças varonis em coraçoens tamanhos; mas nos feitos d'este cerco contaremos os seus pelos mais raros, senáo pelos mayores. Via-se hum monte de corpos mortos aos pés dos baluartes, huns desangrados do ferro,

e outros abrazados do fogo. Alguns agonizando entre a ira, e a dor, pediáo vingança; e tal vez os que hiáo a satisfazelos, acabaváo primeiro. Em fim os nossos este dia fizeráo cousas maravilhosas, mais faceis de ajuizar pelo successo, do que pela escritura; porque sempre no particularizar accidentes, he a verdade incerta; mormente nos acontecimentos de guerra, onde a ira, ou o temor, e outros affectos, arrebatáo o juizo de maneira, que apenas poderia cada hum ser Chronista fiel de suas mesmas obras.

Resistencia dos nossos.

D. Fernando de Castro mostrou este dia esforço igual a seu sangue, mayor que seus annos. Sebastião de Sa nos deixou de seu valor huma clara memoria, até que atravessado de huma setta ervada por hum joelho, cahio quasi mortal; e não podendo sustentar a peleija, náo queria deixala. Foy em fim retirado dos companheiros com lastima, e enveja, deixando já nos inimigos seu sangue bem vingado. Todos em fim obraráo táo valerosamente, que este só dia bastava para os fazer soldados. Depois de duas horas de peleija, parecia que começaváo o assalto, obrando Rumecáo, como quem queria acabar a guerra

em

em hum só dia; mandou peleijar as nações divididas; ou para que a emulação as incitasse, ou por conservar melhor a obediencia, e elle mandando, e peleijando, com a voz, e com o exemplo os obrigava; e não se fartando do sangue, que via derramado, louvava os ouzados, afrontava os remissos, mostrando entre o horror das armas, colera com acordo. D. João Mascarenhas se mostrou não só Capitão, mas ainda companheiro de todos nos mayores perigos, peleijando, e governando tão sabiamente, que não ficou devendo nada ao valor, menos á disciplina.

Retira-se o inimigo com perda.

Vendo Rumecão os muitos mortos, que estavão em torno dos baluartes, e que os seus acodião ja com obediencia mais remissa, mandou tocar a recolher; retirando com pressa os mortos, e feridos, como para cobrir aos seus o dano, aos nossos a victoria; porém d'elles mesmos soubemos, que perderão quinhentos soldados neste assalto, muitos mais os feridos; dos nossos morreo hum só soldado, os feridos forão menos de vinte. Nesta desproporção se vé, que não se alcançou a victoria só com forças humanas, e Deos defendia a causa como sua,

 sen-

sendo de seu poder nossas armas felices instrumentos; de que ainda nos mostrará a Historia argumentos mayores.

Recolhido o inimigo, chamou o Capitão mór os nossos a segundo trabalho: o qual lhes fez mais facil, ou a necessidade, ou a victoria. Era preciso reparar as ruinas da fortaleza; sendo as pedras, e o barro os leitos moles, em que os nossos havião de restaurar as forças já tão quebradas; acodirão todos faceis, e alegres ao serviço, a que o Capitão mór os obrigava com seu proprio exemplo, vencendo, depois dos inimigos, a mesma natureza. Amanheceo a fortaleza em parte reparada, respirando os nossos no trabalho, como em novo descanso, não lhes fazendo o peso das armas differença da noite ao dia. Ficou o inimigo tão cortado d'este assalto, que se não atreveo em muitos dias vir com os nossos a braços; fazendo-o a experiencia mais cauto, ou temeroso. Tentava a fortaleza por momentos com algumas arremetidas leves para quebrantar os nossos com rebates continuos, e notar a disposição dos animos no occupar dos postos; não cessava porém a bataria,

in-

intentando enfraquecernos com hum lento assedio ; mas como cada dia engrossava o campo com diversos soccorros, e o Soltão significava o empenho em que estava nesta guerra, resolveo Rumecão dar segundo assalto á fortaleza.

Recorre Juzarcão a superstições.

Considerando porém o dano, que havia recebido, peleijando com tão superiores forças, entendeo que o estrago dos seus devia ter causas mayores, para o que convinha aplacar o Propheta. Ordenou logo, que se tirasse huma bandeira com a figura de Mafoma, e com ella desse o exercito diversas voltas em torno da Mesquita, e com outras expiaçoens barbaras, e ridiculas, tivessem a Mafamede aplacado, e propicio, cuja ira retardava aos seus a victoria. Fernão Carvalho Capitão do baluarte do mar, vio discorrer aquella noite o exercito com grão copia de luzes, ouvindo a tempo as vozes, e clamores, que logo paravão em subito silencio, e tornavão a rebentar em huns gemidos de multidão confusa, succedendo aos ais, e alaridos instrumentos de guerra; e nesta supersticiosa vaidade occuparão muitas horas da noite. Deu a Fernão Carvalho cuidado a novidade, de que

não pode fazer juizo. Avisou com tudo a D. João Mascarenhas do que vira; que entendeo serião disposiçoens para o assalto, ajudadas de algum barbaro culto, ou supersticioso rito, com que entendião conciliar a indignação de seu falso Propheta.

Apercebeo-se o Capitão mór para esperar esta segunda invasão do inimigo, achando a todos os soldados espiritos sãos em forças tão quebradas; os feridos, e enfermos desemparavão os leitos, e os remedios; mais promptos a buscar o perigo, que a saude. D. João Mascarenhas obrava, e dispunha as cousas necessarias á defensa com valor, e juizo. Amanheceo o inimigo sobre a fortaleza (ainda mal declarada a luz do dia) com vozes, e alaridos medonhos, entre bellicos instrumentos, que fazia mais temerosos o silencio da noite. Vinha o exercito dividido em tres esquadras; trazião diante, entre outras, huma bandeira, em que estava figurado o seu Propheta, para que os incitasse juntamente a Religião, e a Regalia. Ao mesmo tempo assaltarão os baluartes S. João, e S. Thomé, e a guarita de Antonio Peçanha, com tanta furia, que lhes não deixava ver, nem te-

Outro assalto.

temer o perigo, porém forão recebidos dos nossos de maneira, que voltárão mais depressa do que havião subido, caindo muitos mortos, os mais feridos, e outros abrazados do fogo. Ouvião-se as vozes de Juzarcão, e Rumecão, que incitavão a outros a escalar os baluartes. Estes subirão de refresco, favorecidos da escopetaria do exercito, innumeraveis settas, e outros tiros missivos. Aqui se atecu com grão calor o assalto, instando os Turcos por restaurar a opinião perdida, peleijavão estimulados da furia, ou da vergonha, porfiando a sobir por entre o ferro, e fogo, como homens que estimavão a vida menos que a victoria; assi chegarão a igualar-se com os nossos, peleijando corpo a corpo sobre o baluarte.

Luiz de Souza, D. Fernando de Castro, com os Fidalgos, e soldados de sua companhia, derão este dia novo credito à nossas armas, obrando de maneira, que Rumecão os nomeava aos seus, humas vezes para exemplo, e outras para injuria. Os Turcos tinhão por momentos soccorros successivos; os nossos sempre os mesmos, tão valentes se mostravão aos ultimos, como aos primeiros. Fervia

a guerra em todos os lugares. Dos inimigos erão ja muitos mortos, ou estropeados; porém o furor, e a ira, ou encobrião, ou desprezavão o dano; porque sobre o corpo d'aquelle que cahia, estribava outro o pé para arrojar a lança, ou peleijar mais firme, inventando o ardor, e a impaciencia da victoria, novas finezas, ou crueldades novas.

Entrão Turcos o baluarte S. Thomé.

Entrarão em fim o baluarte S. Thomé, que sustentarão por hum espaço largo, caindo huns, e succedendo-lhes outros. Aqui foy grande a furia do inimigo, e tambem o estrago. Os tres irmãos, D. João, D. Francisco, e D. Pedro de Almeyda, se mostrarão tão irmãos no valor, como no sangue, sustentando o peso de tantos inimigos o tempo que durou o assalto.

Os Turcos do terço de Rumecão peleijavão com os nossos corpo a corpo, iguaes no sitio, no número mayores, o perigo accrescentou o esforço. Dos que entrarão o baluarte, poucos baixarão vivos, mas como tinhão já esta porta para a victoria aberta, a todo risco querião sustentala. Rumecão, como este era o primeiro favor que lhe derão as armas nesta guerra, com louvores,

e

e promessas acendia o orgulho dos Turcos. Entre os nossos se derramou huma voz, que o baluarte era ganhado; e esta fama, ou fosse ardil, ou caso, pudera perder a fortaleza, porque os que nas outras estancias pelejavão, quasi tinhão desemparado os postos por soccorrer o baluarte, que havião perdido; principalmente os que guardavão as casas da banda da rocha, acodirão com tanto impeto ao soccorro, que se aliviarão em parte os companheiros, que do trabalho, e feridas. tinhão já as forças lassas, e quebradas.

D. João Mascarenhas andou pelas estancias certificando a todos, que estava por nós o baluarte, e do valor com que nelle se pelejava; que Rumecão estava vendo no destroço dos seos, que banhados em sangue se precipitavão do muro, acabando de perecer na queda. Durava o assalto; e com as mortes, e feridas, parece, que cresciáo em huns, e outros inimigos as forças, e a braveza: o que considerando Juzarcão, crendo que os poucos defensores, que tinha a fortaleza, estarião nos baluartes escalados, saindo do conflicto, se foy com alguns soldados torneando o muro, e che-

Juzarcão enveste a couraça.

chegando áquella parte da fortaleza, que chamão a Couraça, a qual a natureza fizera defensavel, sem arte, pola altura, e aspereza do rochedo, em que o már batia, e vendo que estava deserta, sem presidio; ou vigia, entendeo, que a qualidade do sitio nos tinha assegurados; e mandando chamar hum Sangiaco de cem Turcos, e prevenir escadas, começarão a sobir por aquella parte sem que fossem vistos, nem resistidos. porque os soldados que estavão alli de guarda, com a nova do baluarte S. Thomé ser perdido desamparando o posto, que guardavão com mais valor, que disciplina, se forão a soccorrelo.

Subirão os Turcos ousadamente a rocha, e forão demandar humas casas, que estavão encostadas á Igreja de Sanctiago, e davão passo a huma varanda baixa, em que logo arvorarão escadas para subirem outros; e Juzarcão de fóra os animava, crendo que havia roubado a Rumecão a honra, e a victoria. Ganharão os Turcos as casas, pelas quaes forão descendo á fortaleza, e hum mais atrevido, ou diligente entrou em casa de huma mulher casada, pedindo-lhe dinhei-

Valor de huma mulher Portugueza.

nheiro com seguro da vida ; a pobre da mulher cortada do temor mostrou que sahia a buscalo , e entrando na casa de outra vezinha , lhe contou desmayada o perigo em que estaváo ; e esta com o sobresalto da nova deu aviso a outra ; a qual com acordo , e forças de varáo , tomou huma chuça e indo a demandar a casa em que os Turcos estaváo , vio hum d'elles á porta , como vigiando o que passava fora , e remetendo a elle , tirando-lhe alguns botes de chuça , o fez recolher dentro , ficando-lhe o juizo táo livre no perigo , que teve acordo para cerrar a porta , e animo para esperar os Turcos , e impedir-lhes a sahida ; digna por certo , que entre os varoens mais claros ficasse sua memoria.

As mulheres , que viviáo para aquella parte , assombradas de hum temor tam justo foráo em demanda do Capitáo mor gritando : Turcos na fortaleza ; o qual acharáo com tres soldados correndo os baluartes , e ouvindo as vozes das mulheres , nam menos acordado , que animoso , mandou , que se cailassem , levando-as comsigo por guia á casa onde estaváo os Turcos ; e despedindo hum soldado dos que o acompanhaváo , lhe mandou que tirasse al-

Acode o Capitão mor.

gu-

guma gente dos baluartes, que menos apertasse o inimigo, callando o perigo da fortaleza aos que pelejavão; e logo despedio outro soldado, para que lhe trouxesse a gente que achasse derramada por fóra das estancias. No caminho se lhe ajuntou André Bayão com outro companheiro; e chegando á casa onde estavão os Turcos, vio aquella mulher, que os tinha encerrados, defendendo-lhes a sahida com esforço mais que varonil; faltando-lhe na vida premio, nesta Historia nome.

D. João Mascarenhas, havendo por presagio da victoria, achar em huma mulher valor tão novo, sabendo d'ella, que estavão os Turcos encerrados na casa, mandou a hum Abexim, que acaso alli apparecera, que lhe trouxesse huma panela de polvora, e porque se despachava lentamente, lhe travou de hum braço a tempo que do eirado da Igreja, onde já estavão alguns Turcos, sahio hum pelouro, que matou o Abexim, servindo ao Capitão de escudo, Chegou logo hum soldado com huma panela de polvora, e tomando-lha das mãos D. João Mascarenhas, lançando de hum vaivem as portas dentro, a quebrou entre os Turcos, onde o fogo abra-

E lança fóra os inimigos.

abrazou os mais d'elles, sem lhe tocarem muitos pelouros, que de dentro tiravão com pontaria certa; o que a muitos pareceo fortuna, a outros mysterio; e mostrando-se este dia igualmente Capitão, que soldado, cuberto de huma rodela com a espada na mão, envestio os Turcos com mais quatro que o acompanharão, e á força de cutiladas os levou até á varanda, onde os apertou tanto, que os fez precipitar da rocha com igual perigo ao de que fugião, porque os mais d'elles mortos, ou estropeados, perecerão na queda.

Sobem Turcos á Igreja.

Aqui foy D. João Mascarenhas avisado, que sobre o eirado da Igreja se vião muitos Turcos com dous guioens arvorados, os quaes do alto começavão a escopetear os nossos, que já vinhão chegando. Foy aqui grande o perigo, porque como tudo erão armas de fogo, obrava menos o valor, que a contingencia. Os nossos erão menos de sessenta, os Turcos mais de cem.

Vay o Capitão mór a elles.

E vendo D. João Mascarenhas, que em quanto aquelles sustentavão o lugar, crescião outros, mandou que lhe trouxessem escadas, ordenando o caso, e a necessidade, que na sua mesma fortaleza desse elle o assalto. Encos-

costarão os nossos ao muro huma pequena escada, e o primeiro soldado, que se lançou a ella, voltou logo derribado de muitas lançadas que os Turcos lhe derão. Chegarão logo escadas mais capazes, e arrimadas ao muro; querendo o Capitão mór subir primeiro, lhe fizerão os soldados justa força para que nam passasse. Accommetterão os nossos a subida pelas paredes do Apostolo Sanctiago, cuja a Igreja era, assegurando-lhes o lugar a victoria. O sitio fazia desigual a peleija; huns firmes, outros dependurados quebrarão duas escadas, porque entre os nossos a competencia, e o ardor de qual havia de subir primeiro, era outra nova guerra. O Capitão mór com as palavras, e com o exemplo animava os soldados, mais por officio, que por necessidade. Andava a briga muy travada; dos nossos alguns cahirão mortos, nenhum se retirou ferido. Nos que estavão debaixo, a impaciencia de não ter lugar para subir, causava mayor dôr, que as feridas que vião receber aos companheiros, porque ainda em tão prolixo, e perigoso cerco os não fartava a guerra. Cortavão-se huns aos outros com estranha crueza.

Ju-

Juzarcão animava, e soccorria os seus com nova gente; assi encheo brevemente de soldados o lugar donde peleijava, que era o eirado, ou abobeda da Igreja. Em fim os nossos a preço de seu sangue cavalgarão o muro, depois de porfiada contenda, mostrando a differença do valor na desigualdade do lugar, e do número. Tres horas largas durou a briga, na qual os poucos que nella se acharão, obrarão de maneira, que merecia só esta facção particular Historia; porem nem ainda os nomes lhes achamos escritos, havendo merecido com seu sangue mais distincta memoria. Forão mortos quasi todos os Turcos, huns na queda, outros na resistencia; e sempre serião os melhores os que merecerão ser escolhidos para facção tam grande.

E retirão-se.

O Capitão mór entendendo, que nos baluartes inda durava o assalto, levou os companheiros a descansar em segundo perigo; e visitando as estancias achou os nossos tam empenhados na resistencia, que parecia, depois de quatro horas, começar o assalto. Ao pé dos baluartes estavão tantos mortos, que lhes faltava a terra, cujos corpos facilitavão a subida do muro. Rumecão de fóra animava, ou

reprendia aos seus, segundo o brio, ou fraqueza com que se combatiáo, incitando-os com premios, ou castigos, mostrando em todas as facçoens d'este cerco valor, e disciplina. Dom João Mascarenhas náo descançava, ordenando, e provendo o necessario em todas as estancias, de sorte, que em nenhum perigo o achaváo os companheiros menos. Neste dia, que foy do Apostolo Sanctiago, parece que nos quiz mostrar o Santo, que era a victoria sua, náo menos poderoso contra Mouros agora na Asia, que antes na Hespanha.

Morte de Juzarcão. Durava a briga de huma e outra parte cruel, e temerosa, e Juzarcáo com a dôr viva de náo effeituar a escala da fortaleza, que lhe foy táo custosa, vinha com os soldados de sua obediencia dar calor ao assalto, porém de hum pelouro da fortaleza, que lhe deu pelos peitos, cahio atravessado, e morto. E como era pessoa de tanta conta pelo valor, e posto que occupava, foy logo a nova derramada pelo exercito, e chegando aos ouvidos de Rumecáo, a recebeo com grande sentimento, ou fosse temor, ou piedade: mandou logo tocar a recolher, e retirar o corpo de Juzarcáo; perda que

se

se não pode encobrir aos seus, que como fosse sobre outras muitas, ajuizavão, que já a victoria não valia o que tinha custado; e quando bem a alcançassem, quem havia de ficar que lograsse o triumpho? Que bem se mostrava o Propheta estar contra elles indignado, pois sofria ver sua bandeira ignominiosamente rota; e a estas consideraçoens juntavão outras, accusando a fortuna do General, e as causas da guerra, avaliando como culpas as desgraças presentes. Rumecão curava estas desconfianças com varios artificios, cubrindo a perda dos seus, e encarecendo a nossa; pondo-lhes diante dos olhos as mercês do Soltão, e a fama, como parte melhor do premio que esperavão. Em este assalto perdemos sete soldados, e feridos trinta; dos Mouros passou de mil o número dos mortos, e forão perto de dous mil os feridos.

E de muitos Turcos.

D. João Mascarenhas, depois de ordenar o enterro dos mortos, e cura dos feridos, em que não faltou com o cuidado, e menos com a fazenda, que despendeo sem conta, avisou por hum Catur ao Governador do estado das cousas, significando-lhe a falta que tinha de gente, muniçoens, e

O Capitão mor avisa o Governador.

 man-

mantimentos. Nesta fusta, ou Catur se embarcou Sebastião de Sá a rogo do Capitão mór, e amigos, dizendo elle, que só no baluarte onde fora ferido, podia ter saude, a qual lhe desejavão poupar todos, porque naquelle cerco merecerião suas obras fama, e vida muito mais dilatada. Chegou a Baçaim com a fusta quasi soçobrada, acodindo ao receber, e hospedar D. Jeronymo de Menezes Capitão da fortaleza, enviando logo ao Governador as cartas com os avisos de D. João Mascarenhas.

Cuidados do Governador sobre soccorrer Dio.

Andava neste tempo D. João de Castro muy cuidadoso dos successos de Dio, porque os temporaes do inverno lhe impedião ter novas, e despachar soccorros; porém sem perdoar a despeza, ou perigo, quasi por debaixo dos mares, lhe acodio com muniçoens, e gente, nos mayores apertos, como logo mostrará a Historia. Tinha aballado todo o poder da India com animo de ir em pessoa a descercar Dio, e parece que os successos lhe respondião ao intento, porque os Reys da India lhe fazião muy honradas offertas; e os Fidalgos, e soldados, sem soldo, ou mercê, se lhe offerecião.

Nes-

Neste tempo, que era já na entrada do mez de Julho, chegou á barra de Goa a náo Espirito Santo, Capitão Diogo Rebello, a qual era da conserva do Governador, e por ruim navegação havia invernado em Melinde; e ainda que chegou com alguma gente enferma, os ares da terra, o cuidado do Governador, e o alvoroço da jornada de Dio, lhes fez em breve reparar a saude. Alegrou-se D. João de Castro com tão opportuno soccorro para engrossar a armada; porém tardavão novas da fortaleza, que o povo interpretava como indicio de algum máo successo; quando chegárão as cartas enviadas pelo Vigario, das quaes o Governador entendeo o aperto do sitio, as forças do inimigo, a falta em que os nossos estavão de gente, e bastimentos; e como o tempo pedia mais conclusão, que conselho, assentou comsigo enviar a seu filho D. Alvaro de Castro com hum troço da armada contra o parecer dos mareantes, que havião por temerario este accommettimento no principio do inverno. Porém D. João de Castro sem deixar-se vencer do amor do filho, nem dos medos do tempo, resolveo enviar o soccorro; o que entendido pe-

Chega-lhe o aviso do Vigario.

Manda seu filho D. Alvaro com soccorro.

pelos soldados, e Fidalgos, se lhe vierão offerecer, ainda aquelles, que pelos annos, e authoridade já estavão escusos. Entre estes foy D. Francisco de Menezes, que depois de occupar grandes postos, se offereceo ao soccorro com praça de soldado; o Governador o levou nos braços, pedindo-lhe se guardasse para passar na armada em sua companhia; mas vendo que estava resoluto a ir neste soccorro, lhe deu sete navios, para que com elles tentasse o golfão, com os quaes partio D. Francisco com muitos soldados de brio, e alguns parentes seus, amigos de ganhar honra, que o acompanharão.

E primeiro a D. Francisco de Menezes com sete navios.

D'ahi a tres dias partio D. Alvaro, reconciliado já com o pay da queixa de enviar seu irmão D. Fernando primeiro, como se lhe tocassem por herança os primeiros perigos. Neste soccorro se embarcou grão parte da nobreza, a quem o gosto da empreza, e o da companhia do General, fazia desprezar os Turcos, e as tormentas. O Governador lhe lançou a benção, e o embarcou com grande saudade do povo, entregando os filhos pola patria, de quem se mostrou mais amoroso pay, que de seu mesmo

Parte D. Alvaro com dezanove.

mo sangue. Depois de o Governador dar ao filho algumas instrucçoens secretas, lhe ordenou, que estivesse à obediencia de D. João Mascarenhas, sem embargo de o eximir o posto; e assi lho escreveo; porque foy sempre D. João de Castro justo estimador de virtudes alheas. Erão dezanove os navios da armada, cujos Capitaens forão D. Jorge de Menezes, D. Duarte de Menezes filho do Conde da Feira, Luiz de Mello de Mendoça, e Jorge de Mendoça seu irmão, D. Antonio de Attayde, Garcia Rodriguez de Tavora, Lopo de Sousa, Nuno Pereira de Lacerda, Athanasio Freire, Pero de Attayde Inferno, D. João de Attayde, Balthasar da Sylva, D. Duarte Deça, Antonio de Sá, Belchior Monis, Lopo Vaz Coutinho, Francisco Tavares, e Francisco Guilherme.

Capitaens que com elle hião.

Logo que o Governador despachou esta armada, ficou aprestando a em que determinava passar, buscando bastimentos, e dinheiro, pedido sobre sua verdade, que era só o thesouro, que conservou na India, com que se fez senhor dos coraçoens, e fazendas de todos; o que certificaremos com os exemplos, como argumentos vivos.

Aprestos do Governador.

As mulheres de Chaul offerecem suas joyas.

As donas, e donzellas de Chaul, movidas de hum mesmo espirito, juntarão todas as joyas com que se adornavão, de ouro, e pedraria, e com liberalidade mayor que de mulheres, as enviárão ao Governador, sem preceder obrigação, ou rogo, significando-lhe que de seus proprios filhos, e maridos tinhão menos saudades, que inveja, pois o acompanhavão; não lemos nos Annaes dos Cesares acção mais generosa das matronas de Roma.

Offerta e carta de huma Dona.

Acaso se achava em Goa huma dona de Chaul, chamada Catharina de Sousa, quando chegou o presente, e juntando em huma boceta todas as joyas que tinha, as enviou ao Governador com esta carta: „ Senhor, eu soube „ como as mulheres de Chaul tinhão „ offerecido a V. Senhoria as suas „ joyas para a guerra. Ainda que eu „ me achasse em Goa, não quiz per„ der a parte da honra, que me d'ahi „ cabe. Por Catharina minha filha man„ do as minhas joyas a V. S. Não jul„ gue, em quam poucas são, as que „ póde haver em Chaul, porque lhe „ certifico, que eu sou a que menos „ tenho, porque as tenho repartido „ por minhas filhas. E créa V. S. que „ só das joyas de Chaul, póde fazer

„ a

,, a guerra dez annos sem se acaba-
,, rem de gastar. E a mercê que peço
,, a V. S. he, gastar logo estas minhas
,, na ida do Senhor D. Alvaro; por-
,, que eu espero em Nossa Senhora,
,, que haja elle tamanhas victorias,
,, que se escuse a ida, e trabalhos a
,, V. S. Isto peço em minhas ora-
,, çoens, e assi que acrescente a vida
,, a V. S. e o deixe ir a Portugal dian-
,, te dos olhos da senhora sua mulher,
,, e filhas. Escrita em Goa nas casas
,, de Dona Maria minha filha, hoje
,, onze de Junho. Minha filha Catha-
,, rina empenharey, se for necessario,
,, para o serviço de V. S. ,, Não sey
se do amor da patria, se da benevo-
volencia do Governador, nascião estes
estremos. Vimos iguaes necessidades na
India, mas não iguaes finezas, como
nos dias de D. João de Castro. Mui-
tos Fidalgos que acabarão de ser Ge-
neraes, e os velhos arrimados nos bor-
doens se vinhão offerecer para solda-
dos; porque não havia corpo, que po-
la authoridade, ou polos annos pareces-
se pesado.

Despedido hum, e outro soccor-
ro, ficou o Governador juntando o res-
to do poder, dispondo o governo da
Cidade em sua ausencia, e sempre com
hum

hum braço na paz, e outro na guerra, todas as occurrencias do Estado o achavão presente. E porque de muniçoens, e mantimentos havia na fortaleza falta, alem dos que ja tinha enviado, carregou hum caravelão grande, que por ser embarcação pesada, podia mal sofrer os mares. Alguns soldados lha tinhão engeitado, parecendo-lhes risco sem gloria, lutar com os elementos, mas pola importancia do negocio desejava entregar a caravela a pessoa de conta, a quem a honra fizesse o perigo mais facil. Communicou este negocio com Manoel de Sousa de Sepulveda, Fidalgo, que pelo valor, e juizo lhe era muito aceito; este lhe disse, que Antonio Moniz Barreto tinha brio, e industria para cousas mayores; que ainda que tinha d'elle Governador alguma leve queixa, seria para não pedir, mas não para engeitar o serviço Real em occasião tão ardua; que elle o tentaria e da resolução traria reposta. Assi foy, que entendido por Antonio Moniz o gosto do Governador, e que lhe dava huma viagem engeitada de alguns só por difficultosa, a aceitou promptamente. Do successo, e perigos que teve, diremos a seu tempo.

Antonio Moniz aceita ir a Dio.

Com

Com a vigilancia do Governador havião entrado na fortaleza alguns soccorros, com que o perigo, e trabalho carregavão sobre forças mayores, bem que não tinhão proporção com as do inimigo, porque o ultimo soccorro, que chegou ao exercito, era de treze mil infantes, conduzidos por outro Juzarcão, não menor no valor, nem melhor na fortuna, que o primeiro. Este trouxe apertadas ordens do Soltão para estreitar o cerco, escrevendo a Rumecão, que não era possivel, que viessem quatro miseraveis do fim do mundo fazer aos Principes de Cambaya injurias em sua mesma casa; que morressem todos na empresa, porque antes queria hum Imperio deserto, que sojeito; que pois nas ruinas da fortaleza estavão já os Portuguezes meyos enterrados, quando os não pudessem render como a homens, os matassem como a leoens em suas mesmas covas. Rumecão nam respondeo com mais, que apontar para as muralhas, e baluartes, todos postos por terra, já para gloria, já para desculpa; furioso de lhe parecer que o Soltão estava mal satisfeito do que tinha obrado; mais irritado da desconfiança, que do premio, prometeo satisfazer-lhe com a

Vem outro Juzarcão a continuar o cerco.

mor-

Levanta o inimigo hum bastião.

morte, ou com a victoria, e como a crueldade o fazia mais obedecido, que o cargo, mandou levantar hum bastião defronte do baluarte Sanctiago, que se obrou com incrivel presteza; o qual guarneceo de artelharia, e gente, que ficando a cavalleiro dos nossos, não podião assomar-se, que os não pescassem as ballas do inimigo.

Os nossos o desfazem.

Deu este negocio ao Capitão mór nam pequeno cuidado, porque se Rumecão dera por aquella parte o assalto, como era seu desenho, não podião resistir-lhe os nossos defensores, sem que ficassem descubertos ás ballas do inimigo; e resoluto a derribar esta maquina, encomendou a facção aos dous irmãos D. Pedro, e D. João de Almeyda, os quaes saindo com cem soldados no quarto da modorra, acharão os Mouros huns dormindo, e outros descuidados na confiança do lugar, e da hora, e dando subitamente nelles, fizerão em pequeno espaço estrago grande; porque desacordados se metião nas lanças, e espadas dos nossos, sem conhecer a morte, ou o inimigo. Os que puderão escapar fogindo, desperrarão o arrayal com gemidos, e vozes, sem saber affirmar cousa certa. Com a mesma

ma confusão chegou a Rumecão a nova; e como os perigos da noite se fazem parecer mayores, entendeo elle, que o atrevimento dos nossos estribava em forças grandes trazidas em algum soccorro, que havia chegado a furto de suas sentinellas. Chamou os Cabos a conselho, em quanto se punha o exercito em arma, e resoluto em soccorrer o bastião com o poder todo, entre ordens, e aprestos gastou o tempo de obrar, e quando ja chegou, achou a fábrica desfeita, degolado o presidio, os nossos recolhidos; facção não menos ditosa, que importante; morrêrão 300 inimigos, nenhum dos nossos.

Rumecão mandou logo levantar humas grossas paredes defronte do baluarte S. João, asseguradas com huma tropa de Mouros, que por quartos fazião sentinella, e sobre o terrapleno hia plantando alguma artelharia, para d'aquelle sitio, em mais proporcionada distancia, bater o baluarte. Porém D. João Mascarenhas, como andava vigilante em impedir os desenhos do inimigo; em huma noite tormentosa, e escura, lançou quatorze soldados por huma bombardeira, que dando de subito nos Mouros, os lan-

Valor de quatorze soldados.

lançarão do posto, em quanto os servidores com picoens, e outros instrumentos desfizerão a obra; do que sendo Rumeção avisado, resolveo assaltar a fortaleza com força descuberta, ordenando hum assalto geral para o seguinte dia; no qual fez huma pratica aos soldados, incitando-os com as injurias que tinhão recebido de tão poucos o inimigos, quasi desbaratados dos trabalhos, da fome, e das feridas; que mais honrados estavão os que alli acabarão, que os que ficarão vivos, sendo no Mundo testemunhas infames de huma afrontosa guerra; que em seus braços estava salvar a honra de seu Rey, vingar seus companheiros, e deixar de si no Oriente huma clara memoria; que das mercês do Soltão estivessem seguros, porque havia de premiar, e contar huma a huma as feridas de todos; que se algum se atrevia a governar o bastão de General, promettia como soldado ser o primeiro que subisse no muro.

Assi os despedio igualmente irritados da gloria, e da injuria. Logo ao outro dia ao romper da alva se aballou o exercito ao som de muitos instrumentos bellicos, com as bandeiras desenroladas, que se vião tremolar dos

nos-

nossos, e chegando aos muros, começarão em torno da fortaleza a arvorar escadas; favorecidas do corpo do exercito com innumeraveis, e differentes tiros de settas, pelouros, e outras armas, ajudando o horror d'este conflicto confusas, e duplicadas vozes, que incitando furiosamente os animos, e turbando os juizos, impedião mandar, e obedecer. Subirão os Mouros ousadamente os muros, e os Turcos por outra parte, como envejando cada hum o perigo alheyo, trabalhavão todos por ser primeiros no risco, e nas feridas. Os nossos, ainda que poucos, sendo cada hum Capitão, e despertador de si mesmo, obravão de maneira, como se estivesse por conta de cada hum a honra de todos. Os primeiros que subirão com o sangue, e as vidas pagarão a ousadia; mas logo com o mesmo ardor lhes succedião outros, incitados huns do valor, outros do General, que debaixo louvava, ou reprendia aos que subião, segundo o animo, ou fraqueza, que nelles descobria.

Assalto geral.

Lançavão os Mouros nos baluartes granadas, panelas, e alcanzias de fogo em tanta quantidade, que os nossos peleijavão entre as chamas, que prenden-

Reparo dos nossos contra o fogo.

dendo nos vestidos os abrazavão vivos. Occorreo o Capitão mór neste perigo com algumas tinas de agua, que em parte extinguião, ou refrigeravão o ardor do fogo; porém como o inimigo entendia o dano, continuou o ardil em todos os assaltos, a que os nossos inventarão hum remedio mais facil, que efficaz, vestindo-se muitos de couro, em que o fogo não podia prender tão levemente; e D. João Mascarenhas da colgadura de guadamecins, que tinha, fez reparar a muitos, ficando-lhe as paredes nuas, e os soldados vestidos.

Fervia a guerra; apenas se divisava a fortaleza, escondida entre nuvens de fumo, e só a descobria com breve luz o continuo fuzilar dos tiros; fazia horror o que se via, e o que se ouvia. Estavão ao pé do muro innumeraveis corpos, huns mortos, outros agonizando; e tudo o que se representava á vista, e ao juizo, era hum feyo espectaculo de mortes, horrores, e feridas. Em todos os baluartes se peleijava em ambas as partes com grande valor, ainda que desigual pola desporporção do número entre cercadores, e cercados. Mas o baluarte de Luiz de Sousa, onde estava Dom

Fer-

Fernando de Castro, quasi esteve perdido, porque o tomou o assalto com mayores ruinas, e foy accommettido pela gente mais escolhida do campo. Porém fizerão os defensores illustres provas de valor, peleijando entre chamas de fogo com tão nova constancia, que nenhum desamparou o lugar, mostrando-se sobre valentes insensiveis. Aqui se singularisou Dom Fernando de Castro com esforço de mayores annos; parece que o valor não esperou a idade. Obrarão este dia os Portuguezes cousas dignas de melhor penna, e mais larga escritura. E os mesmos Turcos forão testemunhas fieis de suas proezas, dizendo, que só os Frangues merecião trazer barbas no rosto.

Recolhe-se o inimigo.

Em quanto durou o assalto, deu o baluarte do mar muitas cargas ao inimigo, que como peleijava em tropas descuberto, recebeo grande dano. O que advertido por Rumecão, vendo suas bandeiras rotas, perdidos os melhores soldados, e que os Portuguezes havião defendido as ruinas de sua fortaleza, sem perder huma pedra, mandou tocar a recolher, sentindo o dano menos que a injuria. Foy este dia á nossas armas muitas vezes fe-

Com morte de trezentos.

lice, porque morrendo dos inimigos trezentos, e levando dous mil feridos, nam faltou nenhum dos nossos, ainda que alguns ficarão bem sangrados. Proveo logo o Capitão mór na cura dos feridos, sendo a benevolencia com que lhes assistia, o primeiro remedio acodindo aos enfermos com as despesas, e tambem com a dôr, e sentimentos, parecendo pay na paz, na guerra companheiro. Logo ao perigo succedeo o trabalho, reparando todos de noite o que as batarias derribavão de dia, porém acodião todos tão alegres ao serviço, que parecia vinhão a descansar, accarretando as pedras, a terra, e a faxina.

Trata Rumecão entulhar a cava.

Vendo Rumecão o risco, e a difficuldade que tinha tomar a fortaleza por escala, mandou correr com o entulho da cava do baluarte S. João até o de Sanctiago, obra que encomendou aos Janizaros, os quaes por opinião, ou por valor soberbos, buscavão com ambição os mayores perigos d'este cerco. Erão já mortos quatrocentos, deixando entre os seus fama, e sentimento: os que restavão assistião a esta obra, que para elles foy de nenhum fruto, e de grande perigo; porque a nossa artelharia os

pes-

pescava, e a muitos servidores, cujos corpos lançavão no entulho com disciplina barbara, e cruel. Crescia a obra, como era de faxina, e terra, quasi amassada com sangue dos miseraveis que nella trabalhavão; chegarão a encavalgar algumas peças, com que fazião dano aos baluartes, principalmente ao de S. Thomé, onde nos cegarão hum Camelo, e mostrava já a bataria disposição para cousas mayores.

Torna o Vigario a Dio.

Neste tempo chegou á fortaleza o Vigario João Coelho com nove soldados em huma embarcação pequena; e ainda que achou os mares grossos, e os ventos ponteiros, o trabalho, e a necessidade fez vencer o perigo. Referio, que o Governador se aprestava com vivas diligencias para acodir ao cerco, e os grossos soccorros, que já tinha enviado. Que em Baçaim ficavão quinhentos homens, que com o primeiro tempo esperavão atravessar o golfão; e que muitos impacientes na tardança tinhão tentado os mares. Pela fortaleza se derramou logo esta nova, que foy festejada dos soldados com folias, e musicas; e pondo todos os olhos no mar, as nuvens lhes parecião navios: tão credulos são os homens

em qualquer esperança. Forão os Mouros sabedores das novas do soccorro, e antes que os nossos se engrossassem com as forças que esperavão, dispuzerão hum assalto geral, resolutos a entrar a fortaleza, ou dar ao Mundo, e ao Soltão desculpa com as mortes, com o sangue, e com as ruinas.

Novo assalto.

Começou a bataria aquelle dia com vinte e tres canhoens, e alguns basiliscos, e a continuarão até o pôr do Sol, e no seguinte dia até ás tres da tarde. Arruinarão a mór parte dos muros, sem que os nossos se podessem cobrir com alguns reparos, ou travezes, pelas continuas cargas, que dava a espingardaria do inimigo. Chegarão logo os Turcos a cavalgar o baluarte S. Thomé pelas ruinas da bataria; porém o Capitão Luiz de Sousa, Dom Fernando de Castro, e D. Francisco de Almeyda com outros valerosos soldados, que o guarnecião, os receberão nas lanças com tal furia, que os fizerão voltar, huns mortos, outros estropeados. Succederão logo outros de novo, que cortados do nosso ferro, fizerão aos primeiros companhia. Nos outros baluartes se pelejava com a mesma fortuna, sendo o dano igual nos Mouros, e o valor nos

nos nossos. Estava tão raza a bataria, que os Mouros peleijavão com os nossos iguaes no sitio, como em campo partido, servindo-lhes as ruinas de escada, mas com grande ventagem do número, e instrumentos de fogo. Porém os nossos merecerão este dia huma immortal memoria, sustentando muitas horas o peso de tão desigual batalha; porque dos inimigos aos cansados, ou feridos, lhes succedião outros; os Portuguezes sempre os mesmos, não mostravão no valor, ou no tempo differença.

Resistencia dos nossos.

D. João Mascarenhas andava por todas as estancias mandando, e peleijando, humas vezes Capitão, e outras companheiro de todos; e vendo que o baluarte S. Thomé tinha o mayor perigo, por ser mais carregado do inimigo, mandou trazer muitas panelas de polvora por aquellas honradas matronas, que desprezando o risco, e o trabalho, acodião opportunas a servir entre as lanças, e os pelouros, com nunca visto exemplo, e algumas exhortaçoens aos soldados com juizo, e valor grande; outras com regalos, e mimos os esforçavam, parecendo que buscavão, ou merecião fama igual com elles. Ti-

nhamos o vento contrario, e levantando nuvens de pó da terra movediça, que os Mouros pisavão, quasi cegava os nossos, que estiverão a risco de perder-se só por este accidente; porém elles peleijando com os olhos cerrados, accommettião os Mouros, mais attentos a offender, que a reparar-se. Os inimigos peleijavão desesperadamente; acordando-lhes Rumecão por momentos a honra de seu Rey, e a sua.

Juzarcão enveste o baluarte S. João.

Juzarcão com os soldados de sua obediencia accommetteo o baluarte S. João com tanto valor, que estiverão os nossos em grande perigo; porque depois de derribar os primeiros que havião subido, tornarão outros a cavalgar as paredes com tanta furia, que sustentarão a peleija igual por muitas horas, até que desangrados do nosso ferro, huns mortos, outros desalentados, perderão o lugar, e as vidas. Aqui foy mayor o esforço, e tambem o perigo, porque estando os nossos com as forças já lassas, e quebradas, sobreviverão outros Mouros de novo; porém elles, como se tiverão poupadas as forças, e o espirito para o mayor trabalho, assi rechaçarão os ultimos, como os primeiros.

Na

Na guarita de Antonio Peçanha se peleijou com não menor valor, nem desigual fortuna; e sem particularizar accidentes, podemos ajuizar pelo successo, os casos deste dia; porque deixou o inimigo mil e seiscentos mortos, fóra innumeravel copia de feridos; cousa incrivel de pouco mais de duzentos soldados, que serião os nossos; assi o achamos escrito nas Relaçoens, e Historias d'este Cerco, que sendo nossas, costumão escrever louvores proprios com penna muy escaça. Nós ficámos com tres soldados menos, e com trinta feridos.

Perda grande dos inimigos.

Da bataria, que precedeo a este assalto, ficou a fortaleza quasi em roda arruinada, e aberta, faltando-nos para reparala tempo, materiaes, e gente; porém furtavão os nossos as horas ao descanso, trabalhando de noite, e derribando as casas da fortaleza, se servião das pedras, e madeiramento, fazendo huma fórma de defensa subita, e furtiva, mais conforme ao tempo, que á necessidade.

Faltavão as muniçoens, e os mantimentos, porque nam havia mais polvora, que a que se podia fazer dia por dia, pouca, e mal enxuta; falta que já começavão a conhecer os Mouros,

Necessidades da fortaleza.

ros,

ros, concebendo esperanças, e ouzadia para aturar o cerco, avisados, que a esta necessidade respondião as outras, porque já valia a tres cruzados hum alqueire de trigo, e ainda a falta delle era mayor, que o preço. Os doentes, na falta de gallinhas, comião gralhas, que acodião a cevar-se nos corpos mortos, as quaes os soldados matavão, e vendião por excessivo preço. Chegou em fim a tanto extremo a fome, que nam perdoavão a caens, e gatos, e outras viandas semelhantes; nocivas, e immundas; e com tam miseravel alimento reparavão as forças, desprezando perigos, e trabalhos; vencendo com a grandeza dos animos as paixoens, ou affectos da mesma natureza.

Como se remediou a falta de panelas de polvora.

Entre outros instrumentos offensivos, que faltavão, erão panelas para a polvora, de que se serve a milicia da India em már, e terra; e neste cerco forão de não pequeno effeito. Esta falta se reparou, juntando duas telhas com os vazios para dentro, e breadas por fora, de que pendião murroens com as pontas acesas, e arrojando-as entre os inimigos, abrazavão a muitos, e com este facil engenho ajudarão os nossos a victoria.

De-

Desejava o Capitão mór tomar lingua para saber os passos do inimigo, que sagaz, e ardiloso nos encubria seus desenhos com estranho recato; além de que do forte do már havia tido aviso, que as mais das noites chegavão alguns Mouros até á ponte da fortaleza, onde paravão, como gente que vinha a medir, ou reconhecer o sitio para algum effeito; o silencio, a hora, e a continuação mostravão não ser a diligencia a caso; polo que D. João Mascarenhas encomendou a Martim Botelho, soldado de confiança, que com dez companheiros se fosse huma noite lançar na ponte, e que por força, ou manha trabalhasse por lhe trazer hum destes Mouros. Foy lançado Martim Botelho com os mais companheiros pelas bombardeiras da Couraça no quarto da modorra, levando só espadas, e rodelas, e chegando ao lugar determinado, se baquearão em terra para não ser vistos dos Mouros, e a pouco espaço applicando o ouvido sentirão gente, que vinha a demandar a ponte, e levantados accommetterão subitamente os Mouros, que erão dezoito, que como se virão de improviso assaltados, voltarão as costas aos primeiros golpes, ficando só

hum

Tomão os nossos huma lingua.

hum Nobi no campo, que se defendia com huma lança muy valerosamente; porém Martim Botelho, vendo que era mais importante prende-lo, que mata-lo, lhe desviou hum bote de lança com a espada, e arcando com elle, o trouxe apertado nos braços até á fortaleza, onde foy recebido com a honra, que merecia o feito.

Que novas deu do inimigo.

Deste prisioneiro soube o Capitão mór os intentos do inimigo, servindo-se do aviso para se vigiar de alguns ardís, que maquinavão os Turcos. Mais lhe disse, que faltavão do exercito cinco mil homens mortos ao nosso ferro, sem outros Cabos de nome, e que os soldados de melhor voto, desconfiavão da empresa, entendendo seriamos soccorridos com a primeira vaga, que o már fizesse; porém que Rumecão com as perdas recebidas estava mais obstinado em proseguir o cerco: como homem empenhado na honra, e na palavra, que havia dado ao Soltão. E assi aconselhado de hum engenheiro Turco de

Mina-se o baluarte S. Thomé.

Dalmacia, ordenou que se minasse o baluarte S. Thomé, onde estava D. Fernando com Diogo de Reynoso, e outros Capitaens, e Cavalleiros; o que se fez com estranho silencio, sem que

os

os nossos pudessem rastrear o intento, quiçá por lhes parecer, que os instrumentos de fogo não erão tão praticados na Asia, como na nossa Europa; mas como os principaes Cabos do exercito erão os Turcos, parece que assi trouxerão o valor, como a disciplina.

Em quanto se trabalhava na mina, mandava Rumecão picar o muro por differentes partes, para que os nossos attentos ao perigo público, não dessem no secreto; e por nos divertir a attenção com outra industria, mandou fabricar alguns cavallos de madeira, e postos naquella parte, que olhava o baluarte S. Thomé, dava huns longes de o tomar por escala, e determinando dar o assalto aos dez de Agosto, aos nove mandou recolher a artelharia, que tinha nas estancias; e porque d'esta novidade lhe podiamos rastrear o intento, tratou de nos assegurar com outro novo engenho. Mandou na mesma noite hum Abexim á fortaleza, industriado de hum sotil engano; o qual chegado ao muro, fingindo hum temeroso recato, bradou pela vigia, dizendo, que o recolhessem dentro, porque queria tratar com o Capitão cousas de grande pe-

Trata Rumecão divertir-nos.

peso. Recolhido, e escutado por D. João Mascarenhas, começou a arengar discretamente, execrando a perdição do estado em que se achava, pois nacido de pays Christãos, perjurara a fé paterna, em que fora creado, como fruto abortivo de Catholicas plantas, e que agora já com os olhos abertos vinha bater ás portas da Igreja, para que os Sacerdotes Latinos encaminhassem ao curral de Christo tão perdidá ovelha; que esta era a miseravel relaçam de tão desconcertada vida; que nos particulares de Cambaya lhe affirmava, que o Soltão tivera aviso, como o Mogor com poderoso exercito entrava pelos confins do Reyno; pondo-lhe tudo a ferro; e que Juzarcão, que pouco antes viera ao exercito com treze mil infantes, trazia ordem para se unir com Rumecão, e juntos fazerem opposição ao inimigo; que com esta resolução mandara recolher a artelharia; porém que estivesse avisado para esperar hum assalto geral ao seguinte dia, porque queriam os Turcos que aquella guerra acabasse com algum estampido. Dom João Mascarenhas lhe louvou, e confirmou a resolução Catholica, que havia tomado, e no

mais

mais lhe agradeceo o aviso, tornando-o a lançar pelo muro, para que o fizesse sabedor de qualquer novidade que houvesse no campo.

Derramou-se pela fortaleza a nova de levantar-se o cerco com a certeza do futuro assalto, e os soldados alegres vestirão aquelle dia galas, huns festejando a vinda do inimigo, outros o fim da guerra. O Capitão mór achou a gente muy disposta a esperar o assalto, que como na opinião de todos era o ultimo de tão prolixo cerco, cada hum queria deixar de suas obras a memoria mais fresca.

D. Fernando doente acode ao baluarte.

D. Fernando de Castro estava de cama, curando-se de febres, e sabendo do assalto que se esperava, se levantou, fazendo força o brio á natureza; o que D. João Mascarenhas tratóu de lhe impedir, humas vezes como Capitão, e outras como amigo; mas como nesta parte a desobediencia parecia virtude, quiz antes errar contra a saude, que contra a opinião, vestindo armas, e acodindo ao baluarte.

Amanheceo o dia do glorioso S. Lourenço, dedicado com sua felice batalha a martyrios de fogo. Acudirão a suas estancias Fidalgos, e solda-

dados, com tanto alvoroço, como se já tiverão posse do premio, e da victoria. Logo virão de longe abalar-se o exercito inimigo com ordenada marcha, derramando-se em torno da fortaleza. Laborava a nossa artelharia com nam pequeno effeito, porque o inimigo, como soldado, sofreo a carga sem descompor a ordem com que vinha marchando, até ganhar o posto, e arvorar escadas para dar o assalto. Chegarão a accommetter os baluartes com resolução grande, querendo cevar os nossos na peleija, para que a confusão do conflicto servisse de cuberta ao engano do fogo, que tinhão maquinado. Fazião os nossos grandes gentilezas nas armas, como quem se apressava a descansar na victoria prometida no termo d'este dia.

Finge o inimigo novo assalto.

No baluarte S. João se resistia á violencia do ferro, sem temer a do fogo. Peleijavão os inimigos tibiamente até que lhes chegou o sinal de se dar fogo á mina, retirando-se a hum mesmo tempo todos; porém o temor igual, e subito nos descobrio o engano. Bradou logo o Capitão mór dizendo, que deixassem o baluarte, para que sem dano rebentasse a mina, já conhecida na improvisa retirada do

ini-

inimigo. Obedecerão todos ás vozes do Capitão mór, deixando o posto; porém Diogo de Reynoso, com desordenado valor sustentou o lugar, tratando de covardes aos que o desamparavão. A estas vozes tornarão todos a occupar o posto, nam querendo seguir a razão senão o exemplo. Rebentou logo a mina com espantoso estrondo, e aquelles valerosos defensores sustentarão mortos o lugar, que defenderão vivos. Aqui acabou Dom Fernando de Castro em idade de dezanove annos, levantado de huma doença, que a natureza pudera fazer leve, e o valor fez mortal. Morreo D. Francisco de Almeyda, continuando-se nelle o valor, e as desgraças dos de seu apellido. Aqui ficárão tambem sepultados Gil Coutinho, Ruy de Sousa, e Diogo de Reynoso, que pagou com huma vida tantas mortes, de que havia sido generoso, mas fatal instrumento. D. Diogo de Sottomayor, voando com huma lança nas mãos, cahio em pé na fortaleza, sem receber lesão do fogo, nem da queda. Alguns cahirão no arrayal dos inimigos; quasi sessenta homens perecerão nesta desaventura, e treze que escaparão com a vida, ou ficarão

Dá foge á mina.

Pessoas que perecerão nella.

rão

rão feridos, ou disformes do fogo. Escrevem outros com dilatada penna os casos d'este incendio. Nós por não lastimar a attenção de quem ler esta Historia, quizeramos nos successos de tão illustre cerco deixar antes em silencio este infelice dia. Admirarão-se os nossos de ver, que foy tão grande o effeito da polvora opprimida, que as pedras da fortaleza, arrebatadas do violento impulso, matarão muitos no campo do inimigo, obrando o fogo mais á vontade da natureza, que ao regulado limite do inventor da mina.

Valor notavel de cinco soldados nossos.

Passado algum espaço, logo que o fumo desassombrou a fortaleza, mandou Rumecão entrar quinhentos Turcos pelas ruinas do baluarte abrazado, seguindo-os de tropel o restante do campo; porém acharão cinco valerosos soldados, que lhes fizerão rosto, sustentando largo espaço o peso de tão nova batalha. Verdade tão estranha, que necessita de tanto valor para se escrever, como para se obrar; porém calificada então na confissão dos proprios inimigos, e agora nas cans de tantos annos. Acodio logo áquella parte D. João Mascarenhas com quinze companheiros, e vio dous espectaculos; hum que merecia lasti-

tima, outro espanto; e soccorrendo aos cinco soldados, fizerão todos tão dura resistencia ao inimigo, que bastarão a retardar a furia de hum exercito já quasi victorioso; caso que referido só com a verdade nua, excede tudo o que escreverão, ou fabularão os Gregos, e Romanos.

Correo voz pela fortaleza, que os Turcos estavão já senhores do baluarte abrazado, com o que alguns soldados, que nas outras estancias peleijavão, correram áquella parte, como de mór perigo, e quiçá que este falso rumor salvasse a fortaleza, porque formarão hum grosso, que bastou a fazer rosto a treze mil infantes, que tantos contão nossas Historias, que commetterão o baluarte da mina. As mulheres, como ensinadas a despresar as vidas, acodirão a ministrar lanças, pelouros, e panelas de polvora; e aquella valerosa Isabel Fernandes com huma chuça nas mãos, ajudava aos soldados com as obras, muito mais com o exemplo, e com as palavras, dizendo em altas vozes; Peleijay por vosso Deos, peleijay por vosso Rey, Cavalleiros de Christo, porque elle está comvosco. Os inimigos, como o successo da mina lhes havia aberto para

Esforço de Isabel Fernandes, e mais mulheres.

ra

ra a victoria huma tão larga porta, determinarão este dia concluir a empreza, incitados do General, e da occasião, peleijando já como favorecidos; os que combatião no baluarte, pola ambição de ser primeiros em facção tão illustre, se portavão com mais ardor, que os outros; e como erão Janizaros, e Turcos querião só para si a gloria d'este dia. Rumecão mandou nas outras estancias reforçar o assalto, para com a diversão, em poder tão pequeno, facilitar a entrada.

Esteve por muitas vezes perdida a fortaleza. Os inimigos muitos, e descansados; os nossos, sobre tão poucos, vencidos do trabalho de resistencia tão desproporcionada. Aqui acodio o Vigario João Coelho com hum Christo arvorado, dizendo, que aquelle Deos, cuja causa defendião, era o Autor das victorias; com cuja vista alentados aquelles fieis, e fortes companheiros, parecia que obravão com forças mais que humanas; porque nenhum mostrava das feridas fraqueza, ou sentimento, durando na batalha com o mesmo ardor, e espirito com que a começarão.

O Vigario anima os soldados.

Já declinava o dia, e os Turcos com os nossos mortalmente abrazados, por

por humas mesmas feridas vertiáo sangue proprio, e alheyo; e como hum exercito inteiro carregava sobre táo poucos defensores; chegaráo os nossos soldados a receber muitas lançadas em huma só ferida. Parecerá exageraçam o que como verdade referimos. Os grandes feitos, que os Portuguezes obraráo neste dia, o Oriente os diga, eu cuido, que da illustre Dio, lhes será cada pedra hum epitafio mudo. Porém dos cinco Cavalleiros, que havemos referido, não deixaremos com ingrata penna os nomes em silencio. Estes foráo Sebastiáo de Sá, Antonio Peçanha, Bento Barbosa, Bertholameu Correa, Mestre Joáo Cirurgiáo de nome. Com a peleija se acabou o dia; mandou Rumecáo tocar a recolher: depois de haver perdido neste assalto setecentos soldados, e sem conta os feridos, de que morreráo muitos mal assistidos na cura, porque pola multidáo cansaváo os mestres, e faltaváo os remedios. Dos cinco Cavalleiros, que defenderáo o baluarte, morreo só Mestre Joáo despedaçado de muitas feridas, que deixou bem vingadas, sem querer deixar a briga, nem obedecer aos amigos, que o retiraram como pessoa táo impor-

Nomes dos cinco soldados.

Retira-se Rumecão.

P tan-

tante pola arte, polo valor não menos. Isabel Madeira sua mulher acodio a atar-lhe as feridas mortaes, e depois de o enterrar por suas mãos com poucas lagrimas, e grande sentimento, acodio ao trabalho das tranqueiras com as outras matronas; valor estranho, ou raras vezes visto ainda no varão mais constante.

Particular valor de Isabel Madeira.

Logo que se retirou o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos, que estavão nas ruinas do baluarte, sendo levados de hum sepulchro a outro. Forão enterrados juntos pela estreiteza do lugar, e do tempo; faltando funebres honras, e piedosas lagrimas a tão honradas cinzas; porém dormem com saudade mayor da patria em humilde jazigo, que aquelles, que em urnas de alabastro deixarão de huma vida sem nome ociosa memoria. A D. Fernando de Castro depositarão em separado enterro, por se o Governador seu pay quizesse trasladar-lhe os ossos a lugar differente; lavrar-lhe-hia tumulo mais soberbo, porém não mais illustre. Depois que o Capitão mór cobrio aos companheiros de piedosa terra, acodio a reparar o estrago, que deixara o assalto nas paredes; a que aju-

ajudarão as mulheres companheiras do trabalho, e perigo, sem reservar tempo, e lugar para a dor, e lagrimas dos filhos, e maridos, que virão espirar com seus olhos, e ellas mesmas havião sepultado, encobrindo o sentimento natural com nunca visto exemplo.

Determinação do Capitão mór.

Reparados os baluartes com as pedras ainda quentes do sangue, e do incendio, chamou o Capitão mór a conselho os poucos companheiros, que sobreviverão ao estrago, representando-lhe o miseravel estado em que se achavão; a mayor parte dos defensores mortos; os que ficavão enfermos, e feridos; destroçadas as armas; corrupto o mantimento, as muniçoens gastadas; a fortaleza posta por terra; os mares com os temporaes do inverno cada vez mais cerrados, o inimigo vigilante, e soccorrido por horas, com a noticia de todas estas faltas; o que considerado pedia a todos, que não se lembrando das vidas, o aconselhassem, como melhor poderião salvar a honra de seu Rey, e as suas; que entendessem, que estavão como espectaculo do mundo, e tinhão sobre si os olhos do Oriente todo, expostos a merecer a mayor fama, ou a mayor in-

infamia; que se não podião alcançar a victoria, podião privar della aos inimigos, pois estava nas mãos de todos o poder acabar gloriosamente, ganhando mayor honra destroçados, que os Mouros victoriosos; que os havia chamado para lhes communicar a resolução em que estava, esperando, que todos a approvassem, a qual era que em se gastando esse pouco mantimento, e muniçoens, que havia, queimar a roupa, cravar a artelharia, e sair com as espadas nas mãos a buscar o inimigo, para que não pudesse chamar victoria aquella, em que não acharia cativos, nem despojos. Ouvido D. João Mascarenhas, não houve soldado a quem não parecesse que tardava o effeito de resolução tão valerosa. Diga Roma, se acha nos seus Annaes escrita huma acção tão illustre dos seus Fabios, Scipioens, ou Marcellos.

Viagem de D. Alvaro de Castro.

Em quanto estas cousas passavão, andava D. Alvaro de Castro com as tormentas do inverno a braços; porque sendo vinte, e quatro de Junho, tempo em que se não deixa navegar aquelles mares, elle, temendo o perigo da fortaleza, e desprezando o da armada, forçava o remo navegando

do por debaixo das ondas. Era o vento travessão, e os mares andavão tão cruzados, e soberbos, que comião os navios, huns abertos com a força do vento, outros sem mastos, e desenxarceados andavão sem governo á vontade das ondas, e se hião alagando por hum, e outro bordo, sem nenhum obedecer ao leme. D. Alvaro obstinado em soccorrer a Dio, andava a huma, e outra parte errando, vendo-se por momentos soçobrado; até que com o trabalhar do navio, lhe saltou o leme fora, com o que impaciente arribou a Baçaim destroçado com alguns navios de sua conserva; outros tomarão differentes portos, e enseadas. Aqui achou D. Alvaro a D. Francisco de Menezes arribado com a mesma fortuna, depois de haver huma, e outra vez tentado o golfão, que achou com tal braveza, que alijou ao mar as muniçoens, e mantimentos que levava, por salvar o casco.

Arriba a Baçaim.

Neste tempo chegou Antonio Moniz Barreto com o caravelão das muniçoens; e como era tão geral a tormenta, esteve muitas vezes perdido; e surgindo o entregou a D. Alvaro com animo de passar a Dio, a despei-

Chega Antonio Moniz a Baçaim.

to

to dos mares, em qualquer embarcação que achasse, como saboreado de hum perigo para entrar em outro. Este dia, crescendo o tempo, começou a cassear o caravelão, e trincou duas amarras; e como era baixel tão importante, por trazer as muniçoens do soccorro, tentou D. Alvaro acodir-lhe; e por mais que trabalharão os marinheiros, não puderão chegar-lhe com a força do tempo. Porém Antonio Moniz Barreto, metendo-se em huma Galveta, que acaso achou na praya, os de terra o virão mil vezes socobrado; mas como era embarcação tão leve, e não fazia resistencia aos mares, sobre elles vagamente se sostinha. Em fim chegou, deu cabo ao caravelão, o qual contra o juizo de todos, com mais fortuna que razão, trouxe atoado. E fazendo discurso que só aquella embarcação, por leve, e pequena, poderia penetrar mares tão grossos, na qual faria menos impressão o choque e embate das ondas, a comprou a hum mercador secretamente, e com alguns marinheiros pagos á sua vontade, se veyo embarcar nella. Estava acaso na praya Garcia Rodriguez de Tavora, e vendo a resolução de Antonio Moniz, lhe

Salva o caravelão dos mantimentos.

Partem dous fidalgos para Dio.

lhe pedio o levasse comsigo; escusou-se o Moniz dizendo, que lhe náo convinha acompanhar-se de homem táo grande, que lhe fizesse sombra, porque queria só para si este perigo, sem que na sua embarcaçáo parecesse segundo. Garcia Rodrigues lhe affirmou, que em toda a parte confessaria, que elle era o que o levava, e que disto lhe passaria escritos. Com tanto escrupulo se tratavão naquelle tempo os pontos da opiniáo. Satisfeito Antonio Moniz d'este comedimento, deu lugar a Garcia Rodriguez; e vendo-os fazer-se ao mar Miguel de Arnide, hum soldado de corpo agigantado, e mayor ainda no brio, que na estatura, bradando-lhes de terra, lhes disse: Como, senhores, sem mim passais a Dio? Náo cabeis cá (lhe respondeo hum delles.) Mas o valeroso soldado, lançando-se ao már vestido, com huma espingarda na boca, hia nadando demandar a Galveta. E vendo Antonio Moniz táo grande gentileza, pairou para o recolher dentro, dizendo, que levava hum bom soccorro a Dio, em táo bom companheiro.

Miguel de Arnide os acompanha.

Foráo aquelles Fidalgos navegando com tempos táo rijos, que andaráo todo aquelle dia, e noite à mi-

Perigos da viagem.

misericordia dos ventos, obedecendo a Galveta aos mares sem carreira, ou governo. Humas vezes a faziáo surdir as ondas, outras perder o que tinháo canjado. Foráo correndo com huma moneta ao pé do masto á discriçam dos mares, que a alagaváo por hum, e outro bordo, os quaes apenas podiáo vencer com baldes. Nesta fadiga, e risco passaráo a noite toda rendidos do continuo trabalho, sem que com a escuridáo d'ella, e cerraçáo do tempo, pudessem conhecer a paragem em que estaváo. Amanheceo o dia com pouca differença da noite, e elles continuando com a luta das ondas, até que sobre a tarde houveráo vista da fortaleza; porém táo arrasada, que apenas se dava a conhecer polas ruinas. Chegaráo em fim a dar fundo, sem que fossem sentidos das vigias; argumento de ser a fortaleza perdida. Bradou Antonio Moniz alto, e sendo ouvido dos de dentro, foráo correndo dar aviso ao Capitáo mór. Aqui se conta, que perguntando as vigias, quem eráo? Respondera hum soldado, que Garcia Rodriguez de Tavora; o que Antonio Moniz sofrendo mal, disse; que elle era o que alli vinha; e pudera a descon-

Chegão a Dio.

Desconfiança briosa destes dous fidalgos.

fi-

fiança chegar a mayor rotura, se Garcia Rodrigues cortez, e comedido, não temperara o animo de Antonio Moniz justamente sentido; se bem o tempo, e o motivo puderão fazer desprezar queixa tão leve. Chegou D. João Mascarenhas, e levando-os nos braços, lhes disse, quanto estimava tão opportuno soccorro. Perguntou a Antonio Moniz, onde se achava D. Alvaro de Castro, o qual lhe respondeo em voz alta, que os soldados ouvirão: Aqui senhor, em Madrefabat o tendes com sessenta navios, e com a primeira vaga do tempo lhes vereis as bandeiras. E em secreto lhe disse, que ainda ficava em Baçaim arribado, depois de tentar o golfo muitas vezes, mas tão impaciente na tardança, que não esperaria tempo para vir soccorrelo. Esta nova foy festejada de maneira, que os soldados com danças, e folias, esquecião os trabalhos, passados, na esperança do soccorro vezinho; e os que havião militado com D. Alvaro, com a experiencia de seu brio, certificavão a vinda a despeito dos mares e dos ventos.

Dão novas de D. Alvaro.

D. João Mascarenhas agasalhou os hospedes no baluarte S. João, e

S.

S. Thomé que erão os mais arruinados, dando-lhes estes mimos da guerra, como a benemeritos dos mayores perigos. Não era neste tempo menor o risco, mas já menos temido. Mandou Antonio Moniz a embarcação em que viera, a seu primo Luiz de Mello de Mendoça, que lha havia pedido. Passarão nella alguns soldados estropeados com cartas do Capitão mór a D. Alvaro de Castro, em que lhe dava conta de todo o succedido, referindo-lhe em summa as necessidades que temos relatado. Chegou a Galveta a Baçaim com grande alvoroço dos que a virão, polas novas de estar ainda por ElRey a fortaleza, se bem misturadas com as fezes de tantas mortes, entre as quaes foy muy sentida a de D. Fernando de Castro, que em tão verdes annos deixou de si tão honrada memoria. D. Alvaro a recebeo com a constancia de soldado, tomando por alivio achar-se com a espada na mão para vingala. E logo aquella mesma tarde mandou sahir a armada com ordem, que todos puzessem a proa em Dio, e que nenhum navio aguardasse por outro.

Avisa o Capitão mór a D. Alvaro.

O qual sahe de Baçaim.

Entretanto Rumecão vendo, que obravão mais as minas, que os assaltos,

Continua Rumecão as minas.

tos, sabendo de alguns escravos, que da fortaleza haviáo fogido da fome, e do perigo, o sentimento com que os nossos estaváo pola falta de tantas pessoas illustres, que acabaráo na mina, e a estreiteza com que se repartiáo as muniçoens, e mantimentos, resolveó continuar as minas, que se obraváo com menos risco, e com mayor effeito; para cujo intento mandou picar o baluarte Sanctiago, e o lanço de muro que para elle corria, tudo por estradas torcidas, e encubertas, para nos esconder o desenho, e assegurar os seus trabalhadores. D. Joáo Mascarenhas cauto, e prevenido, arguindo d'aquella breve pausa que faziáo as armas do inimigo, que trabalhava em outra nova mina, temendo-se do baluarte de Antonio Peçanha, mandou-lhe fazer alguns repairos, e abrir escutas, por onde conheceo, que por aquella parte se picava o muro: o qual o inimigo achou táo forte, que o náo podia romper o picáo; difficuldade que venceo com vinagre, e fogo. Donde se vê que a estes inimigos da Asia náo faltava valor, nem disciplina, como erradamente escrevem, os que em abatimento de nossas victorias, imaginaráo os Mouros Orientaes barbaros, e bi-

Os nossos acodem ao reparo dellas.

bisonhos. Com este artificio começou a arruinar o muro; e logo entre o baluarte S. Thomé, e o Cubello, ordenou Rumecão, que se lavrasse a mina; a qual sendo conhecida dos nossos, lhe fizerão contramina, e alevantarão por dentro huma parede forte; e como estavão faltos de materiaes, e gente, acodirão aquellas honradas matronas ao serviço de tão pesada obra em beneficio dos feridos, e enfermos, que não podião suprir este trabalho, nem tão pouco escusalo.

Anima Rumecaõ os seus para outro assalto.

Logo que Rumecão teve posta em perfeição a mina, determinou á sombra d'ella dar hum geral assalto, e chamando a si os Cabos do exercito, e os que estavão escolhidos para escalar o muro, escrevem que lhes fez esta falla: „ Aquellas ruinas, que „ estais vendo, tintas no sangue de „ nossos companheiros, hão de ser „ hoje nosso sepulchro, ou nosso alo- „ jamento. Cem soldados são os que „ guardão aquellas estragadas mura- „ lhas, aos quaes a fome, e as feri- „ das tem tirado as forças de sorte, „ que só peleijamos com as sombras, „ dos que já forão homens, offerecendo „ os miseraveis aos nossos alfanges „ vidas sem sangue. A honra, que

„ nes-

,, neste cerco tem ganhado com valor
,, infelice, ha de ser toda nossa, por-
,, que do fim da guerra tomão nome
,, as empresas; que o mundo julga
,, sempre o valor da parte da ultima
,, fortuna. Acabemos de ganhar aquel-
,, lá fortaleza, subamos a este monte
,, de triumphos, vingaremos infini-
,, tas injurias com huma só victoria.
,, Livremos esta escrava da Asia das
,, prisoens do tributo; livremos nossos
,, mares, que debaixo de suas armadas
,, violentados gemem. Com este ulti-
,, mo assalto poremos fim à tão illus-
,, tre empresa, e se acordará o Orien-
,, te idades largas com alegre memo-
,, ria de tão fermoso dia.

Commettem o baluarte Sanctiago.

Acabada a pratica, fallou, e animou aos particulares com razoens accommodadas ao tempo, e ás pessoas, sinalando premios aos primeiros que subissem ao muro, como pudera o mais sabio, e pratico capitão da Europa. No mesmo dia, que foy o de dezaseis de Agosto, sahio o inimigo com todo o poder, de seus alojamentos, e repartindo-se ordenadamente pelos baluartes, deixou o mayor grosso do exercito, para accommetter o de Sanctiago, por onde esperavão abrir a porta á victoria, ao qual se arroja-

rão

rão tumultuariamente, dando espantosas voses, e tirando sobre elles grande copia de armas de arremesso para chamarem á defensa a mayor força dos nossos. Ateou-se por esta parte com mayor calor a briga, até que na força do conflicto, fingindo o inimigo, que cedia á nossa resistencia, se retirou subitamente, como à sinal certo. Os nossos, que estaváo sobre aviso, conhecendo o engano no temor simulado, com que se retrahiáo, se apartaráo tambem do baluarte, esperando que rebentasse a mina. Deráo-lhe os Mouros fogo, o qual achando resistencia nos repuxos, e escarpas do muro, que lhe contrapuzeráo, rebentou pela face de fora retrocedendo; e voando a cortina do muro, a lançou sobre os Mouros com táo grande violencia, que matou mais de trezentos, e muitos mais ficaráo estropeados.

Rebenta a mina com dano dos inimigos.

Ficou a fortaleza espaço grande escondida em nuvens de pó, e fumo, sem que de huma, e outra parte se conhecesse o dano; mas logo que se começaráo à adelgaçar os ares, acodio o inimigo em tropas a subir pelos estragos, e ruinas do fogo, com tanta certeza de victoria, que huns aos outros

tros faziáo impedimento, estimulados da cobiça do premio, ou da ambiçáo da honra. Porém os nossos os recebeǽo nas lanças, fazendo-os voltar em pedaços sobre os opprimidos da mina. Tras estes accommetteráo outros, que depois de peleijarem grande espaço, foráo tambem derribados dos nossos; aos quaes desatinaváo muitas settas, chuços, e alcanzias de fogo, que tiraváo do campo, com que nos encravaváo alguma gente, e impediáo a defensa aos soldados attentos a hum e outro perigo; porém assi abrazados, e feridos, náo houve algum que largasse o lugar que sostinha, onde fizeráo táo heroicos feitos, como se deixáo ver no successo, e na desigualdade da peleija. O fogo, que os Mouros lançaváo no baluarte, era tanto, que os nossos peleijaváo em hum incendio vivo; a que o Capitáo mór occorreo mandando trazer tinas de agua onde mitigaváo, ou extinguiáo os vestidos, e corpos abrazados. Como a esta parte se inclinou mais o poder do inimigo, tambem aqui lhe fez opposiçáo mayor a força dos nossos, com que se acendeo a peleija mais viva, soccorrida dos Mouros por momentos com gente de refresco, e assistida com a presença,

e

e voz do General, que os esforçava.

Antonio Moniz Barreto, e Garcia Rodriguez de Tavora, derão aqui de seu valor huma illustre prova, sostendo o peso dos inimigos com constancia não vulgar, mostrando os mesmos brios nos perigos da terra, que nos do mar. Muita parte da honra d'este dia coube áquellas nunca assaz louvadas matronas, não só companheiras no trabalho, mas tambem no perigo. A boa velha Isabel Fernandes com huma chuça nas mãos, animava aos soldados com palavras, e melhor com o exemplo; e as demais entre as settas, as lanças, e pelouros, ou mostravão seu esforço, ou servião ao alheyo.

Continuão as mulheres seu valor.

Nos outros baluartes não estavão as armas ociosas, porque em todos se peleijava, para com a diversão facilitar a entrada pelo de Sanctiago onde havia rebentado a mina. Ordenou tambem Rumecão, que se batesse a Igreja da fortaleza, que podia ser arrazada por estar eminente, crendo naquelle lugar, seria mais sensitiva a offensa. Porém os nossos derão tão grande pressa aos inimigos, que chegavão já froxos, e tibios a escalar o muro, detidos no horror de seu mesmo estrago.

Mandou Rumecão tocar a recolher im-

impaciente, deixando sobre quinhentos mortos, sem conto os feridos. Qualquer dos nossos se podia contentar com a honra, que ganhou este dia. Miguel de Arnide, aquelle valeroso soldado, se assinalou tanto, que mostrou ser ainda aquelle corpo pequeno para tamanho espirito; e como a tão crecida creatura acompanhavão forças proporcionadas, o que alcançava com o primeiro golpe, escusava o segundo. Mojatecão, que tinha vindo ao exercito com hum soccorro grosso, e do valor dos Portuguezes fallava com desprezo, formando differente juizo com as experiencias d'este dia, dizia, que erão dignos de que os servissem as gentes; e que a fortuna do mundo estava em serem elles tam poucos, porque a natureza, como a leoens, os tinha feito raros, encerrando-os nas covas do ultimo Occidente.

Retirão-se os inimigos com perda.

Mojatecão louva o valor dos nossos.

Este dia perdemos sete soldados, e ficarão vinte e dous abrazados; e já os sãos erão tão poucos, que não bastavão a curar os feridos, e menos a repairar as ruinas da fortaleza, para que faltava tempo, materiaes, e gente; mas como Rumecão achava nos assaltos tão dura resistencia, fazia de nossas forças differente concei-

Avisado Rumecão de tres escravos fugidos. to. Neste tempo fugirão para o inimigo tres escravos nossos, os quaes levados a Rumecão, lhe affirmarão, que na fortaleza não havia sessenta soldados, que pudessem tomar armas, e estes muito debilitados com a fome, e continuo trabalho das obras, e vigias, nos quaes não acharia mais que obstinação sem forças. Com a certeza d'este aviso, resolveo Rumecão assaltar-nos com todo o poder para o seguinte dia, declarando aos seus o estado em que nos achavamos, e mandando, que todos o ouvissem da boca dos escravos; os quaes discorrendo pelo exercito, espalhavão alegres a relação de nossas miserias.

Dá outro assalto. Logo que amanheceo, se ordenou o exercito para dar o assalto, no qual como o ultimo da guerra, se quizerão achar todos, e alguns vestirão galas, crendo, que hião mais à triumpho, que à peleija. Sahirão de seus alojamentos, com todas as insignias arvoradas, tocando diversos instrumentos, que alternados com a vozeria do campo, articulavão eccos barbaros, e medonhos; e como trazião vencido o medo com as noticias, que temos referido, de longe se avançarão ao baluarte S. Thomé, que por es-

estár quasi todo arrasado, as ruinas lhes serviáo de escadas. Era de Turcos esta primeira tropa, que arremeteráo confiados, como a dar a victoria; porém os nossos quebrando entre elles algumas panelas de polvora, os fizeráo retirar abrazados. Com a mesma furia chegaráo outros, que depois de peleijarem algum espaço, voltaráo tambem como os primeiros, sangrados do nosso ferro. Mas Rumecáo, crendo, que táo continua resistencia nos teria consumidos, como o ferro, que cortando se gasta, ajuizando nossa fraqueza do seu mesmo estrago, bradou aos seus, que subissem à tomar posse da fortaleza, que já náo havia quem se lhes opuzesse. Aqui arremeteo tumultuariamente hum gráo troço de Mouros esforçados, ou credulos ás vozes do General. Estes com o primeiro alento cavalgaráo o muro, e começaráo a peleijar com os nossos braço à braço, muitos, e descansados contra poucos já lassos, e feridos, porém tirando forças do brio, e necessidade, se mostraráo táo valentes aos ultimos, como aos primeiros. Alguns dos inimigos cahiáo, e succediáo outros, com que esteve a fortaleza muitas vezes perdida. Aqui

Valerosa resistencia dos nossos.

acodio D. João Mascarenhas animando os seus, como grão Capitão, peleijando como o melhor soldado, e próvido a todas as occurrencias da guerra, tinha prompto todo o genero de armas, de que se ajudavão os nossos, ministradas por aquellas valerosas mulheres. Luiz de Sousa, Capitão d'aquelle baluarte, fez grandes gentilezas nas armas este dia. Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tavora, D. Pedro, e D. Francisco de Almeyda, fizerão obras dignas de mayor escritura; e todos os mais Cavalleiros, e soldados, que aqui se acharão, alcançarão bem merecida fama.

Accommette Rumecão o baluarte S. João, e retira-se.

Mandou Rumecão accommetter o baluarte S. João, crendo pela informação dos escravos, que achasse a entrada franca, mas obrarão tanto os poucos defensores que tinha, que obrigarão a retirar o inimigo com perda, e com vergonha. Rumecão assombrado do que via, affirmava, que eramos instrumentos da indignação do Ceo contra Cambaya, e segunda vez tratou de applacar Mafoma com algumas expiaçoens barbaras, e ridiculas; e porque nos assaltos perdia muita gente sem fruto, e os soldados já timidos des-

desprezavão a obediencia com o horror de tão quotidiano estrago, tornou a tentar as minas, como artificio, ou mais efficaz, ou mais seguro E primeiro mandou abrir muitas setteiras na parede, que dividia o exercito da nossa fortaleza, por onde recebião os nossos muito dano, porque peleijavão como em campo raso; sem abrigo da muralha, que estava arruinada. Começarão a laborar os seus arcabuzes, dando continuas cargas.

Intenta arrombar a cisterna.

Ordenou que com hum Quartão se batesse a cisterna, a qual, se chegara a arrombar-se, nos perderiamos com sede, como mal sem remedio. Esta cisterna está á entrada de huma rua, que chamamos a Cova, que foy a cava antiga dos Mouros, onde se recolhia a gente inutil. Aqui cahião muitos pelouros com dano dos miseraveis, que alli se abrigavão, e perigo da abobeda que cobria a cisterna. A este perigo occorreo o Capitão mór, ordenando huma tranqueira alta de vigas, e entulho, com que remediou hum, e outro dano, furando as casas pela parte de dentro, com que de humas a outras se dava serventia segura.

Entretanto trabalhavão os Mouros

na mina, que hia demandar o baluarte Sanctiago, o que entendido dos nossos, ordenarão por dentro repuxos fortes, e abrirão alguns vaons por onde se vazasse o fogo. Chegado o termo de rebentar a mina, achou tal resistencia nas escarpas, que deu com parte do baluarte para a banda de fora, matando quantidade de soldados, e mineiros, que assistião na obra, sem que dos nossos perigasse algum, ficando inteira a cortina do muro; seria caso, mas tão raro, que parece milagre. Em rebentando a mina, subirão de tropel os Mouros pelas ruinas do baluarte, donde se lhe oppuzerão os nossos, desvelados das continuas vigias, debilitados das fomes, e feridas, sustentados mais na grandeza do espirito, que em forças naturaes; mas ainda assi os animou a honra, e o perigo, de sorte, que parecião peleijar com forças descansadas, e inteiras, detendo a furiosa corrente do inimigo á custa d'elle mesmo. Era o lugar capaz de peleijarem muitos, e a desigualdade do número fazia o perigo mayor. O ruido das armas, a confusão das vozes, impedião mandar, e obedecer. Caírão muitos Mouros, mas pela diligencia dos Cabos,

Rebenta outra mina com dano dos inimigos.

Perigo grande dos nossos.

Cabos,

bos, lhes succedião outros, com o que não deixavão respirar os nossos, accommettidos de longe com armas de arremesso, e de perto pelejando braço a braço. Assi aturarão muitas horas nesta dura contenda. Tiverão os inimigos lugar de arvorar tres bandeiras no baluarte, defendidas de boa copia de espingardeiros. D'este lugar forão decendo ao muro até á Igreja do Apostolo Sanctiago, que ficava encostada ao mesmo baluarte, metendo-se nos altos da casa; com o que ficou o baluarte, e a Igreja, ametade sustentado dos Mouros, e a outra dos nossos.

Arvora o inimigo tres bandeiras no baluarte Sanctiago.

Sobreveyo a noite, pondo termo á discordia, não a paz, senão a natureza; ainda assi com golpes vagos, e incertos continuarão huma cega batalha. Ordenou logo o Capitão mór huma fraca trincheira, que mais nos dividia, que amparava do inimigo; a qual se obrou com as armas nas mãos, quasi furtiva, ficando por alojamento dos soldados o lugar da batalha; onde, nem sobre as armas, podião ter seguros hum pequeno repouso, porque nem para curar as feridas tinhão tempo, ou lugar opportuno. Não descansava o Capitão mór com

Cuidado do Capitão mór nos reparos.

as

as armas, e menos com o espirito. Mandou aquella noite assestar hum Camelo á porta da Igreja, que ficava a cavalleiro do baluarte, e com elle varejava os Mouros, que recebiáo muito dano, em quanto conservaváo a posse do que tinháo ganhado, até que se cubriráo com huma trincheira grossa, que os assegurava.

Sahe de Baçaim Luiz de Mello.

Náo se passava menos perigo no mar, do que na terra, porque logo que chegou a Baçaim a Galveta de Antonio Moniz, ao outro dia, que se contaváo quatorze de Agosto, se embarcou nella Luiz de Mello de Mendoça com quinze companheiros, e apôs elle em hum Catur D. Jorge, e D. Duarte de Menezes com dezasete soldados; e D. Antonio de Attayde, e Francisco Guilherme cada hum em seu navio com quinze soldados. Luiz de Mello se foy logo engolfando, sordindo pouco, porque levava o vento pelo olho, e quanto mais se afastava da terra, via os mares mais grossos; e como a Galveta era pequena, e estroncada, e as ondas táo soberbas, que rebentaváo em flor, quebrando-se cruzadas com a força do temporal, começou a entrar-lhe a agua por hum, e outro bordo, que os mari-

Perigos que tem na viagem.

nhei-

nheiros despejavam com baldes, vendo-se por momentos soçobrados; com que já areados, e timidos, grumetes, e soldados requerião a Luiz de Mello, que arribasse, dizendo, que sabião peleijar com homens, e não com os elementos; que já não era valor, senão porfia, perderem-se sem fruto; que contra a indignação de Deos não valia esforço. Porem Luiz de Mello os applacou, dizendo, que naquella Galveta, e com a mesma tormenta passara Antonio Moniz, que não levava melhores companheiros que elle, nem lhe tinhão mais cortesia os mares; que ninguem acabara cousas grandes sem perigo; e que quando seus companheiros, e amigos estavão ás lançadas com os Turcos, não havião de esperar os mares leite, e os ventos galernos para ir a soccorrellos; que quando as ondas lhe comessem o navio, sobre a espada havia de chegar a Dio; que trabalhassem, que Deos os havia de ajudar.

O temor, ou o peio d'estas palavras, fez por então aquietar a todos; assi forão aquella tarde, e noite lutando com a tormenta, esperando que cada onda os soçobrasse; e não podendo já as forças com o trabalho, ven-

vendo crecer o temporal por instantes, se conjurarão os marinheiros, e soldados a obrigar a Luiz de Mello por força, que arribasse; do que sendo avisado por hum Gomez de Quadros, soldado de sua obrigaçam, tomou as armas todas, e recolhidas no payol, se poz em sima com a espada na mão, dizendo, que quem lhe fallasse em arribar, ás estocadas lhe havia de dar a reposta; que a vida de nenhum d'elles era de mayor preço que a sua, para se não quererem perder, onde elle se perdia; que puzessem os olhos em Dio, porque nem a honra, nem a salvação tinhão já outro porto. Vendo os soldados esta resolução, e os marinheiros mais temerosos do Capitão, que da tormenta, seguirão sua viagem sempre alagados, e com a morte bebida, parecendo, que cada rajada de vento os sepultava. Assi forão em continuo naufragio navegando, até que sobre a tarde houverão vista da fortaleza, donde forão olhados com espanto, e alegria. Os Mouros lhes tirarão muitas bombardadas ao entrar da barra; surgirão sem dano na Couraça, onde o Capitão os veyo a receber com grande alvoroço; a quem Luiz de Mel-

Resiste aos que querem arribar.

Chega a Dio, e dá novas de D. Alvaro.

lo

lo affirmou, que não poderia tardar dous dias D. Alvaro de Castro; nova que foy festejada de todos com demonstraçoens que os Mouros entenderão, de que fizerão juizo, que andaria já no mar o soccorro, á cuja causa determinou Rumecão apertar mais o cerco. Luiz de Mello com os seus foy aposentado no baluarte Sanctiago, de que o inimigo tinha a mayor parte, que havia guarnecido com os soldados mais escolhidos do campo, apostados a morrer na defensa do que tinhão ganhado. Ao seguinte dia chegarão D. Jorge, e D. Duarte de Menezes, havendo passado os mesmos riscos, com a mesma constancia, que Luiz de Mello. Com estes soccorros, mayores na qualidade, que no número, parecia que tinha já outro semblante a guerra.

Chegão outros fidalgos.

Importunavão os novos hospedes a D. João Mascarenhas, que os deixasse ver o rosto ao inimigo, tentando deitalo fora do baluarte Sanctiago, o que elle concedeo levemente, querendo tambem acompanha-los. Apresrarão-se para o outro dia, e em amanhecendo sobirão pelos muros, com que o inimigo se cobria, lançando-se aos Mouros tão impetuosamente, que

Peleija-se no baluarte Sanctiago.

os

os deitaráo fora, sem lhes valer o esforço, e resistencia com que se defenderáo. O estrondo das armas chegou aos ouvidos de Rumecáo primeiro, que o aviso, e acodindo com todo o poder áquella parte, tornou a travar com os nossos com igualdade no lugar, e ventagem no número. Aqui se peleijou de ambas as partes, braço a braço, e corpo a corpo, ferindo-se com as armas curtas, sustentando cada hum com o sangue, e com a vida o lugar, que occupava. Os nossos com táo inferior partido, fizeráo tantas gentilezas nas armas, que os Mouros os olhaváo de fora com temor, e espanto; porém como eráo táo desiguaes as forças do inimigo, tornou a recobrar aquella parte do baluarte, que já tinha ganhado, e reforçando-a com guarniçáo dobrada, mandou dar hum assalto geral á fortaleza. Peleijava-se por todas as partes com huma mesma furia, cahiáo muitos Mouros, huns cortados do ferro, e outros abrazados do fogo; mas no mais vivo d'este conflicto se começou a escurecer o dia com huma cruel borrasca de ventos, agua, trovoens, e relampagos, parecendo, que no ar se accendia outra nova batalha.

Os

Os Mouros vendo que a agua nos apagava as cordas, e que náo podiáo ser offendidos com as panelas de polvora, nem outros instrumentos de fogo, interpretando a favor divino o curso, ou variedade dos tempos, por entre espessos chuveiros se chegaváo aos nossos sem medo, com vozes, e algazarras, como de quem tinha o Ceo propicio. Foy este o dia, em que mayor valor mostraráo os nossos, e em que a fortaleza teve mayor perigo, porque os Mouros se metiáo pelas lanças, e espadas, ou brutos, ou valentes. Durou seis horas táo porfiado assalto, até que tornou a abrir o dia, e os nossos se começaráo a aproveitar das panelas de polvora, com que abrazaváo muitos, cuja vista aos outros resfriou o orgulho, peleijando mais cautos, até que se lhes acabou o dia, e Rumecáo tocou a recolher, deixando quatrocentos mortos, e mais de mil feridos; dos nossos faltaráo sete, foráo mais os feridos. Neste assalto se acharáo todos os Fidalgos do soccorro, mostrando no valor as mesmas qualidades que no sangue. D. Joáo Mascarenhas fez as vezes de Capitáo, e de soldado, sabia, e valerosamente; assistindo sempre ao perigo, sem faltar ao gover-

Perigo da fortaleza, e valor dos nossos.

Retira-se Rucão com muito dano.

no. Esta noite passarão os nossos muy vigiados pola vezinhança do inimigo, que havia recebido do Soltão novas honras, polos apertos, em que tinha os cercados; e lhe havia entrado hum soccorro de cinco mil infantes com muitos Cabos Turcos, que Rumecão quiz logo avistar com os nossos, para lhes mostrar os contendores que tinha, como em prova do que havia obrado.

Entra soccorro ao inimigo.

Chegão a Dio mais fidalgos.

Ao seguinte dia depois do assalto, entrarão pela barra D. Antonio de Attayde, e Francisco Guilherme, que não acharão menos bravos os mares, que os outros, que temos referido. Disserão, que não podia tardar hum dia D. Alvaro de Castro, porque se tinha já levado a armada com ordem, que nenhum navio esperasse por outro. Os soldados festejarão a nova, e o soccorro com musicas, e folias continuas, com que já parecião passatempos os perigos do cerco.

Desconfia Rumecão da empreza.

Entendendo Rumecão, que vinhão chegando á fortaleza alguns soccorros, e que em abrindo o tempo não serião os Portuguezes tardos em darse huns aos outros a mão nos mayores perigos, começou a desconfiar da empreza, vendo que os trabalhos não que-

quebraváo os animos dos nossos, e que os seus soldados nas conversaçoens náo tinháo por justificada a causa d'esta guerra, accusando aos quebrantadores da paz por nós fielmente guardada. Temeo a disposiçáo que via para algum motim, a que atalhava encarecendo o miseravel estado dos nossos, e a infallibilidade que tinha da victoria. Fez pagas aos soldados, e mandou prégar pelos Cacizes a certeza da gloria para todos os que morressem nesta guerra; e as mercês com que o Soltáo havia de remunerar aos libertadores da patria; náo se esquecendo do temporal á volta do divino. E porque as minas eráo de menos risco que os assaltos; e obraváo com mayores effeitos, determinou de as ir proseguindo. Com este desenho mandou abrir huma grande mina no lanço do muro, que hia do baluarte S. Joáo a fechar na guarita de Antonio Peçanha; porém como os nossos andaváo sobre aviso, ainda que Rumecáo cauto, e ardiloso fazia aos outros baluartes pontaria, mandando trabalhar nelles de noite com estrondo, para com esta diversáo cobrir o intento; com tudo D. Joáo Mascarenhas teve noticias da mina, contra a qual se

Al re outra mina que se atalha.

as-

assegurou como das outras vezes, trabalhando os Fidalgos nos reparos, cujo exemplo fazia aos soldados o trabalho mais leve.

Da-se-lhe fogo, e os nossos defendem as roturas.

Chegado o termo de se dar fogo á mina, se abalou o exercito, e começou a tornear a fortaleza. Vinhão diante dous Sanjacos capitaneando huma tropa de Turcos, que erão os que havião de entrar pelas roturas, que se abrissem ao rebentar da mina, a qual com tremendo estampido levou pelos ares toda a face do muro. Correrão logo os Turcos, ainda cegos do fumo, e da terra levantada nos ares com o impulso do fogo, porém acharão outro muro contraposto, a que o fogo, ou não chegou, ou achou resistencia; virão com tudo, que a guarita de Antonio Peçanha ficara por tres partes aberta, e voltando áquella parte as armas, intentarão ganhala; mas os nossos acodirão a defende-la, como lugar mais fraco, retardando a corrente do inimigo.

Aqui andou por hum espaço a briga muy travada, peleijando cercadores, e cercados como em campo raso. E crendo Rumecão, que estava naquelle lugar todo o poder dos nossos, mandou accommetter os outros balu-

luartes, onde tambem os Portuguezes lhe mostrarão o ferro. Meterão este dia os inimigos infinitos pelouros na fortaleza, dos quaes não recebemos dano, estando ella quasi arruinada; caso, que por ser raro, pareceo milagroso. Durou em fim o combate algumas horas, retirando-se o inimigo com o mesmo dano que outras vezes, os nossos com a mesma fortuna.

Retira-se o inimigo.

Rumecão, que ja tinha por injuria a dilação do cerco, como homem que buscava os perigos, e o dano por desculpa, accommetteo o outro dia o baluarte S. Thomé em pessoa, fazendo com seu risco exemplo, e mandou por differentes Capitaens escalar os outros baluartes, parecendo a invasão d'estes dias hum successivo assalto. Aqui peleijarão os Mouros, mais como desesperados, que valentes correndo atravessados pelas lanças, e espadas dos nossos a morrer, e a matar juntamente; mais promptos a offender, que a reparar-se; buscando a morte, como porta para a imaginada gloria, que lhe prometiam os Cacizes, maquinando este diabolico incentivo em beneficio da empresa, e despreso da vida. Com este ardor sofferão o peso da batalha muitas horas,

Accommette Rumecão o baluarte S. Thomé.

perdendo oitenta dos seus, sobre cujos corpos peleijaváo, incitados da dor, e da injuria dos companheiros mortos. Peleijaráo em fim com tal porfia, que sustentaráo aquella parte do baluarte, onde se combatia, e nelle arvoraráo bandeiras, cobrindo-se com vallos, e estacadas.

Succes-sos no baluarte Sanctia-go.

Náo andaváo menos quentes as armas no baluarte Sanctiago. Duas vezes o tiveráo ganhado os inimigos, mas foráo táo valerosamente resistidos que o tornaráo a perder depois de bem sangrados. Aqui foy tanto o fogo, que os inimigos lançaráo, que os nossos peleijaváo abrazados, soccorrendo-se, por unico remedio, das tinas de agua para refrigerar-se. Antonio Moniz Barreto com dous soldados se achaváo sós no baluarte, detendo a furia do inimigo; e querendo o Moniz sahir-se a mitigar nas tinas o ardor do fogo, travou d'elle hum soldado, dizendo: Moniz, deixais perder o baluarte d'ElRey? Vou-me banhar n'aquellas tinas (lhe tornou elle) que estou ardendo em fogo. Se os braços estáo sáos para peleijar, tudo o al he nada (lhe respondeo o soldado.) Cuja advertencia aceitou o Moniz, táo pagado do valor que o sol-

Valor particular de hum soldado.

soldado mostrava, que o trouxe comsigo para o Reyno; e lhe alcançou despacho, confessando generosamente o seu desar para credito alheyo; chamando-lhe sempre com honrado appellido, o soldado de fogo; nem as relaçoens d'este successo no lo dão a conhecer por outro nome.

Retira-se outra vez o inimigo.

Nestes, e nos outros baluartes se pelejou este dia com valor, e perigo igual, que não podemos relatar por extenso, por serem os casos tão semelhantes, que parecendo huma mesma couza repetida, se escrevem, e se lem com fastio; porém ainda que a relação deste cerco não deleite com a variedade, quem negará, que foy esta facção huma das mais illustres que se achão nas historias humanas, da qual fizerão estimação justa as mais bellicosas nações da Asia, e da Europa? Retirado do assalto o inimigo, se fortificou nas ruinas da fortaleza, donde continuamente se mostravão as armas.

Sae Antonio Correa a fazer alguma preza.

Ao seguinte dia despedio D. João Mascarenhas em hum Catur a Antonio Correa, com vinte companheiros, soldado de grande valor, a quem não sabemos o nascimento, se bem suas obras o merecião, ou suppunhão il-

lustre. Sahio da barra, e torneando a Ilha, como lhe foy ordenado, se recolheo sem presa; e como os soldados de valor se não contentão com obrar bem, senão ditosamente; tornou o Correa ao mesmo negocio cinco vezes (mais desconfiado, que obediente) a tentar a fortuna; mas como o que parecia caso, era mysterio, ordenou, ou permittio o Ceo, que o valeroso soldado fizesse da empreza porfia, o qual, como se a desgraça fora culpa, se accusava a si mesmo. Tornou em fim com mais importuna experiencia a rogar, ou conhecer sua sorte, e dando volta á Ilha, divisou ao longe hum fogo, que a distancia fazia mais pequeno, e remando contra aquella parte, deixando os companheiros no Catur, saltou em terra, caminhou algum espaço só, até que a mesma luz do fogo lhe descobrio doze Mouros, que em torno d'elle reparavão o frio. Voltou logo aos companheiros alegre, dizendo, que sahissem, porque tinhão como nas mãos a preza que buscavão; porém os soldados, ou esquecidos de si mesmos, ou servindo a Providencia mais alta, o não acompanharão, como dando lugar á fortuna do Capitão, o qual vendo

do

do a fêa resolução dos soldados, se foy só a demandar os Mouros, bastando-lhe o animo para accommetter o perigo, que não podia vencer. De repente envestio os Mouros, os quaes amedrontados com o subito accommettimento, huns fugirão, outros se defendião timidos, e sobresaltados: mas tornados em si, e vendo-se acutilados de hum só homem, começarão á fazer-lhe rosto já com mais ousadia, voltando os que fugirão, a defender-se unidos: e em quanto Antonio Correa se acutilava com huns, outros o sojugarão pelos lados, e ainda depois de preso, como a fera, o temião atado; assi o levarão a Rumecão, mostrando as feridas, que receberão, em credito do preso.

Enveste com doze mouros, que o prendem.

Mandou Rumecão que o soltassem, perguntando-lhe, que gente haveria na fortaleza: se viria o Governador a Dio, com que poder, e em que termo se esperava o filho. Elle lhe respondeo com grande segurança, que na fortaleza havia seiscentos homens, que cada dia importunavão o Capitão que os levasse ao campo; que esperava brevemente a vinda de D. Alvaro com oitenta baxeis, o qual em desembarcando sahiria á campanha,

He presentado a Rumecão.

porque algumas galés que trazia, haviáo mister chusma de Turcos: que o Governador aprestava mayor poder, porque queria acabar de huma vez com as cousas de Cambaya. Rumecáo, que sabia a verdade de nossas forças, envejou hum coraçáo táo livre em táo baixa fortuna, fazendo estimaçáo (como soldado) de quem entre prisoens o desprezava. Rogou-lhe, que se fizesse Mouro, porque com melhor Ley teria melhor fortuna, e conheceria a differença de servir a hum Monarca rico, ou a Piratas pobres. Porém o valeroso Cavalleiro, escandalizado na injuria de favores táo feyos, lhe respondeo, que os Portuguezes, pola Ley, e polo Rey estaváo sempre promptos a derramar o sangue; que Mafamede fora hum enganador, infame por obras, e doutrina; que se em Cambaya havia renegados, seriáo de outras naçoens, qual o fora seu pay Coge Çofar, que como monstro da terra em que nascera, os pays, e a patria o negaváo de filho.

Quer persuadilo a deixar a fé.

Rumecáo náo podendo sofrer de hum escravo as injurias da Ley, e as da pessoa, inflammado do zelo, e do despreso, o mandou ante si afrontar no rosto, primeiro que lhe tirassem

Afrontas que lhe faz.

a

a vida, crendo, que lhe seria mais leve a pena, que a injuria; e logo entre baldoens, e mofas, o mandou passear nú as ruas da Cidade, inventor barbaro de tão novo supplicio, já contra o homem, já contra a humanidade. Porém o Cavalleiro de Christo, como soldado já de outra milicia, com mais castigado valor vencia sofrendo. Rumecão depois d'estas injurias, dizendo que pedia satisfação de sangue a honra do Propheta, mandou que fosse degolado, e a palma, que começou a merecer soldado, alcançou martyr. Foy levantada a cabeça em huma pica. e posta em lugar onde os nossos da fortaleza a vissem; os quaes com sentimento natural (mas injusto) como soldados lhe vingarão o sangue, como Catholicos lhe envejarão a morte. Entrarão ao outro dia os soldados de sua companhia, os quaes o Capitão mór não quiz ver, nem castigar, tendo respeito ao tempo; porem elles remirão a culpa, com se arriscar em todas as occasioens, como homens, que aborreciam huma vida sem honra. Muitos d'elles morrerão quasi voluntariamente, accusados de seu mesmo delicto. Os Mouros nos faziam mofas, e algazarras de longe,

Manda-o degolar.

ge, apontando para a cabeça de Antonio Correa, havendo por satisfação de tantos danos aquella recompensa, e já mais atrevidos faziam a respeito dos nossos algumas gentilezas.

Entre o baluarte S. Thomé, e o de Sanctiago estava huma bandeira arvorada, a qual desejou arrancar hum Mouro, crendo o poderia fazer sem risco, por ser o muro baixo, e pouco vigiado; ao qual chegou furtado sem ser visto dos nossos, e subindo pelas ruinas, travou da haste, e ainda que a abalou forcejando, nunca pode levala; e soltando-a temeroso, a deixou encostada; e vendo o pouco que lhe custara a primeira ousadia, tornou com o mesmo recato a buscar a bandeira; porém ao tempo, que para pegar nella, hia soltando o braço, hum soldado nosso lhe encarou a espingarda, e o derribou morto. Aconteceo isto á vista do arrayal, que lhe tinha festejado o primeiro accommettimento com gritas, e louvores; agora o olhavão cahido com hum profundo silencio; correrão os nossos com grão velocidade a cortar-lhe a cabeça, que arvorarão, avistando-a com a de Antonio Correa.

Os Mouros, que estavão fortifica-
dos

dos no entulho do baluarte S. Thomé, foráo ganhando terra, palmo e palmo, á custa de seu sangue, levando sempre diante montes de terra, e rama, que os cobria, e fortificava. Porém D. João Mascarenhas mandou levar hum Basilisco ás portas da Igreja, que como lugar eminente lhe ficaváo em bataria os Moures; donde os varejou com tanta furia, que lhes rompeo as defensas; e com morte de muitos foráo desalojados.

Já neste tempo estava arrasada a fortaleza, e os Portuguezes, em lugar de muros, defendiáo suas mesmas ruinas; o inimigo dentro dos baluartes ás portas da victoria; os mantimentos, huns eráo polo tempo corruptos, outros, pola qualidade nocivos, de que resultaváo doenças de táo má qualidade, que os sãos recebiáo mayor dano do contagio, que da hostilidade.

Extremos em que está a fortaleza.

Tinha partido de Baçaim D. Alvaro de Castro com cincoenta navios; (assi chamáo quaesquer baxeis na India; inda que sejam caravelas latinas, ou embarcaçoens de remo); e como vinham empachados com municoens, e bastimentos, náo podendo sofrer mares táo grossos, tornaráo a arribar em popa destroçados, e abertos, toman-

Torna D. Alvaro a arribar.

mando diversas angras, e enseadas, onde o temporal os lançava. Entre os mais navios, que foráo correndo com a tormenta, foy o de que era Capitáo Athanasio Freire, o qual indo demandar a terra, se foy metendo na enseada de Cambaya quasi alagado, e táo perdido, que de commum acordo se assentou varar na primeira terra que avistassem, havendo que precedia a vida á liberdade; assi foráo encalhar junto a Surrate, onde foráo cativos, e levados a Soltáo Mahamud, que os mandou aprisionar, e meter na masmorra, onde tinháo Simáo Feyo com outros Portuguezes.

Chega Ruy Freire a Dio.

Ruy Freire, que vinha na conserva de D. Alvaro em hum navio seu, com soldados pagos á sua custa; sofreo melhor os mares, e navegando aquelle dia, e outro com fortuna, avistou a costa de Dio, para onde se foy chegando até ir demandar a fortaleza; e entrando pela barra foy surgir na couraça, onde foy bem recebido de todos, e deu ao Capitáo mór as novas da vinda de D. Alvaro, táo esperada, como importante, porque inda náo sabia da arribada, de que daremos conta.

Prosegue D. Alvaro a viagem.

D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes arribaráo com tormen-

menta geral a Agaçaim perdidos, aonde se reformarão brevemente, e tornarão à commetter o golfão com a mayor parte dos navios de sua conserva; e vencendo a furia do temporal, houverão vista da outra costa por junto de Madrefaval. Nesta paragem appareceo de longe huma náo grossa, que se vinha furtando á nossa armada. Mandou D. Alvaro ao Mestre, que arribasse sobre ella, o que fizeram mais dous navios, que vinhão na sua esteira. Amainou logo a náo, que era d'ElRey de Cambaya, e vinha de Ormuz, lançou dous mercadores fora, que vierão apresentar a D. Alvaro hum cartaz passado antes da guerra; o qual fez represalia na nao, e a mandou levar a Goa, para que visse o Governador se era de presa. As drogas que trazia, erão córal, chameloтes, lâmins, e alcatifas, que tudo foy julgado por perdido. E logo D. Alvaro de Castro, seguindo sua derrota, tomou a barra de Dio com quarenta navios empavezados; trazião todos flamulas, e galhardetes, dando de si huma mostra bellicosa, e alegre. Saudou a fortaleza com toda a artelharia, que tambem lhe respondeo com a mesma, tocando todos os instrumen-

Toma huma náo de Cambaya.

Chega á fortaleza com quarenta navios.

Como he recebido do Capitão mór.

tos de guerra. Mandou o Capitão mór abrir as portas da fortaleza para receber D. Alvaro, baixando todos os Fidalgos, e soldados a receber, e festejar a armada, em que de mais da pessoa de D. Alvaro, vinhão Fidalgos, e Cavalleiros de muita conta. Traziam muniçoens, e bastimentos para muy largo tempo, porque não quiz o Governador deixar á cortesia dos mares, negar, ou abrir passagem a segundo soccorro. Aposentou-se D. Alvaro no baluarte, em que acabou seu irmão D. Fernando; passarão-se a elle os soldados de sua milicia, e os mais dos Fidalgos, huns como companheiros de sua dor, outros de suas victorias; e como a General do mar lhe hião pedir o nome, sem querer separar-se de sua obediencia; opinião encontrada com o tempo, e mais com a disciplina. Porém D. Alvaro disse ao Capitão mór, que elle vinha sojeito ás suas ordens; o que parecendo lanço de urbanidade a D. João mascarenhas, lhe respondeo com a mesma cortesia; mas D. Alvaro lhe mostrou a instrucção que trazia, que entre as excellencias do Governador, não foy a mais pequena, na qual dizia, que a jurisdição

do

do cargo, e as provisoens Reaes o eximião de qualquer subordinação, que não fosse a do Governador da India; que elle mandava a seu filho D. Alvaro, que estivesse ás ordens de D. João Mascarenhas, porque assi o pedia a muita honra, que n'aquelle cerco tinha ganhado: temperança de varão verdadeiramente grande, porque onde havia perdido hum filho, e aventurava outro, da fama, que ajudara a ganhar com seu sangue, não quiz para si nada; sem duvida mayor neste desprezo, que depois na victoria.

Rumecão sabendo da vinda de D. Alvaro, disse, que já tinha na fortaleza prisioneiros para honrar seu triumpho, mandando trabalhar com mais calor nas minas. Despedio logo D. Alvaro o seu navio com cartas ao Governador, do estado em que achara a fortaleza, e D. João Mascarenhas o avisou de todos os successos passados. Haveria já na fortaleza seiscentos homens, todos soldados de opinião, com os quaes lhe pareceo a D. João Mascarenhas que podia intentar cousas mayores que a defensa. Mandou logo assestar tres Camelos contra as estancias do inimigo, que as baterão tão fu-

Avisão ambos ao Governador do estado da fortaleza.

furiosamente, que Rumecáo reforçou as fortificaçoens que tinha, táo a tento a offender, como a defender.

Enveste o inimigo outra vez, e retira-se.

Dos assaltos passados ficou nas ruinas do baluarte S. Thomé hum Basilisco soterrado de estranha grandeza, o qual o Capitáo mór deseou subir á fortaleza, e ordenando cabrestantes, e engenhos, nunca lhe foy possivel; e querendo ao menos seguralo, para que os inimigos se não servissem d'elle, o mandou liar com viradores grossos: porém os Mouros foráo cavando por baixo das paredes do baluarte, e picando as pedras do alicesse; até que faltando-lhe os fundamentos, vieráo as paredes a terra, ficando o Basilisco atado, e suspenso nos ares. Acodiráo logo os Mouros a entrar o baluarte, aos quaes fez rosto D. Francisco de Menezes com os de sua companhia, que ahi se achaváo, travando com os Mouros huma pendencia assaz de bem renhida; e como este era o primeiro dia, que viráo a cara do inimigo, o carregaráo com as máos táo pesadas, que houve a seu pesar de retirar-se deixando muitos dos companheiros no campo: mas no tempo que mais fervia a briga, liaráo outros o Basilisco com hum calabrote forte, e o leva-

varão arrastando, quasi a furto dos nossos, que attentos á peleija, não derão fé da obra que os Mouros fazião.

Andava D. João Mascarenhas com grande vigilancia sobre os desenhos do inimigo, temendo mais as minas, que ser accommettido com força descuberta; o que entendido pelos soldados de D. Alvaro, temerosos com o exemplo fresco de D. Fernando de Castro, e outros Fidalgos, e soldados, que morrerão abrazados, se conjuraram em sair a peleijar com o inimigo, timidos no perigo duvidoso, temerarios no certo.

Determinão os nossos buscalo.

Dizião, que não querião com obediencia inutil perecer abrazados, quando podião morrer na campanha victoriosos, ou vingados; que pois sabião peleijar como homens, não querião acabar como feras, atados ao perigo; que de dous escolhião antes o que podião vencer, que o de que não podião fogir. D. João Mascarenhas os dissuadio, quanto lhe foi possivel, primeiro com razoens, depois com a authoridade do cargo, e da pessoa; mas tudo foy sem fruto, porque estavão tão vãos, e altivos com sua mesma culpa (como tinha semblante de

O Capitão mór trata dissuadilos.

vir-

D. Alvaro, e D. Francisco fazem o mesmo.

virtude) que esperavão da desobediencia premios, e louvores. D. Alvaro de Castro acodio a detelos, estranhando-lhes resolução tão fêa, dizendo, que ElRey sentia mais a desobediencia de hum soldado, que a perda de huma fortaleza; que ao Capitão mór só tocava o governar, a elles obedecer, e peleijar. D. Francisco de Menezes lhes disse, que fossem embora a infamar o nome Portuguez, que a honra levavam já perdida, a vida grandemente arriscada; que quando escapassem das armas de seu inimigo, não poderião livrar-se da indignação justa de seu Rey, ao qual desprezavão na pessoa de seu Capitão mór com sedição tão fêa. Porém elles fatalmente obstinados, se ordenarão para dar a batalha, dizendo, que de nenhum delicto se engeitava a victoria por disculpa; e quando se perdessem, ficavão fora do premio, e do castigo; que elles acodião pola honra do Estado, que estava mais costumado a tomar praças aos Mouros, que perder as suas.

Proseguem os soldados seu intento.

O mais que se pode acabar com os amotinados, foy, que ficasse a invasam para o seguinte dia, deixando-lhes por conselheiro aquelle breve tempo,

tempo, em que podiáo considerar o que convinha á honra, e saude de todos. Porém elles fatalmente conformes, amanheceram resolutos, e promptos á batalha, dizendo ao Capitão mór, que se os não quizesse governar, entre si mesmos escolherião cabeça. Vendo pois D. João Mascarenhas, que já acompanhar aos desatinados, era hum lanço forçoso, e que os de fora sempre julgão melhor a causa dos temerarios, que a dos prudentes; elle, D. Alvaro, e os mais Fidalgos resolverão seguilos, onde com nova disciplina, obedecião os Capitaens, mandavão os soldados.

O Capitão mór, e fidalgos os acompanhão por atalhar o mayor perigo.

Haveria na fortaleza (como temos dito) seiscentos homens, dos quaes ficarão nas estancias cento; dos outros fez D. João Mascarenhas tres batalhas; as duas deu à D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes, e outra tomou para si; logo sahirão da fortaleza, e com o primeiro impeto ganharão as estancias, que os Mouros tinhão feito na cava, deixando-lhas com facil resistencia. Por esta sombra de victoria começou a ruina, porque os nossos altivos, e desordenados remeterão ao muro. O primeiro que sobio foy D. Alvaro, ajudado

Sahem os nossos, e em que ordem.

dos dous irmãos Luiz de Mello, e Jorge de Mendoça, que tras elle sobirão. D. Francisco de Menezes entrou por outra parte; sendo dos primeiros Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tavora, D. Jorge, e Dom Duarte de Menezes, Dom Francisco, e Dom Pedro de Almeyda.

Resistencia dos inimigos.

Rumecão, Juzarcão, e Mo'atecão, vierão com grossas companhias a encontrar-se com os nossos, entre os quaes se começou a batalha, sustentada de nossa parte com mais valor, que disciplina. D. Francisco de Menezes foy levando do campo os Mouros, que não podendo sofrer o peso d'este encontro, perderão muita terra, até que soccorridos de outros muytos, detiverão a corrente dos nossos.

Reprende o Capitão mór os amotinados.

D. João Mascarenhas sobindo o muro, quasi ao mesmo tempo, que os outros Cabos, vio muitos soldados do motim, que estavão ao pé d'elle sem ouzar cavalga lo, e em voz alta lhes accusou com palavras fêas a desobediencia, e a fraqueza; os quaes callados, como querendo responder com as obras, o seguirão. E logo accommettendo os inimigos, que andavão baralhados com D. Alvaro, lhes fize-

zeráo perder parte do campo ; mas como o partido era táo desigual , os Mouros se foráo melhorando , e carregando os nossos de sorte , que se desordenaráo.

D. Alvaro fez obras que responderáo bem ao sangue, á opiniam , e ao valor; náo faltou á disciplina , difficil de conservar nas desgraças ; porque foy ordenando , e recolhendo os seus , quanto lhe foy possivel , retirando-se muy acordado com o rosto sempre no inimigo , o qual lhe havia degolado alguma gente , e outra se desmandava , náo podendo sofrer o impeto dos Mouros : o que vendo Jorge de Mendoça , inda que estava já ferido , tomou a D. Alvaro nos braços para o sobir ao muro ; mas podendo-o mal fazer , por estar desangrado , foy ajudado de seu Irmáo Luiz de Mello ; e estando D. Alvaro já sobre a parede , lhe deráo huma pedrada , que o fez cahir da outra parte sem sentido.

Valor e disciplina de D. Alvaro.

Sobe o muro donde cahio de huma pedrada.

Depois de Luiz de Mello acodir a D. Alvaro , salvou tambem o irmáo , ficando elle com Garcia Rodriguez de Tavora , Antonio Moniz , e outros Fidalgos , detendo o impeto dos Mouros , em quanto os mais subiáo , até que

Passa hum pelouro a Luiz de Mello.

que foy passado de hum pelouro, de que cahio mortal. Os companheiros o levantaráo, e puzeráo em cima da parede, donde foy levado á fortaleza, e d'ahi á Chaul, onde acabou da ferida, merecendo seu singular esforço, senão mais gloriosa morte, mais dilatada vida.

Morte de D. Francisco de Menezes

D. Francisco de Menezes, pelejando muy valerosamente, cahio atravessado de hum pelouro, com cuja morte os de sua companhia se começaráo a retirar desordenadamente. Aqui foy o estrago mayor, porque o inimigo, conhecendo o desarranjo dos nossos, carregou sobre elles com mayor ousadia.

Acordo do Capitão mór.

D. João Mascarenhas se portou nesta desgraça com valor, e acordo, humas vezes retirando os seus, outras fazendo voltas ao inimigo em quanto se recolhião os desmandados, com que evitou grande parte do dano; e tendo já salvado as paredes, se derramou huma voz, que era a fortaleza perdida, em que os soldados se começaráo a espalhar por differentes partes, como gente de baratada. Neste táo apertado conflicto bradou D. João Mascarenhas aos seus, afeando-lhes a retirada, e pelejando táo valerosamente,

te; que só com alguns poucos que o seguião deteve o inimigo. Os Fidalgos, que aqui se acharão, alcançarão em dia tão infelice, illustre nome. Lopo de Sousa ao pé do muro se defendeo de hum grão tropel de Mouros, fazendo-os afastar muitas vezes, com tal valor, que o accommettião de longe com armas de arremesso, até que atravessado pelos peitos de hum dardo cahio morto deixando bem vingado seu sangue. Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Duarte, e D. Jorge de Menezes, que trazia dezasete feridas, fizerão ao inimigo muy custosa a victoria.

Fidalgos que se assinalarão neste dia.

Rumecão, querendo tirar mayor fruto de nosso desatino, mandou a Mojatecão, que fosse demandar a fortaleza com cinco mil soldados, cortando o passo aos que se recolhião destroçados, e accommettendo o baluarte S. Thomé, achou nelle a Luiz de Sousa, que com a artelharia, e espingardaria lhe matou muita gente; porém o Mouro atrevido com o calor da victoria, insistio na escalada; mas foy tão valerosamente resistido, que se tornou a retirar com dano conhecido. D. João Mascarenhas trabalhou tanto, que tornou a ordenar os soldados, que andavão der-

Enveste Mojatecão a fortaleza, e retirase.

Ordena o Capitão mór os soldados.

derramados, dos quaes fazendo hum batalhão cerrado, guiou á fortaleza, e encontrando muytos Mouros, desmandados na segurança da victoria, deu nelles tão valerosamente que muitos deixarão as vidas, e os demais o campo. Perderão-se nesta desgraça trinta, e cinco pessoas, em que entrarão os Fidalgos, que havemos referido, e forão mais de cem os feridos; mas em tão desordenada empreza, ainda se teve a desgraça por menor que o erro. O Capitão mór foy logo demandar a D. Alvaro, que ainda achou sem falla, e a juizo dos Cirurgioens, muy contingente a vida, cujo perigo durou aquelles dias, que a Philosophia chama decretorios, ou criticos; porém fez a doença termo, cobrando D. Alvaro saude, com alegria de todos, que o amavão polas qualidades do sangue, e da pessoa. Nuno Pereira se achou neste conflicto, o qual depois de peleijar com valor conhecido, se recolheo com quatorze feridas. Pedio licença para se ir curar a Goa, onde tinha sua casa, e era casado de pouco, com fazenda abundante, da qual no serviço d'ElRey gastou grão parte, até perder a vida, como diremos.

Perda dos nossos nesta desordem.

Ven-

Anima-se Rumecão com este successo.

Vendo-se Rumecão com tão inopinada victoria, havida por hum valor desordenado dos nossos, concebeo mayores esperanças do successo, resoluto a ver o fim da empresa, para a qual começou a achar nos seus mais prompta obediencia, perdendo na experiencia d'aquelle dia muita parte do temor, que tinhão a nossas armas. Deu logo conta ao Soltão da victoria, que na Corte se festejou com alegrias públicas, e Rumecão recebeo d'El-Rey honras de homem victorioso, sendo d'aquelle dia em diante mais assistido de gente, muniçoens, e dinheiro, acodindo muita parte da nobreza a militar com elle, esperando gozar de sua fortuna. Mandou logo continuar a obra do baluarte, furtando-lhe por baixo a terra, para que descarnado o arruinasse o peso, faltando o fundamento sobre que assentava. Este desenho divertio D. João Mascarenhas, mandando fazer outro forte por dentro, que fechava em circuito menor, que por abraçar menos terra, era mais defensavel. Não se pode esconder à Rumecão a obra, e carregando para aquella parte muitos Mouros, tiravão de continuo aos trabalhadores pedras, dardos, alcanzias de fogo, huns com

Continua as minas, e os nossos os reparos.

pon-

pontaria certa nas partes que descobria o muro, e outros por elevação, com que ferião a nossa gente, mais attenta ao trabalho, que á defensa; polo que o Capitão ordenou se trabalhasse de noite com luzes escondidas, pondo as pedras pela estimação, e tino do que tinhão desenhado de dia.

Fabricão huma nova Cidade.

Rumecão altivo, e confiado com o bom rosto, que lhe mostrou a guerra na ultima peleija, como em desprezo da vinda do Governador, que se esperava, começou a edificar huma nova cidade, como quem já lograva os ocios do triumpho na imaginada victoria; ou fosse por dar aos seus confiança, ou que obrava como homem credulo na prosperidade dos successos, que já se promettia; fez palacios para sua pessoa com a policia, e grandeza, que pudera em huma paz ociosa. Para os Cabos mayores ordenou aposentos, empenhandoos a defender suas proprias moradas, mostrando nesta fabrica não menor artificio, que soberba. Mandou atravessar com barcas a passagem do rio naquella parte, que se serve da Alfandega para a villa dos Rumes, as quaes depois de firmes com muy grossas amarras, terraplenou igualmente,

por

por onde (como em ponte, ainda que tremula, segura) tinhão facil passagem os carros, que bastecião a Cidade. Da confiança com que Rumecão se dava á tão custosa fabrica, se derramou huma voz por muitos Reynos vezinhos, e distantes de Cambaya, que era perdida a nossa fortaleza; e esta fama como grata aos ouvidos dos Mouros, e Gentios, se espalhou por todo o Oriente, até chegar a receber o Soltão congratulaçoens de muitos Principes, que lhe davão emboras da victoria. Em Goa se ouvirão os eccos d'esta nova, com temor, e silencio, e ainda que vaga, e sem author, chegou aos ouvidos do Governador, fazendo-se mais certa polo secreto, e recato com que huns a referião a outros.

Cuidados do Governador.

Esta desgraça que se temia, parecia que tomava certeza da tardança que havia nos avisos de Dio; porque nem da armada de D. Alvaro se sabia cousa certa, e os que querião divertir o Governador, mais podião desprezar, que negar a fama que corria; e elle, sendo o mais interessado, vendo quam necessario era animar o povo, mostrava hum coração inteiro, desmentindo com o semblante as novas que temia.

Com

Chega do Reyno a Goa D. Manoel de Lima.

Com este cuidado passava o Governador, divertindo-se com os negocios, e aprestos da armada, que solicitava com viva diligencia, quando lhe derão aviso, que na barra surgira huma náo do Reyno, de que era Capitão D. Manoel de Lima; e se apartara de cinco mais, que vinhão na mesma conserva, á ordem de Lourenço Pirez de Tavora. Das outras vinhão por Capitaens D. João Lobo, João Rodrigues Peçanha, Fernão d'Alvares da Cunha, Alvaro Barradas. Estimou o Governador a vinda de D. Manoel de Lima, pola pessoa, e pola occasião. Vinha provido na fortaleza de Ormuz, que ElRey lhe deu por desviar alguns encontros entre elle, e o Governador Martim Affonso de Sousa, com quem andava atravessado, esperando que viesse da India, para lhe pedir satisfação de algumas queixas. Estes desabrimentos curou ElRey, como pay, interessado na paz de hum, e outro vassallo. Quizera D. Manoel partir-se logo a Dio com trezentos soldados á sua custa, porém o Governador o divertio, querendo acompanhar-se d'elle na armada, servindo-se de seu valor, e experiencia na facção presente.

O

O Governador andava sobre maneira cuidadoso dos negocios de Dio, interpretando mal a falta dos avisos, quando aportou na barra de Goa, a Capitania em que fora D. Alvaro. Vinha o navio todo embandeirado, e dando alegres salvas, querendo indiciar de longe as novas que trazia. Occorreo á praya grande parte do povo, solicito a perguntar pelos filhos, parentes, e amigos, e os menos empenhados pelo commum do Estado. O Capitão foy levado aos Paços do Governador, satisfazendo pelo caminho a duplicadas, e molestas perguntas. Achou o Governador com o Bispo D. João de Albuquerque, e Fr Antonio do Casal, Custodio dos Franciscos. A primeira cousa que o Governador perguntou foy, se estava ainda a fortaleza por ElRey seu senhor. Ao que o Capitão respondeo, que estava, e estaria. A cuja nova ajoelhando-se o Governador, com os olhos no Ceo, deu a Deos as graças, não sem derramar lagrimas, significadoras da piedade com Deos, do zelo com seu Principe. E logo recebendo as cartas, soube da morte de seu filho D. Fernando, que recebeo com tanta constancia, que os de fora lhe não conhe-

Tem o Governador novas de Dio.

Piedade, e alegria com que as recebeo.

Valor com que se portou na morte de D. Fernando seu filho.

ce-

cerão mudança no rosto, ou nas palavras, como se fora fraqueza parecer pay, ou indignidade ter affectos de homem. Fez mercê ao Capitão, e o mandou que fosse alegrar a Cidade com as novas que trazia, e logo recolhendo-se chorou em secreto o filho, esperando tempo á dor, sem injuria do lugar, e do animo. Aquelle mesmo dia aportou o navio, em que vinha Nuno Pereira, o qual das feridas faleceo no mar. Foy o corpo enterrado com todas as pompas funeraes, que se devião á pessoa, acompanhado do Governador, nobreza, e Povo, deixando de si este Fidalgo saudosa memoria.

Procissão em acção de graças.

Ao seguinte dia se fez huma solemne procissão de graças, a que assistio o Governador vestido de escarlata, consolando com novo exemplo o povo na morte de seu filho. Por este navio soube da sahida que os nossos fizerão desordenada, e forçosa, que fora occasião de tantas mortes, e do perigo em que ficava D. Alvaro, cuja dor soube aliviar, ou encobrir, como quem dos filhos estimava menos a vida, que a memoria.

Soccorros que manda a Dio.

No mesmo dia despedio Vasco da Cu-

Cunha, para que fosse pelas bahias, e enseadas da costa, recolhendo os navios da armada de D. Alvaro, e os levasse a Dio. Por elle escreveo a D. João Mascarenhas congratulaçoens da honra que havia ganhado, não menos para si, que para o Estado; affirmando-lhe, que em breves dias iria avistar a Dio com todo o poder do Estado, para o que não perdoava a nenhuma despesa, ou diligencia; e que em quanto se aprestava a armada, lhe mandaria soccorros, que bastassem a assegurar a fortaleza, e enfrear o inimigo, o que executou promptamente, porque logo apôs Vasco da Cunha, despachou a Luiz de Almeyda com seis caravelas, e quatrocentos soldados, com muitas muniçoens, e bastimentos, e grão copia de materiaes importantes para as necessidades do cerco. E foy tão incansavel a diligencia, com que se aprestava, que em brevissimo tempo se poz de verga d'alto toda a armada, e só lhe faltavão os soccorros de Cananor, e Cochim para levar-se; porque era tal o amor, e obediencia com que lhe assistião, que as Donas, e Cavalleiros de Goa lhe vinhão offerecer os filhos, e a fazenda; levando

do esta armada tantas bençoens do povo, como outras soem levar lagrimas e queixumes.

Chega Vasco da Cunha a Baçaim. Vasco da Cunha seguindo a instrucção, que levava, foy recolhendo os navios, que achou naquellas enseadas desaparelhados da tormenta, e com elles entrou em Baçaim, onde achou o Capitão mór D. Jeronymo de Menezes com quinze navios aprestados para soccorrer Dio, empenhado de novo com o sentimento da morte de seu irmão D. Francisco, que temos referido; porém havia retardado a partida alguns dias, por ter avisos certos, que o Bramaluco vinha cercar aquella fortaleza logo que o visse ausente; diversão procurada pelo Soltão em beneficio dos cercadores. D. Jeronymo, vendo-se mais empenhado na defensa de Baçaim, que no soccorro de Dio, entregou á Vasco da Cunha os navios; o qual partido, encontrou a Luiz de Almeyda com as seis caravelas, e todos em conserva entrarão em Dio, representando soccorro mais crecido no número dos vasos; porém a fortaleza ficou assegurada da fome, e do perigo; e os soldados, pagos, e bastecidos, mais desejavão, que temião, a guerra. *Entra em Dio com Luiz de Almeyda.*

Era

Era já o tempo em favor dos nossos, e começavão a senhorear o mar os navios do Estado. D. Alvaro, como Capitão mór do mar, mandou a Luiz de Almeyda com tres caravelas, de que elle hia por Cabo, e nas duas Payo Rodriguez de Araujo, e Pedro Affonso, com ordem, que fossem demandar a barra de Surrate a esperar as naos de Meca, que viessem buscar aquelle porto; os quaes seguindo sua viagem a poucos dias virão atravessar duas náos, huma grossa, e outra de menos porte. Logo que Luiz de Almeyda as avistou, foy demanda-las com os traquetes dados. Vinhão as náos arrasadas em popa, e tanto que houverão vista de nossas caravelas, voltarão n'outro bordo; mas como as caravelas hião mais boyantes, e erão mais ligeiras, soltando as velas, as alcançarão logo. Luiz de Almeida abordou a náo grande, em que vinha por Capitão hum Janizaro parente de Coge Çofar, que fiado na grandeza da náo, artelharia, e gente, que trazia, começou a defender-se, ateando-se entre huns, e outros huma bem renhida contenda. De ambas as partes se derramava sangue; peleijavão os Mouros por necessidade, os nossos por of-

Vay Luiz de Almeyda esperar as náos de Meca.

Toma duas.

officio, e como erão melhores no valor, e disciplina, entrarão a não, onde os Mouros, com ultima desesperação mais atrevidos, peleijavão como para acabar vingados, até que com a morte dos principaes, se renderão os outros. Ao Janizaro acharão atravessado de muitas feridas, o qual Luiz de Almeyda mandou passar á sua caravela, e curar com resguardo. A outra não rendeo Payo Rodrigues de Araujo com leve resistencia. Depois d'este feito, se deteve Luiz de Almeyda naquella paragem os dias de seu regimento, nos quaes tomou algumas embarcaçoens de mantimentos, que hião bastecer o exercito, fazendo varar outras em terra, com que se conheceo alguma falta na provisão do Campo; e logo entrou em Dio com as nãos da preza, e os Mouros enforcados nas vergas, dando estranho pezar ao Campo tão lastimosa vista. Rumecão offereceo polo Capitão Janizaro, (que como dissemos) lhe era conjunto em sangue, trinta e dous mil pardaos de ouro; porém D. Alvaro mandou, que o enforcassem; porque não viera a vender sangue, senão a derramalo; que dos Mouros não queria outro despojo, que as cabeças. Espantou a Rumecão a ira, aos Turcos

Entra em Dio com ellas.

Não quer D. Alvaro resgatar hum Janizaro, e manda-o enforcar.

cos

cos o desprezo, e por não ter D. Alvaro embainhada a espada dos seus, em quanto não chegava a batalha, mandou alguns navios de Baçaim, e Chaul tomar as Gelvas, que bastecião o inimigo; o que fizerão tão ditosamente, que prearão quatorze, trazendo pelas vergas os Mouros enforcados, de que já era menor o sentimento, que o espanto, vendo que não tinha a colera, e vingança dos nossos, piedade, ou limite.

Tomão os nossos quatorze Gelvas ao inimigo.

Entretanto D. João de Castro, resolvendo comsigo dar a ElRey de Cambaya hum castigo, de cujo exemplo resultasse nos Principes da Asia a paz, e reverencia do Estado; quiz primeiro palpar, ou satisfazer aos juizos de fóra, para que os que approvassem o intento, achasse doceis na execução de seu mesmo conselho. Para este effeito chamou a si o governo da Cidade Ecclesiastico, e Secular, com os Fidalgos, e Soldados de nome, aos quaes declarou o animo com que estava de ir descercar pessoalmente a Dio, e dar a Rumecão batalha em seus alojamentos; que dado que todos o sabião como particulares, lho queria certificar em commum, para que na approvação da Republica, levasse

O Governador declara em conselho a resolução de ir a Dio.

como parte da victoria a justiça da causa. Ouvido o Governador, agradecerão todos, em primeiro lugar a modestia de se querer subordinar ministro independente, logo o fervente zelo, com que queria em serviço da patria sacrificar a vida sobre o sangue ainda fresco de seus proprios filhos. Chegados a votar na materia, discorrerão com sentimentos differentes. D. Diogo de Almeyda Freire, Capitão mór de Goa, a quem os annos, e os casos da guerra tinhão dado experiencias largas, fallou d'esta maneira.

Parecer de D. Diogo de Almeyda em contrario.

„ As pequenas forças, que hoje temos, são formidaveis a nossos inimigos, em quanto as não conhecem; „ porque toda esta Asia avalia nosso „ poder pelas victorias, mais que „ pelos soldados; de sorte, que só a „ fama das cousas passadas nos conserva as presentes. Tem V. S. junto nesta armada todo o poder da „ India, com que apenas podemos „ contar dous mil Portugueses, e tentamos estremecer o mundo com „ brado tão pequeno. Esta arvore do „ Estado, de cujas ramas pendem „ tantos trofeos ganhados no Oriente, tèm as raizes apartadas do tron-

„ co

,, co por infinitas legoas, convem que ,, a sustentemos, arrimada na paz ,, de huns, e no respeito dos outros. ,, Nunca podemos responder ao que ,, se espera de nossas forças juntas, ,, porque huma victoria pouco nos ,, acredita, e hum só estrago nos ,, acaba. Temos a nossa fortaleza soc- ,, corrida: de que serve em huma cha- ,, ga já curada, esperdiçar o remedio ,, das outras? Que nova prudencia nos ,, ensina aventurar em huma só ba- ,, talha, o que se tem ganhado em ,, tantas victorias? Temos poder pa- ,, ra nos conservar inteiros, não te- ,, mos forças para nos reparar perdi- ,, dos. Nenhum grande soldado deu ,, batalha campal, senão necessitado, ,, porque o destroço costuma ser igual, ,, só fica com o victorioso o campo, ,, e a fama inutil. De Dio não que- ,, remos, nem podemos ter mais que ,, a fortaleza; pois com que furia ce- ,, ga tornamos a comprar com nosso ,, sangue, o mesmo de que somos se- ,, nhores? Que novos povoadores te- ,, mos para habitar a Ilha? De que ,, parte do mundo podemos trazer ou- ,, tros, que deixem de ser Mouros, ,, ou Gentios, de fé tão incerta com ,, o Estado, como estes, que agora

„ nos offendem? Vamos a peleijar com
„ Turcos, e com Mouros superiores
„ em número, iguaes em armas, e
„ disciplina; se tivermos hum succes-
„ so adverso, não temos salvação, por-
„ que a terra he sua; se o alcançarmos
„ prospero, nenhum fruto tiramos da
„ victoria. Com armas navaes con-
„ quistamos a India, com ellas a ha-
„ vemos de conservar, porque temos
„ a ventagem dos vasos, e da mari-
„ nharia. Se não queremos vencer,
„ se não em batalhas, arrazemos as
„ nossas fortalezas, derribemos os mu-
„ ros das Cidades. Se me dizem que
„ he honra do Estado arruinar por
„ huma offensa hum Reyno, já esti-
„ vera despovoado o Oriente, se to-
„ dos os que nos fizerão guerra re-
„ cebessem o ultimo castigo. Por ven-
„ tura accusaremos a Affonso de Al-
„ buquerque, porque depois de soffrer
„ tantas hostilidades, e enganos dos
„ Reys, e Governadores de Ormuz,
„ o não deixou abrazar? Perderá aquel-
„ la grande fama, que mereceo na
„ terra, porque nas offensas, e cavilla-
„ çoens do Çamorim, não deixou o
„ Malabar destruido? Maculará Nuno
„ da Cunha aquelle illustre nome,
„ porque depois das traiçoens de Ba-
„ dur,

,, dur, não fez guerra a Cambaya?
,, Iremos destruir ao Turco, polo
,, atrevimento, com que cercou o seu
,, Baxá a nossa fortaleza? Apresta-
,, mos nossas armadas contra o Achem,
,, porque tantas vezes nos assaltou
,, Malaca? Meteremos a fogo, e
,, sangue este Hidalcão, por nos to-
,, lher cada dia os mantimentos., e
,, inquietar as terras de Bardés, e
,, Salsete? Que desesperação nos ar-
,, rastra a offerecer a garganta do
,, innocente Estado ao cutelo inimi-
,, go? Esta armada tão espantosa nas
,, apparencias, e no poder tão debil,
,, he freyo a Rumecão, aos nossos
,, muro; porém desembarcados em
,, terra estes poucos soldados, abrirá
,, o Oriente os olhos ao segredo de
,, nossas forças, e todos estes Prin-
,, cipes trabalharão por romper a fra-
,, queza das prisoens, em que os te-
,, mos atados. Gloria foy do Imperio
,, Romano vencer muitas batalhas
,, Quinto Fabio Maximo; depois
,, foy salvação escusar huma. Os pri-
,, meiros Conquistadores nos fizerão
,, a casa, a nós só toca o conservala.
,, Se na oppugnação de Dio perdeo
,, o inimigo hum exercito, que falta
,, á esta facção para victoria? E que

,, Pa-

,, para castigo? A offensa intentase
,, com forças iguaes; a vingança
,, com muito superiores; porque não
,, se ha de ir a satisfazer hum aggra-
,, vo com risco de nova injuria. Mór-
,, mente, que em nada tem a fortu-
,, na mayor imperio, que nas cou-
,, sas de guerra; alcanção-se muitas
,, vezes as victorias por leves acci-
,, dentes, e por outros se perdem.
,, Será pois justo deixar na contingen-
,, cia de hum successo o cetro Orien-
,, tal com espanto, e enveja das
,, gentes, fundado sobre tantas vic-
,, torias? Se perdermos esta armada,
,, onde está junto todo o poder da
,, India, que thesouros poupados tem
,, S. Alteza para nos mandar outra?
,, Começaremos a rogar, ou a con-
,, quistar de novo os Principes da In-
,, dia; tornaremos á sua infancia este
,, Imperio já encanecido; viveremos
,, na cortesia das Coroas que temos
,, offendido, ficando creaturas misera-
,, veis daquelles de quem fomos se-
,, nhores.

Reposta do Governador.

As razoens de D. Diogo de Almeyda satisfizerão aos de sua opinião; aballarão os que tinhão outra. Porém D. João de Castro, seguro na resolução tomada, discorreo em contrario, di-

dizendo, que nenhuma Nação dominante se satisfazia com a guerra defensiva entre seus inferiores; que o Estado se fizera no Oriente arbitro da paz, e da guerra, buscando os mais dos Principes da Asia nossa sombra para viver seguros; que todas as fortalezas, que tinhamos na India, se conservavão com as mesmas armas, com que forão ganhadas; que o respeito, que nos tinhão os Mouros, e Gentios, não duraria mais, que até saber que podiamos sofrer huma injuria; que todos estes Principes estavão attentos ao castigo de Cambaya, e não ousarão atégora ajudala com forças auxiliares, temerosos de poderem cahir sobre suas ruinas; porém se vissem que nos contentavamos com reparar os estragos de nossa fortaleza, e atar as feridas, que nos tinhão aberto, as tornarião a rasgar de novo, encaminhando o segundo golpe ao coração do Estado; que a reputação era alma dos Imperios; e o sofrimento nos particulares virtude, nas Coroas, ruina; que tinhamos perdido neste cerco tantos Fidalgos illustres, tantos Cavalleiros, e soldados de nome, que cobririão os vivos, como sinaes infames, as feridas que receberão nesta guer-

guerra, se as não viessem vingadas; que ficava que contar ao Mundo d'este cerco, senão a paciencia com que o tolerámos; que o Estado mais se assegurava com a fama, que com todas as drogas do Oriente; as quaes só erão de preço, quando as recebiamos, não por commercio, senão como tributo; que ultimamente, não queria que a primeira fraqueza de nossas armas acontecesse nos dias de D. João de Castro; que elle estava resoluto a peleijar; a culpa seria de hum só, a victoria de todos. Referio o Governador estas palavras com hum espirito presago do triumpho antevisto, ou da esperança do successo, ou da grandeza do animo.

Continua Rumecão com outra mina.

Em Dio não estavão ociosas as armas, porque Rumecão valeroso, e constante, não o assombravão os danos recebidos, nem os soccorros esperados dos nossos. Sabia o poder, com que o Governador vinha em pessoa, ainda estimado por mayor na fama, que na apparencia; mas nem assi dobrou da resolução de proseguir o cerco, esperando a ultima fortuna. Mandou minar a guarita de sobre a porta, em que estava Antonio Freire, e ainda que se trabalhava com estranho silencio, divertindo a attenção dos nos-

sos

sos com ardís differentes ; o Capitáo mór , a quem nenhum caso , ou accidente , achava descuidado , lhe penetrou a obra , á qual contrapoz os mesmos reparos , que outras vezes. Deráo os Mouros fogo á mina em dez de Outubro , a qual rebentou sem dano pela face de fora , retrocedendo o fogo por achar resistencia nos repuxos , e viráo os Mouros por dentro outra parede levantada , espantados de que anteviamos os fins de todos seus desenhos , náo lhes valendo a força , nem a industria contra táo valerosos e prevenidos inimigos. Rumecáo ainda que experimentava que nas minas era menor o fruto que o trabalho , ou por cansar os nossos , ou por ter os seus em boa disciplina , começou a abrir outras , que sendo tambem conhecidas se atalharáo , as quaes náo referimos , assim porque náo involveráo successo memoravel , como por evitar o fastio de relatar cousas táo parecidas.

A que deu fogo sem dano nosso.

LIVRO III.

AOs dezasete de Outubro d'este anno de mil quinhentos quarenta e seis, entregando D. João de Castro o governo da Cidade ao Bispo D. João de Albuquerque, e a D. Diogo de Almeyda Freire, soltou as velas em direitura a Baçaim, onde quiz esperar alguns soccorros, e mantimentos, que vinhão retardados, porque fez opinião de não estar o Governador da India em Dio hum só dia cercado; querendo com a felicidade de Cesar, chegar, ver, e vencer.

Parte o Governador para Dio.

Constava a armada de doze galeoens grossos, de que era Capitania S. Diniz, em que hia embarcado o Governador; dos outros erão Capitaens Garcia de Sá, Jorge Cabral, D. Manoel da Silveira, Manoel de Sousa de Sepulveda, Jorge de Sousa, João Falcão, D. João Manoel Alabastro, Luiz Alvarez de Sousa. Os navios de remo erão sessenta, de que erão os principaes Capitaens D. Manoel de Lima, D. Antonio de Noronha, Miguel da Cunha, D. Diogo de Sottomayor, o Secretario Antonio Carneiro, Alvaro Perez de Andrade, D. Ma-

Com que armada, e Capitaens.

Manoel Déça, Jorge da Sylva, Luiz Figueira, Jeronymo de Sousa, Nuno Fernandes Pegado o Ramalho, Lourenço Ribeiro, Antonio Leme, Alvaro Serrão, Cosme Fernandes, Manoel Lobo, Francisco de Azevedo, Pero de Attayde Inferno, Francisco da Cunha, Antonio de Sá o Rume, Cosme de Paiva, Vasco Fernandez, Tanadar mór de Goa, Cabo de quinze fustas, cotías, e taurins, em que hião os Canarins de Goa, e outros navios de Cananor, e Cochim.

Chega a Baçaim, e faz guerra a Cambaya.

Em seis dias afferrou Baçaim, vindo buscalo ao navio D. Jeronymo de Menezes seu cunhado, Capitão mór d'aquella fortaleza, consolando-se reciprocamente hum na morte do irmão, outro do filho. E porque o Governador não queria ter ociosas as armas, despachou D. Manoel de Lima com seis navios ligeiros, para que na enseada de Cambaya fizesse algumas presas nos navios, que soccorrião, ou basteciáo o Campo do inimigo. Naquella paragem andou alguns dias, em que tomou sessenta cotías de Mouros com mantimentos; mandou espedaçar os corpos, e trazidos á toa, os soltou nas bocas dos rios, para que a corrente os levasse á Ilha, onde fossem

sem vistos com horror; e espanto, de que a ira dos Portuguezes inventasse cada dia crueldades novas. Acabado o tempo do regimento, se recolheo D. Manoel com sessenta Mouros pendurados nas vergas dos navios; especraculo mais grato á vingança, que á humanidade. O Governador alegrando-se com estes ensayos da guerra, que emprendia, tornou a mandar D. Manoel de Lima com trinta navios, e instrucção, que todo o maritimo de Cambaya puzesse a ferro, e fogo, para que a memoria do castigo durasse nas ruinas.

Lourenço Pires o vay buscar.

Lourenço Pirez de Tavora, Capitão mór das náos do Reyno (como temos referido) aportou em Cochim com os mais navios de sua companhia, e achando ahi novas do cerco, partio a Goa com toda a diligencia, crendo, que acharia o Governador em terra; e sabendo que se tinha levado toda a armada, rota batida foy demandar Dio, antepondo o serviço Real aos interesses da viagem, cujo exemplo seguirão muitos Fidalgos Reynoes, sendo a primeira terra, que pisarão da India, as ruinas de nossa fortaleza. Entre os quaes passou D. Antonio de Noronha, filho do Viso-

Rey

Rey D. Garcia com sessenta soldados *E outros* á sua custa ; que estas eráo as rique- *Fidal-* zas, que os Fidalgos d'aquelle tempo *gos.* hiáo buscar ao Oriente , porque eráo entáo melhores drogas as feridas , que agora os diamantes. Nestas náos teve o Governador cartas do Infante D. Luis , que referiremos , porque se veja a attençáo com que o Rey , e o Infante olhaváo as acçoens mais pequenas dos ministros , fazendo d'ellas acertado juizo , para lhes responder com premio , ou castigo ; e a singeleza do trato , táo alheyo da soberania , ou altivez de outros tempos ; e náo será para os saudosos d'aquella idade , prolixa esta memoria.

Carta do Infante D. Luiz.

„ HOnrado Governador , pelas cartas que escrevestes a ElRey meu
„ Senhor , e a mim , vi o discurso
„ de vossa viagem depois de partido
„ de Moçambique até chegar á India ,
„ e o que nella fizestes até a partida
„ das náos , e o estado em que achastes a terra , e a condiçáo dos homens , e devassidáo dos tratos , e a
„ fraqueza da armada , e como vos
„ houvestes com o Hidalcáo nas cou-

„ sas

,, sas do Meále, e assi nas cousas de
,, Ormuz, e com os Fidalgos, que
,, tinhão licenças de Martim Affonso,
,, para levarem lá drogas, e tudo
,, mais, que por vossas cartas dizeis.
,, E porque ElRey, meu Senhor, vos
,, responde a todas estas cousas em
,, particular, o não farey eu, senão
,, em somma. E porem não deixarey
,, de dizer, quanto me assombrou cá em
,, terra o perigo, que passastes a tra-
,, vez da Ilha do Comaro, porque
,, verdadeiramente foy acontecimento
,, muy grande, e temeroso, e porém
,, eu o tomo como por boa estrea,
,, porque me parece, que vos quiz
,, nosso Senhor mostrar nisto, que vos
,, ha de salvar dos perigos da terra
,, da India, para que he necessario
,, tanto milagre, como usou comvos-
,, co, em vos salvar de tamanho pe-
,, rigo; polo que eu lhe dou muitas
,, graças; e folguey de saber, que D.
,, Jeronymo de Noronha vos teve com-
,, panhia neste perigo, pois Nosso
,, Senhor tambem o salvou a elle,
,, e he causa de homem tão honrado,
,, como elle he, participar dos peri-
,, gos, e trabalhos de seu Capitão.
,, Quanto ás mais cousas, que me
,, escreveis, porque ElRey, meu Se-
,, nhor,

„ nhor vos responde a todas em par-
„ ticular, e eu fuy presente ás mes-
„ mas repostas, não me pareceo acer-
„ tado tornarvolas a referir; porque
„ por suas cartas vereis o contenta-
„ mento que tem, de como nessas
„ partes o começais a servir, e a boa
„ opinião que a gente tem de vós,
„ o que particularmente vos manda,
„ que façais em cada cousa. O que
„ vos eu disto mais posso dizer he,
„ que estou muy contente do modo
„ que levais nas cousas dessa terra,
„ e do que nella fazeis, e dizeis,
„ porque bem se mostra nisto, que
„ o passar tantos climas vos não mu-
„ dou de quem ereis, e da conta em
„ que vos eu sempre tive, porque
„ vos não contentais de mostrar isto
„ assi por obras, mas além disso vos
„ ides sempre penhorando com pala-
„ vras de demonstraçoens a fazer o
„ mesmo; o que eu tenho por muy
„ certo que vós fareis sempre inteira-
„ mente, quanto humanamente se pu-
„ der fazer. Do modo que escrevestes
„ a S. Alteza não estou menos con-
„ tente, porque vierão vossas cartas
„ muy bem ordenadas, e nellas
„ todas as cousas necessarias, e ne-
„ nhumas superfluas; e bem se vê

„ nel-

„ nellas o mesmo que assima digo,
„ e que entendeis as cousas, e que
„ tendes zelo, e dezejo de as fazer
„ sem respeito temporal de amor,
„ nem interesse; o que muito folgo
„ de vos ouvir, porque ainda que eu
„ tenho por certo, que o fareis assi,
„ parece huma grande avondança de
„ coração, e de virtude, que nelle
„ tendes, folgardes tanto de o dizer;
„ polo que eu espero em Nosso Se-
„ nhor, que vos ha de cumprir vossos
„ bons desejos, e que vos ha de tra-
„ zer d'essa terra com muito vosso con-
„ tento, e honra; porque não pode
„ deixar de succeder isto, a quem ne-
„ nhuma cousa procura, senão o ser-
„ viço de Deos, e de seu Rey, e
„ ainda que vos isto ha de custar gran-
„ des trabalhos, lembrovos que nel-
„ les está o merecimento das cousas;
„ que a Chisto Senhor Nosso conveyo
„ passalos para entrar na sua gloria;
„ e se vos parecem as cousas diffici-
„ les, lembrevos que estas são as em
„ que Deos poem a mão, e o que
„ ajuda a quem o serve nellas com
„ a tenção com que vós o fazeis, e
„ os homens não podem pôr mais de
„ sua casa, que a vontade, e a diligen-
„ cia; e por isso São Paulo não at-
„ tri-

„ tribuhia a si, mais que o plantar
„ das cousas, porque Deos ha de dar
„ o incremento; e assi o dará elle
„ em todas vossas cousas, como as
„ plantardes com o zelo, que eu con-
„ fio que vós tendes em todas, e por
„ isso vos não espantem as grandes,
„ nem tenhais em pouco as pequenas:
„ fazey igual ponderação, e os fins
„ d'ellas remetey-os a nosso Senhor;
„ e posto que algumas vos não sayão
„ como desejais, nunca entre em vós
„ desconfiança, em quanto fizerdes
„ as cousas com justo zelo, e limpa
„ tenção, porque muitas vezes per-
„ mitte nosso Senhor aos que o mais
„ servem, que fação erros, para que
„ mereção na paciencia, e na confi-
„ ança d'elle, e se espertem mais
„ nas cousas, e se acrescentem em
„ mayor perfeição. Fazey justiça, co-
„ mo a entenderdes, tomando sem-
„ pre conselho, e parecer nas cousas,
„ como fazeis; conservai-vos na lim-
„ peza de vossa pessoa, que usais
„ ácerca dos combates dos gostos
„ temporaes, e interesses d'essa ter-
„ ra, e com isto venha o que vier,
„ porque tudo será para bom fim. Nas
„ cousas, que tocão ao culto divino,
„ na conversão dos infieis vos esmeray

,, muito, porque estas são as armas,
,, que principalmente hão de defen-
,, der a India. Procuray de lançar
,, d'essa terra as despesas sobejas dos
,, homens, e as branduras, e delica-
,, dezas, de que usão; e os vestidos,
,, e paramentos de casas, que tra-
,, tão, dispondo-os para estas cousas
,, branda, e suavemente com o exem-
,, plo, que lhes dais, e de vossos
,, filhos, e com fazer favor, e mercê
,, aos que usão do contrario; e se
,, estas cousas não puderdes emendar,
,, não vos espanteis disso, porque
,, as que se danão com tempo, com
,, tempo se hão de tornar a emen-
,, dar, e não se podem remediar de
,, improviso: por isso ide continuan-
,, do com vosso bom proposito, e
,, fazendo as cousas segundo a dis-
,, posição do tempo, e o sujeito das
,, pessoas em que haveis de obrar,
,, que com isto espero em nosso Se-
,, nhor, que encaminhe todas as vos-
,, sas cousas a seu serviço, e ao d'El-
,, Rey, meu senhor, e a vossa hon-
,, ra, como desejais. Quanto ao que
,, me dizeis, que procure que vossa
,, estada seja lá breve, bem vejo que
,, tendes muita razão de o desejar
,, assim, e me parece que se não po-

,, de

„ de tratar até não ver as vossas car-
„ tas, que este anno embora virão,
„ e por isso deixo a reposta deste
„ ponto para o anno, que embora
„ virá. E acerca do que me escreveis
„ de D. Alvaro vosso filho, eu falley
„ a S. Alteza naquelle negocio, e
„ S. Alteza o conhece bem, e está
„ bem informado das qualidades de
„ sua pessoa, e deseja de lhe fazer
„ honra, e mercê; e porém por al-
„ gumas razoens, que S. Alteza vos
„ manda escrever, e porque este an-
„ no escreve, que não manda lá ne-
„ nhum despacho, houve por bem de-
„ ferir este para responder a elle o
„ anno que vem, e por entretanto
„ lhe manda fazer a mercê, que ve-
„ reis por suas provisoens; a mim me
„ fica muy bem cuidado de lhe lem-
„ brar tudo o que a vossos filhos to-
„ ca; espero em Nosso Senhor, que
„ se faça de maneira, que elle rece-
„ ba honra, e mercê de S. Alteza,
„ como vosso filho, a quem deseja
„ fazer o que vós lhe mereceis; e
„ podeis ter por certo, que S. Alteza
„ está em muy verdadeiro conheci-
„ mento da vontade com que servis,
„ e muy contente do modo, que o
„ tendes feito atéqui. Eu falley a S.

„ Alteza em Affonso de Rojas, e
„ por vosso respeito lhe fizera logo
„ a mercê, que lhe eu pedi, mas
„ porque (como digo) manda dizer
„ ás pessoas, que andáo na India,
„ que este anno náo manda lá nenhum
„ despacho, deferio o de Affonso de
„ Rojas para o anno que vem, e
„ diz que para então lhe fará mercê.
„ Eu terey cuidado, se a Deos aprou-
„ ver, de vos mandar a provisáo, e
„ folgo eu muyto das boas novas,
„ que me dais de Affonso de Rojas,
„ e de crêr he, que sendo irmão do
„ mestre Olmedo, e estando em
„ vossa companhia, náo pode deixar
„ de ser homem de bem. O que
„ me mandastes nas náos, que vie-
„ ráo, me foy dado, e com tudo
„ folguey, por ser cousa que veyo da
„ vossa máo; agradeço-volo muito.
„ *Escrita em Almeirim, a vinte seis*
„ *de Março de mil quinhentos qua-*
„ *renta, e sette.* O INFANTE DOM
„ LUIZ.

Danos que faz D. Manoel de Lima em Surrate.

Partido de Baçaim D. Manoel de Lima, entrou de noite o rio de Surrate, e sobindo por elle com a maré, avistou huma povoaçáo grande, que ainda que náo era habitada de Abexins, tinha d'elles o nome. Estava

va a povoação da banda de Levante, derramada em huma estendida planicie, e ainda que o lugar era aberto, tinha dous mil vezinhos, que asseguravão a defensa com algumas trincheiras, sem outra fortificação, fiados quiçá, em que os seus nesta guerra erão os invasores, e nas espaldas que lhes fazia o exercito que tinhão na campanha. Sahio D. Manoel em terra, e os nossos com a mesma ordem, com que desembarcavão, hião envestir o inimigo, mais valerosos, que disciplinados. Os Mouros tiverão animo para esperar, não para resistir, menos assombrados do temor dos nossos, que do horror de seus primeiros mortos, cujo sangue os intimidou de maneira, que voltarão as costas. Perecerão muitos na fogida, poucos na resistencia; foy o estrago grande, porque não perdoou a espada dos soldados á sexo, nem á idade. Mandou Dom Manoel pôr fogo ás casas, abrazarão-se fazendas, e edificios. O furor desprezou a cobiça: mandou cortar as mãos a hum só Mouro, que deixou com vida, para que não levasse novas sem sinaes da victoria.

Assola a Cidade de Anto-

Sahio do rio a armada, e costeando dous dias, houve vista da Cidade de An-

Antote, conhecida pela soberba dos edificios, e riquezas de seus habitadores grossos com o commercio maritimo. Estes prevenidos com o estrago alheyo, resolveráo-se a defender suas casas, ou morrer dentro nellas; táo iguaes andáo na estimaçáo com a vida, estes bens da fortuna. Tomou D. Manoel terra, inda que não sem sangue, porque os Mouros vieráo esperar os nossos, mostrando-se na resoluçáo soldados, mas não na disciplina, porque divididos em magotes, acommettiáo aos nossos com tiros vagos, e incertos, descobrindo o mesmo temor na resistencia, que depois na fogida. D. Manoel os foy levando até os encerrar na Cidade, onde à vista das mulheres, e filhos, os fez deter piedosos. Aqui pareceo aos nossos, que tinháo inimigos, porque peleijaváo com amor de pays, tibios em defender as proprias vidas, valentes em amparar as alhêas; mas como o valor náo era natural, e nascia de affectos piedosos, ou covardes, cedeo a piedade ao temor, deixando-nos a Cidade, os filhos, e a victoria. E como D. Manoel hia mais à destruir, que à vencer, deu a Cidade ao fogo. A crueldade sobejou ao estrago, porque a

mui-

muitas donzellas Bramanas, na cor, e fermosura, como as da nossa Europa, não perdoou a victoria, eximindo-as da culpa o sexo; o parecer da espada.

Foy D. Manoel de Lima assolando os lugares da costa por toda aquella enseada de Cambaya, fazendo taes estragos, que o não fartava o sangue, nem a victoria. Em fim se recolheo com mais gloria que despojos; e achou o Governador já na Ilha dos Mortos com toda a armada junta, com a qual no seguinte dia, que forão seis de Novembro, se fez na volta de Dio: hião os navios boyantes, cheyos de flamulas, e galhardetes, dando de si huma fermosa vista.

E outros lugares, e recolhe-se.

Tanto que da fortaleza descobrirão a armada, foy o contentamento universal de todos, como os que depois de tantos diluvios de sangue, vião quem lhes levava a paz, pela victoria. Embandeirou-se a fortaleza toda, vestindo-se de alegria as prostradas ruinas. Mandou o Capitão mór disparar a artelharia. O Governador lhe respondeo do mar com huma espantosa salva; a que succederão os instrumentos musicos, e guerreiros das trombetas bastardas, solemnizando com ale-

Chega o Governador a Dio.

alegres vesperas hum temeroso dia. Os Mouros tambem disparavão muitas peças, mostrando da chegada do Governador alegria, ou desprezo.

Faz conselho no mar.

Ficou D. João de Castro no mar aquella noite, donde mandou chamar ao seu navio, o Capitão mór, Garcia de Sá, Manoel de Sousa de Sepulveda, Jorge Cabral, e outros Fidalgos de conselho; aos quaes significou a resolução com que vinha de peleijar, sobre que não queria parecer alheyo; que o Governador da India não desembainhava a espada para se defender, senão para castigar; que no modo de cometer o inimigo, o aconselhassem todos. Garcia de Sá lhe approvou, e louvou a resolução tomada, apontando razoens, que ao Governador forão muy gratas, pola pessoa, e polos fundamentos. Sobre a forma de peleijar se discorreo, e assentou modo, que se teve encuberto até á execução. Ordenou que se metesse a gente na fortaleza no silencio da noite, e em quanto desembarcava, com musicas, instrumentos, e tiros dos navios, occultar a Rumecão o intento. Em tres noites passou a gente á fortaleza por escadas de corda; o que se obrou tão cautamente, que o não po-

Mete a gente na fortaleza.

pode entender o inimigo.

Rumecáo mostrando-se mais ousado no perigo visinho, disse aos seus, que se o Governador quizesse peleijar na campanha, entraríão os Mouros na fortaleza pelas portas, e náo pelas muralhas; que com as bandeiras Portuguezas esperava varrer a casa do Propheta; que peleijaváo pola liberdade de tantos Principes, que gemiáo opprimidos do peso da servidáo, e tributos; que poupassem o valor para vingar injurias de muitos annos em hum só dia; que com o peso de tantas victorias já náo podia o Estado; que ordenava a fortuna trazelos juntos, para os acabar de hum só golpe. Esforçou estas arrogancias o Turco; com mandar que a todos os soldados se dobrassem as pagas. Passava de quarenta mil homens o exercito; eráo os mais dos Cabos Turcos, soldados velhos, chamados com avantajadas pagas, a quem a fama do valor fizera conhecidos. Haviáo chegado de refresco ao Campo setecentos Janizaros, que quizeráo, com soberba militar separados, como para verem os Mouros, quem lhes dava a victoria. Guarneceo Rumecáo as estancias, e poz o grosso do exercito nas partes onde lhe

Discurso de Rumecão.

Que exercito tinha.

E como o dispoem.

lhe pareceo, que poderia pojar a nossa armada, sem que a confiança lhe fosse impedimento á disciplina. D'esta sorte esperou a invasão dos nossos, á resistencia prompto, e na batalha incerto.

Resolve o Governador dar batalha.

Tendo o Governador recolhido na fortaleza já todos os soldados, achou sobre acometer o inimigo; opinioens diversas; e como as razoens de huns e outros cahião sobre a contingencia do successo, não se podião escolher; nem reprovar sem o conhecimento do futuro a todos escondido. Garcia de Sá com authoridade dos annos, do valor, e do sangue, discorreo outra vez sobre as conveniencias da batalha; mas D. João de Castro, mandando guardar silencio a todos, disse que a sorte estava já lançada; que dos valerosos seria bem julgado, dos fracos não queria approvação, e os de fora esperarião o successo para fazer juizo. Aquella tarde gastou em dispor os soldados para o seguinte dia, para que a dilação não alterasse os animos, ou a resolução.

Ordem que deu á armada.

Ordenou que os bateis da Armada esperassem sinal com tres foguetes da fortaleza, para que no mesmo tempo, que os nossos determinassem sahir, fossem remando con-

tra

tra aquella parte, donde o inimigo se temia, tocando os instrumentos de guerra, fingindo todas as demonstraçoens de saltar em terra, metendo pelas perchas das fustas muitas lanças, cuja vista daria apparencias ao engano; e a do Governador se daria a conhecer de longe pelo lugar, e bandeira Real, e pelos attavios; simulação que ou nos deu, ou ajudou a victoria.

Faz outros prevençoens.

Amanheceo o dia, em que se contavão onze de Novembro, dedicado á memoria do glorioso S. Martinho Bispo Turonense, que nos podia favorecer Santo, e ajudar Soldado. Com a primeira luz do dia appareceo o Governador no terreiro da fortaleza com bastão de General, vestido de armas brancas com tanta magestade, que na pessoa se respeitava o cargo. Celebrou-se Missa em hum altar patente a todos, para que ao Deos dos exercitos se pedisse a victoria. Commungou o Governador, e a mayor parte dos soldados, e o Custodio dos Franciscos publicou indulgencia plenaria aos que morressem na batalha. Acabado este acto, mandou tirar as portas da fortaleza, e guizar com ellas hum almorço aos soldados, para que a confian-

fiança do General, e a desesperação de algum abrigo igualmente servissem á victoria, fazendo-lhes o peleijar preciso por gloria, ou por necessidade; disse assim aos soldados:

Falla aos soldados.

,, Entramos em huma batalha, onde
,, vencidos honraremos nosso Deos
,, com o sangue; vencedores nosso
,, Rey com a victoria. A força do
,, exercito inimigo são Turcos, e
,, Janizaros, os quaes como soldados
,, mercenarios buscão a guerra, abor-
,, recem a peleija. A outra parte se
,, compoem de naçoens differentes, o
,, soldo as obriga a estar juntas; mas
,, não a estar conformes. Não são es-
,, tes mais valerosos que seus pays,
,, e avós, não serão mais felices, a
,, todos sujeitarão nossas armas. Este
,, Imperio da Asia he filho de nossas
,, victorias; criámolo em seu primeiro
,, berço, sustentemolo agora já robus-
,, to, que depois de largas idades nos
,, ha de mostrar ao mundo com o
,, dedo a fama deste dia. Animar á
,, batalha, fora esquecerme que somos
,, Portuguezes.

Ordem em que os poz.

Nesta forma tinha ordenado a gente. Deu a vanguarda a D. João Mascarenhas, devendo-se-lhe este mayor perigo, como premio dos outros; ag-

gre-

gregou-lhe quinhentos Portuguezes, seiscentos Canarins, quinhentos Naires. A D. Alvaro de Castro, outros quinhentos Portuguezes, em que entraváo todos os Fidalgos, e Capitaens de sua Armada. A D. Manoel de Lima outros quinhentos. O Governador ficou com os mais, que seriáo oitocentos Portuguezes com alguns Canarins, e Malabares.

Comete a armada a terra.

Os Mouros cada dia engrossaváo o campo, e de fresco tinháo chegado Alucáo, e Mojatecáo com cinco mil soldados. Mandou o Governador fazer sinal á Armada com os foguetes, o qual conhecido, partio á voga arrancada, e arrimando-se á praya, desparou a artelhar a toda nas estancias dos Mouros; escondeo a fumaça os navios por hum espaço largo, com que o inimigo náo acodio ao que havia de temer, senáo ao que temia, solicito no perigo imaginado, descuidado no cerco. Rumecáo com o grosso do exercito carregou áquella parte do mar á impedir a desembarcaçáo aos nossos. O Governador sahio á este tempo da fortaleza com escadas prevenidas para encostar ao muro. D. Joáo Mascarenhas foy com os de sua companhia cingindo a cava, por su-

Acode alli Rumecáo.

O Governador sahe da fortaleza.

bir

bir por aquella parte, onde estava o baluarte de Diogo Lopez de Sequeira. Antonio Moníz Barreto, que hia nesta conserva, encomendou a sua escada a tres valentes soldados; estes forão os primeiros que ensanguentarão a victoria, sem que chegassem a vela. Tinhão vindo aquelle anno nas náos do Reyno com Lourenço Pirez de Tavora; erão naturaes da Villa do Torrão, e trazião cartas a Antonio Moniz de sua máy, que lhos recomendava, as quaes lhe derão estando para entrar na batalha; elle as recebeo alegre, dizendo aos soldados, que se livrasse com vida, lhes faria bons officios com o Governador, ao que elles responderão conformes, que só naquelle dia necessitavão de seu favor, que ao diante seus procedimentos lhes farião passagem; que lhe pedião lhes entregasse aquella escada, seguro de que a saberião arvorar, e defender com as vidas. Antonio Moniz vendo brios tão honrados em soldados humildes lha entregou confiado, dizendo, fiava d'elles o credito, e a escada; mas logo que levantarão com desgraciado valor, hum tiro cego lhes estroncou as cabeças.

Brio lastimoso de tres soldados.

Re-

Referirey hum estranho desafio, que deixara de escrever por lastimoso, senão fora tão illustre. D. João Manoel, e João Falcão, Fidalgos de muita opinião, andavão entre si mal avindos por desconfianças leves, que no juizo dos homens, vem a pesar aquillo, em que se estimão. Tratarão de averiguar no campo estes desabrimentos, fazendo juiz d'esta porfia o valor, ou o caso. Os padrinhos, que entravão na contenda com mais livre juizo, reduzirão a questão á mais honrado duello, discorrendo que o Governador tinha á pique a jornada, e que o desafio, que sempre era delicto, seria agora escandalo; que pelo bando perdião as cabeças; e que D. João de Castro não era pay, ainda que o parecia; sofria culpas, mas não atrevimentos; que podião sanear as honras, onde arriscavão as vidas; concertando-se que o que primeiro, e com mayor valor sobisse o muro do inimigo, ficasse por melhor reputado na singular, e na commum batalha, inventando com engenhoso valor, mortes com premios, desafios sem culpa. Satisfizerão-se da proposta hum, e outro inimigo; pedirão a parentes, e amigos lhes tivessem as escadas;

Desafio estranho.

co-

como homens, que havião de pelejar pola honra do Estado, e pola sua. Começarão de sobir a hum mesmo tempo. D. João Manoel, lançando huma mão ao muro, lha levarão de hum golpe, acodindo com a outra tambem lhe foy cortada; soccorrendo-se dos cotos para ferrar o muro, com hum golpe de alfange lhe levarão a cabeça. João Falcão accommetteo ao mesmo tempo o muro, e tendo-o já vencido, defendendo-se valerosamente, foy morto a cutiladas. Sobre qual d'estes dous contendores deu mayores provas de valor, fizerão os soldados de brio juizos differentes; nós diremos, em beneficio de ambos, que não devia mais á honra, quem deu tudo por ella.

Que faz D. João Mascarenhas.

Começou D. João Mascarenhas com os seus a arrimar as escadas, sobindo muitos com tanta resolução, como fortuna, porque ainda que recebidos nas lanças, vencerão a resistencia; estes comprarão a gloria de ser primeiros com o perigo de se achar sós no campo, tendo o peso dos Mouros em quanto lhes chegavão os companheiros. Os feitos de armas, que se obrarão nesta primeira escala, se deixão conhecer da postura com

que

que se combatia; pois os Mouros peleijavão firmes, e os nossos pendentes. D. Alvaro de Castro, e D. Manoel de Lima atravessarão o muro por differentes partes, recebendo na mayor resistencia mayor dano. Perderão alguma gente em quanto peleijavão derramados, logo que se firmarão, derão lugar mais franco a que os seus sobissem.

Que faz D. Alvaro de Castro.

O Governador achou no raso mayor perigo, que teve na sobida, porque encaminhou logo á ponte, que estava defendida com hum grosso de gente, e muitas peças assestadas nella; a importancia de ganhala era igual ao perigo. Commetteo-a o Governador a risco aberto; o valor foy singular, o caso milagroso, porque chegando muitas vezes os Mouros o murrão ás peças escorvadas, nenhuma tomou fogo; successo para milagre opportuno; para accidente raro. Porém não quiz o Ceo toda a victoria, porque crecendo os Turcos na defensa da ponte com escopetas, panelas de polvora, e lanças de arremeço, retardarão o impeto dos nossos. Alguns voltarão os rostos áos pelouros, quiçá para mostrarnos Deos quanto valemos, deixados em nós mesmos; fogião os fracos, de-

Perigo do Governador na ponte.

Livra por milagre.

tinhão-se os valentes, porém D. João de Castro a nenhum inferior no esforço, mayor que todos no acordo, com alguns que o acompanhavão, cerrou com o inimigo, bradando a vozes altas: Victoria, fogem os Turcos. Esta voz se derramou com tão felices eccos, que os nossos outra vez unidos, buscarão sua bandeira; e os inimigos timidos, ou credulos, forão perdendo o campo; sendo esta voz do General a porta por onde entrou a victoria. Aqui fizerão os nossos estrago, como de vencedores, e o que era ardil já parecia verdade. O Governador sem perdoar instante á sua fortuna, foy atravessando o Campo, e como nem a victoria tem temeridades, nem o temor conselho, D. João cercado de quasi todo o exercito inimigo, se acclamou victorioso, fogindo por aquella parte os Mouros sem dano, mas já desordenados. Em fim tivemos por seu lado a victoria, primeiro que a batalha. Entre os da companhia do Governador se affirmou sem contradição, que fora elle o primeiro que cavalgara o muro, e deste feito não achou testimunha contra si, mais que a si mesmo, que lisamente disse, que Lourenço Pirez de Tavó-

Acclama victoria.

E prosegue a.

Que diz de Lourenço Pires.

ra

ra primeiro afferrara o muro; não querendo o credito da fama menos averiguada, havendo por escusado furtar honra, quem sabia ganhala.

Avisado Rumecão da desordem com que os seus fogião, acodio com hum grosso batalhão de Turcos a deter, ou estorvar a victoria, e como a ventagem do número era tão superior, retardando a furia dos nossos, igualou a batalha. Durou a porfia espaço largo. Foy derribada duas vezes a bandeira Real; o que vendo o Governador bradou impaciente: Que he isto Portuguezes? Tirão-vos das mãos a victoria? Tirão-vos a bandeira? E remetendo ao inimigo cuberto de huma adarga, em que trazia duas settas cravadas, com a voz, e com o exemplo animou os soldados de maneira, que com furiosa corrente, fizerão retroceder aos Mouros, fugindo os ultimos com o terror dos primeiros.

Oppõem-se Rumecão.

Peleija o Governador pessoalmente.

D. Alvaro de Castro, e D. Manoel de Lima, feitos em hum só corpo, se fizerão envejar de seus soldados, e de seus inimigos. Accommetterão a Alucão, e Mojatecão valentes Turcos, e Cabos principaes do exercito, que muito espaço lhes fizeram duvidosa a victoria. O sangue tingia

as armas, tingia a terra; a vozeria dos Mouros estremecia o Campo como perigo novo; o horror, e a confusão arrebatava os sentidos, de sorte, que muitos sentião as mortes primeiro que as feridas: cedeo em fim ao valor o número, e os Turcos se retirárão com infinitos mortos, as estancias perdidas. D. João Mascarenhas accommetteo a Juzarcão, ao qual ganhou o posto com não menos valor, nem peyor fortuna. Rumecão não perdendo animo, nem acordo com a primeira desgraça, esperou a ultima, formando seus esquadroens no campo aberto, ou fosse necessidade, ou confiança, porque em tam numeroso exercito mais se conhecia o temor, que a perda, e como he proprio nas desgraças accusar a fortuna, fez Rumecão suas expiações com vozes, e alaridos supersticiosos, que os nossos ouvirão, como para conciliar a indignação dos Astros.

Estancias dos inimigos ganhadas, e por quem.

Rumecão se forma no campo raso.

D. João de Castro, não querendo perder hum só momento de tam fermoso dia, juntou a si o pequeno exercito, e dando a vanguarda á seu filho D. Alvaro, affrontou o inimigo, que o esperou formado, e estendendo as pontas da mea lua, com que estava plan-

O Governador, e seu filho o envestem.

plantado, veyo cingindo a nossa infanteria; porém D. Alvaro, como se quizera para si só a gloria d'este dia, envestio o inimigo com tanta gentileza, que foy entre os seus o primeiro, que chegou a ferir os Mouros, cometendo, ou abrindo com espada, e rodela hum esquadrão cerrado. Sustentou o inimigo o campo na primeira envestida, mas não podendo sofrer o peso da batalha, começou a retirarse com desordem. Os nossos rompendo de todo as fileiras turbadas, seguião mais, que destroçavão os inimigos rotos. Por esta parte se começou a declarar a victoria; mas Rumecão com hum grosso batalhão de Mouros, e Janizaros, fez aos nossos rosto, que derramados no alcance, ou desprezarão, ou esquecerão a disciplina.

D. Alvaro o rompe.

Torna Rumecão a fazer rosto.

Aqui esteve D. Alvaro perdido, porque nam podendo seus soldados resistir divididos, hião deixando aos inimigos o campo, e a victoria, sem que as vozes de D. Alvaro, e constancia com que peleijava, pudessem deter a huns, nem ordenar a outros; tão pendente está do mais leve accidente a fortuna da guerra. Fr. Antonio do Casal de cujo valor religio-

Perigo, e constancia de D. Alvaro.

gio-

Arvora Fr. Antonio do Casal hum Crucifixo.

gioso fazem os Autores memoria, com hum Crucifixo arvorado, começou com piedosas e esforçadas razoens, a reprender, e animar os nossos, mostrando-lhes a imagem de Christo, exposta outra vez na Cruz á segundas injurias; aconteceo, que huma pedra perdida desencravou hum braço do Crucifixo, e lho deixou pendente, mostrando-se em huma mesma perspectiva o sagrado transumpto aos filhos inclinado, aos infieis caido. Os nossos com mayor espirito nas injurias do Ceo, que nas do Estado, mostrarão differente valor em differente causa, devendo mais á offensa de quem erão creaturas, que ao imperio de quem erão soldados. Subitamente se unirão conformes, e recobrando forças, mais foram os instrumentos da victoria, que os authores d'ella. Rumecão se retirou desbaratado, e D. Alvaro baralhado com elle entrou de envolta na Cidade, achando já mayor estorvo nos mortos, que cahião, que resistencia nos vivos, que se não defendião.

Animão-se os nossos.

Rumecão se retira, e D. Alvaro entra na Cidade.

A este tempo chegou D. Manoel de Lima, tam valeroso no mar, como na terra; o qual pela parte que lhe tocou rompeo o inimigo, até se jun-

Ajunta-se-lhe D. Manoel de Lima.

juntar com D. Alvaro, e entrados na Cidade, fizeráo cruel estrago nos Mouros, que rotos, e divididos buscaváo salvaçáo na fugida, mais que na resistencia. Já o semblante da guerra mais parecia saco, que batalha; os nossos acharáo Mouros, náo acharáo inimigos; muitos metidos pelas casas roubaráo suas mesmas fazendas, que occultaváo, como furto á victoria; outros deixaváo as armas, por fugir mais ligeiros. D. Joáo Mascarenhas entrou por outra parte na Cidade, dando neste dia glorioso fim a táo illustre cerco.

E D. Joáo Mascarenhas.

O Governador ainda peleijava no Campo, solicito da victoria dos seus, certo na sua, quando lhe chegou aviso, que a Cidade estava rendida. Mas Rumecáo pondo tropeços á victoria, tornou a rebentar como mina, com oito mil soldados, ordenando-se em fórma de dar ou esperar nova batalha; que era o poder tam grande, que das reliquias do seu estrago fez outra nova guerra. Sahiáo a este tempo da Cidade D. Alvaro de Castro, e D. Joáo Mascarenhas, e D. Manoel de Lima a congratular-se da victoria com o Governador, quando viráo a Rumecáo no campo com outro

Offerece Rumecáo nova batalha.

O Governador o desfaz.

tro novo exercito. O Governador não querendo, que a suspensão parecesse temor, quasi com o mesmo alento da primeira batalha cometeo a segunda, ordenando tres esquadrões, os dous, que buscassem os inimigos pelos lados, e elle pela frente. Nesta ordem cometeo o inimigo, o qual mais desesperado, que constante, aguardou o primeiro impeto dos nossos; mas como peleijava já timido, e desconfiado, e os seus com cobarde, e forçada obediencia lhe assistião, com leve resistencia nos deixarão o campo. Bem que em todas as facçoens do cerco, e da batalha, se mostrou Rumecão tão valeroso, como disciplinado: mas nas adversidades merece-se melhor, do que se alcança a fama.

Alcança-se a victoria.

Abrirão-se os Mouros pela frente, e o Governador, á maneira de rio impetuoso, cuja corrente tudo leva diante, quasi indefesos os foy desbaratando. Já no Campo se fazia estrago sem batalha; os Mouros parecião inimigos na fogida, e não na resistencia; e como os nossos acometião algumas mangas, que se mantinhão inteiras, elles mesmos se desordenavão por remedio, fogindo huns dos outros

com

com igual, ou mais certo perigo, que fogiáo dos nossos. Outros por náo parecer inimigos arrojaváo as armas, como instrumentos, que nos podiáo acordar aggravo, ou vingança. Em fim naquella tragedia se representaváo todos os affectos, de que o temor se veste. Rumecáo vendo tudo perdido, vestindo huma pobre cabaya, se lançou entre os mortos, occultando-se á ira, e á victoria; porém huma pedra tirada de máo incerta, o livrou com a morte, do triumpho. Muitos d'este homicidio se fizeráo authores, como já nos tempos de Galba, de quem quizeráo ser mais os matadores, do que foráo as feridas. E em nossos dias, e nosso mesmo Reyno, vimos tambem hum caso nada dessemelhante.

Morre Rumecão.

Advertidamente calley os casos particulares d'esta batalha, porque se náo podem louvar huns sem injuria de outros; só dos Cabos, e pessoas mayores démos breve noticia, por reverencia do lugar, e do sangue; demais, que na confusáo de huma batalha, difficultosamente se podem particularizar accidentes com o rigor da verdade; e he certo, que aquelles, á cuja penna náo escaparáo os

ato-

atomos do caso mais occulto, ou buscaráo soccorros para a historia, ou penetraráo os acontecimentos com vista mais aguda. Basta saber, que táo illustre empresa honrou naquelles tempos nossas armas, nestes nossa memoria; e creyo, que em todas as facçoens da Asia, nos cercos náo tivemos mayor; nas batalhas náo tivemos igual.

Varia estimaçáo do número dos inimigos.

O número do exercito inimigo se náo pode averiguar ao certo, porque com estimaçáo desigual, huns o sobem á sessenta mil, outros disseráo menos, e nem os Mouros, que ficaráo cativos, souberáo formar juizo certo da gente, que perderáo. Mas de qualquer maneira, foy a desproporçáo táo notavel de hum poder a outro, que bastou a dar pelo Mundo hum espantoso brado; e nas Historias alhêas achamos a victoria escrita com mais honrado applauso, do que em nossas memorias; e se a Patria imitara a gratidáo do Imperio Romano com filhos benemeritos, dera a lêr ao Mundo as obras de D. Joáo de Castro em sublimes estatuas, que como annaes de bronze, fossem volumes públicos á todas as idades. Náo achamos, que respondessem os premios à seu

seu merecimento, quiçá para o fazer mayor, o alcançou nesta parte a desgraça dos varoens excellentes; logrou porém como premio de duração mais larga, a fama de seu nome. Os Principes da Asia com ambiciósas mensagens lhe deráo emboras da victoria; a Camera de Goa o chamou Duque, ou fosse, que o advertia, ou que o desejava. ElRey D. João o honrou com titulo do Viso-Rey da India, sendo do Estado quarto em tempo. Os outros premios devia de os sepultar a mesma terra, que cubrio suas cinzas, ficando só sua posteridade hereditaria da gloria de táo grande ascendente.

Parabens da victoria.

Recolheo o Governador os despojos, que foráo os Reaes, muitas bandeiras, e quarenta peças de artelharia grossa, em que entrava aquella, que hoje temos na fortalela de S. Gião, que do lugar, em que se ganhou, ainda conserva o nome. Entregou a Cidade ao saco, sem reservar para si hum só ferro de lança, sempre das riquezas do Oriente desprezador constante. D'esta, e outras virtudes nasceria affirmarem os Mouros, que fora o Governador assistido de algum poder divino, porque sobre o tecto

Despojos della.

Saco da Cidade.

da

da Igreja virão huma Donzella, cujos rayos não podia sofrer a vista, cujo aspecto lhe enfraquecia os coraçoens, com que deixavão as armas, huns timidos, outros reverentes. Não temos este favor do Ceo por indigno de credito, se olhamos a piedade do General, a justiça da causa. Dos Mouros morrerão cinco mil, em que entravão Rumecão, Alucão, Accedecão, e outros Turcos de nome; ficarão seiscentos cativos, que depois servirão ao triumpho; dos nossos faltarão trinta, forão quasi trezentos os feridos.

Quantos Mouros morrerão.

Nossos mortos, e feridos

Poucos dias descançou o Governador nos ocios da victoria, porque entrou logo em cuidados molestos de reedificar, antes fundar, a fortaleza desda primeira pedra; obra, que a necessidade fazia precisa, o aperto impossivel, porque as despesas de tão prolixa guerra tinhão apurado as rendas do Estado, e sobre ellas se havião feito empenhos, que só se podião remir com a paz de muitos annos: porém o Governador, sem se atar aos inconvenientes, começou a dar principio á nova fabrica, desenhando-a em fórma differente, que a antigua; porque a juizo de homens in-

Reedifica o Governador a fortaleza.

intelligentes, convinha estender o sitio, engrossar o muro, fazer os baluartes mais vezinhos, e lavrar armazens para recolher as munições, e mantimentos em parte enxuta, em que se conservassem bem acondicionados, differentes dos outros, que pela humidade do terreno corrompião os bastimentos. Os materiaes não se podião comprar, nem conduzir sem pagas, e jornaes; pedreiros, pióens, e architectos, pedião suas ferias. Não tinha o Governador baixellas, nem diamantes de que poder valer-se, assi recorreo a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a natureza não. Mandou desenterrar os ossos de seu filho D. Fernando, para fazer d'elles á Cidade de Goa hum nunca visto empenho; mas como a terra ainda tivesse o corpo mal gastado, cortou da barba alguns cabellos, sobre que pedio vinte mil pardaos á Camera de Goa, abrindo-lhe o amor da patria huma estranha porta, por onde não souberão entrar aquelles fidelissimos Decios, Curcios, e Fabios, de que Roma ainda hoje soberba, de entre as ruinas de seu Imperio lhe salvou a memoria. Acompanhava o penhor a seguinte Carta.

Empenha para isso os cabellos da barba.

Car-

Carta, que o Governador D. João de Castro escreveo de Dio á Cidade de Goa.

,, SEnhores Vereadores, Juizes, e
,, Povo da muito nobre, e sempre
,, leal Cidade de Goa; os dias passa-
,, dos vos escrevi por Simão Alvarez
,, cidadão d'essa Cidade, as novas da
,, victoria, que me Nosso Senhor deu
,, contra os Capitaens d'ElRey de
,, Cambaya, e calley na Carta os tra-
,, balhos, e grandes necessidades em
,, que ficava, porque lograsseis mais
,, inteiramente o prazer, e conten-
,, tamento da victoria; mas já agora
,, me pareceo necessario nam dissimu-
,, lar mais tempo, e dar-vos conta
,, dos trabalhos em que fico, e pe-
,, dir-vos ajuda para poder supprir,
,, e remediar tamanhas cousas, co-
,, mo tenho entre as mãos; porque
,, eu tenho a fortaleza de Dio derri-
,, bada até o cimento, sem se poder
,, aproveitar hum só palmo de pare-
,, de; de maneira, que não sómente
,, he necessario fabricala este verão
,, de novo, mais ainda de tal arte, e
,, maneira, que perca as esperanças
,, ElRey de Cambaya, de em ne-
,, nhum tempo a poder tomar. E com
,, es-

,, este trabalho tenho autro igual, ou
,, superior a elle, aldemenos para
,, mim muito mais incomportavel de
,, todos, que são as grandes oppres-
,, soens, e continuos achaques, que
,, me dão os Lasquerins por paga, de
,, que lhes eu dou muita certeza,
,, porque d'outra maneira se me irião
,, todos, e ficarey só nesta fortaleza;
,, o que será occasião de me ver em
,, grande perigo, e por esse respeito
,, toda a India, como quer que os
,, Capitaens d'ElRey de Cambaya com
,, a gente que ficou do desbarato,
,, estão em Suna, que he duas legoas
,, d'esta fortaleza, e ElRey lhes man-
,, da cada dia engrossar seu campo
,, com gente de pé, e de cavallo,
,, fazendo muitas amostras de tornar
,, a tentar a fortuna, em querer dar
,, outra batalha; para as quaes cou-
,, sas me he grandemente necessario
,, certa somma de dinheiro, polo que
,, vos peço muito por mercê, que
,, por quanto isto importa ao serviço
,, d'ElRey nosso Senhor, e por quan-
,, to cumpre á vossas honras, e le-
,, aldades, levardes avante vosso an-
,, tigo costume, e grande virtude,
,, que he acodir-lhes sempre ás estre-
,, mas necessidades de S. Alteza, co-

,, mo

„ mo bons, e leaes vassallos seus,
„ e polo grande, e entranhavel a-
„ mor, que a todos vos tenho, me
„ queirais emprestar vinte mil par-
„ daos, os quaes vos prometto como
„ Cavalleiro, e vos faço juramento
„ dos Santos Evangelhos de vol-os
„ mandar pagar antes de hum anno,
„ posto que tenha, e me venhão de
„ novo outras oppressões, e necessi-
„ dades mayores, que das que ao pre-
„ sente estou cercado. Eu mandey des-
„ enterrar D. Fernando meu filho,
„ que os Mouros matarão nesta for-
„ taleza, peleijando por serviço de
„ Deos, e d'ElRey nosso Senhor,
„ para vos mandar empenhar os seus
„ ossos, mas acharão-no de tal ma-
„ neira, que não foy licito inda ago-
„ ra de o tirar da terra; polo que
„ me não ficou outro penhor, sal-
„ vo as minhas proprias barbas, que
„ vos aqui mando por Diogo Ro-
„ drigues de Azevedo; porque co-
„ mo já deveis ter sabido, eu não
„ possuo ouro, nem prata, nem mo-
„ vel, nem cousa alguma de raiz, por
„ onde vos possa segurar vossas fa-
„ zendas, sómente huma verdade sec-
„ ca, e breve, que me Nosso Senhor
„ deu. Mas para que tenhaes por mais
„ cer-

„ mais certo vosso pagamento, e não „ pareça a algumas pessoas, que por „ alguma maneira podem ficar sem el„ le, como outras vezes aconteceo, „ vos mando aqui huma provisão para „ o Thesoureiro de Goa, para que dos „ rendimentos dos cavallos vos vá pa„ gando, entregando toda a quan„ tia, que forem rendendo, até ser„ des pagos. E o modo que neste pa„ gamento se deve ter o ordenareis „ lá com elle. Hey por excusado de „ vos affeitar palavrar, para vos en„ carecer mais os trabalhos em que „ fico, porque tenho por muito cer„ to, por todos os respeitos, que as„ sima digo, haverdes de fazer nesta „ parte tudo, e mais do que puder„ des, sem entrevir para isso outra „ cousa, salvo vossas virtudes costu„ madas, e o amor, que todos me „ tendes, e vos tenho. Encomendo„ me, Senhores, em vossas mercês. „ *De Dio, a vinte, e tres de Novembro* „ *de mil quinhentos quarenta, e seis.* „

Chegado o mensageiro a Goa, lhe respondeo o Povo com mayor quantidade, que a pedida; vendo que tinhão hum Governador tão humilde para os rogar, tão grande para os defender. Remeterão-lhe outra vez aquel-

Os Cidadãos de Goa lhos tornão.

aquelles honrados penhores, que hoje se conservão em mãos do Bispo Inquisidor Geral, seu dignissimo neto, que os recolheo em huma urna, ou pyramide de cristal, assentada em huma base de prata, na qual estão gravados em torno disticos differentes que fazem de acção tão illustre engenhosa memoria, ficando aos successores de sua casa este honrado deposito, como para fazer hereditarias as virtudes de D. João de Castro. Levarão os portadores do dinheiro a Carta que se segue.

Hoje se conservão.

Carta da Camera de Goa, em reposta da do Governador.

,, ILlustrissimo, e excellente Capitão geral, e Governador da India, pelo muito alto, e muito poderoso, e muito excellente Principe El-Rey nosso senhor. Diogo Rodrigues de Azevedo chegou á esta Cidade segunda feira seis dias do mez de Dezembro, e o dia seguinte deu em Camera huma Carta de Sua Illustrissima Senhoria, que foy lida com muito prazer, e grande contentamento, por sabermos de sua saude; a qual boa nova sempre queriamos saber, e muito melho-

,, res

,, res lhe desejamos ; e por ella a
,, Cidade, e todo este povo em ge-
,, ral, e em especial, damos muitas
,, graças a Nosso Senhor, e temos
,, certa esperança em nossa Senhora Vir-
,, gem Maria Madre de Deos nossa
,, advogada, que tendo os povos da
,, India a V. S. Illustrissima por seu
,, Duque, e Governador, que em
,, nossas afrontas, e trabalhos nunca
,, careceremos de ajudas divinaes,
,, por merecimento de seu catholico,
,, e modesto viver, e auto, e obras
,, de muitas louvadas virtudes ; e
,, com esta esperança vivemos em
,, novo repouso, porque a presente,
,, e gloriosa victoria, que por seu
,, prudente conselho, e grande es-
,, forço, e cavallaria venceo, e des-
,, cercou a fortaleza de Dio, e des-
,, baratar, e destruir o poder d'El-
,, Rey de Cambaya, com mais ou-
,, tros vinte mil homens Mouros, Tur-
,, cos, Rumes, Coraçoens, e Chris-
,, tãons renegados da Fé de N. Senhor,
,, Alemaens, Venezianos, Genove-
,, zes, Francezes, e assi d'outras mui-
,, tas, e diversas naçoens, dos quaes
,, grão parte d'elles forão mortos à
,, ferro de lança, e espada, de que
,, a Cidade tem certeza de pessoas de

„ bem, que de vista forão presentes;
„ os quaes bons serviços nos mostrão
„ claros sinaes, que ao diante, pra-
„ zendo á Nosso Senhor, e á seu am-
„ paro, não teremos outros trabalhos,
„ que de futuro se apresentão do pro-
„ prio Rey de Cambaya com outro
„ novo poder, e outros Reys, e Se-
„ nhores, nossos comarcãos, e os de
„ toda a India, são de certo inimi-
„ gos nossos, e de muitas inimiza-
„ des, além de serem infieis inimi-
„ gos de nossa Fé Catholica, dos
„ quaes huns, e outros não temos
„ segura, nem firme paz; antes te-
„ mos sinaes de faltas, e enganosas
„ amizades. E quanto ao emprestimo
„ que em nome d'ElRey nosso Se-
„ nhor nos manda pedir, responde a
„ Cidade, que os moradores faremos
„ de presente, e sempre que cum-
„ prir servirmos S. Alteza com as
„ fazendas, e vidas, e com as al-
„ mas. E porque a tenção da Cidade,
„ e de todos he servir Vossa Illus-
„ trissima Senhoria, havendo respei-
„ to, que o tal emprestimo cumpre
„ muito ao serviço d'ElRey nosso Se-
„ nhor, cuja a Cidade he, e todos
„ somos, com muita diligencia, e
„ cuidado daquelle dia, que Diogo
„ Ro-

,, Rodrigues de Azevedo deu o reca-
,, do até o fazer d'esta, que são vin-
,, te e sete de Dezembro, se ajuntarão
,, rão vinte mil, cento, quarenta, e seis
,, pardaos, e huma tanga, de cinco
,, tangas o pardao, os quaes emprestou
,, esta Cidade, a saber Cidadãos, e
,, o Povo, e assi os Bramenes merca-
,, dores, gameares, e ourives. E es-
,, crevemos em certo a V. S. que esta
,, Cidade, e os honrados moradores
,, polo servir, temos obrigação de
,, pôr as vidas, e as fazendas com
,, melhor vontade do que o faremos
,, por nossas proprias honras, e in-
,, teresses. E quanto, Senhor, aos pe-
,, nhores que nos manda, a Cidade, e
,, moradores nos temos por aggrava-
,, dos de V. S. ter tão pouca con-
,, fiança em nós, e em nossas leal-
,, dades, que para cousa que tanto
,, cumpria ao serviço d'ElRey nosso Se-
,, nhor, e a seu Estado Real, não
,, erão necessarios tão honrados, e
,, illustres penhores, porque nossa leal-
,, dade nos obriga ao serviço d'ElRey,
,, e a presente necessidade, e de-
,, pois d'isso as obrigaçoens em que
,, somos, e a grande affeição, e mui-
,, to amor que V. S. tem a esta Cida-
,, de, e moradores; e por ello, e
,, tu-

„ tudo o mais que neste caso lhe sentimos, lhe beijamos as mãos, e rogamos a Nosso Senhor, que lhe dè perfeita saude, e o prospere de muita honra, e grandes victorias contra os inimigos de nossa santa Fé. E todavia, Senhor, Diogo Rodrigues de Azevedo lhe torna a levar os seus penhores; e assi lhe levão elle, e Bertholameu Bispo, Procurador da Cidade o dito dinheiro, que lhe a Cidade, e Povo d'ella emprestarão de sua boa, e livre vontade. E assi lhe levão mais a Provisão, que cá mandou para o Thesoureiro pagar o dito dinheiro, e lhe pedem por mercê que tudo acceite, como de leaes vassallos, que somos a ElRey nosso Senhor, e á V. S. muy obrigados. *Escrita em Camera, a 27 de Dezembro de* 1547. E eu Luiz Tremessão, Escrivão da Camera, o mandey escrever, e sobscrevi por licença, que para ello tenho. Pero Godinho. João Rodrigues Paes. Ruy Gonçalves. Ruy Dias. Jorge Ribeiro. Bertholameu Bispo.

Continua a obra da fortaleza.

Continuava a obra da fortaleza com tanto gosto dos officiaes, e jornaleiros, que crescia sem tempo, sendo

tão

tão pontuaes as pagas dos servidores, e soldados, que havião, que só para o Governador estava o Estado pobre. Além do emprestimo da Cidade, lhe enviarão as Donas, e Donzellas em hum cofre a pedraria, e joyas, com que a fraqueza feminil serve ao poder, e á vaidade: offerta de que não podião esperar retribuição, ou usura; donde se vê, quanto melhor servidas são dos povos as virtudes, que as tyrannias dos regentes.

E a guerra de Cambaya.

Ordenou a D. Manoel de Lima, que com trinta navios avistasse os lugares da costa de Cambaya, e os abrazasse todos, mostrando ao Soltão, que a vingança não acabara na victoria; porém que na Cidade de Goga não entrasse, por ter aviso, que a ella se recolhera toda a gente que escapou da batalha. D. Manoel, a quem ainda esperava a fortuna por aquella enseada, se foy correndo a costa, e a poucos dias de viagem lhe sobreveyo hum temporal tão rijo, que o levou a necessidade da tormenta á demandar abrigo no mesmo porto, que pela instrucção lhe fora prohibido. Os da Cidade, como ainda tinhão presente a imagem do passado perigo, tanto que virão as mesmas armas, de que

D. Manoel de Lima a faz.

Vay á Cidade de Goga.

que estavão cortados, desempararão a Cidade, assi os soldados, como a gente popular, e inutil, fogindo para o Sertão com igual desacordo. Estava ancorada no porto huma náo de Mouros, que era do Zamaluco, bom correspondente do Estado, o qual vendo a fugida dos Mouros, começou a capear aos nossos, para que dessem na Cidade. D. Manoel, não entendendo o sinal do navio, pareceo-lhe que de confiado o chamava á peleija, e pondo-se logo em armas colerico, e impaciente, notou, que a Cidade se despejava, e o miseravel povo corria com hum tropel confuso á demandar huma pequena serra, que lhe ficava á vista, crendo, que a distancia, e aspereza do sitio os livraria da invazão dos nossos. Conheceo D. Manoel o intento com que lhe capeava o navio, e perplexo entre a occasião, e a obediencia, poz o caso em conselho; e como entre os soldados de valor, he sempre o brio primeiro interprete das ordens, votarão, que se entrasse a Cidade, porque a instrucção do Governador não podia comprehender todos os accidentes, o qual se estivera presente, fora o primeiro que saltasse em terra. Seguio lo-

logo a execução o conselho. Entrou D. Manoel a Cidade quasi sem resistencia; o saco dos soldados foy grande; e o que desprezou a cobiça, se entregou ao fogo, que abrazou fazendas, e edificios; foy o damno mayor do que a victoria. Cativou D. Manoel tres Baneanes, dos quaes soube que toda a gente se salvara em hum lugar da serra, que ficava em pequena distancia; determinou assaltalo, para que aos fugitivos, e oppostos, igualasse o castigo. Foy amanhecer sobre o lugar, levando os Baneanes por guia, forçados com miseravel necessidade á entregar os filhos, e parentes; e os que se imaginavão no abrigo do Sertão seguros, virão primeiro sobre si a espada, que vissem o inimigo. Não fez o estrago differença de causa a causa, de pessoa a pessoa; naturaes, e estrangeiros, culpados, e innocentes pagarão com as vidas o delicto, ou proprio, ou alheyo. Das pessoas passou á religião a injuria; dentro dos Pagodes mandou enforcar a muitos, que na vaidade de suas superstiçoens he culpa inexpiavel. Degolou os gados do contorno, salpicando as Mesquitas com o sangue das vacas; animal, que como deposito das almas, ve-

Que saquêa, e abraza.

venerão com culto abominavel.

Embarca se, e periga. Embarcado D. Manoel de Lima, tornou a cortar a enseada, onde se vio perdido sem tormenta, porque o fluxo, e refluxo das ondas he tão impetuoso, que basta á destroçar os navios. Passado mais adiante, houve vista da Cidade de Gandar, povoada de Mercadores Gentios, rica pelo commercio, e fraca pelos habitadores. Esta foy na primeira envestida rendida, e abrazada, sendo, que entregavão os naturaes as fazendas como preço das vidas, que não poderão salvar oppostos, nem rendidos; porque a ira, ou deshumanidade dos soldados, antes buscava o sangue, que os despojos. Muitos outros lugares da enseada destruio, durando nas cinzas, e ruinas muitos annos as memorias do estrago; e os naturaes, que sobreviverão ás miserias dos outros, se recolherão ao interior do Reyno, onde com segura pobreza entretinhão as vidas.

Destroe Gandar.

Recolhe-se a Dio. Deu D. Manoel volta a Dio, onde achou ao Governador entre os materiaes da nova fabrica, á cuja vista crescia o edificio. Desejava deixar a fortaleza em defensa, porque o chamavão a Goa differentes negocios. Porém D. João Mascarenhas, ou can-

sa-

sado, ou satisfeito dos trabalhos do cerco, fez deixação da praça, sem acabar o tempo, querendo aquelle anno vir ao Reyno lograr tão merecida fama. Quizera o Governador dissuadilo, temendo, que ninguem lhe aceitasse a fortaleza, porque com a victoria, e alteração do commercio, faltavão os estimulos da honra, e do proveito, que são os mayores incentivos, de que os homens se vencem. Porém D. João Mascarenhas resoluto à passar ao Reyno nas nács de Lourenço Pires de Tavora, obrigou ao Governador a que buscasse Capitão para a praça, que já alguns fidalgos lhe havião engeitado, aborrecendo lugar de tantas victorias, quiçá polo perigo que tem succeder a varoens excellentes, porém D. Manoel de Lima, ou por complacencia do Governador, ou por confiança de si mesmo, se offereceo para ficar na praça.

Deixa D. João Mascarenhas a praça.

D. Manoel de Lima se offerece a ficar nella.

Entretanto o Governador se aprestava para passar a Goa; mandou Antonio Moniz Barreto com alguns navios a esperar as naos de Cambaya, que por intelligencias secretas sabia, que havião de visitar a costa de Pór, e Mangalor; as quaes elle encontrou, rendeo, e trouxe a Dio, cujas fa-

Toma Antonio Moniz algumas náos.

fazendas ajudarão a reparar as despezas do Estado. ElRey de Cambaya com o sentimento de tantas perdas rebentou em huma vingança barbara, mandando matar dous prisioneiros nossos innocentes, que do tempo da guerra lhe ficarão cativos, vingando-se de tão grandes injurias em sombras tão pequenas.

Vingança barbara d'ElRey de Cambaya.

Concluidos os negocios de Dio, começou a fortuna a sobresaltar o Estado com novos accidentes. Teve o Governador duplicados avisos de Ormuz, que os Turcos com crescido poder tinhão lançado de Baçorá a Mahamet As-Enam, fiel amigo do Estado, o qual chamava nossas armas, para com forças auxiliares resistir ao commum inimigo. Vião-se não de longe os perigos, e as consequencias, que resultavão de tão roim vizinho, com quem apenas podiamos caber no mundo, quanto mais no Estado. Ponderava-se a importancia de Baçorá, como fundamento lançado para cousas mayores; de cujo sitio daremos huma breve noticia. He Baçorá povoação de quatro mil vizinhos, situada na Arabia Felix, em altura de vinte e quatro grãos para a banda do Norte; aparta-se do rio Eufrates em pequena dis-

Avisos de Ormuz.

Descripção de Baçorá.

distancia. Distará da fortaleza de Ormuz duzentas legoas, de Babylonia pouco mais de quarenta. De Ormuz a ella se navega ao longo da costa pella parte da Persia, por ter melhores surgidouros, e aguadas. A Ilha he povoada de Mouros oppostos aos Turcos, por serem (ainda que cultores de Mafamede) differentes na crença, porque seguem os ritos, e ceremonias do Persa; a quem dá a beber o Demonio as abominaçoens de Mafoma em vazos differentes. Aqui se fortificarão os Turcos, e começarão a ganhar os Arabios vizinhos, huns com as armas, outros com beneficios, criando em Baçorá novo Principe, que como descendente de seus antigos Reys, seria aos Arabios grato, e aos Turcos fiel; liberalidade, com que mostravão entrar com semblante de amigos, escondendo a ambição de Senhores. A justiça d'este, que os Turcos saudarão por Rey, escrevem outros em dilatadas letras, cuja relação deixo por ser ao gosto importuna, e alhêa da Historia.

Os Turcos se fortificão nella.

Resolveo o Governador despachar Dom Manoel de Lima para a fortaleza de Ormuz, que pola morte de Dom Manoel da Sylveira lhe cabia, para

Vay D. Manoel de Lima para Ormuz.

tomando a obrigação da guerra com os Turcos, como pensão da praça, ficando outra vez a fortaleza de Dio, como pedra reprovada dos que a edificavão; porque não havia Fidalgo, que quizesse ficar com o trabalho da fortificação, havendo D. João Mascarenhas levado as honras do perigo. Não sey se as cousas da India correm hoje por esta opinião. O Governador se molestava, de que lugar de tantas victorias ficasse tão aborrecido. O que entendido por D. João Mascarenhas, se offereceo para ficar aquelle Inverno na praça; cousa que o Governador estimou sobre modo, dizendo-lhe, que em quanto a fortaleza estava imperfeita, a fama de seu nome serviria de muro. E porque se veja quam facil era este grande Varão em authorizar honras alhêas, referirey a Carta que escreveo a seu filho D. Alvaro, quando entendeo que D. João Mascarenhas iria a Goa para passar ao Reyno. „ La vay o Senhor D. João Mas-„ renhas, tal qual os Mouros, e Gen-„ tios confessão; e eu, que sou bom „ Christão, faço a mesma confissão „ de seu esforço, porque em todas „ as batalhas o achey sempre a meu „ lado. Vay-se embarcar para o Rey-„ no

E D. João Mascarenhas torna a ficar em Dio.

O que delle escreve o Governador a seu filho D. Alvaro.

,, no: rogovos muito, que lhe façais
,, o mesmo tratamento, que á minha pessoa, e não consintais que tome outra pousada, senão a vossa:
,, porque além de elle o merecer,
,, espero em Deos que tornará muito cedo á estas partes á emendar
,, meus descuidos. Tambem escreveo a ElRey largamente sobre os merecimentos dos homens, de si não fallou nada, mostrando-se agradecido aos serviços de todos, e só aos seus ingrato.

E a ElRey de todos.

Concluídas as cousas de Dio, deixou o Governador a D. Jorge de Menezes com seis navios, para que andasse o resto do Verão na enseada de Cambaya; e mandou lançar pregão em todos os lugares confinantes; que todos os Mouros, e Gentios podessem tornar a povoar a Ilha, porque debaixo de sua justiça estarião as pessoas e commercios seguros, gozando da paz, e liberdade antigua; e como a verdade recebe credito do valor, tornarão os Gentios a buscar assi o abrigo de nossas armas, como de nossas leys, vindo copia de mercadores, e vizinhos a engrossar o trato, havendo por mais segura a paz que, começava nos limites da guerra.

Deixa naquella costa a D. Jorge.

Em

Embarca-se para Goa. Embarcou-se o Governador para Goa, aonde o esperava o applauso universal das gentes, como eccos articulados da victoria. Chegou a tomar porto em breves dias; onde vierão a visitalo ao mar o Bispo, Capitão mór, e Regentes, pedindo-lhe se detivesse em Pangim, em quanto a Cidade dispunha o triumpho, com que o queria receber, porque não reputasse o Mundo aquelle povo por barbaro, ou ingrato; que triumpho tão merecido, não era ambição da pessoa, mas gloria do Estado; que das victorias levavão os Reys o fruto, os vassallos a fama; que bem podia desprezar o premio, sem engeitar a memoria.

Chega, e he visitado no mar.

Decreta-se-lhe triumpho. Deixou-se o Governador vencer d'este agrado do povo, como quem não podia desprezar as honras do triumpho, sem injuria dos que lho ajudarão a merecer; nem pôr limite ás alegrias populares em odio da prosperidade de todos, de cujas demonstraçoens festivas tinhão na fortuna desculpa, nos Cesares exemplo. Para os quinze de Abril de quarenta, e sete se destinou o dia do triumpho, primeiro, e ultimo, que virão nossas armas, costumadas a lograr fama sem gloria. Fabricou a Cidade no Bazar

Fabrica delle.

de

de Sancta Catharina hum espaçoso caes cujo material cobrião varias alcatifas. Rasgou-se a porta da Cidade até o alto do muro, como que se mostravão as pedras humildes, ou gratas. Era a tapeçaria das muralhas de custosos brocados. A grandeza não podia sobir a mais, o gosto não se contentava com menos. Em partes era o adorno de diversos velludos; para que o ouro servisse á magestade, as cores ao deleite. Na portada se viáo dous leoens dourados, sustentando em huma, e outra tarja as Roelas dos Castros sempre illustres, agora triumphantes. Junto ao caes corria hum dilatado bosque de arvoredo, que com interrompidas sombras mitigava o calor, sem occultar o dia. Via-se o mar cuberto de náos, e galeoens, de fustas, e almadias, que das Ilhas vezinhas concorrerão, todas embandeiradas, e alegres. Estava no terreiro do Paço huma fortaleza, desenhada pela planta de Dio, e dentro algumas bombardas carregadas sem balla, e outros instrumentos de fogo, com que figuravão huma representação alegre dos passados horrores. Na mesma fortaleza se escondião curiosas danças, que com accordadas vozes cantavão ao Governador

louvores a numeros atados, deleitando o ouvido na armonia, o juizo na letra. O concerto das ruas, como para dar a conhecer a opulencia do Oriente; as teilas de lavores por usuaes se olhavão com desprezo. As galas dos moradores taes, e tantas, que parecia, que triumphava o Povo. Nem seria menos dos animos o applauso, se os coraçoens se virão, pois erão demonstraçoens voluntarias de naturaes affectos.

Entra o Governador.

Abalou o Governador de Pangim em huma galeota, cujo adorno a fazia differente das outras; levava comsigo os Fidalgos velhos, que o acompanharão na jornada, igualmente parciaes na gloria, e no perigo. Hião diante os galeoens da armada, a quem seguião as embarcaçoens de remo com as velas içadas nos palancos, e todos navegando assombrados com o verdor de differentes ramos, parecião da terra hum bosque tremulo, huma Cidade erratica. Logo que avistarão a fortaleza, lhe derão huma tão temerosa salva, que a guerra parecia real, mais que apparente; como contraposta lhe respondeo a artelharia da terra, com tal horror, que os sentidos não conhecião differença da batalha ao triumpho. Para dar passo á galeota do Go-

ver-

vernador, se abrio a armada toda. Vinha custosamente trajado, dando o que era seu ao tempo, vestindo náo menos airosamente as galas, do que vestia as armas. Trazia huma roupa Franceza de setim carmezim com troçaes de ouro, que lhe tomaváo os golpes, e como quem náo queria perder memorias de soldado, vestia huma coura de laminas assentada em brocado com seus tachoens de prata, gorra com plumas, mostraváo ouro as guarniçoens da espada. No caes o esperaváo os Cabos da Milicia, Nobreza, e Regimento da Cidade, com os quaes entrou a primeira porta onde hum Vereador na lingua Latina lhe orou discretamente, discorrendo, como por beneficio de seu valor tinhamos humilhado o mais soberbo cetro do Oriente, cujas ruinas seriáo de sua fama os elogios mayores; que agora tinha Portugal seguro o Estado, em seus braços segunda vez nascido, cujas armas serviáo tanto á Fé, como ao Imperio, obrando, que em táo remotas partes se ouvissem os brados do Evangelho; que agora os Mouros, e Gentios creriáo, que náo podia deixar de ser Deos grande, o Deos de tantas victorias; que ainda depois de

Hum Vereador lhe faz pratica.

 ida-

idades largas no Oriente mostrariáo com o dedo os navegantes o lugar da batalha, ficando por tradição o estrago de Cambaya de Nação a Nação, de Reyno a Reyno; que os pays o contariáo aos filhos, ainda sobresaltados na memoria dos perigos passados; que já nossas bandeiras gloriosamente enroladas poderiáo descançar no tempo da Paz, aberto o da Victoria. Sobre os accidentes de seu governo discorreo largamente, parecendo ao Povo, que antes abreviava, que encarecia suas virtudes, mayores na consideração dos estranhos, do que em nossos elogios. Rematou a oração na suavidade de musicos instrumentos, differentes, e acordes. Logo se dispararáo algumas peças, cujas ballas eráo doces diversos, que caindo em pequena distancia, foráo á gentalha do povo convite, ainda que atrebatado, alegre. Os Vereadores da Cidade, receberáo ao Governador com paleo, e logo hum Cidadão de authoridade, inclinado, e reverente, lhe tirou a gorra da cabeça pondo-lhe nella huma coroa triumphal, e na mão huma palma. Diante caminhava o Custodio dos Religiosos Franciscos com o Crucifixo, que levou na batalha, e o braço desencravado, e pendente; (sinal com que já de táo lon-

Recebem-no com paleo.

Ordem do triumpho.

longe aquella Magestade divina, nesta, e naquella idade nos assegura os Reynos, e as victorias.) seguio-se a bandeira Real de nossas Quinas, olhadas com admiração nova de Mouros, e Gentios. Logo os estandartes de Cambaya arrastados á vista de Juzarcão, e outros Capitaens maniatados, que representavão a tragedia de sua fortuna, a elles lastimosa, a nós alegre. Viãose seiscentos prisioneiros arrastando cadêas; trás elles as peças de campanha, com varias, e numerosas armas. As damas das janellas banhavão ao triumphador em aguas destilladas de aromas differentes. Os officiaes, que tratavão o ouro, ou preciosas drogas, lhe vinhão a offerecer voluntarios tributos, sendo a igualdade dos animos outra cousa mayor, que o triumpho. Os Templos adornados, e abertos, se mostravão benevolos, e gratos; nesta fórma chegou a visitar a Cathedral, Metropoli do Oriente, onde o Bispo, e Clero o receberão com o hymno: *Te Deum laudamus.* Entrado na Sé, reconheceo com piedosas offertas ao Author das victorias, e por ser já tarde com abreviadas ceremonias se recolheo aos Paços, não cabendo a magestade do triumpho nas horas de hum só dia.

Vay á Sé.

Reconhece a Deos por autor de suas victorias.

LI-

LIVRO IV.

POucos forão os Reynos do Oriente, que no Governo de D. João de Castro não alterassem aquelle Estado com diversos movimentos de guerra, ou com armas oppostas, ou com reciprocas discordias, chamando nossas forças a conciliar a paz, ou ajudar a victoria, vendo-o muitas vezes o Oriente, em serviço da Religião cingir a espada.

Religiosos Franciscos passão a Ceilão.

Havia ElRey D. João enviado alguns Religiosos Franciscos á Ilha de Ceilão, exemplares na vida, e na doutrina, para que com o sangue, e com a palavra testimunhassem a verdade Evangelica, sendo este o mayor cuidado de nossos Principes, cujas bandeiras mais vezes vio tremolar a Asia em obsequio da religião, que do imperio. Entrados estes Religiosos na Ilha, forão recebidos d'ElRey da Cotta com benigna hospedagem, começando a nascer segunda vez no Oriente o Sol divino. Ouvio aquella Gentilidade a voz do Ceo; e ao beneficio da terra inculta respondia o fruto, encaminhando ao curral da Igreja infinitas ovelhas.

Passarão estes embaixadores do Evange-

ge-

gelho a dar novas da luz á ElRey de Candea no coração da Ilha, o qual acharão grato no tratamento das pessoas, e facil na obediencia da doutrina; foy instruido nos misterios de nossa crença, para que com fé mais robusta se lavasse nas aguas do Baptismo. Deu aos Religiosos terra, materiaes, e despezas para a fabrica de hum Templo, sendo esta a primeira fortaleza, que levantou a conquista do Evangelho naquella Ilha contra os erros da idolatria; porque das vozes do Apostolo S. Thomé (se alli chegarão) nem nos entendimentos havia luz, nem na terra memoria.

Pregão a fé em Candea, e ElRey se inclina á ella.

Mostrava-se este Principe aos preceitos de nossa Religião obediente; mas ainda não constante, porque o temor de alterar os vassallos na mudança da ley, lhe fazia, por não perder o que amava, deixar o que entendia; porque como planta ainda sem raizes, o inclinavão á huma, e outra parte contradiçoens humanas. Tentarão os Religiosos desviar-lhe estes tropeços do caminho da vida, affirmando-lhe, que debaixo do amparo de nossa Religião, e nossas armas, assegurava huma, e outra coroa, porque estava naquelle tempo governando o Es-

Mostra inconstancia.

Os Religiosos o animão.

Estado aquelle D. João de Castro, que pola Fé sabia derramar o sangue, polos amigos arriscar o Estado.

Sua resolução. Ouvio bem o Rey esta proposta, dizendo, que se o Governador lhe mandasse soccorro, não só professaria a Fé, porem que a prégaria a seus vassallos. Com esta resolução partio hum Religioso a Goa, e certificado o Governador da causa de sua vinda, zelou a conversão d'aquelle Principe, como o mayor negocio do Oriente; não menos prompto a dar á Igreja filhos, que ao Estado victorias. Despachou logo com sete fustas Antonio Moniz Barreto, e ordena, que encontrando-se com navios nossos os levasse comsigo; escrevendo áquelle Principe honradas cartas, acompanhadas de muitos donativos. Mas em quanto Antonio Moniz vay navegando, fallaremos na tomada de Baroche, por guardar a ordem dos tempos na relação dos successos.

O Governador zela esta conversão, e manda a isso Antonio Moniz.

Tinha o Governador despedido de Dio a D. Jorge de Menezes, para que na enseada de Cambaya fizesse todas as hostilidades possiveis, mostrando ao Soltão, que com os estragos passados, nossas armas não embotarão os fios. Tomou D. Jorge algu-

gumas embarcaçoens de mantimentos, que passavão à bastecer os portos do inimigo, porque acabasse a fome aquelles, que perdoara a espada. Deu huma tarde vista á Cidade de Baroche, cujos edificios lhe representarão na magestade a polícia de Europa. Estava situada em huma eminencia, cingida de muros de ladrilho, que mais servião ao adorno, que á defensa. Com tudo se deixavão ver diversos baluartes, obrados não sem alguma luz de fortificação, guarnecidos de muita artelharia, que senhoreava as entradas do porto. Com a elevavão do sitio se descobrião portadas de cantaria lavrada onde a correspondencia de torres, e janellas mostravão de seus habitadores o poder, e artificio. Era o trato da terra, de finissimas sedas, droga, que d'aquelle porto se navegava a muitos do Oriente. Possuía Madre Maluco esta Cidade, tributada das aldèas vizinhas, que na fertilidade, e na grandeza lhe compunhão hum mediano estado.

Sitio, e fortificação de Baroche.

Trato dos moradores.

Madre Maluco a senhorea.

Acaso tomarão os nossos huma almadia de pescadores naturaes da terra; que perguntados, disserão da Cidade o que temos referido E querendo saber Dom Jorge, que presidios havia

na

na Cidade, disserão, que toda a milicia levara Madre Malûco á Amadabà, Corte do Soltão, e que só ficavão ao presente alguns mecanicos, e outra gente de trato. D. Jorge, parecendo-lhe opportuna á occasião de assaltar a Cidade, ainda que era o poder desigual para facção tão grande, como os successos pendem dos accidentes, determinou tentar a fortuna, e por assegurar os moradores, se fez na volta do mar, como quem navegava por differente rumo, levando comsigo os pescadores, para na entrada lhe servirem de guias. Tanto que anoiteceo tornou a armada a demandar o porto, e saltando em terra, sem que a confiança, ou descuido do inimigo se assegurasse em defensa, ou sentinella alguma, forão ferindo os nossos naquella gente desarmada, e fraca, onde a noite, a confusão, e o sono, os trazia á encontar o perigo, de que andavão fogindo; errando miseravelmente, se desviavão tanto dos seus, como dos inimigos, fogindo dos que tambem fogião. Os gemidos dos filhos não movião os pays á piedade, e menos á vingança; porque o temor subito obrava com os peyores affectos da natureza. Os lamentos, e

D. Jorge a entra de noite.

e grito das mulheres, esses as descobrião, sendo seus ays seu mayor perigo. E os que escondidos em suas casas escaparão ao ferro, nellas mesmas os abrazou o incendio, não ficando aos miseraveis para a morte remedio, senão escolha. A hum mesmo tempo se fazia a invasão, e o saco. Foy o estrago como em guerra sem resistencia; o despojo, como em Cidade entregue. Alcançou em fim D. Jorge nesta empreza fama sem risco, victoria sem inimigo. Porém não duvidamos, que se achara opposiçoens mayores, podera conseguir seu valor o que obrou sua fortuna. Mandou dar a Cidade ao fogo, aonde em breves horas os nobres, e plebeos, as plantas, e edificios se converterão em lastimosas cinzas, sem que a natureza as distinguisse, lugar as separasse. Embarcou-se alguma arteiharia miuda, e rebentou-se a grossa, sendo esta facção tão celebre entre os nossos, que fizerão tomasse o appellido de Baroche, quem tinha o de Menezes, como já as ruinas de Cartago derão á Scipião o nome de Africano.

Põem-lhe fogo.

Toma delle o appelido.

Acodio o Maluco com cinco mil cavallos, cedo á lastima, tarde ao remedio; e vendo que o ferro, e fo-

Acode o Maluco tarde.

go não deixarão cousa alguma com semelhança do que havia sido, voltou impaciente á ElRey de Cambaya, como quem levava em chaga fresca a dor mais sensitiva. Representou-lhe o estrago da Cidade, aggravo que parecia mayor, por ser depois de tantos. Sentio o Soltão este novo accidente; jurando acometer outra vez Dio, que era a pedra do escandalo, onde se quebravão as forças de tamanho imperio. Em tanto, pois, que os odios de Cambaya respirão na imaginada vingança, discorreremos no espiritual de Candea, que como semente afogada entre espinhas, não chegou a lograr fruto.

O Rey de Cotta dissuade ao de Candea da conversão.

Entendia o Madune Rey da Cotta como o de Candea buscava com a mudança de Religião, a protecção do Estado; e como estes Gentios são observantes zeladores de seus erros, buscou meyos para lhe persuadir, que era a idolatria necessaria á Coroa; affirmando-lhe, que com a nova crença, faria aos vassallos desobedientes, aos Reys inimigos, ingrato á seus antigos Idolos, que havião prosperado o cetro de Candea tantos annos em Reaes ascendentes; que o Governador da India devia ser o mais insolente homem

da

da terra, pois não sofria, que o Mundo tivesse outro Rey, nem outro Deos, mais que os que elle servia, e adorava; que não negava ser a Religião dos Portuguezes, ou melhor, ou mais felice, pois cultivão o Deos das victorias; porém, que a elle lhe bastava servir aos deoses da patria, em que nascera, sem desejar melhor posteridade, ou mais ambiciosa fortuna, que os que lhe precederão. E quem sabia se o Governador queria fazer da piedade motivo para lhe usurpar o cetro? Que não recebesse na Ilha homens tão valerosos, que em nenhuma parte sabião já estar, senão como senhores. Que se os Frangues lhe prometião trazer à casa melhor Ley, e augmentar-lhe o estado, quem com inteiro juizo havia de dar credito á tão nova bondade de homens, que nunca vira; e mais quando estes não erão tão desprezadores do humano, que não viessem do fim do Mundo a dominar a Asia? Que se queria exemplos, mais Reynos acharia por elles destruidos, que doutrinados; que era verdade, que os seus Jogues (que elles chamão Sacerdotes) erão faceis em derramar o sangue pola Ley, que ensinavão, mas que estes

o farião, ou como ambiciosos do nome, ou prodigos da vida; se já não era, que no Occidente havia mais loucos, que nas outras Regioens, e davão todos naquella perigosa teima de doutrinar ao Mundo; que ultimamente lhe aconselhava, como Rey, e amigo, que devia degollar o soccorro dos Frangues, que esperava, para dar satisfação a seus antigos deoses, justamente indignados de os querer desamparar por divindade estranha, que pola soberba de lhe virem dar luz ao entendimento, ou pola ambição de lhe usurpar o Reyno, merecião este castigo na contingencia de hum, ou outro delicto; que para este effeito o ajudaria com armas, e soldados, fazendo commum a causa, pois o era tambem a injuria dos Idolos de todos.

O de Candeá consente nisto.

O miseravel Principe, não podendo levantar-se de todo com o peso de seus antigos erros, se deixou persuadir das razoens do barbaro, e fraudulento amigo, porque os olhos ainda cegos com as nevoas da idolatria, não podião sofrer as luzes da verdade, que lhe amanhecia; e logo ou incauto, ou violentado conspirou na traição do Madune, como enfermo frenetico, contra os instrumentos da sau-

saude indignado; esperaram em fim os hospedes, resolutos em executar a maldade, que tinhão concebido.

Viagem de Antonio Moniz.

Entretanto, partido Antonio Moniz de Goa, achou em differentes portos alguns navios nossos, que conforme a instrucção, que levava, aggregou á sua armada. Dobrado o cabo de Comorim, e passados os baixos de Manar, foy demandar Baticalou, para d'ahi entrar em Candea, caminhando por terra. Levava doze fustas de remo, de que tirou cento, e vinte soldados escolhidos, e com elles foy caminhando com a segurança de quem hia buscar hum Principe amigo, e obrigado, e sobre tudo, senão fiel ainda, ao menos grato já, e benevolo ás verdades da Ley, que lhe prégavamos.

Chega a Candea, e acha tudo trocado.

Chegado a Candea, como tudo fervia em armas, não pode ser a traição tão cauta, que Antonio Moniz a não entendesse por diversos avisos, e pela simulação com que tentarão dividir-lhe os soldados para os poder matar mais a seu salvo. De mais, que o Rey lhes não quiz ver o rosto, quiçá por não descobrir nos affectos a consciencia temerosa, e culpada. Antonio Moniz se sahio logo da Cidade, mandando queimar os impedimen-

mentos, e bagages, que trazia, ficando assi mais livre para a defensa, e para a retirada, e juntando os soldados lhe disse.

Trata de voltar-se.

,, Companheiros, e amigos: todos ,, sabeis a traição, que nos tem orde- ,, nado este Rey infiel, a quem vie- ,, mos soccorrer, e servir, entendo, ,, que nos cometeràm com força des- ,, cuberta, pois tem agora huma ra- ,, zão, ou causa mais para nos offen- ,, der, que he havermos conhecido ,, seus enganos. Nenhum de nós te- ,, rá mais vida, que em quanto a sou- ,, ber defender. Póde salvarnos o va- ,, lor, e a conformidade; soccorros ,, não esperamos de fóra, pois estão ,, em nós mesmos; e estes barbaros ,, não se empenharão na traição, se ,, virem que he custosa; e que mui- ,, to, façamos nós agora por nós mes- ,, mos, o que vinhamos a fazer por ,, elles, que he derramar o sangue. ,, Os caminhos, que guião á Bateca- ,, lou, onde está a nossa armada, de- ,, vem estar occupados do inimigo, ,, polo que nos parece, que vámos de- ,, mandar o Rey de Ceitavaca, fiel ,, amigo do Estado, onde acharemos ,, hospedagem, e abrigo seguro para ,, d'ahi irmos a buscar nossa armada.

Lo-

Logo que Antonio Moniz começou a marchar, se descobrirão os inimigos em tropas, acometendo-nos com settas, dardos, e pedras, e outras armas d'este genero, com que nos feriáo alguma gente, determinando com este importuno modo de peleija acabarnos sem risco. Trazia o inimigo, ao parecer, hum corpo de oito mil homens regidos por seus Cabos, a que chamáo Modeliares, destros naquelle modo barbaro de cometer, e retirar, superiores aos nossos no número, e na agilidade, e sem dúvida hum, e hum nos foráo derribando a todos, se os náo fizera afastar a nossa espingardaria, de que receberáo dano, e temor grande, vendo cahir alguns subitamente mortos; de que espantados os outros, nos seguiáo mais timidos, e cautos; assi nos foráo picando todo aquelle dia, humas vezes atrevidos, e outras cobardes, e com este sequito desigual, e importuno, hiáo dando aos nossos a carga lenta, mas nunca interrompida.

He cometido dos inimigos.

Sobreveyo a noite, de que os nossos receberáo mais segurança, que repouso, porque sempre os foráo inquietando com tiros vagos, e perdidos, sem que os pobres soldados po-

Trabalhos que passão.

dessem ainda sobre as armas receber algum breve descanso; mastigando o biscouto com os olhos no inimigo, e as mãos nas armas. Assi passarão até o seguinte dia, que se descobrirão os barbaros mais soltos, e atrevidos; perdido, ou mitigado aquelle horror primeiro, que lhe fazião os instrumentos do fogo. Chegarão em fim a ferirnos de perto com armas curtas, com o que foy forçado Antonio Moniz deter a marcha, e fazer algumas voltas, em que lhe degollámos gente; e cativámos, entre outros, hum seu Modeliar, que no habito, e nas armas, parecia o Regente de todos; o que mostrou ser assi no risco, e ousadia com que intentarão livralo, fazendo muitas arremetidas, de que sairão cortados, porém sempre constantes naquella invasão porfiada, que já os nossos não podião aturar, rendidas as forças do trabalho.

Prudencia com que modera os seus.

Alguns forão de parecer, que fizessem rosto ao inimigo, e se livrassem peleijando, ou acabassem vingados; porém Antonio Moniz lhes disse, que a melhor parte do esforço, era o sofrimento; e que só este os podia salvar, que tinhão a mayor parte do caminho vencido; que marchando vigia-

giados, e unidos, não poderião receber grande dano; que por grande, que o perigo fosse, seria depois mayor o gosto, quando o recontassem gloriosos, e seguros. Assi lhes foy o Capitão criando espiritos novos, e enfreando a desesperação de tão prolixa resistencia, até os visitar a noite, como alivio dos trabalhos do dia, na qual os barbaros tambem quebrados deixarão em alguma maneira respirar os nossos. Porém tanto que amanheceo, tornarão a seguir a presa mais furiosos, parece que corridos de achar opposição tão valerosa em poder tão pequeno. Aqui se desenvolverão mais soltos contra os nossos, que já se defendião, ainda que com os mesmos animos, com forças mais remissas.

Mandou Antonio Moniz quebrar as pernas ao Modeliar, que levava cativo, e lançalo na estrada, a quem os seus, deixando a peleija, acodirão logo detidos do amor, ou da piedade do mayoral, ou companheiro, que vião em tão miseravel estado; ficarão os nossos hum espaço largo, como sem inimigo; porem subitamente movidos de hum espirito de lastima, ou vingança, acometerão impetuosamente os nossos em hum passo estreito,

que hia fechar em huma ponte, fundada sobre hum grande rio, que se não vadeava. Mostrou aqui Antonio Moniz avantajado esforço, fazendo com nove companheiros rosto aos inimigos em quanto seus soldados passavão; e como os teve da outra parte, quebrou hum lanço da ponte; industria, com que tolheo aos barbaros a passagem, e sequito. Não alcançou Antonio Moniz fama popular por tão heroica defensa, porem entre os poucos que souberam fazer justa estimação das obras excellentes, mereceo esta retirada applausos de huma grande victoria. Chegarão em fim ao Rey de Ceitavaca, onde acharão benigna, e fiel acolhida, reparando-se da fome, feridas, e trabalho com liberalidade piedosa, e grata, offerecendo-lhes suas forças para a vingança de tão justo aggravo.

Esforço com que peleija.

Retira-se.

O pobre Rey de Candea arrependido da maldade cometida por inducção do Regulo vizinho, aborrecendo a traição, como cousa criada em peito alheyo, enviou á Antonio Moniz hum mensageiro com dez mil pardaos para os gastos da armada, escrevendo-lhe, que o sentimento era seu, e os erros alheyos; que pois o fora bus-

Arrepende-se El-Rey de Candea.

Manda-lhe hum mensageiro.

buscar infiel, não o desemparasse Christão; que o Deos, em que começava a crer, por isso era tão grande, porque perdoava offensas: que aquellas tenras flores, que começavão a abrir no jardim da Igreja, não as quizesse deixar desabrigadas ás injurias do ardor da idolatria; que pois vierão com armas limpar aquelle matto de superstiçoens gentilicas, não se espantasse de sahir lastimado das espinhas, e cardos da infidelidade; que sendo tão benigno o Deos, que lhe prégavão, com justiça sem misericordia não salvaria os homens; que a quem não desprezava o Ceo, não desprezasse a terra; que lhe pedia o soccorresse porque estava prompto a offerecer polo amparo a fazenda, e pola Fé o sangue.

Quer Antonio Moniz tornar.

Com esta carta esteve Antonio Moniz resoluto em se tornar á Candea, representando-se-lhe mayores os interesses da Religião, que os perigos da vida. Porem os soldados, como abraçados com a taboa, em que havião escapado, não quizerão sahir do abrigo do Principe amigo, dizendo, que o primeiro engano fora do traidor fementido, o segundo seria do Capitão credulo, e incauto; que se não querião tornar a fiar da vibora, que

Os seus o encontrão.

hu-

huma vez os mordera; porque se os quizera matar quando obrigado de hum grato soccorro, que faria, quando offendido na injuria de seu exercito afrontado? Que querião agradecer a Deos hum milagre, antes que pedir outro; que o Governador os não mandava como Apostolos, senão como soldados; que se hião a derramar o proprio sangue pola Fé, fossem sem armas, mas que a sua vocação era defender a Ley com a espada, e não prégala. Vendo Antonio Moniz, que os soldados estavão frios no zelo, e duros na obediencia, entendendo, que se Deos quizesse salvar aquelles povos, abriria os caminhos, resolveo buscar sua armada: e em quanto elle navega, tornaremos ás cousas do Hidalcão, que temos retardadas.

Recolhe-se á armada.

O Hidalcão manda sobre as terras firmes.

Sobresaltado o Hidalcão com a presença do Meale em Goa, tentou com o remedio das armas purgar estes receyos; e porque as guerras de Dio tinhão hum pouco desangrado o Estado, crendo acharia no Governador confiança, ou descuido nascido das victorias, sabendo que a Cidade de Goa o tinha ausente, acometeo as terras de Bardez, e Salsere, que asseguradas na paz estavão sem defensa. Despedio

dio quatro mil soldados, que sem golpe de espada as senhorearão, fazendo, que os agricultores lhe acodissem com os frutos, e foros annuaes, que pagavão ao Estado. Chegou a Goa o aviso desta entrada, que deu grande cuidado, por não se achar com forças para fazer ao inimigo rosto. Resolverão esperar a vinda do Governador, cujo nome bastaria a quebrantar ao Hidalcão o orgulho, presidiando entretanto a fortaleza de Rachol para deixar ás incursoens do inimigo este pequeno freyo.

Retirão-se de temor dos nossos.

Logo que o Governador chegou á Goa, dando os primeiros dias ao gosto dos successos passados, não querendo dar outros ao descanço, como homem, que tinha a paz por vicio, a guerra por costume, passou a Agaçaim, donde despedio a D. Diogo de Almeyda Freire, com novecentos homens, para que desalojasse o inimigo, que estava com quatro mil soldados nas aldêas vizinhas. E tanto que os Mouros tiverão aviso, que a nossa gente marchava, sem esperar o som das caixas, nem a vista das bandeiras, se recolherão ao sertão; o que a todos pareceo respeito ás victorias de Dio, cuja fama tinha cheyo de temor,

e

Manda outra gente, e quer elle vir.

e reverencia o Oriente todo. Ficou outra vez a campanha á nossa obediencia, logrando com os receyos da guerra huma paz mal segura, qual se podia esperar de Principe queixoso, e vizinho. O Hidalcão, dando-se na fogida dos seus por afrontado, acodio po a opinião das armas, como segunda causa para mover a guerra, mandando oito mil soldados a senhorear as terras da contenda, em quanto aprestava poder mayor: intentando, (como elle dizia) onde aventurava o Reyno, arriscar a pessoa. Porém em quanto o estrondo d'estas armas, se não ouve em Goa, fallaremos das cousas de Malaca, e Maluco, por serem dispostas com a providencia do Governador, e acabadas com sua fortuna.

ElRey Aeyro preso em Goa.

Estava Bernardim de Sousa despachado com o governo das Malucas, que como tão distantes do coração do Estado, recebião mais tibia obediencia, assi na sojeição dos naturaes, como na liberdade dos Governadores, que obravão voluntarios, e independentes. Tinha Jordão de Freitas enviado á Goa a ElRey Aeyro, ligado com prizoens indignas da Coroa, e criminado com processos alheyos da

ver-

verdade. Os quaes D. João de Castro mandou verificar por tela de juizo, e absoluto o pobre Rey dos delictos impostos, depois de o hospedar com Real tratamento, lhe restaurou com honras, e favores as injurias do innocente cetro, mandando a Bernardim de Sousa, lhe fosse dar a posse do Reyno com mayor reverencia, que de nossos Governadores costumavão receber seus passados, para que conhecessem aquelles povos a clemencia, e justiça do Estado, distribuida por igual balança a subditos, e amigos.

He absoluto pelo Governador.

Chegou Bernardim de Sousa á Ilha de Ternate, e saltando em terra, se foy meter na fortaleza, sem as ceremonias, com que a ambição d'aquelles povos costuma receber a seus Governadores. Jordão de Freitas, que na subita vinda do successor, e na conciencia culpada, estava lendo o processo de suas demasias, ficou sobremaneira alterado, conhecendo da inteireza de D. João de Castro, que não permittia aos Capitaens móres, que aos Reys amigos fizessem nem sofressem injurias, e que se não podia justificar Aeyro, sem o condenar a elle. Com tudo deu a Bernardim de Sousa posse da fortaleza, a quem logo-

Levado á Ternate.

go-

go acodirão os filhos de Aeyro, mais a saber dos castigos do pay, que a esperalo; tão timidos são os juizos dos homens nas cousas que desejam. Bernardim de Sousa lhes disse, que o fossem desembarcar da não tão honrado, que pareceria, que mais fora representar serviços, que responder a culpas. Os filhos, ainda incredulos no gosto da insperada nova, forão correndo á praya, seguidos de multidão de povo, que avaliava por cousa rara, justiça contra hum poderoso; admirando-se da igualdade de nossas leys, indifferentes a naturaes, e estrangeiros. Desembarcou Aeyro, dizendo, que nossos braços lhe derão a victoria de nós mesmos; e que das excellencias do Governador da India fallaria sempre com o dedo na boca. Levantados em as mãos levava os grilhoens, com que d'alli partira preso, servindo-se da memoria do aggravo para o agradecimento. Com esta justiça repousaram as cousas de Maluco, em grata obediencia muitos annos.

E restituido aos seus.

Conjurão varios Reys contra Malaca.

Gozava neste tempo Malaca de huma profunda paz, assentada sobre as amizades, e commercio dos Principes vizinhos; e porém ElRey de Viantana achando-se com forças para intentar

tar qualquer empresa grande ; o poder, e o ocio lhe trouxerão á memoria muitos aggravos esquecidos , que dos Reys de Patane havia aquella casa recebidos ; e como era bem correspondido dos Principes de Quedá , Pam , e outros confinantes , teve meyos para os colligar , fazendo-os parciaes na vingança de alhêas injurias. Pozerão sobre o mar huma grossa armada , capitulando , que o de Viantana se contentaria com a vingança do inimigo , e elles ficarião com os despojos da guerra , a respeito de aventurarem o sangue na satisfação dos aggravos de outro.

Que faz o Capitão della.

Era nesta occasião Simão de Mello Capitão de Malaca , e sabendo das discordias d'estes Principes , escreveo a Diogo Soares de Mello , que estava no porto de Patane , que se viesse áquella fortaleza , porque como todos aquelles Reys erão amigos do Estado , queria antes ser arbitro , que parcial em suas differenças ; de mais que era razão politica , deixar que a guerra os quebrantasse , para que desangrados vivessem na paz , e obediencia de nossas armas mais sugeitos , considerando , que o tempo lhes podia dar occasiam , e as forças ousadia ,

por-

porque para o odio, bastava sermos nós dominantes; e para a guerra o poder não busca outras causas.

Diogo Soares, não engeitando o aviso, despedio alguns navios de carga para a China, e elle com duas galeotas se partio na via de Malaca. Andava neste tempo o Achem ás presas com vinte vélas grossas, fazendo com forças de Senhor o officio de Cossario. Tomou alguns juncos de bastimentos, e fez no mar outros insultos em navios de amigos. Com a fortuna cresceo o atrevimento, chegando a desembarcar de noite no porto de Malaca, para poder dizer, que chegara a pizar terra de nossa obediencia; e logo com esta gloria, ganhada tanto a furto, se tornou a embarcar.

Sahe em terra o Achem, e recolhe-se logo.

Tocou-se na Cidade à rebate, onde o temor, e a noite fez mayor o perigo, fogindo muitos de suas mesmas sombras. Chegarão á fortaleza as vozes dos que só temião, porque viáo temer, assombrados do medo sem perigo. Mandou o Capitão mór a D. Francisco d'Eça com alguns soldados, que entrados na povoação dos Chelins, virão na confusão, e temor de todos a imagem da guerra, menos o inimigo, que estava já embarcado, sem le-

levar mais que a fantastica vaidade de haver saltado em terra. Sentio Simão de Mello a covardia do Achem, como se fosse injuria; tão respeitadas estavão as paredes d'aquella fortaleza, que parecia insolencia cometelas, e avistalas delicto. Mandou logo por hum Bantim ligeiro, espiar os passos do Achem, em quanto lançava ao mar dous caraveloens, e seis fustas, para os mandar em busca do inimigo. Aportou nesta occasião Diogo Soares de Mello com as duas galeotas, que temos referido, como trazidas por nossa fortuna á ajudar a victoria. Nomeou a D. Francisco d'Eça por Cabo d'esta esquadra, o qual ainda mal armado, com a pressa de quem acodia a pendencia subita, se fez na volta do mar, com instrucção, que se em dez dias não achasse o inimigo, se recolhesse ao porto; porque não hia bastecido para mais largo tempo.

Sahe a buscalo a armada.

Navegarão oito dias sem encontrar a armada, e chegados á huma Ilha, tiverão novas, que o inimigo estava ancorado em Quedá, viagem de dous dias. Determinou D. Francisco passar a vante; porém os soldados se amotinarão, dizendo que era de Capitão bisonho seguir a quem fogia; que

Tem novas delle o Capitão, e quer seguilo.

Os soldados se amotinão.

que os bastimentos estavão já acabados; que elles não hião a peleijar com a fome; e que se o regimento do Capitão mór se estreitava a dez dias, melhor era a obediencia, que a victoria. Porém Diogo Soares de Mello, ainda que inferior no posto, mayor na authoridade, disse que todo o Capitão que se voltasse, havia de peleijar com elle primeiro, porque mayor serviço faria á ElRey em meter no fundo soldados desobedientes, que inimigos atrevidos. Aplacado nesta fórma hum temor com outro, navegarão á Quedá, onde souberão, que o inimigo estava em hum porto oito legoas distante; resolveo D. Francisco seguilo, visto estar tão vizinho. Aqui foy a murmuração dos soldados mayor, mas não o atrevimento, porque virão que a injuria era mais do temor que do perigo; assi forão seguindo a Capitania com mayores demonstraçoens de gosto, do que nunca tiverão, ou fosse por dourar os receyos passados, ou que os coraçoens presagos da victoria, criarão mais hoarados affectos.

Diogo Soares os aplaca.

Avistão, e cometem o inimigo.

Avistarão naquella mesma tarde a Cidade de Parlés, em cujo porto estava o inimigo surto em huma enseada; que

que fazia o rio em pequena distancia da Cidade. Mandou o Capitão mór sondar o rio, e abalisar com ramas o canal para fogir dos bancos; e sabendo pela sonda, que tinhão as caravelas fundo, cometeo a entrada a tempo, que o inimigo vinha com duas galés, e outros navios buscar a nossa armada, porque pelas espias entendeo, que erão navios mercantís, em razão de haverem vista da terra dos caraveloens sómente, por estarem as fustas, e galeotas cubertas com a sombra de huma ponta torcida em voltas que alli faz o rio. Trazia o inimigo duas galés diante, que davão escolta á outra muita fustalha; as quaes como acharão soldados, aos que imaginavão mercadores, quizerão voltar, mas como o rio era muito estreito, e ellas vinhão arrazadas em popa, o não poderão fazer, sem que primeiro lhe chegassem os nossos. Atracados em breve espaço tingirão as armas, e ainda o rio em sangue. Diogo Soares entrou a galé Capitania com cincoenta soldados, e achou nos Mouros tão porfiada resistencia, que todos forão mortos, porém nenhum rendido; com o mesmo orgulho peleijarão os outros. Conheceo-se a victoria pelos vasos, mas

Rende Diogo Soares a Capitania.

mas não pelos cativos. Parece, que com obstinação honrada, nenhum quiz sobreviver á sua ruina. A resistencia do inimigo he argumento do valor dos nossos, pois não só peleijarão com valentes, mas com desesperados.

Embaixada dos conjurados.

Entretanto ElRey de Viantana, e os mais confederados receberão tantas satisfaçoens do de Patane, que assentarão com mayores vinculos a paz: estes sabendo, que a nossa armada era sahida, ajuizando que a fortaleza ficaria sem guarnição bastante, vierão tentar, se esta occasião lhes abria caminho para tirar de Malaca tão pesado vizinho; e como o odio os fazia atrevidos, e o temor covardes, quizerão com o semblante da paz disfarçarnos a guerra. Enviarão hum Capitão pratico a Simão de Mello, significar-lhe o sentimento, que tinhão de haver o Achem desbaratado a nossa armada; e que sabião, que com o gosto da victoria, juntava poder mayor para vir sobre a fortaleza, que como tinha tão poucos defensores, era forçoso, que o valor cedesse á multidão, pois o numero, e a occasião dava as victorias; que elles como amigos do Estado lhe pedião licença para desembarcar naquelle porto; e remirem com

seu

com seu sangue a fortaleza de tão certa ruina, e faria o Mundo juizo, que erão melhores amigos no trabalho, que na prosperidade. Além d'esta mensagem cauteloza, vinha o enviado instruido, que notasse os soldados que tinha a fortaleza, e do semblante do Capitão conjecturasse o valor, ou receyo, com que ouvio o destroço da armada; por ser o coração nos affectos mais fiel, que a lingua.

Reposta do Capitão de Malaca.

Porém Simão de Mello entendendo, que a offerta era traição, e o mensageiro espia, determinou ferilos pelos seus mesmos fios, servindo-se de enganos contra enganos. Respondeo agradecido a tão opportunos soccorros, como lhe offerecião, e que em retorno de tão grata amizade, lhe pedia alviçaras da victoria, que os seus navios alcançarão do Achem, de que naquelle instante havia tido aviso; e que na fortaleza tinha gente, e munições sobejas para os servir contra seus inimigos; que o Achem sahira d'aquelle porto fugindo; que os Portuguezes tiverão no alcance difficuldade, na victoria nenhuma. Estas palavras receberão credito da segurança, com que se disserão, ficando o Mouro credulo, e descontente no esforço

do Capitão, na victoria da armada; levando aos seus por reposta, que o Capitão mór, ou entendera o ardil, ou desprezara o medo.

Faltão novas da armada. Simão de Mello com estas cousas entrou em grande cuidado, porque a tardança da armada fazia a nova contingente, accusando-se de leve, e temerario, por haver empenhado as forças d'aquella praça contra hum inimigo, de cuja paz não tiravamos fruto, nem gloria da ruina; porque humilde prova de valor seria destroçalo com forças iguaes, se o tinhamos vencido com muito inferiores. Assi discorria o Capitão, como se não podera haver desgraça sem culpa. *Queixa-se o vulgo.* Hião na armada embarcados os casados de Malaca, cujas mulheres, e filhos com lagrimas anticipadas ao successo, choravão a victoria, que ignoravão, queixando-se do Capitão, que quizera comprar fama com o sangue alheyo; sendo mais conveniente ao Estado huma paz honrada, que huma victoria inutil. E já o tumulto popular tocara em liberdade, se o Mestre Francisco Xavier *O P. Xavier o socega.* (que então a India respeitava Penitente, e agora o Mundo venera Santo) não enfreara o povo, lembrando-lhe a paciencia nas adversidades,

não

não só como virtude, senão como remedio; descobrindo-lhe cauto, mas tambem compassivo, huns longes de mais alegres novas, que mais parecião alivios de proximo, que annuncios de Propheta. Quando no mesmo dia, em que se deu a batalha, estando á vista de numeroso povo, ensinando os caminhos da vida, se arrebatou subitamente em hum extasis profundo, como bebendo em suave silencio os segredos divinos; até que despertando da mysteriosa pausa dos sentidos, rompeo em agradaveis vozes, dizendo, que prostrados ante os altares, dessemos graças ao Author das victorias, porque naquella hora desbaratara Deos com nossos braços a armada do inimigo. O povo reverente no presagio do Interprete divino, com gratas, e piedosas lagrimas louvava a Deos no Santo, começando dos estremos do pesar, mais segura a alegria. Aquella mesma tarde estando doutrinando a plebe em huma Ermida vizinha, referio os casos da batalha com tão particulares accidentes, como quem sabia o successo, de quem deu a victoria; e d'esta felicidade cremos, foy o glorioso Santo intercessor, e oraculo, o qual com muitas outras

Pronostica a victoria.

E annuncia o modo della.

illustraçoens divinas antevio os segredos escondidos com espirito presago do futuro. Ficou Malaca gozando de huma honrada paz, assegurada com a victoria, que temos referido; porém o Governador em Goa, ainda com as armas quentes no sangue de huma batalha, o chamaváo á outra.

Cuidados do Hidalcão.

Entre o Hidalcão, e o Estado deixou Martim Affonso de Sousa vivas as causas dos odios, que temos referido, de que D. João de Castro lhe náo podia dar satisfaçáo, sem afronta; nem negar-lha sem guerra. Com a retirada dos Mouros estaváo á nossa obediencia as terras de Bardez, e Salsete, nascendo os frutos da agricultura, quasi debaixo das armas, com que os defendiamos. O Hidalcáo, como via com seus olhos as terras, e tambem os aggravos continuados na retençáo que avaliava injusta, cada dia nos acordava com as armas seu direito, sobresaltado juntamente com a presença do Meale em Goa, que era veneno, que acometia o coraçáo do Reyno; e entendendo, que com as entradas dos seus, subitas, e furtivas, mais irritava, que enfraquecia o Estado, e que com a negaçáo dos mantimentos empobrecia os vassallos, e engros-

sa-

sava os vizinhos, de cujos portos os recebiamos, entrou em consideração de nos fazer a guerra com poder descuberto, em que aventurasse o Reyno, e a pessoa, deixando na fortuna de huma batalha a justiça de humas, e outras armas; e como a paz, e a tyrannia o tinhão feito rico, erãolhe faceis as despesas da guerra, que havia de mover, quasi dentro em sua mesma casa. Despachou logo oito mil soldados a senhorear as terras da con tenda, em quanto se dispunhão forças mayores para sustentar, o que aquellas ganhassem.

Manda gente á terra firme.

O Governador, com o primeiro aviso d'esta entrada, ordenou, que D. Diogo de Almeyda Freire com novecentos Portuguezes, e alguns Canarins de soldo, e huma companhia de cavallos fosse encontrar o inimigo, ficando elle em Pangim para o soccorrer com o resto da gente, se o Hidalcão viesse pessoalmente; fama, que os Mouros derramavão, e nos querião persuadir, ou se persuadião. D. Diogo de Almeyda partio com esta gente, e fez alto na fortaleza de Rachol, á cuja vista teve algumas escaramuças leves com o inimigo, que não quiz empenhar o poder, nem

D. Diogo de Almeyda lhe sahe.

aceitar a batalha, que lhe offereciamos, quiçá conhecendo, que não podiamos sostentar guerra lenta pola falta de provisoens, e incommodidades do terreno alagadiço, e retalhado em esteiros, onde não podiamos ter alojamento enxuto, nem servirnos de cavallaria em todos os lugares da campanha; huns, que pola humidade nos tolhião a passagem, outros pola aspereza; inconvenientes mais faceis de vencer aos Mouros, que como naturaes da terra sabião melhor os passos, e estavão feitos ao trabalho de calcar os pantanos com agilidade, e soltura; de mais, que erão bastecidos com mayor abundancia, como senhores do paiz. Vendo pois D. Diogo, que o inimigo tinha a escolha de peleijar, ou retirar-se, e que os mantimentos lhe faltavão, consultou o Governador, que lhe ordenou, que recolhesse a gente na fortaleza de Rachol, em quanto resolvia o que se devia obrar.

O Governador o faz recolher.

Voltou o Governador de Pangim á Goa, onde poz em conselho o Estado das cousas, e desejos que tinha de opprimir o Hidalcão com guerra mais pesada para evitar as molestias de tão repetidas entradas, ficando de huma vez

E põem esta guerra em conselho.

vez com as máos livres para acodir a negocios differentes, o que náo poderia ser, deixando armado, e sem castigo táo importuno vizinho. Porém a todos pareceo, que a guerra se differisse para tempo opportuno, qual seria o do Veráo seguinte, em que os nossos podiáo campear já no terreno enxuto, e com forças mayores, engrossadas com os soldados reynoes, que nas náos de viagem se esperaváo; que o fim das empresas náo era a brevidade, era a victoria.

Dilata-se para outro temp.

O Governador, ainda que bellicoso, e mal sofrido, houve de sojeitar a vontade ao entendimento, esperando monçáo, em que podesse pedir ao Hidalcáo mais rigorosa conta de seus atrevimentos. O que assentado ordenou a D. Diogo de Almeyda Freire, que retirasse a gente, deixando a fortaleza de Rachol com sufficiente presidio, pondo ás correrias do inimigo este pequeno freyo. E como o Governador era no exercicio das armas incansavel, em quanto náo tinha real a guerra, parece que se deleitava com a imagem d'ella. Hia todos os dias ao campo, onde mandava aos soldados tirar á barra, jogar as armas, formar esquadroens, incitando a huns

Exercita a guerra na paz.

com

com premios, a outros com louvores, fazendo com a emulação, e exercicio, crecer estas virtudes, trocando huma Cidade pacifica, e politica, em escola de armas, que estes erão os sarãos, e comedias, onde com útil, e bellicosa diversão se recreava o povo, tendo com a frequencia d'estes ensayos os soldados tão bem disciplinados, que nas occasioens da guerra verdadeira, nenhum caso, ou accidente os tomava de novo. Passando pela rua de Nossa Senhora da Luz, vio em huma casa terrea quantidade de armas em hum cabide, tratadas com tal lustro, e asseyo, que se pagou da limpeza, e concerto, com que estavão dispostas; e tendo a redea ao cavallo, perguntou, quem na casa vivia. Acodio a lhe responder o mesmo dono, que era hum Francisco Gonçalvez, soldado de fortuna. O Governador depois de o louvar de curioso, e bem occupado, lhe mandou dar trinta pardaos, com que lustrasse o ferro; sendo que nos dias de seu governo tiverão pouco tempo as armas para criar ferrugem.

Favorece os soldados.

Tem avisos de Dio.

Era já entrado o mez de Agosto, e o Governador, como antevendo as occasioens futuras, não perdia momento

to em municionar, e bastecer a armada, quando aportou na barra de Goa Francisco de Moraes Capitão de hum catur, com cartas de D. João Mascarenhas, em que o avisava, que o Soltão de Cambaya juntava todas as forças de seus Reynos com voz de pôr segundo sitio áquella fortaleza; que convinha mostrar-lhe este Verão as armas, porque attento á segurança de sua mesma casa, deixaria de inquietar a alhêa; mormente, que impedindo-lhe nossas armadas a liberdade da navegação, e os uteis do commercio, abriria os olhos para ver, que só da paz do Estado pendia sua prosperidade.

Communica-os ao Senado, e pede lhe ajuda.

O Governador mandou juntar o governo da Cidade, a quem deu copia da carta de D. João Mascarenhas, pedindo-lhe o ajudassem, para acabar de domar, ou reduzir este inimigo; e ainda que esta exacção os tomava sobre tão fresco empenho foy a proposta do Governador tão grata a todos, que lhe offerecerão as vidas, e as fazendas, como se fora o serviço do Estado, alimento, e herança dos filhos, que criavão. Esta felicidade de tempos não alcançou a India, em todos os governos, D. João de Castro lhes pedio

Offerecem lhe quanto tem.

dio dez mil pardaos, com que o Povo o servio promptamente. E as mulheres de alguns Cidadãos ricos lhe mandarão quantidade de joyas, com huma carta chêa de honradas queixas polas não haver aceitado, nem despendido na primeira offerta; mostrandose as de Chaul, ainda que no exemplo segundas, na offerta mayores. Porém o Governador escasso no uso, e dispendio de tão fieis donativos, lhos tornou a remeter agradecido, pagando-lhes nas honras dos maridos, e filhos, tão liberal, e opportuno serviço. Avisou aos moradores de Baçaim, e Chaul das noticias do Capitão de Dio, e despesas da armada, e necessidade em que estava para que o ajudassem; os quaes lhe responderão tão faceis ao serviço Real, que parecia, recebião as novas occasioens de perigo, e despesas, como premio do que tinhão servido.

E as mulheres suas joyas.

Avisa Chaul, e Baçaim.

Andava o Governador dando expediente aos aprestos da armada, quando lhe chegou nova, que na barra de Goa havião lançado ferro duas naos do Reyno, que se apartarão da conserva de outras. Tinhão aquelle anno partido do Reyno seis, sem Capitão mór; das que chegarão erão Capitaens

Chegão náos do Reyno.

ens Balthasar Lobo de Sousa, e Francisco de Gouvea; das quatro que faltavão D. Francisco de Lima em S. Philippe, e vinha provido na Capitanía de Goa; Francisco da Cunha no Zambuco; e estas duas partirão tarde, e vierão tomar a barra em vinte e tres de Setembro. De outra nao, que era a Burgaleza, vinha por Capitão Bernardo Nazer, invernou em Socotorá, e aportou em Goa nos ultimos de Mayo. Era Capitão da outra D. Pedro da Sylva da Gama, filho do Conde Almirante, despachado para Malaca, e por ruim navegação do seu Piloto, se perdeo nas Ilhas de Angoxa; salvou-se porém a gente, que passou á Moçambique, e d'ahi repartida por outras embarcaçoens, chegou á India. Nestas naos veyo ordem ao Governador, que mandasse alargar o sitio á fortaleza de Moçambique, por avisos que se tinhão, de haverem Rumes de vir a ella, e convinha assegurar os moradores, e o porto, como escala principal de nossas naos, tolhendo ao inimigo o impedimento, que nos podia fazer no commercio de Çofala, e Cuama.

Ordens que trazem.

Achava-se o Governador com tres mil

Resolve a guerra do Hidalcão.

mil soldados Portuguezes, e alguns soccorros de Naires de Cochim, que forão as mayores forças, que juntou na India, e considerando, que o Hidalcão com sua ausencia poderia perturbar o Estado, attento a não ficar em Goa quem lhe fizesse opposição bastante, resolveo buscalo no interior do Sertão, necessitando-o á aceitar a batalha, porque tinha para esta guerra tão precisa, taxado o poder, e o tempo. Communicou esta resolução com os Regentes da Cidade, e aos Cabos da milicia; e a todos pareceo a occasião opportuna. E como o Governador era nas execuçoens sobre maneira presto, e tinha a gente prompta, repartio em cinco esquadras os soldados, segundo a disciplina da India, de que fez Cabos a seu filho D. Alvaro, D. Bernardo, e D. Antonio de Noronha, filhos do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, Manoel de Sousa de Sepulveda, e Vasco da Cunha. Hia tambem D. Diogo de Almeyda Freire com duzentos cavallos, e os casados de Goa, a quem se aggregarão os pioens da terra, em número de mil, e quinhentos. Presidiava a fortaleza de Rachol Francisco de Mello com trezentos soldados Portugue-

Ordena sua gente.

zes,

zes, e alguma infanteria dos naturaes; ao qual avisou o Governador, que se aprestasse para se ajuntar com elle na Villa de Margão.

Vem-lhe Embaixadores do Canará.

Neste tempo chegarão a Goa Embaixadores do Rey do Canará, que pertendião a confederação do Estado, para com armas auxiliares molestar ao Hidálcão seu confinante. Foy este Reyno entre os Orientaes pola grandeza do imperio o mais illustre; polos principios da origem o mais desvanecido, fabulando mil tradiçoens apocrifas, com que á veneração Real servio a lisonja. Ouvio o Governador a embaixada com ceremonias decentes á ambição do Rey, e grandeza do Estado; e logo capitularão amizades com condiçoens honestas á huma, e outra Coroa. Tanto que o Hidalcão entendeo a resolução do Governador, mandou retirar a guarnição das terras firmes, como declinando o golpe da primeira invazão, querendo cansar o Estado, com aquella fórma de guerra repentina, e furtiva, aos nossos intoleravel, á elle facil.

Ouve-os, e despede-os.

Retira o Hidalcão a gente.

Soube o Governador, que os Mouros erão recolhidos á Pondá, onde estavão abrigados com a artelharia do seu forte; alguns Capitaens forão de pa-

O Governador os segue.

parecer, que o Governador não seguisse o inimigo, que fogia; opinião envelhecida dos mayores soldados; porém D. João de Castro, não querendo vestir de balde as armas, mandou passar avante, dizendo, que queria castigar ao Hidalcão em sua mesma casa. Foy esta resolução grata aos soldados, crendo, que levavão na fortuna do General grão parte da victoria. Marchou o campo aquelle dia, duas legoas, e já sobre a tarde houve vista do inimigo, que da outra parte de huma ribeira o esperava, para lhe impedir o passo com hum corpo de dous mil soldados.

D. Alvaro peleija na vanguarda.

D. Alvaro de Castro, que levava a vanguarda, se lançou ao rio, vadeando, e peleijando juntamente; o inimigo lhe deu a carga de arcabuzaria, com que lhe derribou alguma gente, porém sem impedir, ou retardar aos outros, que passavão. Os demais Capitaens cortarão o rio por differentes partes, e quando chegarão, acharão a D. Alvaro baralhado com os Mouros, e já tão apertados, que hião deixando o campo; porque não era seu intento peleijarem no raso; tánto que vencemos o rio, cessarão da opposição, que nos fazião, retirando-

Os Mouros fogem.

se

se ordenados á sua fortaleza de Pondá. O Governador mandou seguilos, o que se fez aquelle dia por sima de alguns estrepes, que encravarão a muitos; e chegando a Pondá vio a todos os Capitaens do Hidalcão ordenados em fórma de dar, ou aceitar batalha. O Governador com o mesmo passo da marcha, que levava, mandou acometelos; os Mouros na resolução parece que conhecerão a pessoa de D. João de Castro, e como se derão lugar á fama de seu nome, lhe deixarão o campo, onde só com respeito alcançou a victoria. Retirou-se ao sertão o inimigo, onde pola aspereza da terra não podia ser seguido. Entrou D. Alvaro na fortaleza, que achou desamparada: forão muitos de parecer, que se desmantelasse; o Governador porém, com mais altivo acordo, mandou que aos miseraveis fugitivos se deixasse aquelle abrigo; era desprezo, e pareceo piedade.

Manda o Governador seguilos.

Retirão-se ao Sertão.

Ficarão outra vez as terras á nossa obedieucia, sem paz segura, nem guerra continuada. O Hidalcão tinha forças para nos tolher os frutos, mas não para logralos; e peleijava já mais pola reputação, que polos inte-

te-

Volta á Goa. teresses da campanha. Voltou o Governador á Goa, onde tinha a armada prompta para passar ao Norte, não tendo outro lugar para descanso, que o mar, ou a batalha; e como o tempo chamava as vélas, e os successos trazião aos soldados contentes, não foy necessario para se embarcarem, bando, ou diligencia.

Torna á Dio. Achou-se o Governador no mar com cento, e sessenta fustas, de que erão os Capitaens, D. Alvaro de Castro, D. Roque Tello, D. Pedro da Sylva da Gama, D. João de Abranches, D. Jorge d Eça, D. Bernardo da Sylva, Vasco da Cunha, Francisco de Lima, Francisco da Sylva de Menezes, D. Jorge de Menezes o Baroche, Manoel de Sousa de Sepulveda, Cide de Sousa, Duarte Pereira, Diogo de Sousa, Garcia Rodriguez de Tavora, D. João de Attayde, D. João Lobo, Gaspar de Miranda, D. Braz de Almeyda, Jorge da Sylva, D. Pedro de Almeyda, Pero de Attayde Inferno, Antonio Moniz Barreto, Cosme Eanes Secretario, Melchior Correa, Sebastião Lopez Lobatto, Antonio de Sá, Alvaro Serrão, D. Antonio de Noronha, Diogo Alvarez Tellez, Antonio Henriques,

Alei-

Aleixo de Abreu, Antonio Dias, Balthasar Dias, Balthasar Lopes da Costa, Damião de Sousa, Manoel de Sá, Fernão de Lima, Alonso de Bonifacio, Antonio Rebello, Antonio Rodriguez Pereira, Melchior Cardoso, Cosme Fernandez, Nuno Fernandez, Francisco Marquez, Duarte Dias, Diogo Gonçalvez, Francisco Alvarez, Francisco Varella de Almeyda, Francisco de Brito, Gonçalo Gomez, Gregorio de Vasconcellos, Gomez Vidal Capitão da guarda do Governador, Antonio Pessoa Veador da fazenda da armada, Gonçalo Falcão, Gonçalo de Valladares, Galaor de Barros, Gaspar Pirez, João Fernandez de Vasconcellos, Fernam d'Alvarez, João Soarez, Ignacio Coutinho, João Cardoso, João Nunez Homem, João Lopez, Lopo de Faria, Manoel Pinto, Lopo Soarez, Manoel Pinheiro, Lopo Fernandez, Manoel Affonso, Marcos Fernandez, Nuno Gonçalvez de Leão, Pero de Caceres, Pero de Moura, Ruy Pirez, Pero Affonso, Pero Preto, Luiz Lobatto, Simão de Areda, Francisco da Cunha, Simão Bernardez, Thomé Branco, Patrão mór da Ribeira, Coge Percoli lingua; e os navios, que vierão de Cochim, de

que os Cabos erão nossos. Forão nesta conserva alguns navios de Particulares, que por benevolencia do Governador servirão graciosamente o Estado.

Chega á Baçaim.

Com toda esta frota foy o Governador surgir em Baçaim, donde mandou algumas espias á Cambaya, para reconhecer as forças, e desenhos do inimigo, de cujo poder se fallava em todos aquelles portos com temor, e espanto; e os Guzarates credulos, ou soberbos dizião, que o Soltão poria d'esta vez o Estado debaixo de seu açoute. Aqui teve o Governador aviso, que Caracem genro de Coge Çofar estava na fortaleza de Surrate com pequeno presidio, na confiança do exercito vizinho. D. João de Castro desejando cometer alguma das praças, que cobria a sombra do inimigo, mandou a seu filho D. Alvaro com sessenta velas, para que sobindo o rio de Surrate, despachasse alguma pessoa de confiança, que notasse o estado da fortaleza, ou tomando lingua da terra, soubesse com que muniçoens, e presidio Caracem se achava; e parecendo, que se podia tomar a fortaleza por escala, lhe desse logo o assalto porque pelas mesmas pisadas, que

Manda D. Alvaro á Surrate.

que deixasse, iria a soccorrelo.

Chegou D. Alvaro com a armada ao primeiro poço, que fica na entrada do rio, e logo despachou a D. Jorge de Menezes Baroche com seis fustas, para reconhecer a fortaleza. Sobio D. Jorge pelo rio, remando á voga surda, até que sendo visto da fortaleza, lhe tirarão algumas bombardadas. Os das fustas voltarão logo os remos, ou timidos, ou cautos, por mais que lhes bradou D. Jorge que esperassem. Aqui foy o perigo mayor, donde se não temia, porque de huma povoação de Abexins, que estava sobre o rio, tirarão muitas peças; o que visto por D. Jorge, saltou em terra, e entrando a povoação, ganhou a artelharia dos redutos com valor, e animo tão quieto, que a baldeou nas fustas; sem que lhe fizesse estorvo a gente que acodia de terra. Esta segurança fez parecer o poder mayor, quiçá medindo o inimigo nossas forças por nosso atrevimento.

Despede D. Alvaro a D. Jorge.

Logo que D. Alvaro despedio a D. Jorge com as fustas, mandou tras elle outras duas, de que erão Capitaens Francisco da Sylva de Menezes, e João Fernandez de Vascon-

E outros Capitaens.

cellos; os quaes desejando tomar lingua em terra, surgirão em hum poço antes da povoação dos Abexins, donde mandarão os marinheiros, que fizessem aguada; que saltando em terra, caminharão quasi hum tiro de espera. Caracem, tanto que ouvio as bombardadas, que se tirarão da povoação dos Abexins, como havemos referido, despedio quinhentos Turcos, para que os soccorressem; os quaes acharão as estancias perdidas, e a artelharia embarcada; e passando mais avante forão vistos dos marinheiros, que fazião aguada; que bradarão a Francisco da Sylva, dizendo, que no campo havia inimigos, e Francisco da Sylva encaminhou logo a soccorrelos, acompanhado de João Fernandez de Vasconcellos, e fazendo hum esquadrão cerrado, envestirão com os Turcos, e os romperão, ficando alguns caídos com a carga da espingardaria, que os nossos lhes derão. D. Jorge, que se hia recolhendo, quando vio as fustas surtas, e que os nossos peleijavão em terra, poz nella a proa, e acodio a tempo, que pode carregar ao inimigo, o qual se recolheo fogindo, deixando alguns companheiros mortos no campo. Custou-

Que lhes succede.

tou-

tou-nos a victoria hum soldado.

Embarcaráo-se os nossos, e foráo na companhia de D. Jorge a demandar a armada. O qual referindo á D. Alvaro o successo, e observação que fizera, pareceo aos Cabos, que náo tinha lugar a facçáo, visto estar a armada descuberta, e a terra appellidada. Só D. Jorge sustentou tenazmente, que se devia cometer a fortaleza, sendo a grandeza de seu animo a mayor razáo, com que o persuadia; porém eráo as contradiçoens táo vivas, que náo podia acontecer sem culpa o mais feliz successo.

Que fez o Governador em Baçaim.

Em quanto D. Alvaro esteve no rio de Surrate, o Governador surto, deu expediente a diversos negocios, e como sobre valeroso, era tambem bizarro, derramou fama, que havia de prender o Soltáo dentro em Amadabá, onde á vista dos Turcos, que o asseguraváo, o havia de assar vivo. E como esta voz recebia credito de táo grandes victorias, huns aos outros a referiáo os Mouros temerosos, ou credulos. O Governador por fazer apparente o medo, ou a galanteria, mandou lavrar huns espetos grandes, como quem para descançar dos negocios mais graves, se deleitava em di-

Voltão á D. Alvaro.

ver-

versoens briosas. Costumavão os soldados d'aquelle tempo trazer nos cintos humas machadinhas muy polidas; que servião de cortar as driças, e enxarceas dos navios de presa, e tambem de arrombar caixoens, e fardos; este era o uso, o outro era cuberto. Desgostava-se o Governador de armas, que tinhão tão humilde serviço, e vendo acaso passar Faustino Serrão de Calvos, soldado limpo, com huma machadinha, lhe disse, que os homens de conta, só a espada cingião airosamente: Senhor (lhe respondeo o soldado) sem esta machadinha não servem os espetos de V. Senhoria, porque não poderemos assar inteiro a El-Rey de Cambaya.

Ajunta-se com seu filho.

Foy o Governador ajuntar-se com D. Alvaro na barra de Surrate, onde soube que a fortaleza estava soccorrida. Passou d'ahi com toda a armada junta á avistar Baroche; de cujo porto despedio a Francisco de Sequeira, Capitão dos Naires de Cochim, para sondar o rio, e ver o que se podia obrar, informando-se do estado da fortaleza com vista de olhos. Este Capitão subio pelo rio até haver vista do exercito do Soltão derramado por huma dilatada campina. Era fama; que

que trazia duzentos mil soldados ; o certo he, que era a multidáo táo grande, que cobria os campos vizinhos, e distantes : Referio ao Governador o que vira, o qual altivo de se ver táo temido, quiz avistar as forças do inimigo por credito de sua mesma fama. Mandou que levantasse ferro a armada, e foy sobindo até dar fundo na frente do exercito, cujo numeroso poder secava os rios. E desembarcando em terra, formou campo, e apresentou batalha ao Soltáo ; acçáo táo valerosa, que entre as memoraveis do Mundo náo deve esta ser segunda. O Soltáo nem aceitou, nem recusou o conflicto ; esperou ser cometido, assi como buscado : vio ao Governador, náo lhe quiz ver a espada. Porém D. Joáo de Castro, como buscando nova gloria em facçoens náo vulgares, chamou a si os Cabos, e Fidalgos de nome, aos quaes fallou nesta substancia.

Avista o Soltão.

Apresenta-lhe batalha.

„ Temos á vista o mayor Rey da „ Asia, e o mayor exercito : anda „ buscando occasioens a fortuna de „ nos fazer famosos, para que sobre „ esta victoria, na obediencia do Ori„ ente, descansemos as armas. Confes„ so-vos a desigualdade táo grande en-

Falla aos seus.

„ tre

,, tre hum poder, e outro; porém nos-
,, sas esquadras não se contão pelo nu-
,, mero, senão pela virtude. Aquelles
,, são os mesmos, que ha poucos
,, dias destroçamos em Dio, não he
,, necessario a estes fazer novas feri-
,, das, rasguemos mais as que inda
,, trazem abertas. Seu mesmo número
,, os faz mais temerosos, vendo em-
,, baraçados os caminhos para poder
,, salvar-se; se hontem nos deixarão o
,, Campo, tendo-nos sitiados, como nos
,, hão de resistir agora victoriosos? Mal
,, sustentarão a honra de seu Rey, os
,, que perderão a sua. Mayor poder he
,, o nosso, que o do inimigo; pelei-
,, jão de nossa parte a fama, e a vi-
,, ctoria. Não creyo, que haverá quem
,, engeite a grande parte que lhe ca-
,, be na gloria d'este dia.

Reposta dos Fidalgos, e Cabos.

Os Fidalgos, e soldados dissuadirão ao Governador de tão perigoso acometimento; porque em forças tão desproporcionadas, ainda era digna de reprehensão a victoria; que os homens grandes fiavão mais da razão que da fortuna; que olhasse pola conservação, pois já lhe sobejava a fama; que assaz era haver desembarcado, e offerecer ao Soltão batalha pisando sua mesma terra. O Governador se dei-

deixou vençer d'estas razoens, temendo mais a culpa, que o perigo. D. Jorge lhe pedio quinhentas espingardas, para com ellas fazer alguma sorte no inimigo; porém D. João de Castro, como lhe desviarão o golpe da batalha, pareçe, que não quiz lastimar o Soltão com chaga tão pequena. Esperou tres horas na Campanha, sem que o inimigo se movesse, e logo mandou embarcar os soldados, que o fizerão tão desassombrados, e seguros, como em porto do Estado; facção a mais gloriosa que tivemos sem sangue.

Está no campo tres horas, e embarca-se.

De Baroche foy o Governador atravessando a Dio, e despedio alguns navios por dentro da enseada de Cambaya a destruir os lugares da costa, a que havia perdoado a espada dos nossos. Estes talarão as hortas, e palmares plantados para a recreação, e alimento de seus habitadores, abrazarão gram copia de navios, derribaram soberbos edificios, de que ainda hoje se conserva a lastima, e a memoria nas prostradas ruinas.

Damnos que faz.

Aportou o Governador em Dio, onde o Capitão mór o veyo receber á praya, e os naturaes da Ilha lhe fizerão festas, como soberbos na sojei-

Chega a Dio.

D. João Mascarenhas faz deixação da praça.

ção de tão valeroso inimigo. D. João Mascarenhas lhe lembrou a licença que já tinha para passar ao Reyno, a qual o Governador lhe não quizera conceder, nem podia negar; alguns Fidalgos lhe havião engeitado a praça, temendo, parece, não ter as occasioens, que seus antecessores. Quando chegou áquelle porto Luiz Falcão, que vinha de governar Ormuz, e primeiro que elle haviam chegado ao Governador algumas notas de seu procedimento, toleraveis por não tocarem no valor, e justiça de seu governo. O Governador o chamou, e lhe disse os cargos de que o sindicarão, os quaes desejava esquecer, como amigo, e não podia como superior, que com novos serviços podia pôr silencio em defeitos passados; ficando naquella fortaleza, em que S. Alteza, e o Mundo tinhão postos os olhos. Luiz Falcão a aceitou, rendendo ao Governador as graças por tão honrado castigo, offerecendo despender na praça, a fazenda que adquirira em Ormuz, e a que no Reyno tinha. Este brio lhe louvou, e accendeo Dom João de Castro com favores públicos.

O Governador a entrega a Luiz Falcão.

Concluidas as cousas de Dio, se em-

embarcou o Governador em direitura a Baçaim, dando vista á costa de Pór, e Mangalor, aonde abrasou as Cidades de Pate, e de Patane. Os moradores fogindo ao açoute, salvarão no sertão as vidas, e parte das fazendas, faltando-lhes valor, e acordo para se defender, ou morrer em suas mesmas casas. Cento, e oitenta embarcaçoens, que estavão em differentes portos, mandou dar ao fogo, vendo seus miseraveis donos o incendio com lagrimas inuteis. Ouvião-se de longe as vozes, e os gemidos, desprezados da ira, e da victoria. Alguns velhos, e mininos, que não poderão salvar-se, mandou o Governador livrar do incendio; misericordia aos soldados importuna, grata á humanidade. Os despojos se entregarão ao fogo, sendo menor a presa, que o destroço. Muitos outros lugares d'aquella costa, sem nome, forão arruinados, ficando éste cerco de Dio mais famoso pela vingança, do que pela victoria.

Embarca-se, e damnos que faz.

Compaixão do Governador.

D'aqui se passou o Governador á Baçaim, determinando gastar o que restava do Verão na guerra de Cambaya, donde despachou algumas espias para saber os passos do inimigo, dos quaes soube, que na Corte de Ama-

Passa á Baçaim.

da-

dabá, não havia casa sem lagrimas, e que o Soltão mandara com rigoroso decreto, que se não fallasse no cerco, e batalha de Dio, como se tiverão as leys imperio na dor, ou na memoria. D'estes mesmos enviados entendeo o Governador, que as fortalezas de Surrate, e Baroche, se despejarão á vista da armada de D. Alvaro, que podera tomalas por escala, senão fora encontrado dos Cabos, que lho dissuadirão; de que D. João de Castro mostrou tão vivo sentimento, como se acertar as occasioens fora necessidade; chegando sua modestia a romper em palavras, que accusavão os Capitaens da armada de tibios, e remissos.

Sente não se tomar Surrate.

Neste breve ocio, que o Governador teve em Baçaim, começou a escrever para o Reyno, fazendo tão honradas lembranças á ElRey dos homens que servirão, que mostrava ser este zelo, ou gratidão, virtude singular entre tantas; e os soldados se avantajavão no valor, assegurados, que não lhes faltaria o General com o premio, ou com o zelo.

Lembra a ElRey os que servirão.

O Hidalcão entendendo, que as forças do Estado estarião, ainda que gloriosas, quebradas com as victorias, tor-

Torna o Hidalcão com guerra.

tornou a occupar as terras firmes com hum exercito de vinte mil infantes, á ordem de Cala Batecão, hum valeroso Turco nascido na Dalmacia, pratico nas linguas, e disciplina de Europa. Este senhoreou sem contradição as terras, fazendo recolher á fortaleza de Rachol alguns poucos soldados nossos, que avisarão a Goa do poder do inimigo.

O Capitão de Goa lhe quer sahir.

Recebido este aviso, D. Diogo de Almeyda com conselho do Bispo, que governava, e de alguns Fidalgos, e soldados, resolveo desalojar os Mouros com a milicia da terra, primeiro que se fortificassem, e crecendo em atrevimento, e forças, chegassem á avistar as muralhas de Goa, Cidade dominante. Ordenada a gente, que o havia de acompanhar, e estando para marchar já prompto, vierão os Vereadores, e governo da Cidade com requerimentos, e protestos, que nam passasse avante, nem arriscasse com forças tão desiguaes a cabeça do Estádo; que o Governador estava em Baçaim com armada chêa de soldados victoriosos, com que podia castigar o inimigo, contra o qual levaria, como segundo exercito, seu nome, e sua fortuna.

A Cidade o encontra.

Du-

Avisa ao Governador.

Durou entre cidadáos, e soldados a controversia de maneira, que por pouco chegara á sedição, e discordia; zelando huns a conservação da Cidade, outros a reputação das armas. Em fim partirão, e composerão a differença com que se desse aviso ao Governador, pois estava vizinho; o qual logo que entendeo, que o Governo politico se queria adjudicar á direcção da guerra, reprendeo asperamente sua animosidade; e a D. Diogo de Almeyda agradeceo, e confirmou a resolução de buscar o inimigo, ordenando-lhe, que o esperasse em Pangim, com a gente, onde seria em breves dias.

Embarca-se logo.

Não bem tinha D. João de Castro soltado da mão a penna, com que escreveo ao Reyno, quando tomou a espada. Aquelle dia, que recebeo o aviso, mandou tirar peça de leva, e ao seguinte desamarrou a armada, e indo costeando, avistou a Cidade de Dabul, já famosa pelo castigo que lhe derão nossas armas, e agora dos portos do Hidalcão a principal escala. Deixavão-se ver de longe muitos jardins, pomares, e edificios polidos, que mostravão a delicia, e grandeza de seus habitadores; seria a Cidade de

Avista Dabul.

de quatro mil vizinhos, com dous fortes, e alguns redutos, que defendião a entrada do porto; e dado, que a facção era para muy discursada, resolveo o Governador entreprendela.

Sahe D. Alvaro em terra.

Aquella tarde andou a armada pairando á vista da Cidade, notando os surgidouros, e defensas; e ao seguinte dia no quarto d'Alva, mandou o Governador passar aos bateis a seu filho D. Alvaro com dous mil homens para saltar em terra; sendo elle dos primeiros que a pisarão por meyo de muitas bombardadas. Aqui fizerão os inimigos rosto, impedindo, ou retardando a passagem dos nossos; esteve a batalha igual hum largo espaço, fazendo-os ousados na peleija o lugar, e a causa; as vozes das mulheres, e filhos que ouvião, lhes fazia receber as feridas sem dôr, e sem receyos; os mortos que cahião não lhes fazião exemplo ao temor, senão á vingança. De ambas as partes se derramava sangue, e a constancia de huns, e outros inimigos fazia contingente o successo. Quando chegou o Governador com o resto do poder, e carregou o inimigo de maneira, que começou a fraquear na defensa; pouco a pouco nos foy largando o campo, até

O Governador segue, e toma a Cidade.

até que com declarada fogida, nos deixou a victoria. Entrou o Governador com os Mouros de envolta na Cidade, onde perecerão muitos á vista das mulheres que não souberão deixar, nem defender. Ao estrago succedeo a cobiça; o despojo igualou á victoria; apenas se pode recolher a fazenda nas vasilhas da armada. Ardeo em poucas horas a Cidade com terrivel incendio, ficando segunda vez lastimosas suas ruinas pela memoria de hum, e outro estrago. Perdemos nesta occasião cinco soldados, o inimigo duzentos; mayor número seria o dos feridos.

Chega á Agaçaim.

O Governador deixando a Cidade abrazada, se tornou a embarcar, e foy demandar Agaçaim, onde o esperava D. Diogo de Almeyda com cento e cincoenta cavallos, e a milicia da terra, com quantidade de barcas para passar a gente. Deteve-se o Governador aqui hum dia, em que se informou dos desenhos, e forças do inimigo; e logo no seguinte, que era vespera do Apostolo S. Thomé, se resolveo cometer os Mouros, e invocar o nome do Santo na batalha, não lhe querendo tirar a honra da protecção da India comprada com a doutri-

na,

na, e sangue derramado na Cruz de seu martyrio.

Estava o inimigo alojado na Villa de Morgão, que de Agaçaim ficava em pequena distancia; o que sabido pelo Governador, ordenou a sua gente em duas batalhas. A primeira deu á seu filho Dom Alvaro de Castro, companheiro de suas victorias; com quem forão os Naires de Cochim, e os casados de Goa. A segunda, que tomou para si, se compunha de todos os Fidalgos, e soldados da armada; aos quaes a cavallaria da Cidade guarnecia os lados. Nesta ordem mandou fazer a marcha, lançando alguns cavallos diante, que descobrissem o campo.

Envest(e) os inimigos.

Os Mouros estavão derramados sem ordem, ou disciplina, como gente que não temia inimigo, ou o não espetava; porém tanto que alguns soldados, que andavão pelo campo, virão nossas bandeiras, e por vista, ou aviso, entendêrão, que o Governador os buscava, forão dar conta a Cala Batecão sobresaltados, encarecendo o poder, que o temor, ou a distancia fazia mais crecido. O Turco assombrado de ter já sobre si tam victoriosas armas, não teve mais acordo, que

Fogem.

para fazer com a fogida aos seus exemplo. Deixárão nos quarteis as tendas, bastimentos, e bagagens, e ainda as viandas da cêa, já quasi cozinhadas, que forão para o trabalho da marcha, necessario, e suave despojo. Nesta fogida começou a tomar o Governador posse das terras, e da victoria.

D. Alvaro os segue.

Passarão-se os Mouros á outra banda de hum caudaloso rio, que só se podia atravessar por huns vallos ordenados á maneira de ponte. Estes cortou o inimigo por impedir o sequito dos nossos, porem com tanta pressa, que ainda a terra movediça deixava passo aberto, e ainda que difficil, não perigoso. Por esta parte tentou Dom Alvaro a passagem do rio, começando poucos, e poucos a vadealo, como a estreiteza do lugar o sofria.

Voltão.

Não estava tão alheyo de si o inimigo, que perdesse a occasião de peleijar com tão conhecida ventagem. Voltou c'os seus ao rio, mostrando-nos, que fora ardil o temor cauteloso. Carregárão os Mouros sobre os que hião passando trémulos, poucos, e desordenados. O Governador os animava a que passassem, com a voz, com o imperio, com a presença, mas o temor

mor venceo a obediencia ; voltárão os primeiros , não sem derramar sangue , e com peyores sinaes , que os das feridas. Já a este tempo a impaciencia do Governador fez cometer o rio por differentes partes. D. Diogo de Almeyda o vadeou com hum troço de cavallaria , achando por aquella parte melhor vao , e melhor fortuna ; porque se topou com o General dos Mouros , que a cavallo andava ordenando , e animando os seus , ao qual envestio com grande gentileza. Do encontro veyo o Turco á terra cahido , mas não desacordado , porque levantando-se , meteo mão ao alfange , e buscou a Dom Diogo , que inda que não perdeo a sella , ficou desarmado com a força do golpe , por hum pequeno espaço ; mas tornando a cobrar-se , cometeo segunda vez o Turco , soccorrido de dous soldados , e o deixou com muitas feridas estendido no campo.

Mata D. Diogo o General.

Os outros Capitaens , ainda que com difficuldade atravessaram o rio , estimulados do exemplo do Governador , que vião andar com os inimigos envolto , mais envejado , que obedecido de seus mesmos soldados , que derramados , e sem ordem , se lançavão ao rio ; huns tardos , outros

Peleija o Governador.

precipitados; porém depois que passou a gente toda, carregou com tal força o inimigo, que nam podendo sofrer o peso da batalha, foy desamparando o campo. O Governador, que nam perdoava accidente á sua fortuna, foy apertando os Mouros, já tímidos, e desordenados, de sorte, que em breve espaço rematou a victoria. Morrêrão poucos dos nossos, foram muitos feridos: nos Mouros foy o estrago grande, e no alcance mayor que no conflicto; porque como os nossos não tomavão cativos, com o mesmo golpe cortavão oppostos, e rendidos. Dom Alvaro de Castro mandando, e peleijando, nunca pareceo mais filho de tal pay, que neste dia. Os outros Fidalgos, e Cavalleiros se houverão tão iguaes no valor, que nenhum mereceo segunda fama. Com o nome de S. Thomé, e em seu dia se venceo esta batalha, dando de seu favor aos Catholicos Orientaes hum testemunho illustre. Foy esta rota memoravel, e ainda cantada muitos annos das donzellas de Goa, inventando na singeleza de versos faceis, louvores sem artificio, nem lisonja.

Alcançou victoria.

Em dia de São Thomé, e com seu nome.

Despedio o Governador a gente, e foy-se descansar á Pangim, escu-

san-

sando-se de ter a festa em Goa, desprezando as palmas, e triumphos Marciaes justamente; pois era já seu nome na voz do Mundo, mayor que todo applauso. Aqui esteve despachando as naos de carga, que havião de voltar ao Reyno, em que foy embarcado Dom João Mascarenhas, varão mais constante nos perigos da Asia, que nas adversidades da patria. Foy recebido d'ElRey, e da Nobreza com honras não vulgares. Os premios não respondèram com igualdade aos serviços Foy Conselheiro d'ElRey Dom Sebastião no Estado, depois hum dos Governadores do Reyno. Casou com Dona Elena filha de D. João de Castellobranco, de que deixou illustre, e fidelissima posteridade.

Despacha as náos do Reyno.

Elogio de Dom João Mascarenhas.

Não pareceo a D. João de Castro, que estava o Hidalcão ainda bem cortado de nossas armas; resolveo quebrantalo com mais pesada guerra. Assegurou com grosso presidio as terras de Salsete, deixando a Dom Diogo de Almeyda com cento, e vinte cavallos, e mil piões da terra; e nos rios de Rachol ordenou, que ficassem alguns navios para defensa das aldêas vizinhas, cujos lavradores desamparavão as terras, vendo o dominio d'el-

Continua o Governador a guerra.

las,

las incerto, e contingente pela instabilidade dos successos da guerra. Entendendo pois o Governador, que seria facil de prostrar hum Reyno declinado, foy continuando com o Hidalcáo a guerra, querendo que de seu castigo fizessem argumento os emulos do Estado. Mandou embarcar os soldados, que tinha sempre promptos, porque era a todos nos perigos companheiro, e nos trabalhos pay; e dando á véla, foy navegando por aquella costa do Hidalcáo, a qual destruhio com táo igual açoute, que nam deixou lugar, que podesse consolar as miserias de outro; nam se livrou nenhum pela resistencia, alguns pela distancia.

Damnos que faz.

Assola Dabul o de sima.

Outro Dabul, que chamam de sima, que por espaço de duas legoas se apartava da praya, estava por forte, e por distante rico com os depositos, e fazendas de muitos; mas nem assi lhe valeo o abrigo da terra, para se eximir da fortuna dos outros; porque o foy demandar o Governador, dando á seu filho D. Alvaro o primeiro perigo, a que chamáo os soldados vanguarda, (que estes eráo os favores d'aquelle pay, e os d'aquelle tempo); porem quando chegou, os Mou-

ros tinhão assegurado no interior do sertão pessoas, e fazendas. Não acháráo os nossos cousa, que servisse á victoria; ao estrago si, porque os edificios, que não poderão servir ao despojo, pagarão com a ruina. Vierão as Mesquitas, e Pagodes á terra, deixando os Idolos desfeitos, e prostrados, sem que a ira dos nossos de pedra a pedra fizesse differença, chorando aquelles Mouros, e Gentios, com humas mesmas lagrimas, as miserias de seus deoses, e as suas. Passou a indignação de nossas armas a talar a campanha, destruindo os gados, e palmares, para que a fome acompanhasse a guerra; espada, de que os não podia livrar a fuga, ou resistencia. Ficou em fim tam assolado tudo, que das povoaçoens à campina se não fazia differença pela vista, senam pela memoria.

Tala a campanha.

Recolheo-se o Governador á Baçaim, donde voltou as armas á guerra de Cambaya, despedindo alguns Capitaens para que damnassem todo aquelle maritimo, fazendo presas nas náos de Meca, que vinhão ancorar nos portos da enseada; o que Dom Antonio de Noronha, e Dom Jorge Baroche fizerão com felices armas,

Vay á Baçaim.

Faz damnos á Cambaya.

cres-

crescendo com presas, e victorias reputação, e forças ao Estado, sendo nossas armas respeitadas, e temidas nos dias de Dom João de Castro de maneira, que os mais dos Principes da Asia, vizinhos, e distantes, com voluntaria obediencia tributavão ao Estado, para no abrigo de nossas forças defender, ou assegurar os Reynos. D'esta verdade nos derão os Reys de Campar, e Caxem não leves argumentos.

Rax Solimão quem foy.

Escrevem nossas Chronicas, e com mayor espanto as estranhas, aquelle famoso cerco de Dio, que defendeo Antonio da Sylveira, de quem as armas do Turco recebêrão na India, ou a primeira, ou a mayor afronta. Foy General da empresa Rax Solimão, que depois de perder no sitio grande parte da armada, o temor de nossas náos, ainda ancoradas no porto, o fez retirar fugindo, e deixando em terra bagages, e feridos. Este vendo, que não podera conseguir a facção promettida a seu Senhor, o qual soberbo, e imperioso não costumava aceitar satisfaçam de culpas, ou desgraças, quiz antes arriscar a fidelidade, que a cabeça. Entrou no porto de Adem com voz de amigo, onde

Chega á Adem.

o Rey o mandou visitar com mimos, e refrescos da terra, cauto porém, e vigilante em guardar a Cidade, porque a fé, e o poder fazião ao Baxá sospeitoso. O Turco que vio sua traição temida, ou descuberta, quizera por escala cometer a Cidade, porém temeo a fortaleza da praça, o valor dos Arabios; e assi recorreo a outro ardil mais vil, e mais seguro; qual foy mandar-se desculpar com o Rey de não entrar na Cidade, por não perder a monção, que lhe pedia quizesse vir a bordo, porque tinha que lhe communicar negocios do Grão Senhor em beneficio de seu Reyno. O pobre Rey facil, e crédulo em prosperar o estado, se foy logo ver ao mar com o Baxá assegurado da consciencia innocente; mas o tyranno esquecido da fé, e humanidade, o mandou descabeçar na galé entre baldões, e mofas, deleitando-se cruel em traição tam fêa. Morto o Rey foy facil ao Baxá occupar a Cidade na violenta morte de seu Principe temerosa, e confusa. E porque pola vizinhança dos Turcos custou cuidado, e sangue ao Estado daremos d'ella huma breve relação.

Degola o Rey.

Jaz situada na costa da Arabia Felix

Sitio de Adem.

lix em altura do Pólo Artico de dezeseis gráos, e hum quarto, abrigada de huma pequena serra, que com alguns castellos lhe defende a entrada da terra. Está assentada na boca do Estreito, o porto limpo, capaz de ancorar navios de todo porte; ainda que descuberto aos Ponentes, que são os ventos, que alli cursão nas monções do Estio. A arte, e a natureza a fizerão defensavel por terra, assegurando-se da ambição dos Régulos vizinhos, e incursoens dos Alarves Arabios, que com importunas correrías molestão a campanha. Está no porto huma pequena Ilha medianamente fortificada, a que os naturaes chamão Cirà, defronte fica outro surgidouro abrigado de muitos ventos, onde costumão dar fundo as náos, que navegão á Meca. Não tem rios, ou fontes que fertilizem a terra, e também as aguas do Ceo lhe faltão por dous, e por tres annos, ou seja condição do clima, ou castigo secreto; assi a conduzem em cáfilas de camelos de partes muy remotas. A droga principal da terra he Ruyva; mas o que mais lhe importa he a ancoragem das náos, que navegão o Estreito. A gente he bellicosa, e cruel, segue com prompti-

ptidão a guerra, polos despojos mais, que pola victoria.

Solimão a occupa. Occupada pelo Baxá a Cidade, vendo-se, inda que intruso, obedecido, começou a quebrantar o povo com diversos gravames, tirando-lhe as forças para melhor os dominar, tímidos, e sujeitos. Aos poderosos mandava degollar, e confiscar sem causa, sendo a vida culpa, a riqueza delicto. O sofrimento dos miseraveis era melhor para virtude, que para remedio; porque até da paciencia servil dos innocentes se cansava o tyranno. *Quem lhe succede.* No dominio da Cidade lhe succedeo Marzão, e tambem nos insultos, tão crueis, que apurárão de todo a paciencia dos pobres moradores, resolvendo-se a podelo sofrer como inimigo, mas não como Senhor. *Os moradores a offerecem á ElRey de Campar.* Tiverão meyos para offerecer á ElRey de Campar a Cidade, e a obediencia, dizendo, que com qualquer soccorro acometerião os Turcos descuidados com o dominio pacifico, e quasi hereditario, e muito mais com o desprezo de homens, que tinhão, ao parecer, perdido a memoria de sua liberdade, e sua injuria.

Aceita-a o Rey, e que faz O Rey vizinho, com palavras de lastima, e agrado, lhes acceitou a offerta; ou

ou fosse ambição, ou humanidade. Escolheo entre os seus mil soldados benemeritos de facção tão grande, querendo ser o mesmo Rey companheiro, e Capitão de todos. Partírão no silencio da noite, e chegando á Cidade, lhe derão os conjurados huma porta, por onde entrárão, fazendo-se senhores do castello com leve resistencia. Marzão com quinhentos Turcos se fez forte nos paços, mais certo do perigo, que das causas, e authores d'elle. Com a primeira luz do dia appareceo ElRey capitaneando os seus, e logo enviou á Marzão hum trombeta dizendo, que aquella Cidade era sua por antigos pretextos, e agora por eleição dos proprios moradores; que opprimidos com a intrusão do Baxá tiverão a voz, e a liberdade atadas para não pronunciarem o nome de seu natural Principe; que elle os vinha amparar como a affligidos, e mais como a vassallos; que se quizessem deixar a Cidade, lhes faria tratamento de amigos, permittindo-lhes levar as armas, e roupa que tivessem; e quando não, a justiça, e a victoria o farião duas vezes senhor de seus mesmos vassallos.

Que fazem os Turcos.

O Turco, entendida a conspiração dos

dos Arabios, e que para se defender lhe faltavão forças, e bastimentos, obedeceo ao tempo, sahindo com as bandeiras arvoradas, tocando caixas, á occupar hum castello distante oito legoas, do qual intentou com os soccorros de Baçorá, reduzir a Cidade à servidão primeira. Começou assaltando aos de Adem as cáfilas, que basteciáo a Cidade, a qual, como recebe do sertão agua, e mantimentos, padeceo em breves dias grandes necessidades, porque se alguns bastimentos lhes entravão, erão poucos, custosos, e furtivos. Com lagrimas o povo lastimado pesava em huma mesma balança a fome, e a tyrannia; males, de que só tinha miseravel escolha. Engrossava o tyranno seu partido com soccorros continuos, a que não podia o Rey fazer opposição com forças iguaes; e discorrendo com as cabeças do Povo sobre os meyos de salvar a Cidade, lhe trouxerão à memoria a fama de nossas victorias contra Turcos, e a fidelidade de nossa protecção aos confederados. Resolvèrão mandar huma Terrada ao Capitão de Ormuz, que então era Dom Manoel de Lima, offerecendo huma fortaleza, e os rendimentos da alfandega; dan-

São soccorridos.

Mensageiro dos moradores a Ormuz.

do-

do-nos juntamente a conhecer o perigo do Estado, se os Turcos firmassem o pé naquella praça.

Era fama, que o Marzáo esperava de Baçorá em breve importantes soccorros; e que se o deixassem engrossar o poder, cometeria a Cidade com força descuberta; polo que ElRey de Campar mostrando-se no discurso, e no valor soldado, nam querendo que este tronco prendesse com mayores raizes, determinou com tres mil homens escolhidos, cercar a fortaleza; o que emprendeo com mayor resolução, que fortuna, porque nos primeiros assaltos o matárão. Os Arabios cortados do temor com a morte do Rey, deixado o sitio, viérão a sepultar o corpo, sendo na occasião a vingança mais opportuna, que a piedade.

Topa D. Payo de Noronha.

A Terrada que navegava á Ormuz, entrando o cabo de Rosalgate, se encontrou com Dom Payo de Noronha, que com doze navios de remo, guardava aquelle Estreito, e entendida a pertenção do Arabio, parecendo-lhe este soccorro digno de todo grande soldado, escreveo ao Capitão de Ormuz, que se não houvesse de tomar esta honra para si, lha não negasse á elle. Dom Manoel lhe mandou mais dous

na-

navios, e alguma gente escolhida, para que fosse assegurar a Cidade, em quanto lhe aprestava mayores forças; e ao Embaixador d'ElRey de Campar, depois de lhe fazer honrado tratamento, aconselhou, que pedisse ao Governador da India armada, que elle era tal, que não negaria amparo aos amigos do Estado, mórmente contra Turcos, cuja guerra tomavamos como herança de nossas armas.

Chega á Adem.

Chegou D. Payo á Adem, onde foy recebido com a benevolencia, e grandeza, que poderão a seu proprio Principe, entregando-lhe a Cidade, tanto para a defensa, como para o governo. Arvorárão huma bandeira nossa, pola qual se apostárão a morrer todos, sangrando-se nos peitos com demonstraçoens, e ceremonias barbaras, mas fieis, protestando, que defendião aquella Cidade, como membro do Estado, de que já erão por obediencia vassallos, e filhos por amor. Porém D. Payo se portou de maneira, que fez declinar a opinião de nossas armas no Oriente, e nós troncaremos os accidentes d'esta Historia em beneficio de tam grande appellido; dado que andão de outra penna mais livre referidos em vulgares escritos.

E não se ha bem.

De-

Os moradores envião á Goa.

Desamparados os de Adem por D. Payo, nem assim perderão a devoção do Estado, defendendo a Cidade com a voz de Portugal na boca; e porque ou não tinhão, ou não quizerão outro abrigo, que o de nossas armas, resolverão enviar huma pessoa Real ao Governador, que lhe significasse o estado em que se achavão; de cujas miserias podiamos tirar nova fama, não desprezando a gloria de amparar affligidos; que o Principe de Adem queria receber do Estado as leys, e a Coroa, a quem se faria feudatario com hum grato, e honesto tributo.

Alegra-se o Governador.

D. João de Castro se alegrou de ver soar seu nome, e suas victorias nos ouvidos dos Principes remotos, fazendo-os não só reverentes, mas sojeitos. Em Goa houve grande alvoroço com a mensagem, vendo que a fortuna do Governador tornava ao Estado as felicidades da primeira India, pois aonde outras armas mal havião chegado por noticia, as suas chegavão por imperio.

Manda seu filho.

Deu o Governador esta empresa á seu filho Dom Alvaro, tam benemerito de todas, que não pareceo a eleiçam de pay, mas de ministro. Quizerão-se embarcar com elle muitos Fidal-

dalgos velhos, que o Governador desviou com hum modesto decreto, ordenando, que se ficassem em Goa, porque necessitava d'elles para cousas mayores; era porém táo grande o gosto da jornada, que receberáo o decreto como aggravo de todos; parece que era o vicio d'aquelles tempos a ambiçáo dos perigos. O Governador os satisfez, alegre de ver aquelles espiritos criados debaixo de sua disciplina. Mandou logo cifar, e bastecer trinta navios de remo, de que fez Capitáes a Dom Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey Dom Garcia, Antonio Moniz Barreto, que hia provído na fortaleza, que se havia de fazer em Adem, D. Pedro d'Eça, D. Fernando Coutinho, Pero de Attayde Inferno, D. João de Attayde, Alvaro Paez de Sottomayor, Fernáo Peres de Andrade, Pero Lopes de Sousa, Ruy Dias Pereira, Pero Botelho Porca, irmáo de Diogo Botelho de casa do Infante Dom Luiz, Alvaro Serráo, Luiz Homem, Melchior Botelho, Veador da fazenda, Gomez da Sylva, Antonio da Veiga, Luiz Alvarez de Sousa, João Rodriguez Correa, Diogo Correa, que tinha vindo com o Embaixador de Adem, Diogo Banho,

Com que armada.

Pero Preto, Alvaro da Gama, e outros.

Outra Embaixada de Caxem.

Poucos dias antes que çarpasse a armada, chegou á Goa hum Embaixador d'ElRey de Caxem, á quem os Fartaques vizínhos havião usurpado grande parte do Reyno. Este, como reynava na outra contracosta da Arabia; sabendo que Adem era soccorrido de nossas armas, ajuizando que com a mesma armada o podiamos restaurar, escreveo ao Governador, que não seria menos grato ao Mundo réstituir a Caxem, que defender a Adem. Representava quam fiel hospedagem acharão nossas armadas em seus pórtos, fazendo resenhas das que alli havião ancorado em tempos differentes, á cuja causa se fizera aos Turcos sospeitoso; offerecia além da fidelidade moderado tributo. O Governador entendendo, que estes soccorros reputavão nossas forças, e criavão amigos ao Estado, assentou, que com a mesma armada se désse favor ao de Caxem, visto ser huma mesma a viagem, e a despesa, com que se podia obrar huma, e outra empresa. E porque os de Adem, como cercados, necessitavão de prompto soccorro, o Governador antevendo, que o corpo da armada podia chegar tarde, frustrando

Reposta do Governador.

o intento, e cabedal, despachou logo a D. João de Attayde com quatro navios, para que entrasse em Adem, e entretivesse o cerco até chegar D. Alvaro. Dom João de Attayde deu á véla, e por lhe ventar o Noroeste grosso, desaparelhou hum dos navios, que arribou destroçado, os mais forão seguindo sua viagem.

O que passou em Adem

Entretanto pelejavão em Adem obstinadamente cercadores, e cercados, derramando de ambas as partes sangue. Carregava o pezo d'esta guerra sobre alguns Portuguezes da armada de Dom Payo, que mostrárão valor illustre em nascimento humilde; os quaes se empenhárão na resistencia, como se defendêrão sua patria no principado alheyo. Estes bastárão á embaraçar aos Turcos a victoria muitos dias, e como erão soldados de fortuna, nossas Chronicas com ingrato silencio lhes callárão os nomes, como se a virtude necessitára de heroicos ascendentes, e fossem menos honrados estes por suas obras proprias, que os outros polas alhêas. Creyo que com injuria da natureza crearão novas leys os poderosos, em que não só fazem hereditarios os morgados, mas os merecimentos.

Chegão Turcos. Estando as cousas de Adem na contingencia, que temos referido, appareceo a armada dos Turcos, que constava de nove galés Reaes, e algumas galeotas, as quaes derão vista á Cidade, e surgindo fóra da enseada, saírão em terra, armárão tendas, e fortificárão alojamento, avisando ao Baxá se lhes aggregasse com a gente que tinha. Os Arabios, que virão sobre si forças tão grandes, acodião remissos à defensa, huns tibios, outros desconfiados, parecendolhes insuperavel o valor, e o poder dos inimigos, e já em privadas juntas accusavão em seu Rey a ambição de dilatar a Coroa com o sangue do innocente povo, não cabendo seu espirito na fortuna de seus antecessores. Porém os Portuguezes, que com elles estavão, vendo que dos casos mais arduos era mais glorioza a fama, esforçárão os Arabios, mostrando-lhes a resistencia necessaria, e possivel; offerecendo-se de novo por companheiros voluntarios de sua fortuna; o que bastou a criar-lhes outros espiritos novos, com que se apostárão á morrer na defensa; menos pola obrigação, que polo exemplo.

Põem-lha cerco Sitiárão a Cidade os Turcos, pondo-

do-lhe duas batarias com algumas peças de disforme grandeza, entre ellas duas, que chamavão Quartaos; jogavão balla de quatro palmos de roda; fizerão nos muros mais ruinas, que brechas, com que aos cercados o perigo ensinou a disciplina, fazendo seus reparos, e travezes por dentro, com que entretinhão, e rebatião os assaltos, e fazião aos Turcos duvidosa, e custosa a victoria. Porém Dom Payo de Noronha (arrastado de algum fatal destino) privou aos Arabios da victoria, aos nossos da honra, mandando secretamente avisar a todos os Portuguezes se viessem á elle, desemparando a defensa do Principe feudatario, e amigo, faltando ás obrigaçoens do cargo, e ás do sangue. Os mais dos Portuguezes obedecêrão; só Manoel Pereira, e Francisco Vieira, dous soldados de fortuna, disserão, que aquella Cidade era d'El-Rey de Portugal, e que na defensa d'ella havião de perder as vidas: parece que na milicia d'aquelles tempos primeiro se perguntava pelo valor, que pela disciplina. Estes sustentárão a Cidade até o ultimo dia, ganhando melhor opinião na ruína, que os Turcos na victoria.

D. Payo manda recolher os nossos.

Lo-

Que fazem os Arabios.

Logo que os Arabios entendêrão, que erão os Portuguezes recolhidos, perdida a esperança da defensa, tratárão de partidos; mandou porém o Principe cessar a pratica, dizendo, que antes sahiria da Cidade desbaratado, que rendido; que aquella bandeira d'ElRey de Portugal não havia deixar ganhala aos Turcos sem nodoas de seu sangue: fidelidade digna de ser melhor assistida de nossas armas. Continuou os assaltos o inimigo, conhecendo já nos moradores divisão, e fraqueza, com que tornou a tomar caior a pratica da entrega; a qual o Principe atalhou sempre, á si mesmo fiel, e ao Estado. Porém o perigo, a fome, é a desconfiança dobrarão alguns dos moradores para darem ao inimigo huma porta secreta, por onde entrou a Cidade. O Principe com a vida desempenhou a fidelidade prometida ao Estado, peleijando com espirito Real, mas infelice. Manoel Pereira, e Francisco Vieira salvárão a hum Infante, que levárão á Campar, consolando aos vassallos com aquelle pequeno ramo de seu prostrado tronco.

Successo de D. João de Attayde.

D. João de Attayde, que deixamos no mar com tres navios, foy fazendo viagem, e porque tinha ventos

tos de servir, em poucos dias vio a costa da Arabia, e foy demandar a Cidade de Adem, e entrando á remo na bahia, deu de rosto com as galés que estavão surtas; e porque ainda cursavão os Levantes, se tornou a sahir para o pégo. Os Turcos, logo que virão os navios, levárão as ancoras, e os forão seguindo tão apressadamente com a ventagem do remo, que os navios de Gomez da Sylva, e Antonio da Veiga, lhe ficavão ja quasi debaixo dos esporoens das galés, e vendo que lhes não era possivel a fugida menos a resistencia, varárão os navios na terra, que lhes ficava perto, onde salváram as vidas. D. João de Attayde, como levava melhor navio, foy metendo de ló tudo o que pode, vendo-se muitas vezes perdido, até que sobreveyo a noite, com que se fez na volta do Abexim, em cuja costa espalmou o navio no Ilheo de Mete, que faz frente ás Cidades de Barbara, e Zeila. Os que se salváram em terra, forão buscar o abrigo d'ElRey de Campar, onde achárão Manoel Pereira, e Francisco Vieira, de quem souberão os successos, que temos referido; forão hospedados, e providos de tudo com amor, e abundancia.

D.

Viagem de D. Alvaro.

D. Alvaro de Castro, partindo com toda a armada junta, como levava os Levantes em popa, fez a viagem breve, e tanto avante, como os Ilheos de Canecanim, lhe sahio Dom João de Attayde; do qual soube a perda de Adem, e como lhe corrêrão os Turcos, de cujas galés se livrára com o favor da noite. Dom Alvaro, e os Fidalgos, e soldados da armada, mostrárão justo sentimento d'esta nova, avaliando em menos a perda do Estado, que o desar de nossas armas, porque das quebras da opinião entre naturaes, e estranhos dura sempre a memoria. O Embaixador, e cunhado d'ElRey de Campar, que hia na armada, sentio vivamente as mortes do cunhado, e sobrinho, consolando-se porém muito com saber que nada ficárão devendo á honra, nem á fidelidade, mostrando nestas consideraçoens animo tam inteiro, como se buscara alivio á dôr alhêa.

Faz conselho, e que assenta.

Dom Alvaro com os Cabos da armada poz em conselho o que se devia obrar; e pareceo á todos, que visto o soccorro de Adem estar frustrado, voltassem as armas em beneficio do Rey de Caxem, como trazia por instrucção a armada, á quem os Fartaques

ques vizinhos tinháo tomado a fortaleza de Xael; a qual senhoreava hum porto, que era dos poucos, que este Regulo tinha, a principal escala; empresa mais útil, que difficil.

Vay á Xael.

Mandou Dom Alvaro governar á Xael, e surgindo á vista do castello, os Fartaques temerosos, ou amigos, recebêráo como de paz a armada. Era o Forte fabricado de adobes, com quatro cubellos tam pequenos, que bastaváo para o guarnecer trinta, e cinco soldados, que o presidiaváo. Estes, tanto que viráo a armada, lançáráo fóra huma mulher, que entendia, e fallava a nossa lingua, a qual perguntando pelo Capitáo mór, lhe disse, que os Fartaques eráo amigos do Estado; que se vinhamos em demanda d'aquella fortaleza, a largariáo logo. A' muitos pareceo, que se lhe aceitasse, porque de inimigos tam poucos, e sem nome, náo esperavamos gloria, nem despojo; os mais votáráo, que por authoridade de nossas armas, os mandassem render á discrição. Entendida pela mulher esta resolução, disse, que os Fartaques saberiáo defender as vidas, e o castello, mal satisfeita da reposta dos nossos. Os Mouros tiráráo logo huma

Intenta a escala.

ban-

bandeira branca, e arvorárão outra vermelha, á que succedeo tirarem os nossos algumas bombardadas, com pontaria tam incerta, que nam fizerão damno. D. Alvaro rodeou com todos os seus a fortaleza, que mandou cometer por escala por differentes partes, assegurando os que subião com a espingardaria de baixo, e porque era a carga continua, nam ousavão apparecer os Mouros. Fernão Peres foy o primeiro, que começou a subir por huma escada, levando o seu guião diante, que arvorou, e sustentou no muro. Quasi ao mesmo tempo subio Pero Botelho com o mesmo risco, e fortuna que o primeiro. Estes franqueárão aos mais a subida.

Antonio Moniz Barreto, D. Antonio de Noronha, Dom João de Attayde, e outros forão demandar a porta da fortaleza, que estava entulhada com fardos de tamaras, e nam poderam entrar, sem que os nossos viessem por dentro, e a desentulhassem. Os Fartaques se retirá ram a dous cubellos, donde se defendião com desesperado valor, engeitando as vidas, que Dom Alvaro lhes offerecia, que parece, querião perder para vingança, ou para desculpa da força, que

Peleijão os Arabios até morrer todos.

não

não podéram defender, que até entre estes barbaros he o valor a primeira virtude. Peleijárão em fim os Mouros até acabar todos, não merecendo nome de esforço a obstinação barbara, donde nam podião esperar victoria, nem vingança Dos nossos morrêrão cinco, e passáram de quarenta os feridos.

Genha-se a praça.

Ganhada a fortaleza (facção mais importante ao Regulo, que grande á nossas armas) a entregou Dom Alvaro ao Embaixador d'ElRey de Caxem, que mostrou a gratidão do beneficio, então em bastecer a armada, depois em ter com o Estado fiel correspondencia; e porque se hia gastando a monção, se foy D. Alvaro invernar á Goa, onde foy recebido com applauso mayor que a victoria; festas que o Governador fomentou como pay, e Dom Alvaro estimou como soldado.

Chega Lourenço Pires á Lisboa.

Tomou Lourenço Pires de Tavora a barra de Lisboa com as cinco náos de sua conserva; as quaes tiverão não só breve, mas facil, e prospera viagem. Dissemos como nella vinha D. João Mascarenhas, cheyo de fama, e de merecimentos. As novas de Dio se derramárão logo pelo povo, ajuizando cada hum, como entendia, a

pa-

paciencia do cerco, e a resolução da batalha. O vulgo não sabia pôr taixa nos louvores de Dom João de Castro, como gente sem enveja das pessoas, e fortunas mayores. Os Fidalgos, e grandes ajudavão, ou consentião a voz universal de todos, sendo virtude rara, poder sofrer de seus iguaes a fama; e não houve algum tão ambicioso, que desejasse para si melhor nome, nem mais illustres obras.

Festeija-se a nova de Dio.

Vestírão galas os Reys, e a Corte, e determinárão dia para dar graças na Capella com offertas pias, e Reaes. Houve hum douto Sermão, em que se disserão do Governador encomios, e virtudes. ElRey deu conta da victoria ao Summo Pontifice, e aos mayores Principes da Europa, que todos lhe congratulárão, como a mais illustre facção do Oriente. Na carta que escreveo á ElRey, Dom João de Castro, pedia licença para se vir ao Reyno, mostrando que não buscava póstos quem deixava os mayores; e porque não parecesse ambição nova o desprezo de tudo, pedia á ElRey duas geiras de terra, que partem com a sua quinta de Sintra, e rematão em hum pequeno cabeço, que inda hoje conserva o nome do Monte das Alviçaras.

Que pede o Governador de alviçaras.

ras.

ras. Parece, que nas honras teve ElRey consideração á seus serviços, e no premio á sua fortuna. Tudo se verifica da sua carta, de que damos a copia.

Carta d'ElRey D. João Terceiro.

„ VIso-Rey amigo. Eu ElRey vos „ envio muito saudar. A victoria, „ que Nosso Senhor vos deu contra os „ Capitaens de ElRey de Cambaya, „ foy de tão grande contentamento pa„ra mim, como era razão, que eu ti„vesse por tal, e tamanho vencimen„to, e por quam grandes mercês, „ e ajudas nisso recebestes de Nosso „ Senhor, polas quaes elle seja mui„to louvado; e muito se deve á „ vossa prudencia, e grande animo, „ que naquelle dia mostrastes; e assi „ no que fizestes no grande, e apres„sado soccorro, que mandastes á for„taleza de Dio em tão desvairado „ tempo, offerecendo ao mar vossos „ filhos; em que se vio, quanto mais „ pode comvosco o que importa á „ meu serviço, que o affecto natural „ de pay; o que eu assi estimo, co„mo he razão, vendo, que não só„mente desbaratastes tam grande po„der de inimigos, mas ainda destes „ muita segurança á toda a India, no

Que mercês lhe faz ElRey.

„ gran-

,, grande receyo , que aos inimigos
,, d'ella fica com esta tamanha victo-
,, ria ; cujo serviço assi he razão , que
,, eu tenha na conta que elle merece ,
,, como que tenha delle o contenta-
,, mento , que se requere. E do fale-
,, cimento de vosso filho Dom Fer-
,, nando recebi muy grande despra-
,, zer , assi por ser elle vosso filho ,
,, como porque hia bem mostrando
,, naquella idade , quem houvera de
,, ser em toda a outra ; pois aca-
,, bou tão honradamente , e em tão
,, grande serviço de Nosso Senhor , e
,, meu , deveis de sentir menos sua
,, perda , e dar graças a Nosso Senhor
,, por como foy servido , que acabas-
,, se ; o que sey , que vós fizestes ,
,, mostrando ainda no esquecimento
,, da morte do filho , a lembrança do
,, que cumpria á meu serviço ; das
,, quaes cousas assi serey sempre lem-
,, brado , que não sómente vo-las
,, conhecerey com grande contenta-
,, mento d'ellas , mas ainda com mui-
,, ta mercê ; á que agora quiz dar
,, principio nas que faço á vós ; e á
,, vosso filho Dom Alvaro , guardan-
,, do o remate d'ellas para o cabo de
,, vosso serviço , que eu confio , e
,, tenho por muy certo , que será tal ,
,, co-

,, como forão os que atégora me ten-
,, des feito ; e com esta confiança ,
,, e com a experiencia , que d'isso te-
,, nho , desejando muito neste tempo
,, vos fazer mercê em tudo , conside-
,, rando porém quanto isto cumpria á
,, meu serviço , e vendo por vossas
,, obras , quanta mais conta tinheis com
,, elle , que com todas vossas cousas ,
,, houve por bem de vos não dar li-
,, cença para vos virdes , como me
,, pedieis. Polo que vos encomendo
,, muito , e mando , que o hajais assi
,, por bem , e que nesse carrego me
,, queirais ainda servir outros tres an-
,, nos , no fim dos quaes vos manda-
,, rey licença para vos virdes embora.
,, E eu espero em Nosso Senhor , que
,, vos dê muy boa disposição para o
,, fazerdes. E porém se por sima do
,, que tanto cumpre á meu serviço ,
,, como he ficardes-me ainda servindo
,, nessas partes por este tempo , vós
,, á vós parecer que tendes todavia
,, necessidade de vos virdes , folgarey
,, de mo escreverdes , e entretanto es-
,, perareis minha reposta. *Pero de Al-*
,, *caçova Carneiro a fez em Lisboa a*
,, *vinte de Outubro de mil quinhentos*
,, *quarenta e sette.* REY.

Cre-

Creyo, que nos pede attençáo mayor a Carta da Rainha D. Catherina, onde náo he só Real a firma, mas tambem o discurso, ajuizando as acçoens da victoria com madureza de varáo, e brios de soldado.

Carta da Rainha D. Catherina.

" VIso-Rey. Eu a Rainha vos en-
" vio muito saudar. Vi a Carta,
" que me escrevestes, na qual particu-
" larmente me dais conta do que ten-
" des feito, e provído em todas as
" cousas, que vos pareceo que cum-
" priáo ao serviço d'ElRey meu se-
" nhor, e á defensáo, e segurança d'es-
" sas partes; e de tudo ser táo confor-
" me á quem vós sois, e á grande
" confiança que S. Alteza de vós tem,
" recebo tanto contentamento, como
" he razáo, assi por ver, que S. Alte-
" za he de vós táo bem servido, como
" pola muita honra, que nisso tendes
" ganhada. E quanto ao cuidado, e
" grande diligencia, com que logo en-
" tendestes no corregimento, e provi-
" mento da armada, foy grande prin-
" cipio, e muy necessario para reme-
" dio de tamanhas cousas, como depois
" se offerecêráo; e por certo tenho, que
" por

,, por muy grande, que fosse o traba-
,, lho, que nisso levastes, seria mayor
,, o contentamento, que terieis de ser
,, tão bem empregado. E a guerra,
,, que fizestes ao Hidalcão, foy cousa
,, muy bem acertada, pois tão claro
,, se vio nella o contrario da opi-
,, nião, que dizeis se tinha, que da
,, guerra dos Portuguezes lhe não po-
,, dia vir dano; o que seria causa de
,, a mover tantas vezes; nem de sua
,, paz se lhe seguia proveito, polo
,, que não estimaria quebrala. E se
,, elle soubera quem vós sois, e quan-
,, to mais vos lembra a honra, que o
,, proveito, nam curára de vos fazer
,, o offerecimento, que vos fez acer-
,, ca de Meale; mas a pouca impres-
,, são que fez em vós, e vosso claro
,, desengano, lho daria a conhecer.
,, E quanto ao negocio do cerco, e
,, guerra da fortaleza de Dio, foy
,, muy grande mercê de Nosso Senhor
,, a victoria, que vos alli deu contra
,, tamanho poder, e número de ini-
,, migos de sua santa Fé Catholica,
,, que de tão diversas partes alli erão
,, juntos, e muy claro sinal de elle
,, ter de sua mão o Estado de essas
,, partes, e lhe dou por tudo tantos
,, louvores, como he razão, e lhe

,, devo. E muito acrecenta no grande
,, contentamento, que ElRey meu
,, senhor, e eu temos de tamanho
,, vencimento, ver com quanta pru-
,, dencia, e discrição provestes em
,, todas as cousas, que para se poder
,, alcançar, erão necessarias, e quam
,, animosamente vos houvestes o dia
,, da batalha, e com quanta preste-
,, za soccorrestes aquella fortaleza,
,, offerecendo á isso vossos filhos em
,, tão fortes tempos; o conhecimento,
,, que S. Alteza, e eu temos de todas
,, estas obras, e do grande fruto, que
,, d'ellas se seguio, he muy conforme
,, á qualidade, e grandeza d'ellas; e
,, assi confio, que o Sua Alteza mos-
,, tre, na honra, e mercê que vos fa-
,, rá, e porque tudo se vos deve; e
,, bem o deu a entender no gosto, e
,, contentamento, em que logo quiz
,, dar a isso principio, nas que agora
,, fez á vós, e á vosso filho D. Al-
,, varo, segundo vereis por sua carta. E
,, do falecimento de D. Fernando vos-
,, so filho, recebi muy grande despra-
,, zer, assi por quanto sey, que ha-
,, vieis de sentir, como pola perda de
,, sua pessoa, que segundo tinha mos-
,, trado naquelle feito, se póde bem
,, ver, que foy grande; mas eu tenho
,, tal

,, tal conhecimento de vós, e de vossa
,, muita prudencia, e virtude, que sey
,, certo, que em todo tempo, em que
,, Nosso Senhor o levára para si, vos
,, conformáreis vós com sua vontade,
,, e tomareis de sua mão; quanto
,, mais sendo naquelle, em que por
,, defensão de sua Fé, e em tamanho
,, serviço de S. Alteza, tão honrada-
,, mente acabou, e cumprio com a
,, obrigação de quem era, que são
,, razoens muy grandes para vós mui-
,, to o deverdes fazer assi, e muito
,, menos sentirdes sua morte. E quan-
,, to ao que me pedis ácerca de vossa
,, vinda, em que Dona Leonor vossa
,, mulher (que eu muito folguey de
,, ver polo merecimento de sua pessoa,
,, e virtudes, e pola muito boa von-
,, tade que lhe tenho) me fallou de
,, vossa parte, como em cousa que
,, tanto deseja; estimára eu muito de
,, com gosto, e contentamento de El-
,, Rey meu senhor, poder nisso sa-
,, tisfazer á vós, e á ella; mas polo
,, muito, que Sua Alteza tem de vos-
,, so tão bom serviço, e pola gran-
,, de falta, que lá poderia fazer em
,, tal tempo vossa pessoa, houve por
,, bem de se servir ainda la de vós,
,, outros tres annos, segundo por sua

„ carta vereis. E tenho por muy cer-
„ to, que por todas estas razoens o
„ havereis assi por bem, e vos rogo
„ muito, que assi seja, e espero em
„ N. Senhor, que vos dará saude,
„ e forças para o poderdes fazer,
„ e vos ajudará, e esforçará em to-
„ dos vossos trabalhos, pois d'elles se
„ segue tanto seu serviço; e pois sa-
„ be que o principal respeito por-
„ que S. Alteza o ha assi por bem,
„ he saber, que será elle lá de vós
„ inteiramente servido. E na lembran-
„ ça, que entre tamanhos trabalhos,
„ e tão importantes negocios, tives-
„ tes d'aquellas cousas minhas, que
„ levastes á cargo, se vê bem, quan-
„ to desejo tendes de nisso, e em
„ tudo me servir, o qual eu estimo,
„ como he razão. E quanto o que to-
„ ca a Diogo Vaz, por outra carta
„ vos escrevo o que nisso folgarey que
„ se faça. Com o beijoim de boninas,
„ e com todas as mais cousas que me
„ enviastes por Lourenço Pirez de Ta-
„ vora, recebi muito prazer, por ser
„ tudo tam bom, que bem parece ser
„ enviado com tão boa vontade, a
„ qual eu ainda mais estimo, e tudo
„ vos agradeço muito. E dos criados
„ meus, e pessoas, que me escreveis,
„ que

,, que lá tem bem servido, e assi das
,, cousas, em que vos parece necessario
,, prover, farey lembrança á ElRey meu
,, senhor, como pedis que faça. O que
,, S. Alteza houver de prover, assi nos
,, officios como nas mercês, que houver
,, de fazer á todos que lá o servem,
,, ha de ter tanto respeito ao que vós
,, em tudo lhe escreverdes, e pedirdes
,, como he razáo que seja; e muito vos
,, agradeço a boa informaçáo, que á
,, Sua Alteza dais dos meus criados,
,, que naquelle feito de Dio se achá-
,, ráo, e assi o muito favor, e boas
,, obras, que sey, que á todos lá fa-
,, zeis por meu respeito. *Pero Fernan-*
,, *des a fez em Lisboa á trinta dias*
,, *de Outubro de mil quinhentos quaren-*
,, *ta e sette.*

A RAINHA.

Náo he de menor estimaçáo a carta, que lhe escreveo o Infante Dom Luiz, como de Principe em fim, que tam grande juizo soube fazer de merecimentos, e virtudes.

Carta do Infante D. Luiz.

,, HOnrado Viso-Rey. Recebi vos-
,, sa carta, que veyo nesta armada
,, de Lourenço Pirez de Tavora, em que
,, me

,, me dizeis, que recebestes a minha,
,, que por Luiz Figueira vos mandey,
,, e agradeço-vos muito dizerdesme,
,, que vos parecêrão bem as lembran-
,, ças que vos fazia; e muito mais
,, o pordelas em obra; e bastava pa-
,, ra o eu crer que seria assi, ainda
,, que vos eu não conhecêra, ouvir
,, o que lá fazeis, e ver, que com
,, a boca chêa me escreveis vossos tra-
,, balhos, pobreza, e abstinencia,
,, cousas com que se vence o Diabo,
,, o Mundo, e a Carne, que nessas
,, partes da India tem tanto poder; o
,, que he mayor victoria, que a d'El-
,, Rey de Cambaya, nem ainda de
,, todo o poder do Turco. Polo que
,, em quanto viverdes nam deveis de
,, temer cousa alguma, mas antes espe-
,, ray em Nosso Senhor, que vos aju-
,, dará como agora fez na defensão, e
,, batalha de Dio, em cuja victoria vós
,, tendes muito que lhe louvar, pois
,, vos fez instrumento de tanto serviço
,, seu, e d'ElRey meu senhor, e de
,, tanta honra vossa, e de todos os Por-
,, tuguezes, assi dos que se acharão com
,, vosco, como dos que estiverão au-
,, sentes. E certo, que vós tendes fei-
,, to nesta jornada, desdo primeiro
,, dia que tivestes novas do cerco de
Dio

„ Dio , até o de vossa , e nossa
„ victoria , tudo o que entendo ,
„ que hum valeroso , e astuto Capi-
„ táo podia fazer , assi na preste-
„ za dos soccorros , como em por-
„ des vossos filhos por balisas da
„ fortuna , e perigos do Inverno ,
„ e mares da India , para que os
„ outros os tivessem em menos ; no
„ que se mostra bem claro , quanta
„ mais parte tem em vós o serviço
„ d'ElRey meu Senhor , e a obriga-
„ çam de vosso cargo , que os effeitos
„ naturaes de pay , que sáo os que
„ mais forçáo a natureza. E no sofri-
„ mento que mostrastes na morte de
„ Dom Fernando de Castro vosso fi-
„ lho , se confirma bem esta opiniáo ,
„ e certo , que eu o senti por mim , e
„ por vós , e houve por muy grande
„ perda , por quam certos sinaes nel-
„ le via de seu grande esforço : e
„ creyo , que nisso lho quiz Deos pa-
„ gar , com o tirar de vida táo tra-
„ balhosa por meyos tam honrados ,
„ e de tanta gloria sua , que deve
„ ser grande causa de vossa consola-
„ çáo. Dom Alvaro de Castro vosso
„ filho nam empregou mal sua jor-
„ nada , pois com tantos trabalhos ,
„ e perigos soccorreo a fortaleza de
„ Dio ,

,, Dio á tempo, que sua chegada
,, foy por entáo o remedio d'ella; e
,, de como se nisto houve, e no dar
,, nas estancias dos inimigos, e em
,, tudo o mais lhe lanço muitas ben-
,, çoens por vossa parte, e minha.
,, E tornando á vossa determinação de
,, aventurardes vossa pessoa, e o Es-
,, tado da India, por soccorrerdes
,, Dio, foy muy boa, pois de o náo fa-
,, zerdes estava tanto mais aventura-
,, do; e o chegardes á Dio, e orde-
,, nardes vossa desembarcação, e man-
,, dardes, que os navios cometessem
,, a terra á tempo que havieis de dar
,, a batalha, e o modo de cometer
,, que nisso tivestes, tudo me pare-
,, ceo digno de agora, e sempre dar-
,, mos muitas graças a Deos nosso
,, Senhor, e de Sua Alteza vos fa-
,, zer muitas mercês, á que agora dá
,, principio, como vereis acerca de
,, vós, e de vosso filho; e assi o de-
,, ve fazer, e fará aos Fidalgos, e
,, Cavalleiros, que nessa jornada com
,, vosco o servirão, em especial á D.
,, João Mascarenhas, que se houve
,, no peso d'esse cerco, como honrado
,, Capitão, e esforçado Cavalleiro.
,, Folguey muito de ver o modo, que
,, tivestes no escrever á Sua Alte-
,, za

„ za sobre os serviços, que os Fidal-
„ gos, e Cavalleiros, que nessas par-
„ tes andão, lhe fizerão no nego-
„ cio de Dio, no que se vio, que ti-
„ nheis com seus trabalhos conta.
„ Isto fazey sempre por amor de mim,
„ e folgay de louvar os homens,
„ porque já que está certo, não fal-
„ tar quem diga d'elles os males,
„ (que haveis de castigar os que nel-
„ les sentirdes) razão he tambem,
„ que os bons os levanteis, para que
„ os que lá não poderdes galardoar,
„ Sua Alteza por vossa informação o
„ faça. Eu falley sobre vossa vinda,
„ como me escrevestes, que me elle
„ não concedeo, e me deu para is-
„ so duas razoens, que á meu pare-
„ cer, ainda que vós tenhais muitas
„ para vos desejardes de vir, Sua Alte-
„ za tem muitas mais para vos man-
„ dar rogar, que o sirvais nesse gover-
„ no outros tres annos, o que ha-
„ veis de folgar de fazer por ser-
„ virdes á Nosso Senhor pola gran-
„ de mercê, que vos tem feito, e á
„ Sua Alteza pola confiança, que de
„ vós tem, e contentamento de vos-
„ so serviço. E confiay em Deos, que
„ vos dará forças para poderdes com
„ os grandes trabalhos, e desordens
da

,, da India, e eu espero nelle, que
,, fazendo-o vós assi, venhais encher
,, estes picos da serra de Sintra de
,, Ermidas, e de vossas victorias,
,, e que as visiteis, e logreis com
,, muito descanso vosso. Nas cousas
,, particulares vos não fallo, porque
,, ElRey meu Senhor vos escreve o
,, que ha por seu serviço em reposta
,, da carta geral, que lhe escrevestes,
,, que vinha em muito bom estilo,
,, e em muito boa ordem. *Escrita em*
,, *Lisboa á vinte e dous de Outubro de*
,, *mil quinhentos quarenta e sette.*

O INFANTE D. LUIZ.

Deixa-se bem ver d'estas cartas, quam gratos erão aos Reys os serviços de Dom João de Castro. Negou-lhe ElRey Dom João a licença que pedia para vir descansar ao Reyno, como em beneficio da patria, e do Oriente; prorogou-lhe outros tres annos do governo com nome de Viso-Rey; não teve vida para lograr este acrecentamento; para o merecer, si: fez-lhe mercê de dez mil cruzados de ajuda de custo, e patente de Capitão mór do mar da India á seu filho D. Alvaro; cargo, que já exercitava com menos annos, que victorias.

Ti-

Tinha entendido ElRey D. João pelos avisos do Viso-Rey, que a segurança da India necessitava de ter a todo tempo forças promptas por todas as occurrencias do Estado; e que os estragos de Cambaya, junto com o respeito, criavão odio nos Principes vizinhos, cuja ruina era para outros exemplo. Com estas, e outras consideraçoens, despachou este anno para a India seis nãos, que partirão em monçoens differentes. Das primeiras tres, que partirão em Novembro, era Capitão mór Martim Correa da Sylva, que levava a fortaleza de Dio. Os outros Capitaens erão Antonio Pereira, e Christovão de Sá; e porque na costa da India teve a Capitania os ventos ponteiros, esgarrou, e não podendo ferrar Goa, foy tomar Angediva; donde mandou aviso ao Viso-Rey para o prover do necessario, visto ser-lhe forçado invernar em aquelle porto. O Piloto de Christovão de Sá soube-se marear melhos, porque tanto que avistou a costa da India, foy metendo de ló para se pôr á barlavento de Goa, e houve vista da terra por Carapatão, donde foy demandar a barra.

Manda ElRey seis nãos á India.

Logo que o Viso-Rey soube, que en-

Chega huma á Goa.

entrára não do Reyno, mandou desembarcar os doentes, que elle em pessoa foy visitar, e prover. E certo, que entre as excellencias d'este bom Viso-Rey, podemos dar o primeiro lugar á charidade, porque não costuma ser virtude de Soldado, e menos de Ministro. Recebeo as vias, em que achou as honras, e mercês, que havemos dito, estimando estas para desempenho, aquellas para premio; de que os Fidalgos a si proprios se davão parabens, contentes de que ficasse o Viso-Rey outro triennio governando, como quem entendia, que tinhão nelle os soldados pay, e o Estado homem.

Adoece o Viso-Rey.

Achava-se Dom João de Castro, gastado menos dos annos, que dos trabalhos de tam continuas guerras, com que veyo á cahir rendido ao peso de tão graves cuidados. Enfermou gravemente, e descobrio a doença em poucos dias indicios de mortal; o que elle conhecendo pela molestia de repetidos accidentes, se aliviou da carga do governo. Chamou ao Bispo D. João de Albuquerque, a Dom Diogo de Almeyda Freire, ao Doutor Francisco Toscano, Chanceller mór do Estado, a Sebastião Lopez Lobat-

Deixa o Governo.

to,

to, seu Ouvidor Geral, e a Rodrigo Gonçalvez Caminha, Védor da Fazenda, aos quaes entregou o Estado com a paz dos Principes vizinhos, assegurada sobre tantas victorias. Mandou vir á si o Governo popular da Cidade, ao Vigario Geral da India, ao Guardiáo de S. Francisco, a Fr. Antonio do Casal, a S. Francisco Xavier, e aos Officiaes da Fazenda d'ElRey, á quem fez esta falla.

Falla aos do Conselho.

„ Nam terey, Senhores, pejo de „ vos dizer, que ao Viso-Rey da In„ dia faltam nesta doença as commo„ didades, que acha nos hospitaes o „ mais pobre soldado. Vim á servir, „ náo vim á commerciar ao Oriente; „ á vós mesmos quiz empenhar os „ ossos de meu filho, e empenhey „ os cabellos da barba, porque para „ vos assegurar, náo tinha outras ta„ peçarias, nem baixellas. Hoje náo „ houve nesta casa dinheiro com „ que se me comprasse huma galli„ nha; porque nas armadas que fiz, „ primeiro comiáo os soldados os sa„ larios do Governador, que os sol„ dos de seu Rey; e nam he de es„ pantar, que esteja pobre hum pay „ de tantos filhos. Peço-vos, que em „ quanto durar esta doença, me or-

de-

„ deneis da fazenda Real huma ho-
„ nesta despeza , e pessoa por vós
„ determinada , que com modesta tai-
„ xa me alimente. E logo pedindo hum Missal , fez juramento sobre os Evangelhos , que até a hora presente não era devedor á fazenda Real de hum só cruzado , nem havia recebido cousa alguma de Christão , Judeo , Mouro , ou Gentio ; nem para a authoridade do cargo , ou da pessoa tinha outras alfayas , que as que de Portugal trouxera ; que ainda a prata , que no Reyno fizera , havia já gastado , nem tivera já mais possibilidade para comprar outra colcha , que a que na cama vião ; só á seu filho D. Alvaro fizera huma espada guarnecida de algumas pedras de pouca estima , para passar ao Reyno. Que disto lhes pedia mandassem fazer hum termo , para que se alguma hora se achasse outra cousa , ElRey , como a perjuro , o castigasse Esta pratica se escreveo nos livros da Cidade , a qual se poderá lêr , como instrucção , aos que lhe succedêrão ; nos quaes , creyo , ficou a memoria mais viva , que o exemplo.

Juramento que toma.

Logo que o Viso-Rey entendeo , que era chamado á mais dura batalha ,

fu-

fugindo á importuna diversão de cuidados humanos, se recolheo com o Padre S. Francisco Xavier, buscando para tão duvidosa viagem, tam seguro piloto; o qual lhe foy todo o tempo, que durou a doença, enfermeiro, intercessor, e mestre. Como não acquirio riquezas, de que dispor de novo, nam fez outro testamento, que o que deixou no Reyno, quando passou á governar a India, em mãos do Bispo de Angra Dom Rodrigo Pinheiro, com quem o tinha communicado. E recebidos os Sacramentos da Igreja, rendeo á Deos o espirito em seis de Junho de mil quinhentos quarenta e oito, aos quarenta e oito de sua idade, e quasi tres de governo d'aquelle Estado. As riquezas, que grangeou na Asia, forão suas heroicas obras, que neste papel virão á lêr os futuros com saudosa memoria. No seu escritorio se acharão tres tangas larins, e humas disciplinas, com sinaes de usar muito d'ellas, e a guedelha da barba, que havia empenhado. Mandou em São Francisco de Goa depositar seu corpo, para que d'alli se tresladassem os ossos á sua Capella de Sintra. Tratou-se logo do funeral, não menos lastimoso, que solem-

Recolhe-se com o P. Xavier.

Sua morte.

Enterro, e sentimento.

lemne, merecendo de todo o Estado lagrimas illustres, e plebeas.

Vem seus ossos ao Reyno.

Depois de alguns annos vieram seus ossos ao Reyno, que forão recebidos com reverente, e piedoso applauso, ultimo beneficio, que com suas cinzas ha recebido a patria, e trazidos aos hombros de quatro netos seus ao Convento de S. Domingos de Lisboa, onde muitos dias se lhes fizeram sumptuosas exequias. D'aqui forão segunda vez trasladados ao Convento de S. Domingos de Bemfica, onde (posto que em Capella alhêa) estiverão alguns annos com tumulo decente, até que o Bispo Inquisidor Geral D. Francisco de Castro seu neto, lhes fez capella, e sepultura propria; na traça, na materia, e na escultura, depois das Reaes, a nenhuma segunda; cuja relação não desagradará, em beneficio da memoria do avó, e piedade do neto.

Depositão-se em S. Domingos de Lisboa.

Tresladam-se á Bemfica.

Onde estão hoje.

Dista o Convento de S. Domingos de Bemfica, dous mil passos da Cidade de Lisboa. Hum lugar vizinho lhe dá aquelle nome. Foy o sitio d'elle em propriedade dos Senhores Reys de Portugal; no qual, por sua frescura, tinhão huma casa de campo, que frequentavão, já para diver-

são

são dos negocios, já para o exercicio da caça. ElRey D. João o Primeiro vendo-se devedor á Deos de tantas victorias, entre outras acçoens de graças, fez d'estes paços doação á Ordem de S. Domingos, com terras, hortas, e pomares vizinhos, em vinte, e dous de Mayo de mil trezentos noventa, e nove, para se fundar este Convento, que nam só teve os alicesses Reaes, senão os augmentos. Obrigou-se o fundador (por provisão, que nos archivos do Convento se guarda) á amparar, e defender as cousas, e Religiosos d'elle, solicito na causa de Deos, valeroso na sua. ElRey Dom João o Segundo lhe dotou huma grossa fazenda, que com nome da Quinta das Ilhas hoje possue a casa, sem lhe impor obrigação, que podesse fazer menos grata, ou liberal a esmola. ElRey Dom Manoel, ainda que repartido em cuidados, e fabricas mayores, deixou nos sacrificios d'este Templo religiosa memoria, ordenando, que se dissessem cada semana aos Anjos duas Missas cantadas á favor dos navegantes; que este era o Astrolabio de seus descobrimentos, e as forças das victorias Orientaes d'aquella idade. A Rainha Dona

Catherina tratou esta casa como Capella sua, offerecendo-lhe de seu Oratorio Reliquias de reverencia, e preço; entre outras, em huma grande Cruz de prata hum pedaço do Santo Lenho, que sendo offerecido por máos Reaes calificão a certeza de tam superior donativo, accumulando os senhores Reys nesta casa á beneficios temporaes, os sagrados. ElRey Dom Philippe o Segundo lhe acrecentou os proprios com huma honesta esmola. Foy sempre dos mais observantes da Religião este Convento, que com nome de Recoleta, nam permitte declinação, ou indulgencia do primeiro instituto. Nelle como em escola de virtudes, se costumavão retirar os filhos mais benemeritos da Ordem; huns á fugir, outros á descançar das Prelasias para vagar á Deos em ocio santo, e reformar o espirito.

Nesta casa por fundaçam, e disciplina illustre descansão as cinzas victoriosas de Dom João de Castro, em huma Capella, e sepultura de religiosa grandeza. He esta da instituição de *Corpus Christi*, tem a porta principal no claustro do Convento, e sobre ella pendente hum escudo relevado das armas do fundador;

dor ; abraça o largo d'ella quarenta palmos ; tem mais de setenta o comprimento ; proporção a que os Architectos chamão Dupla , e á obra Dorica. He de huma só nave de pedraria brunida ; o lageamento de pedras de cores tambem brunidas. Em torno a circunda interiormente hum composto , e proporcionado pedestal , sobre que se funda a armonía da mais architectura. Tem seis arcos com pilares interpostos , sobre bases , capiteis , e simalhas tambem em torno , com seis luzes obradas com respeito á architectura. Tem hum retabolo , e sacrario (em que sempre está o Santissimo Sacramento alumiado com duas alampadas de prata) de obra de talha com floroens , tudo dourado , e no alto hum painel da Cea do Senhor. Detrás do Altar , e retabolo há Coro dos Noviços , para cuja criação , e melhor serviço do Senhor se lhes fez casa com vinte cellas , e mais officinas , que formão o corpo de hum Convento. O tecto da Capella , depois de coroada com a simalha , he tambem de pedraria , apainelado com artezoens , e molduras Dos seis arcos , que a compoem , ficão os dous primeiros nos Presbyterios ; no da parte do

Evangelho, está huma porta, que dá serventia para a tribuna, e aposentos do fundador; e no da parte da Epistola outra para o serviço da Sancristia. Os outros quatro occupão quatro sumptuosas sepulturas, cujas urnas formão pedras de cores lustradas, que descansam ás costas de elefantes de pedras negras.

No primeiro arco, que fica junto ao do Presbyterio da parte do Evangelho, está a sepultura de D. João de Castro, onde, antes de se fechar, forão recolhidos seus ossos, com o seguinte epitaphio.

D. JOANNES DE CASTRO
XX. PRO RELIGIONE IN UTRAQUE
MAURITANIA STIPENDIIS FACTIS:
NAVATÂ STRENUE OPERÂ THUNETANO
BELLO;
MARI RUBRO FELICIBUS ARMIS PENETRATO
DEBELLATIS INTER EUPHRATEM, ET INDUM
NATIONIBUS;
GEDROSICO REGE, PERSIS, TURCIS
UNO PRÆLIO FUSIS;
SERVATO DIO, IMO REIPUB. REDDITO;
DORMIT IN MAGNUM DIEM,
NON SIBI, SED DEO TRIUMPHATOR;
PUBLICIS LACRYMIS COMPOSITUS,
PUBLICO SUMPTU PRÆ PAUPERTATE
FUNERATUS.
OBIIT OCTAVO ID. JUN. ANNO M. D. XLVIII.
ÆTATIS XLVIII.

Estão em o seguinte arco junto á este os ossos de Dona Leonor Coutinho sua mulher.

Da parte da Epistola em o arco, que responde ao da sepultura de D. João de Castro está a de D. Alvaro seu filho, em que do mesmo modo forão póstos seus ossos, tem o epitaphio, que se segue.

D. ALVARUS DE CASTRO,
MAGNI JOANNIS PRIMOGENITUS,
CUI PENE AB INFANTIA DISCRIMINUM SOCIUS, PUGNARUM PRÆCURSOR,
TRIUMPHORUM CONSORS,
ÆMULUS FORTITUDINIS,
HÆRES VIRTUTUM, NON OPUM;
REGUM PROSTRATOR, ET RESTITUTOR:
IN SINAI VERTICE EQUES FELICITER
INAUGURATUS:
A REGE SEBASTIANO SUMMIS REGNI
AUCTUS HONORIBUS:
BIS ROMÆ, SEMEL CASTELLÆ, GALLIÆ,
SABAUDIÆ LEGATIONE PERFUNCTUS.
OBIIT IV. KALENDAS SEPTEMBRIS
ANNO M. D. LXXV.
ÆTATIS SUÆ. L.

E logo no outro arco junto a este, está D. Anna de Attayde sua mulher. No vão d'esta Capella se fez hum carneiro com seis arcos de pedraria, em hum

hum dos quaes ha altar para se dizer Missa; e os mais tem repartimentos para os ossos, e corpos dos defuntos.

Dotou o Bispo Inquisidor Geral, fundador d'esta Capella, ao Convento de Bemfica, para sustento dos Religiosos que hão de assistir ás obrigaçoens d'ella, duzentos e quarenta mil réis de juro em cada anno, situados nas rendas da Camera d'esta Cidade de Lisboa, repartidos pela ordem seguinte. Cento e vinte mil réis por tres Missas quotidianas. Cincoenta (antecipada esmola) pelos anniversarios, que ha de ordenar em seu testamento. Quarenta para fabrica, e provimento da Capella. Trinta para se poder acudir ás necessidades dos Religiosos, que naquelle Noviciado residem, para a custodia, e limpeza da Capella. Além do que a ornou de muitas peças ricas, e devotas; e a Sanchristia d'ella de todo o necessario ao culto divino; assi ornamentos para as festas, como para os dias ordinarios, roupa branca, castiçaes, tocheiras, lampadas, ceriaes, e mais cousas semelhantes, tudo com abundancia, e perfeição.

Ascendencia de Dom João de Castro.

Dom João de Castro, tam claro polo sangue, como polas virtudes, na-

nasceo em Lisboa á vinte e sette de Fevereiro de mil e quinhentos; foy filho segundo de Dom Alvaro de Castro, Governador da Casa do Civil, e de Dona Leonor de Noronha, filha de Dom João de Almeyda, segundo Conde de Abrantes, neto de Dom Garcia de Castro, que foy irmão de Dom Alvaro de Castro, primeiro Conde de Monsanto, filhos de Dom Fernando de Castro, netos de Dom Pedro de Castro, e bisnetos de Dom Alvaro Pirez de Castro, Conde de Arrayolos, e primeiro Condestable de Portugal, irmão da Rainha Dona Ines de Castro, que foy mulher d'ElRey Dom Pedro o Cruel. Era este Condestable filho de Dom Pedro Fernandez de Castro, a quem chamárão em Castella, o da Guerra, que vindo á este Reyno, principiou nelle a illustre Casa dos Castros, que em tanta grandeza se tem conservádo. O qual Dom Pedro, era por baronía descendente do Infante Dom Fernando, filho d'ElRey Dom Garcia de Navarra, casado com Dona Maria Alvares de Castro, filha unica do Conde Alvaro Fanhez Minaya, quinta neta de Lain Calvo, de quem diriva sua origem esta familia. Sendo

mo-

moço casou Dom João de Castro com Dona Leonor Coutinho, sua prima segunda, mayor na qualidade, que no dote; com a qual retirado na Villa de Almada fogio com anticipada velhice ás ambiçoens da Corte. Passou a servir á Tanger, aonde deu de seu valor as primeiras, mas não vulgares provas, bem que d'estas alcançamos mais fama, que noticia. Tornou á Corte chamado por ElRey Dom João o Terceiro, e como já seus brios não cabião no Reyno, passou á India com Dom Garcia de Noronha. Acompanhou a Dom Estevão da Gama na jornada do Estreito do mar Roxo, e fez desta viagem hum Roteiro obra útil, e grata aos Navegantes. Tornado á Portugal se retirou á sua quinta de Sintra, descansando na lição dos livros, sempre exemplar no ocio, e na occupação. Outra vez cingio a espada para seguir as bandeiras do Emperador Carlos na jornada de Tunez, onde á seu nome ajuntou gloria nova. Acabada esta empreza se recolheo á Sintra escondendo-se á sua propria fama; soube fogir dos cargos, não pode livrar-se. ElRey Dom João o chamou para General das armadas da costa; serviço, em

em que á seu valor respondêrão os successos. Passou ultimamente á governar a India, onde com as victorias, que havemos referido assegurou, e reputou o Estado. Nas horas que lhe perdoavão os cuidados da guerra descreveo em copioso tratado toda a costa, que jaz em Goa, e Dio, sinalando os baixos, e recifes; a altura da elevação do Pólo, em que estão as Cidades, restingas, angras, e enseadas, que formão os portos; as monçoens dos ventos, e condiçoens dos mares; a força das correntes, e o impeto dos rios; arrumando as linhas em taboas differentes: tudo com tão miuda, e acertada Geographia que o podera esta só obra fazer conhecido, se já o não fora tanto pelo valor militar. Com igual semblante o virão as incommodidades da patria, e as prosperidades do Oriente, parecendo sempre o mesmo homem em diversas fortunas. Fez brio de merecer tudo, e de não pedir nada. Fazia razão, e justiça á todos igualmente, sendo nos castigos inteiro, mas tão justificado, que mais se podião queixar da ley, que do Ministro. Era com os soldados liberal, e com os filhos parco, mostrando mais humanidade

no

no officio, que na natureza. Tratava com grande respeito as acçoens de seus antecessores, honrando até aquellas de que se apartava. Sem estragar cortesia, conservou o respeito. Dos grandes parecia superior, dos pequenos pay; vivia de maneira, que emendava as culpas, mais com o exemplo que com o castigo. Sempre zelou a causa de Deos, primeiro que a do Estado; nenhuma virtude deixou sem premio; alguns vicios deixava sem castigo, melhorando assi muitos, huns com o beneficio, outros com a clemencia. Os donativos que recebia dos Principes da Asia mandava carregar na fazenda Real; virtude, que louvárão todos, imitárão poucos. Os soldados enfermos achavão nelle lastima, e remedio; a todos obrigava, e parecia devedor de todos. Evitou (como ruina do Estado) chatinar aos soldados; nenhuma facção emprendeo, que não conseguisse, sendo nas execuçoens promptissimo, maduro nos conselhos. Entre occupaçoens de soldado, conservou virtudes de Religioso; era frequente em visitar os Templos, grande honrador dos Ministros da Igreja, compassivo, e liberal com os pobres; devotissimo da Cruz, cujo sinal adorava com inclinação profunda sem dif-

fe-

ferença de lugar, ou tempo. E tam religiosamente ardia no culto deste sinal santissimo, que quiz mais lavrar templo á sua memoria, que fundar casa á sua posteridade, deixando como em piedosa bençáo á seu filho D. Alvaro, que se na graça, ou justiça dos Reys achasse alguma gratidao de seus serviços, do premio delles edificasse na serra de Sintra hum Convento de Recoletos Franciscanos, advertindo, que com a invocaçam da Cruz se titulasse a Casa. D. Alvaro de Castro, que das virtudes de táo piedoso pay foy legitimo herdeiro, ordenou a fabrica do Convento, menos grande pela magestade do edificio, que pela santidade dos varoens penitentes, que o habitáo. Sendo a primeira vez mandado pelo Senhor Rey D. Sebastiáo com embaixada ao Papa Pio IV. impetrou delle privilegiar o Altar do dito Convento para todas as Missas, e para o dia da Invençam da Cruz indulgencia plenaria a todos os que rogassem polas necessidades mayores da Igreja; e advertidamente pola alma de D. Joáo de Castro: graça táo singular, e nova, que a náo vimos concedida á Principes soberanos. Parece que andava em Italia táo viva a fama de suas victorias, como de suas virtudes,

qua-

qualificadas com tão illustre testemunho do Vigario de Christo. Por estas, e outras virtudes cremos terá alcançado no Ceo melhores palmas em mais alto triumpho. Teve tres filhos, que todos, como benção do pay seguirão os perigos da guerra. D. Miguel o mais moço, que nos dias d'ElRey D. Sebastiam passou á India, e faleceo Capitão de Malaca. D. Fernando, que faleceo abrasado na mina do baluarte de Dio. D. Alvaro com quem parece, que partio as palmas, e as victorias, filho, e companheiro de sua fama; o qual tornando ao Reyno, sem outras riquezas, que as feridas, que recebeo na guerra; casou com D. Anna de Attayde filha de D. Luiz de Castro, Senhor da Casa de Monsanto. Foy d'ElRey D. Sebastião particular aceito, fiando-lhe os mayores negocios, e lugares do Reyno; fez diversas embaixadas á Castella, França, Roma, e Saboya. Foy do Conselho de Estado, e unico Veador da Fazenda; e entre cargos tam grandes, acabando valído, morreo pobre.

Que filhos teve.

Elogio de D. Alvaro de Castro.

IN-

INDEX
DAS PRINCIPAES COUSAS
D'ESTA HISTORIA.

A.

Fé.

An-

B

lu-

C

na-

D

Dio-

E

F

G

D.

H

Tor-

João

go

que

Ju-

L

na

M

Ma-

pa-

P.

P

R

C as-

Sol-

X

FIM.